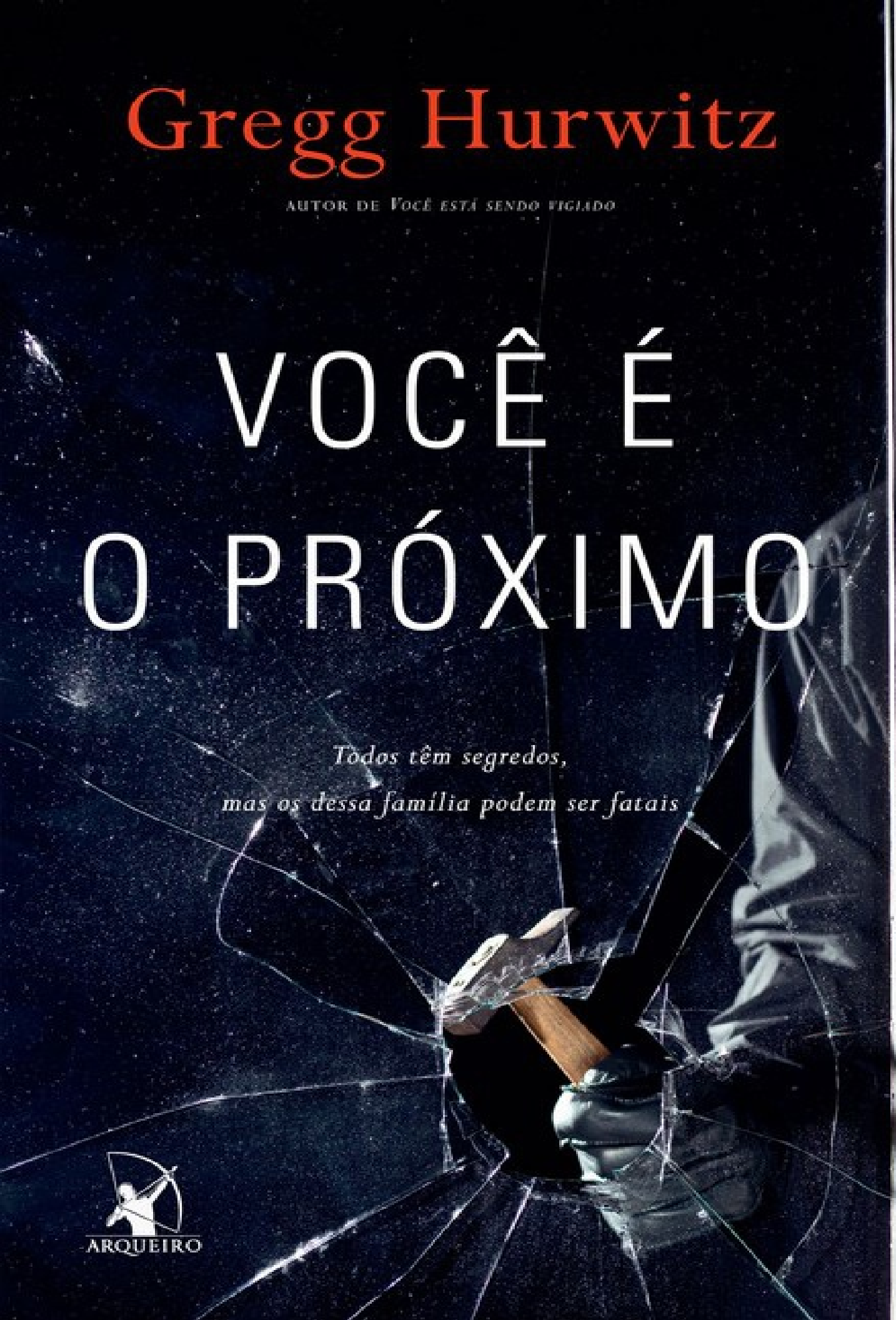
Gregg Hurwitz

AUTOR DE *VOCÊ ESTÁ SENDO VIGIADO*

VOCÊ É O PRÓXIMO

Todos têm segredos,
mas os dessa família podem ser fatais



ARQUEIRO

VOCÊ É
O PRÓXIMO



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

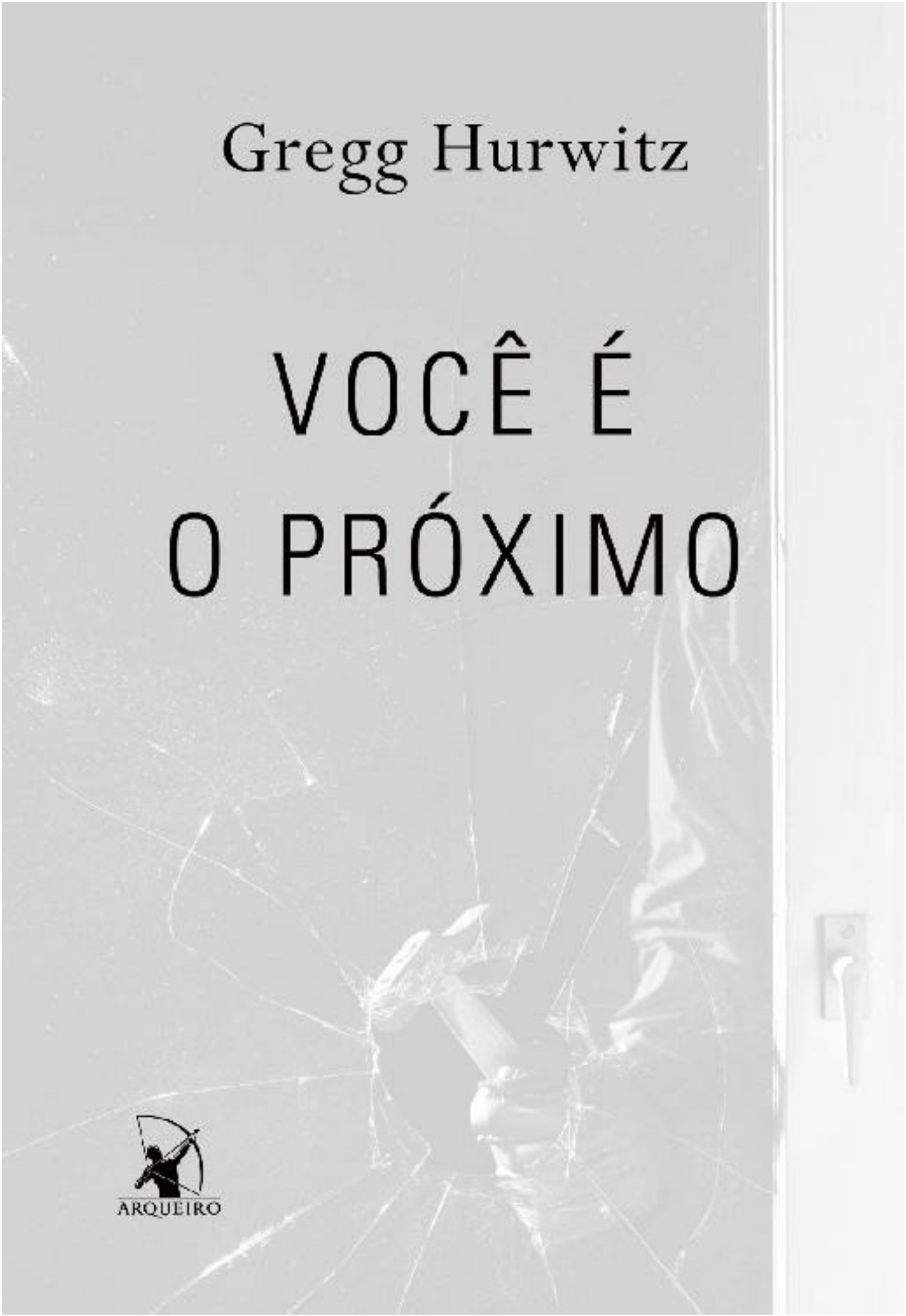
Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Gregg Hurwitz

VOCÊ É O PRÓXIMO



ARQUEIRO

Título original: *You're Next*
Copyright © 2011 por Gregg Hurwitz
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Teresa Carneiro

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Juliana Souza, Rebeca Bolite e Renata Dib

projeto gráfico e diagramação: Abreu's System

capa: Rafael Nobre

imagem de capa: Patrick Strattner / Getty images

produção digital: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

H949v

Hurwitz, Gregg
Você é o próximo [recurso eletrônico] / Gregg Hurwitz [tradução de Teresa Carneiro]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital

Tradução de: You're next
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-172-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana 2. Livros eletrônicos. I. Carneiro, Teresa. II. Título.

13-00119

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Sumário

Prólogo

AGORA
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5

ANTES
- Capítulo 6
- Capítulo 7

AGORA
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13

ANTES
- Capítulo 14

AGORA
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25

Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59

Agradecimentos

Conheça outro título do autor

Conheça mais títulos da Editora Arqueiro

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Informações sobre os próximos lançamentos

Para Rosie, por me apresentar a meu eu adulto.
E para Natalie, por fazer com que tudo tenha sentido.

Não serei o solitário.
– Glasvegas, "Daddy's Gone"

Prólogo

O GAROTO DE 4 ANOS de idade se agita no banco de trás da caminhonete. Seu corpo é uma pequena saliência embaixo de um cobertor e seu quadril dói no lugar em que o fecho do cinto de segurança o pressiona.

Ele se senta, esfrega os olhos à luz da manhã e olha em volta, confuso.

O carro encosta devagar junto ao meio-fio, ao lado de uma cerca de metal. Seu pai agarra o volante com os braços trêmulos. Gotas de suor escorrem pela nuca dele.

O garoto engole saliva para umedecer a garganta seca.

– Onde... onde está a mamãe?

O pai respira fundo, ofegante, e vira a cabeça para o lado, sem encará-lo, a barba por fazer escurecendo seu queixo.

– Ela não... Ela não pode... Ela não está aqui.

Então abaixa a cabeça e começa a chorar. Seu corpo se sacode e ele respira com dificuldade, como alguém que não está acostumado a fazer isso.

Por trás da cerca de metal, crianças correm em um asfalto rachado e fazem fila em frente aos balanços enferrujados. Uma placa amarrada à cerca proclama: UM NOVO FUTURO PARA OS ESTADOS UNIDOS: RONALD REAGAN PARA PRESIDENTE.

O garoto sente calor. Dá uma olhada em si mesmo. Está usando calça jeans e uma camiseta de manga comprida, não o pijama que vestia quando tinha ido para a cama. Tenta entender as palavras do pai, a rua desconhecida, o cobertor amontoado no colo, mas não consegue se fixar em nada a não ser o vazio na barriga e o zumbido nos ouvidos.

– Não é culpa sua, campeão. – A voz do pai sai alta e desafinada. – Está me entendendo? Se você lembrar... alguma coisa... você tem que lembrar que nada do que aconteceu foi culpa sua.

Ele solta o volante e o agarra de novo, apertando tão forte que suas mãos ficam brancas. Há uma mancha preta no punho de sua camisa de manga comprida.

Um som de risos chega até eles: as crianças se penduram no trepa-trepa e se arrastam nos túneis dos brinquedos do parquinho.

– O que foi que eu fiz? – pergunta o menino.

– Sua mãe e eu, nós amamos muito você. Mais do que tudo.

O pai continua a tatear o volante, mudando as mãos de posição e apertando-o. A luz bate diretamente no punho da camisa e o garoto vê que a mancha não é preta.

É vermelho-sangue.

O pai se curva para a frente e ergue os ombros, mas não emite som algum. Depois, com esforço aparente, ele se estica para trás.

– Vá brincar.

O garoto olha pela janela para o parquinho desconhecido cheio de crianças desconhecidas que

correm e dão gritos estridentes.

– Que lugar é este?

– Eu volto em algumas horas.

– Promete?

O pai não se vira para trás, mas, pelo retrovisor, encontra o olhar fixo do menino pela primeira vez. No reflexo, sua boca forma uma linha reta e seus olhos azul-claros não piscam.

– Prometo – diz ele.

O garoto continua sentado.

A respiração do pai fica estranha.

– Vá brincar – repete ele.

O garoto desliza sobre o banco e desce do carro. Passa pelo portão e, quando para e olha para trás, a caminhonete já se foi.

As crianças brincam nas gangorras e escorregam pela imitação de poste dos bombeiros. Parecem conhecer bem o lugar.

Uma delas, um menino, corre na direção do garoto e lhe dá um tapa no braço.

– Está com você! – grita ele.

O garoto começa a brincar de pique com os outros. Sobe pelas barras e engatinha pelo túnel amarelo de plástico, empurrado pelos meninos mais velhos e tentando empurrá-los de volta. Uma sineta toca no prédio em frente, fazendo com que as crianças abandonem os brinquedos e desapareçam no interior da construção.

O garoto sai do túnel e fica parado no parquinho, sozinho. As folhas mortas arrastadas pelo vento parecem unhas arranhando o asfalto. Ele não sabe o que fazer, então se senta em um banco e espera o pai. Uma nuvem encobre a luz do sol. O garoto está sem casaco. Chuta as folhas amontoadas no pé do banco. Outras nuvens se juntam no céu. Ele fica sentado até seu traseiro começar a doer.

Finalmente, uma mulher de cabelos castanhos com alguns fios grisalhos surge pelas portas duplas. Ela se aproxima e coloca as mãos nos joelhos dele.

– Olá.

Ele olha para o próprio colo.

– Certo – diz ela. – Tudo bem.

A mulher olha em volta do parquinho abandonado, depois para fora da cerca, observando as vagas de estacionamento vazias ao longo do meio-fio.

– Pode me dizer quem é seu pai? – pergunta ela.

AGORA

1

MIKE ESTAVA DEITADO NO escuro, com o olhar fixo na babá eletrônica sobre a mesinha de cabeceira. Deveria se levantar dali a três horas, mas o sono não tinha vindo como de costume. Uma mosca-varejeira circundava o quarto a intervalos regulares como se para garantir que ele continuasse acordado. Sua mãe costumava dizer que uma mosca-varejeira perambulando pela casa significava que o demônio estava vigiando a família – era uma das poucas coisas que lembrava a respeito dela.

Por um momento, tentou recuperar algumas recordações menos mórbidas de sua infância. As poucas impressões que guardara não passavam de flashes sensoriais. O cheiro de incenso de sálvia em uma cozinha de ladrilhos amarelos. Sua mãe lhe dando banho. A pele dela sempre bronzeada, cheirando a canela.

A babá eletrônica começou a fazer barulho. Um estalo de estática. Ou seria Kat tossindo?

Baixou o volume para não acordar Annabel, mas ela se mexeu embaixo dos lençóis e disse com a voz rouca:

– Querido, tem uma razão para chamarem isso de *babá* eletrônica.

– Eu sei. Desculpe. Achei que tivesse ouvido alguma coisa.

– Ela tem 8 anos. E é mais madura do que nós dois. Se precisar de algo, vai vir aqui e pedir.

Era uma discussão antiga, e Annabel tinha razão, então ele tirou o som da babá eletrônica e voltou a se deitar, mal-humorado, encarando o aparelho, incapaz de desligá-lo de uma vez por todas. Um pequeno equipamento de plástico que continha os piores medos de um pai. Engasgo. Doença. Invasores.

Em geral, os sons eram só ruídos de interferência ou cruzamento de outras frequências – um avião passando ou o bebê do vizinho espirrando por causa de uma gripe. Às vezes, Mike ouvia até vozes. Podia jurar que havia fantasmas na maquininha. Murmúrios do passado. Um portal para sua mente semiconsciente, onde se podia ouvir uma alma sussurrar o que quer que fosse.

Mas e se ele desligasse a babá justamente na noite em que Kat precisaria deles? E se ela acordasse apavorada e desorientada por um pesadelo, uma paralisia súbita ou pelo feitiço demoníaco de uma mosca-varejeira e ficasse entorpecida por horas, sozinha com seus temores? Como seria possível decidir qual seria a melhor noite para correr esse risco?

De madrugada, a lógica e a razão sempre pegavam no sono antes dele. Todas as piores coisas que se podia imaginar pareciam possíveis.

Quando ele enfim estava começando a adormecer, a mosca-varejeira deu mais uma volta em torno da lâmpada e um segundo depois a babá eletrônica se manifestou de novo. Seria Kat chorando?

Ele se sentou e esfregou o rosto.

– Ela está bem – gemeu Annabel.

– Eu sei, eu sei.

Mesmo assim, Mike se levantou e foi ao quarto da filha.

Kat estava debaixo das cobertas e dormia com a boca entreaberta, abraçando um ursinho de pelúcia. Seu rosto sério era emoldurado por cabelos castanho-claros. Tinha puxado da mãe os olhos afastados, o nariz arrebitado e o lábio inferior carnudo. Considerando seus traços físicos e sua inteligência, às vezes era difícil dizer se Kat era uma versão de 8 anos da mãe ou se Annabel era uma versão de 36 anos da filha. A única coisa que a menina herdara de Mike tinha sido a cor dos olhos: um castanho-escuro e o outro âmbar. O nome desse fenômeno era heterocromia. Quanto aos cabelos cacheados, quem poderia saber de quem ela tinha puxado?

Ele se debruçou sobre ela e ouviu o ruído de sua respiração. Depois se sentou na cadeira de balanço, no canto do quarto, e ficou observando a filha. Sentiu uma pontada de orgulho pela infância que ele e Annabel estavam proporcionando a ela, a sensação de segurança que permitia que a menina tivesse um sono tão profundo.

– Querido.

Annabel estava de pé na soleira da porta, afastando as mechas de cabelo que tinham lhe caído na testa. Ela usava uma camiseta da Gap e uma cueca samba-canção dele e estava tão linda quanto na lua de mel, dez anos atrás.

– Venha para a cama. Amanhã vai ser um dia importante para você.

– Já vou, só um instante.

Ela cruzou o quarto, deu um beijo nele e se arrastou de volta para a cama.

O movimento dos quadris dela era hipnótico, mas os problemas que ele teria que resolver no dia seguinte não saíam de sua mente. Depois de um tempo, ele percebeu que não ia conseguir dormir mesmo, então foi à cozinha para fazer um café. Quando voltou ao quarto da filha, bebericando alegremente da caneca, seu olhar percorreu as paredes pintadas de amarelo-claro, a fileira de bonecas na prateleira, Kat descansando de forma angelical. A única interrupção era o zumbido ocasional da mosca-varejeira, que o seguira pelo corredor.

2

KAT DESLIZOU PELA COZINHA com os cabelos presos em um rabo de cavalo frouxo e torto. Annabel parou um instante com a frigideira na mão e olhou para os cachos da filha.

– Isso é obra do seu pai, não é?

A menina enfiou o ursinho de pelúcia na mochila e subiu em um banco alto ao lado de Mike. Annabel serviu a omelete no prato dela e depois se inclinou para ajeitar seus cabelos com alguns gestos rápidos e precisos. Mergulhou a frigideira em água com sabão, esfregou um pedaço de papel-toalha no chão, com o pé, para secar a água que tinha vazado embaixo da pia, e terminou de preparar o lanche de Kat cortando a casca do sanduíche de manteiga de amendoim que já tinha feito.

Ao beber a terceira xícara de café e observar a mulher, Mike teve a impressão de que se movia em câmera lenta.

– Vou consertar a pia à noite – disse ele.

Annabel levantou o polegar, em um gesto de concordância. Ele notou o braço branco de pelúcia saindo da mochila da filha.

– Posso saber por que está levando um urso-polar para a escola?

– Tenho que fazer um trabalho hoje.

– Outro? Você não está no terceiro ano?

– É para aquele curso depois da aula. Vou falar sobre o aquecimento global...

– Não diga – comentou Annabel, sarcástica.

– ... e este não é um urso *qualquer*.

Mike levantou uma sobrancelha.

– Não?

Kat tirou o bicho da mochila e o apresentou de forma teatral.

– Este não é mais o Bola de Neve, Amigo de Infância. Agora ele é o... Bola de Neve, o Último Urso-polar Moribundo.

Ela tirou os óculos do estojo e os colocou no rosto. A armação arredondada vermelha dava-lhe um ar de seriedade. Não que ela precisasse dessa ajuda.

– Você sabia – prosseguiu Kat – que os ursos-polares provavelmente estarão extintos quando eu for adulta?

– É, eu sei – respondeu Mike. – Vi naquele documentário do Al Gore. As geleiras derretendo e os ursos-polares se afogando. Você chorou por dois dias.

– Tome seu café – interferiu Annabel.

Kat mordiscou a pontinha da omelete. Mike apertou carinhosamente o braço da filha.

– Quer que eu leve você à escola hoje?

– Pai, eu já tenho *8* anos.

– Eu sei, você não para de me lembrar disso.

Mike tirou o celular do bolso e apertou a tecla de rediscagem. Depois de alguns toques, o gerente do banco atendeu.

– Oi, aqui é o Mike Wingate de novo. A transferência bateu?

– Só um instante, Sr. Wingate – respondeu o gerente, e Mike ouviu um som de digitação no teclado.

Enquanto Kat e Annabel negociavam quantas mordidas a mais Kat tinha que comer, Mike esperou, tamborilando nervosamente na bancada da cozinha.

Ele tinha levado treze anos para conseguir passar de auxiliar para carpinteiro, depois para contramestre, até chegar a empreiteiro. E agora estava prestes a fechar seu primeiro negócio como incorporador. Tinha assumido riscos sérios, daqueles que causam úlceras de nervosismo, para chegar até esse ponto – hipotecara a casa e conseguira vários empréstimos para comprar um terreno em um vale nos arredores da cidade. Lost Hills, uma comunidade situada a 48 quilômetros do centro de Los Angeles, tinha uma série de vantagens, e a principal era o fato de os imóveis serem apenas caros, não exorbitantes. Mike dividira o terreno em quarenta grandes lotes e construíra um condomínio de casas ecologicamente sustentáveis que batizou com o nome pouco criativo de Vale Verde. Ele não era nenhum natureba, mas Kat se interessava por questões ambientais desde bem pequena. Além disso, Mike tinha que admitir que aquelas fotos que simulavam como a ilha de Manhattan seria no futuro – inundada por causa da elevação do nível do mar – o deixavam apavorado.

Os subsídios oferecidos pelo governo estadual para a construção de lares ecologicamente sustentáveis o tinham ajudado a vender as casas bem rápido, e o dinheiro do último lote seria transferido para sua conta pela imobiliária naquela manhã. Essa transação iria, finalmente, deixar sua conta no azul após três anos e meio de aperto, o que significava que não teriam mais que checar o saldo da conta-corrente toda vez que quisessem comer fora.

Mike ouviu a respiração do gerente do outro lado da linha e o som das teclas sendo pressionadas foi interrompido.

– Nada ainda, Sr. Wingate.

Mike agradeceu, desligou o celular e enxugou o suor da testa com as costas da mão. A vozinha insistente voltou à sua mente: *E se, depois desse trabalhão, alguma coisa realmente der errado?*

Flagrou Annabel olhando para ele e disse:

– Eu não devia ter comprado aquela droga de picape.

– E fazer o quê? Prender a caixa de câmbio com fita adesiva naquela sua caminhonete caindo aos pedaços? Vai ficar tudo bem. O dinheiro vai entrar. Você trabalhou duro. *Muito* duro. Merece se dar um presente.

– E com certeza não preciso gastar 800 paus em um terno.

– Você vai posar com o governador, meu bem. Não dá para aparecer com uma calça jeans

rasgada. Além disso, pode usá-lo de novo na cerimônia de entrega do prêmio. Aliás, bem lembrado. – Ela estalou os dedos. – Preciso pegar o terno no alfaiate agora de manhã, depois da aula. Kat tem aquela atividade de volta às aulas hoje. Você pode deixá-la no caminho para o trabalho? Nos encontramos aqui para almoçar?

No ano anterior, tinha ficado mais difícil coordenar a agenda dos dois. Depois que ficou claro que Kat estava bem adaptada ao terceiro ano, Annabel decidiu que era hora de voltar para a Northridge University e fazer o curso de licenciatura. A anuidade da faculdade estadual seria razoável, desde que cortassem gastos aqui e ali.

Mike pegou o celular de novo e verificou a tela, atento para não perder nenhuma ligação do banco. Passou a mão em um nódulo de tensão no pescoço. Estava muito estressado.

– Não sei qual é o problema com meu blazer de sempre.

– Acho que ninguém mais usa xadrez berrante, pai – disse Kat.

– Não é xadrez *berrante*. É xadrez discreto.

Annabel balançou a cabeça concordando com a filha e formou com os lábios a palavra "berrante".

Mike teve que rir. Deu um suspiro profundo. O dinheiro já estava com a imobiliária. O que poderia dar errado?

Annabel terminou de lavar a louça, tirou os anéis dos dedos e passou hidratante nas mãos. A aliança de noivado, com um pequeno diamante amarelo-claro, que custara a Mike dois meses de salário, brilhou discretamente. Ele adorava aquele anel, assim como adorava a casinha deles. O sonho americano traduzido em dois quartos e 140 metros quadrados. Ganhar mais dinheiro seria ótimo, é claro, mas eles nunca se esqueceriam de ser gratos pelo que tinham e reconhecer como eram afortunados.

Annabel esticou as mãos para ele.

– Venha cá. Coloquei muito hidratante.

Seus cabelos castanhos espelhavam a luz que entrava pela janela e seus olhos, que refletiam o azul-celeste de sua blusa, pareciam translúcidos.

Ele acessou a câmera do celular, enquadrou a imagem dela e tirou uma foto.

– O que foi? – perguntou Annabel.

– Seu cabelo. Seus olhos.

Ela entrelaçou as mãos nas dele.

– Ai, vocês... – disse Kat. – Se beijem logo e acabem com isso.

A picape Ford F-450 brilhava na garagem. Pesava 4 toneladas e consumia uma quantidade de diesel suficiente para anular o que o Vale Verde pouparia ao meio ambiente, mas Mike não podia rodar no terreno acidentado do canteiro de obras em um veículo comum. Tinha custado uma fortuna, mas ele precisava admitir que, quando saíra com ela na véspera, sentira um entusiasmo um pouco excessivo.

Kat pulou no banco de trás e enfiou a cara em um livro, como fazia todas as manhãs.

Ao sair com o carro da garagem, Mike apontou para a tela da TV com aparelho de DVD acoplado instalada no teto.

– Largue esse livro e dê uma olhada na televisão. Tem fones de ouvido sem fio com isolamento acústico.

Ele parecia estar lendo um folheto publicitário, mas não conseguiu se conter. O cheiro de carro novo estava lhe subindo à cabeça.

Ela colocou os fones e começou a percorrer os canais com o controle remoto.

– Que legal! – falou, quase gritando por causa dos ouvidos tapados. – *Hannah Montana*!

Ele baixou o para-sol e dirigiu pelas ruas tranquilas do bairro, pensando em como estava animado, embora nervoso, com as fotos que ia tirar naquele dia com o governador. Quando passaram por uma joalheria, olhou para as pedras brilhantes na vitrine e pensou que, quando a fatídica transferência batesse em sua conta, talvez desse uma passada lá e comprasse um presente para a esposa.

Ao se aproximarem do consultório da Dra. Obuchi, Kat ficou emburrada e tirou os fones de ouvido.

– Nada de injeção – decretou.

– Nada de injeção. É só uma consulta de rotina. Não precisa ficar com medo.

– Desde que não tenha nenhuma agulha, não vou ficar com medo. – Ela estendeu a mão em um gesto adulto. – Negócio fechado?

Mike se virou e apertou a mão dela solenemente.

– Negócio fechado.

– Não acredito em você – retrucou ela.

– Eu já quebrei alguma promessa?

– Não. Mas pode ser que comece agora.

– Bom saber que você confia em mim.

Kat ficou séria até chegar ao consultório. Na sala de exame, não parava de se remexer na maca enquanto a Dra. Obuchi checava seus reflexos.

Quando terminou essa parte, a médica olhou para a ficha de Kat.

– Hum... Ela não tomou a segunda dose da tríplice, porque Annabel pediu que eu espaçasse as datas das vacinas – comentou ela, colocando uma mecha de cabelos pretos brilhantes atrás da orelha. – Já passamos do prazo.

Abriu uma gaveta e começou a procurar pelo frasco e a seringa.

Kat arregalou os olhos. Esticou-se na maca e lançou um olhar de súplica ao pai.

– Pai, você *prometeu*.

– Ela prefere se preparar mentalmente para tomar injeção – falou Mike. – Sabe como é. A gente pode voltar no final da semana?

– Estamos em setembro. Volta às aulas. Imagine como está minha agenda. – A Dra. Obuchi percebeu o olhar fixo de Kat. Resoluto. – *Talvez* dê para encaixá-la na sexta de manhã.

Mike fez uma cara de frustração. Kat o observava atentamente. Ele pôs as mãos nos joelhos ossudos da filha.

– Querida, vou estar muito ocupado com várias reuniões na sexta e sua mãe tem aula. É o pior dia da semana para mim. Vamos resolver logo isso para ficarmos livres.

O rosto de Kat ficou vermelho.

– Vai ser só uma espetadinha – disse a Dra. Obuchi. – Você nem vai sentir.

Kat desviou o olhar de Mike e ficou encarando a parede, com a respiração acelerada e o braço quase tão pálido quanto a luva de látex da médica. A mulher passou álcool na região em que aplicaria a vacina e preparou a seringa.

Mike ficou observando, cada vez mais desconfortável. Kat manteve o rosto virado.

Quando a agulha estava prestes a penetrar na pele de Kat, Mike levantou a mão e interrompeu a médica com delicadeza.

– Vou dar um jeito de vir na sexta – afirmou ele.

A caminho da escola de Kat, Mike pôs um chiclete na boca e tentou não ligar para o gerente do banco pela quarta vez naquela manhã. Ao se aproximarem do destino, ele abaixou o vidro e cuspiu a goma de mascar do lado de fora.

– *Pai*.

– O que foi?

– Isso não é bom para o meio ambiente.

– Por quê? Alguma águia-calva pode se engasgar?

Kat fez uma careta.

– Está bem. Não vou mais cuspir chicletes pela janela – prometeu ele.

– Bola de Neve, o Último Urso-polar Moribundo, agradece.

Mike parou na frente do colégio, mas a menina continuou sentada no banco de trás, com os fones de ouvido no colo.

– Você vai receber um prêmio por causa das casas ecologicamente sustentáveis, não é? – perguntou ela. – Do governador?

– Vou. Em sinal de reconhecimento.

– Sei que você se importa com a natureza e tudo o mais, mas não é, tipo, *realmente* preocupado com isso, certo? Então por que construiu essas casas?

– Você não sabe mesmo? – indagou Mike, ajustando o retrovisor para que pudesse ver o rosto dela.

Ela balançou a cabeça.

– Por sua causa – replicou ele.

Kat ficou um pouco surpresa, depois olhou pela janela e deu um sorrisinho. Deslizou pelo banco para descer do carro e, mesmo quando ela já estava a meio caminho do pátio da escola, ele ainda conseguia ver seu rosto radiante de alegria.

Mike abaixou o vidro para deixar a brisa entrar e observou a cena. Alguns professores estavam do lado de fora supervisionando a chegada dos alunos. Pais se aglomeravam entre os carros estacionados, combinando tardes de brincadeiras para os filhos, coordenando caronas, planejando excursões. As crianças corriam à vontade, empurrando umas às outras na grama.

Era a vida com que ele sempre sonhara, mas não ousava acreditar que pudesse ter. No entanto, ali estava ela.

Pegou o celular e teclou o número do banco. O gerente pareceu um pouco impaciente.

– Olá, Sr. Wingate. Estava prestes a ligar para o senhor. A transferência acabou de bater na sua conta.

Por um momento, Mike ficou sem palavras. Com as mãos molhadas de suor, ele perguntou qual era o valor. Depois pediu que o gerente repetisse, só para se certificar.

– Então o empréstimo está quitado, não é? – perguntou, ainda que soubesse que o montante depositado era cinco vezes maior que a dívida. – Totalmente quitado?

– O senhor está livre para voar, Sr. Wingate – retrucou o homem com um tom divertido.

Mike sentiu um nó na garganta, depois agradeceu ao gerente e desligou. Colocou as mãos no rosto e respirou fundo, concentrando-se para não perder a cabeça bem ali, no estacionamento da escola Lost Hills. Estava feliz pelo dinheiro, claro, mas era muito mais que isso. Sentia alívio e orgulho também, por saber que tinha feito uma aposta, dedicado quase quatro anos de esforço ininterrupto a ela e agora sua esposa e sua filha nunca teriam que se preocupar em não ter uma casa para morar, comida na geladeira e dinheiro para pagar as contas.

Por trás da cerca de metal, no meio do pátio, Kat brincava no trepa-trepa, segurando a barra do alto do brinquedo com uma das mãos. A visão da filha fez seu coração bater mais forte. Ali estava o mundinho seguro dela, cheio de pequenos desafios, horizontes abertos e afeição infinita.

Atrasado para o trabalho, ele ficou lá sentado observando Kat se divertir.

3

Os trabalhadores se aglomeraram em volta da picape de Mike assim que ele estacionou no canteiro de obras.

– Aêêê!

– O chefe está de carro novo!

– Essa belezinha voa a quantos por hora?

Mike desceu do veículo descartando as perguntas com um aceno de mão, querendo esconder o desconforto. Ainda não se acostumara a ser o chefe e sentia falta da camaradagem construída com o trabalho diário ao lado dos outros empregados.

– Menos do que você pensa.

Jimmy se inclinou no capô segurando uma chave de fenda em uma das mãos.

– Cuidado com a pintura – alertou Mike, arrependendo-se imediatamente.

Jimmy fez um gesto de mãos ao alto e todos os outros riram.

– Tudo bem – disse Mike. – Eu mereço. Onde está Andrés?

O impaciente contramestre apareceu, segurando uma cuia com um canudo de aço inoxidável dentro. O recipiente continha folhas de mate picadas, que o canudo – uma *bombilla* – filtrava de modo que Andrés pudesse sugar o chá amargo coado o dia todo. Ele colocou as pessoas para correr.

– Vamos lá, o que estão esperando? Vocês têm que deixar para vadiar quando o chefe *vai embora*, não quando ele chega.

Os empregados se dispersaram e Andrés pousou a cuia de mate no para-choque do carro.

– Aaarrr – fez ele.

– Aaarrr?

– Hoje é o Dia Internacional de Falar como um Pirata. Ô país para ter feriado! Dia de Levar o Filho para o Trabalho. Dia de Martin Yuther King.

Imigrante do Uruguai, Andrés finalmente tinha dado entrada em seu pedido de naturalização e se tornara um repositório ambulante de trivialidades americanas obscuras.

– Ouvi dizer que ele era chamado de Martin *Luther* King – observou Mike com sarcasmo.

– Foi isso que eu falei, cara.

Eles subiram a ladeira que levava ao centro do condomínio. As quarenta casas ficavam de frente umas para as outras, formando duas fileiras, e havia um gramado no meio. Quanto mais no alto do desfiladeiro, maior era o preço. À primeira vista pareciam construções comuns, mas um olhar mais atento revelava valas para escoamento de água da chuva, telhados sustentáveis feitos de vegetação e células fotovoltaicas para geração de energia, canos de argila vitrificada em vez do tóxico e não degradável PVC. Mesmo com tudo isso, as casas quase não haviam obtido o certificado verde concedido pelo órgão Liderança em Energia e Design Ambiental, mais

conhecido como LEED. Mas acabara dando tudo certo e agora, fora alguns detalhes no sistema elétrico e na parte estética, a obra estava concluída.

Eles chegaram ao cume e desceram em direção ao parque. Era a parte que Mike mais gostava do Vale Verde, posicionada de forma que os pais pudessem olhar pela janela da cozinha e ver os filhos brincando. O empreendimento previa mais dois lotes de casas, mas ele ainda não tinha conseguido recursos para construí-las.

Seguiram em direção à extremidade do parque e viram o buraco cavado para a construção de um cercado destinado a abrigar fogueiras.

– O que estamos esperando? – perguntou Mike.

– Esse concreto ecológico leva mais tempo para misturar – explicou Andrés –, mas meu patrão controlador não me deixa usar o normal.

Eles mais pareciam esses casais amargos que não param de brigar mas nunca se separam.

– A certificação do LEED é muito rigorosa. Não podemos dar mole. – Mike fez uma careta e passou a mão no rosto. – Meu Deus, quem imaginaria o calvário que isso seria?

Andrés tomou mais um gole de seu mate.

– O que vamos construir depois? – indagou.

– Pelo visto, uma fábrica de carvão.

Andrés reprimiu um risinho e enfiou o canudo de aço inoxidável mais fundo na cuia.

– Eu disse que a gente não precisava se meter nessa onda ecologicamente correta. Poderíamos lucrar bem mais do jeito tradicional e aí *todo mundo* ia conseguir comprar uma picape nova.

Quando os viu, Jimmy acenou para eles e começou a empurrar um misturador de concreto para o lugar do cercado. Andrés levantou o braço para cumprimentá-lo e o canudo da cuia voou para o fundo do buraco. Ele fechou a cara como se essa fosse a gota d'água de uma série de aborrecimentos naquele dia.

– Tudo bem. Depois compro outro.

Olhando para o canudo de aço afundado na lama, Mike imaginou Kat falando de lixo metálico e metais em decomposição. Resolveu ouvir a voz irritante de sua consciência.

Jimmy estava prestes a acionar o tambor do misturador quando Mike gritou que ele parasse. O empregado revirou os olhos e se afastou para fumar um cigarro enquanto seu chefe tentava recuperar o objeto perdido. O buraco tinha cerca de 1,5 metro de profundidade. Eles tinham cavado mais fundo por causa das linhas de transmissão de energia. Quando Mike se abaixou para pegar o canudo, avistou uma junção de tubo de drenagem se projetando da parede do buraco. A tubulação principal de água.

Ele ficou paralisado.

Sentiu um nó no estômago. O canudo de metal caiu de sua mão. O cheiro forte de terra molhada e raízes invadiu seu nariz e encheu seus pulmões.

Primeiro, pensou que estava errado. Depois meteu o dedo em volta da mistura de sujeira e o pavor substituiu o choque.

A tubulação não era feita de argila vitrificada, material considerado ideal para construções sustentáveis pelo qual pagara uma pequena fortuna.

Era PVC.

– Já usamos muito desse material?

Mike estava de pé com Andrés na beira do buraco, tentando disfarçar o pânico. Dispensou os outros empregados para que não ouvissem a conversa.

– Não sei – disse Andrés.

– Ligue para aquela empresa de hidráulica que conhecemos – ordenou Mike. – Quero passar a câmera de inspeção de tubulação pelas linhas de esgoto e drenagem.

– Mas a diária custa...

– Não estou nem aí.

Mike pegou uma pá que estava sobre um amontoado de pedras decorativas, pulou no poço e começou a escavar a parede. Ainda tinha o físico de um trabalhador braçal – braços musculosos, mãos fortes e peito largo – e fez um progresso rápido, mas mesmo assim a terra socada não cedia tão facilmente quanto alguns anos antes. Andrés ligou para a empresa de hidráulica, depois ficou de braços cruzados, apreensivo, só observando. Ouvia os grunhidos de Mike pela borda do poço.

Depois de um tempo, também pegou uma pá e entrou no buraco junto com ele.

A mangueira com a câmera de inspeção serpenteava pelo chão e descia por um bueiro. Apesar de o expediente ainda não ter terminado, todos os empregados, exceto Jimmy, haviam sido mandados para casa. Fora um ou outro pássaro que sobrevoava o canteiro de obras, uma quietude penetrante pairava sobre o lugar. O condomínio de casas recém-levantadas parecia uma cidade-fantasma sob o sol do fim da manhã.

Sentados no meio da rua ao lado do tambor da mangueira, com as roupas enlameadas e os rostos cobertos de poeira, Mike e Andrés assistiram, em uma tela em preto e branco, a uma imagem em tempo real: uma visão granulada de uma tubulação preta. O tambor emitia um zumbido baixo à medida que a câmera percorria seu caminho subterrâneo a uma velocidade constante, passando sob a colina, as ruas, as placas de concreto das casas.

A luz do sol refletida na tela batia de leve no rosto dos dois homens. Sua expressão era impassível.

Jimmy saiu de dentro do bueiro com a pele escura brilhando de suor e os encarou.

– Acabamos?

Mike assentiu com o olhar distante, quase incapaz de falar.

– Obrigado, Jimmy. Pode ir para casa agora.

Ele deu de ombros e se afastou. Logo depois, os dois ouviram um familiar ronco de motor e viram Jimmy sair dirigindo a antiga caminhonete de Mike.

Mike ficou pensativo por um momento e, quando finalmente falou, sua voz estava estridente:

– PVC é a pior coisa que existe, porque deixa os produtos químicos vazarem para o solo e dali eles migram para todos os lugares. Vão parar na gordura das baleias. No leite materno das mulheres esquimós.

Andrés se levantou.

– Quanto iria custar? – quis saber Mike.

– Você está de brincadeira, né?

– Para fazer direito. Para substituir o PVC por argila vitrificada.

– Não está só debaixo das ruas. Está debaixo das placas de concreto também. Debaixo das casas.

– Eu sei. Em todo lugar onde passa tubulação.

Andrés deu um suspiro profundo e olhou para o horizonte.

Mike sentiu uma dor no maxilar e percebeu que estava trincando os dentes. Derrubar todas as casas seria um pesadelo. Várias famílias já haviam vendido suas propriedades. Eram pessoas de classe média, que não teriam dinheiro para alugar outro imóvel ou ficar em um hotel enquanto o condomínio não ficasse pronto. Grande parte do sucesso do empreendimento se devia justamente a isto: ajudar famílias a comprar casas bacanas. Muitos imóveis tinham sido vendidos não para quem poderia oferecer mais, mas para quem precisava deles: mães solteiras, casais da classe trabalhadora, pessoas que precisavam de um lugar para relaxar.

– Como você não notou isso? – questionou Mike.

– *Eu*? Quem escolheu o subempreiteiro, aquele tal de Vic Manhan, foi você. O cara entrou com trinta empregados e fez o serviço todo em pouquíssimo tempo. Lembra que você ficou todo animado?

Mike encarou sua picape Ford de 55 mil dólares com arrependimento e aversão. Onde ele estava com a cabeça? Será que a concessionária aceitaria a devolução? Sua raiva aumentou, deixando-o com o pavio curto.

– Você tem o telefone dele aí? – perguntou.

Andrés procurou o número em seus contatos no celular, pressionou a tecla “discar” e passou o aparelho para Mike.

Enquanto esperava que Manhan atendesse, Mike passou uma mão suja pelo cabelo suado e tentou respirar com mais calma.

– É bom que o seguro que esse canalha oferece seja bem alto. Porque não me interessa quanto vai custar. Vou abrir o máximo de processos que eu puder contra ele...

Este número está fora de serviço. Verifique se o número para o qual ligou está correto...

Mike sentiu um aperto no peito.

Desligou e procurou na lista de contatos de Andrés o celular do subempreiteiro.

O assinante Nextel com quem você deseja falar não está mais...

Mike atirou o aparelho no chão. Andrés olhou para ele, depois se inclinou devagar, recolheu o

telefone e checou a tela para ver se ainda funcionava.

Mike respirava com dificuldade.

– Chequei o alvará desse filho da mãe.

– É melhor checar de novo – aconselhou Andrés.

Com suor escorrendo pelo corpo, Mike fez uma série de ligações, anotando com garranchos cada novo número no verso de um envelope. Logo o mistério foi solucionado. O alvará de Vic Manhan tinha expirado havia cinco meses, assim que terminara o trabalho para Mike. Seu seguro de responsabilidade civil vencera antes disso, então não estava em vigor quando ele instalou a tubulação de PVC. Os documentos que apresentara a Mike eram falsos. Ou seja: provavelmente não haveria dinheiro nenhum para cobrir o prejuízo.

Pela primeira vez em muito tempo, Mike teve pensamentos violentos – seu punho fechado atingindo a cartilagem de um nariz. C*omo podemos regredir rápido*, disse a si mesmo. Abaixou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos.

– Você não pode estar *tão* surpreso assim – comentou Andrés. – Sobre a tubulação de PVC, digo.

– Como assim? Isso é coisa que se diga? É *claro* que fiquei surpreso.

– Ora, por favor. Argila vitrificada é mais pesada do que ferro forjado. Mais cara para fabricar, transportar e instalar. Como você acha que o orçamento de Manhan poderia ter ficado trinta por cento abaixo de todos os outros? – As têmporas de Andrés latejavam. – Talvez você não *quisesse* saber.

Mike olhou para baixo, para suas mãos ásperas.

– Quarenta famílias estão se mudando para cá – continuou Andrés. – Esta semana. Mesmo que você esteja disposto a gastar uma fortuna para substituir a tubulação, vai fazer o quê? Furar o chão de todas as casas com britadeiras? Furar as ruas?

– *Exatamente*.

Andrés levantou uma sobrancelha.

– Para substituir todos os canos?

– Assinei um documento garantindo que usei argila vitrificada em vez de PVC – explicou Mike. – É *meu* nome que está lá.

– Você não fez nada de errado. Esse cara nos enganou.

– Essas casas foram construídas em cima de uma mentira – replicou Mike com a voz áspera.

Andrés deu de ombros. Afastou-se resmungando e logo depois Mike o seguiu, sentindo todos os músculos tensos.

Eles se encararam no meio da rua, estreitando os olhos por causa da claridade. O desfiladeiro se estendia diante deles, belo, íngreme e coberto de arbustos. O ar, frio e cortante, cheirava a eucalipto. O verde dos telhados combinava com o verde da colina. Na visão de Mike, tudo se misturou e se tornou uma coisa só.

– Ninguém vai saber – garantiu Andrés, balançando a cabeça para reforçar o que tinha dito, e depois seguiu em direção a seu carro.

– Eu vou – retrucou Mike.

4

MIKE SE SENTOU NO chão do quarto, com as costas na parede e os olhos fixos no telefone sem fio em seu colo. Estava pensando nos prós e nos contras. Por fim, discou o número conhecido.

Logo depois ouviu uma voz forte, tornada rouca pelo passar dos anos.

– Hank Danville, Investigações Particulares.

– Aqui é o Mike. Mike Wingate.

– Mike, não tenho mais nada a lhe dizer. Eu falei que ligaria se descobrisse alguma coisa, mas não tenho mais onde procurar.

– Não, é outra coisa. Tem um cara que eu queria que você investigasse.

– Espero que dessa vez não seja algo impossível.

– É um empreiteiro que acabou de ferrar minha vida – explicou ele e depois fez um breve resumo da história. Podia ouvir o ruído fraco da respiração de Hank enquanto ele fazia anotações. – Preciso saber onde ele está. Não preciso nem dizer que é urgente.

– De quanto é o prejuízo? – quis saber Hank.

Quando Mike lhe informou o valor, ele deu um assobio.

– Vou ver o que posso fazer – prometeu.

Em seguida, desligou.

Mike estava acostumado a procurar informações que provavelmente não gostaria de achar, mas isso não tornava a espera mais fácil. Foi para o banheiro tomar uma chuveirada e se encostou nos azulejos, aquecendo-se embaixo da ducha quente, tentando amenizar o estresse sob a pressão da água. Quando estava se secando, o telefone tocou. Foi atender com a toalha enrolada na cintura e se sentou na cama, pronto para ouvir más notícias.

– O último paradeiro de Vic Manhan foi St. Croix – informou Hank. – Ele passou um cheque sem fundo em um bar há dois meses. Sabe-se lá por onde anda agora. Foi abandonado pela mulher, estava prestes a encarar um divórcio caro e por aí vai. Provavelmente achou que arrumar um último trabalho e dar um golpe seria a solução de seus problemas. Não tenho certeza de como o cara conseguiu falsificar os documentos do seguro e as informações pessoais nos bancos de dados, mas quando ele fez o serviço para você já não havia nada dentro da validade.

Mike fechou os olhos e respirou fundo.

– Não tem como você descobrir onde ele está agora?

– O sujeito estava fugindo da polícia e dos advogados da mulher. Já deve ter se mandado do país a esta altura. Vai ser impossível achá-lo.

Mike sentiu um gosto amargo na boca.

– Ah, dá um tempo. O cara não é nenhum Jason Bourne.

– Fique à vontade para achar outro profissional. Acho que, em quinze minutos, fiz um ótimo trabalho.

– É só mais um beco sem saída, Hank. Parece que ultimamente estamos encontrando muitos.

A voz do detetive assumiu um tom irritado de indignação.

– Ah, não! De novo esse assunto? Quando você me procurou, eu falei que o que estava me pedindo era quase impossível. *Nunca* lhe prometi resultados.

– Não foi isso que você me disse, não.

– Você pode não ter gostado dos fatos, mas estou velho demais para ter meu caráter questionado. Pode vir ao escritório para pegar sua pasta. Paramos por aqui.

Mike ficou segurando o fone até ouvir o som de ligação encerrada e se arrependeu imediatamente. Agira como um idiota, fazendo Hank de bode expiatório, e agora lhe devia desculpas. Antes de pressionar o botão de rediscagem, escutou a porta da garagem se abrindo e depois Annabel entrando pela cozinha. Jogou o telefone na cama um segundo antes de ela aparecer no quarto com o terno dele pendurado no ombro.

– Desculpe o atraso. A calça não estava passada direito. Venha cá. Pegue uma camisa. Vista isto. – Ela checou as horas em seu relógio de pulso. – Ainda dá para chegar no horário.

A sessão de fotos. Claro.

Ele estava atordoado. Não conseguia imaginar como iria contar tudo para ela.

Annabel não parava de se movimentar à sua volta, ajeitando a lapela, esticando as mangas.

– Não, essa gravata, não. Tem que ser uma mais escura.

– Houve um tempo em que eu conseguia escolher minhas próprias gravatas – murmurou Mike. – Quando foi que fiquei tão inútil?

– Você sempre foi inútil, querido. Só não tinha a mim para enfatizar isso – disse ela, dando-lhe um beijo de leve no rosto. – Você está lindo. O governador vai ficar impressionado. Talvez até dê em cima de você. Seria um escândalo. – Ela deu um passo para trás e o olhou de cima a baixo. – Bem melhor do que aquele blazer xadrez berrante.

– Discreto – corrigiu Mike. – Escute só...

– *Meu Deus!* – exclamou Annabel quando avistou as roupas dele amontoadas no chão do banheiro. – O que aconteceu? Você se arrastou pelo esgoto hoje?

Ela foi até lá e pegou os trajes imundos. Uma caixinha marrom caiu do bolso da calça jeans, quicou no piso, se abriu e cuspiu um anel, aquele com o diamante de dois quilates que ele escolhera na joalheria depois de deixar Kat na escola. Mike se esquecera completamente dele.

Annabel cobriu a boca com a mão. Ajoelhou-se devagar e pegou a joia do chão. Seus olhos se encheram de lágrimas.

– A transferência bateu! – gritou ela, sorrindo. Correu para ele e o abraçou. – Eu *disse* que tudo ia dar certo. E este anel... Uau, Mike!

Ela o colocou no dedo da mão direita e esticou bem o braço à sua frente para admirá-lo melhor. A alegria no rosto dela foi tão absoluta que a ideia de acabar com a magia do momento deu um nó na garganta de Mike, tornando sua respiração difícil.

Ele segurou os delicados ombros dela com suavidade.

Annabel o encarou e ficou com uma expressão preocupada.

– O que houve? – indagou.

– A tubulação – começou Mike. – Se lembra dos tubos?

– Canos e juntas de argila vitrificada. Claro que lembro.

– O subempreiteiro ferrou com a gente e se mandou. Acabei de descobrir. Toda a tubulação deveria ser de argila vitrificada. Foi por isso que conseguimos o certificado do LEED. – Ele passou a língua pelos lábios para umedecê-los. – Só que os canos abaixo da superfície são todos de PVC.

– Quanto vai custar para trocar? – perguntou Annabel assim que entendeu o que isso significava.

– Mais do que o nosso lucro.

Ela deu um passo para trás e se sentou na cama. Entrelaçou as mãos e seus olhos pousaram no grande diamante que se destacava em seu dedo, brilhando mesmo à luz fraca do quarto. Os dois ficaram em silêncio por um momento.

– Adoro minha aliança antiga – afirmou ela finalmente. – Foi com ela que você me pediu em casamento.

Ele experimentou um pequeno alívio e de repente se sentiu com muito mais que 35 anos.

– Somos um time – prosseguiu Annabel. – Eu, você e Kat. Não precisamos de mais dinheiro. Posso trancar a matrícula na faculdade, arrumar um emprego por um tempo. Só até... você sabe. Vamos dar um jeito no orçamento. Podemos tirar Kat das aulas extras. Podemos nos mudar para uma casa menor. Um apartamento, talvez. Não me importo.

Ele vestiu a calça, devagar, sentindo as pernas dormentes e pesadas, como se não lhe pertencessem. Não conseguiu encarar a esposa porque teve medo de como iria se sentir.

– Você sempre age da maneira correta – falou Annabel tirando o anel de diamante e colocando-o ao lado dele em cima da cama. Forçou um sorriso. – Faça o que for preciso para resolver o problema, não importa o que seja.

A suíte no Beverly Hills Hotel era a maior que Mike já vira na vida. Bill Garner estava pensativo, sentado atrás de uma escrivaninha antiga, em uma cadeira de couro que parecia específica para devanear. Ele estudou a foto, uma impressão que mostrava a tubulação de PVC aparente na vala.

Pela porta aberta da sala de estar ouviam-se risadas, trechos de conversas e eventualmente via-se a luz de um flash de máquina fotográfica. Naquele momento os ganhadores do prêmio de liderança comunitária estavam socializando e posando para fotos que a imprensa usaria na cobertura da cerimônia formal no domingo à noite. Se não fosse pelo governador, que, a julgar pelo coro de saudações, tinha acabado de aparecer, Mike teria sido o último a chegar.

Garner se levantou, atravessou o escritório e enfiou a cabeça para fora da porta.

– Tudo pronto para as fotos? Ok, já estamos indo.

Então fechou a porta e se sentou de novo atrás da escrivaninha. Só se via otimismo em seu rosto jovial, assim como em todo o tempo que Mike levou para explicar o problema.

Garner tamborilou na mesa.

– Você vai pagar pelo conserto? – quis saber ele.

– Sim, estou preparado para fazer isso – garantiu Mike.

– O que vai fazer com esses tubos de PVC depois que desencavá-los?

– Ainda não pensei direito nisso – confessou Mike.

– Vai jogar em algum aterro sanitário, provavelmente. Então você quer trocar os tubos e enterrá-los em outro lugar? E ainda usar um monte de máquinas poluentes para fazer isso? – Ele deu um sorriso afável. – Não parece uma medida muito inteligente, não acha?

Mike de repente de sentiu desconfortável no terno novo.

– Acho, mas pelo menos estarei sendo honesto.

– Essas casas que você construiu são 99% ecológicas. São um grande motivo de orgulho.

Mike o encarou por um momento, tentando ler a expressão em seu rosto.

– Não vejo dessa forma. – Ele se remexeu na poltrona acolchoada. – Acho que não estou entendendo aonde esta conversa vai chegar.

– O governador apostou tudo nesse projeto, Mike. Você sabe que ele é um grande defensor da causa ecológica. E o seu condomínio, com o nosso inovador programa de subsídios, é a prova de que não são apenas babacas cheios da grana que podem ter uma casa sustentável, mas também a classe trabalhadora. O Vale Verde é a menina dos olhos do governador. Ele está falando sobre isso na imprensa há *meses*.

– Sei que isso é constrangedor – retrucou Mike. – E peço desculpas.

– O programa de subsídios é um projeto piloto, ainda bastante frágil. O governador está no meio do fogo cruzado. Se não tivermos um condomínio-modelo para mostrar os benefícios de geração de energia, em pouco tempo o auxílio será cancelado. Você sabe que a eleição é daqui a um mês, não sabe? O governador assumiu um grande risco ao apostar em algumas iniciativas para conseguir votos. Foi por isso que marcamos a coletiva de imprensa, a sessão de fotos, a cerimônia de premiação no próximo domingo... Quanto tempo vai demorar para trocar esses encanamentos?

Mike sentiu um nó na garganta.

– Meses.

– E seu prêmio de liderança comunitária...?

– Obviamente, vou ter que renunciar a ele.

– Mas o problema é o seguinte – retrucou Garner. – Sem cerimônia de premiação, nada de imprensa. Sem imprensa, nada de apoio público. E sem o apoio público os compradores dos imóveis não terão nenhum subsídio governamental.

A boca de Mike ficou seca.

– Qual é o valor do subsídio? – perguntou Garner. – Trezentos mil por família?

– Duzentos e setenta e cinco – respondeu Mike quase sem voz.

– E quem está se mudando para lá são famílias de classe média. A questão é essa. Como você vai dizer a essas pessoas que elas só vão poder se mudar para as casas novas daqui a *meses* e que o subsídio com o qual já estavam contando não existe mais? – Ele fez uma cara de desagrado. – Que vão ter que arcar com quase *trezentos mil dólares* além do orçamento? Ou você estava planejando arcar com esse prejuízo também?

Mike engoliu em seco.

– Estou longe de ter esse dinheiro.

– Então você tem certeza que quer repassar o problema para essas famílias?

Pela primeira vez, Mike não tinha uma resposta pronta.

Garner empurrou a fotografia de volta para Mike com o dedo, deslizando-a pelo tampo da escrivaninha antiga.

Mike olhou fixamente para ela.

Ouviram uma batida insistente na porta. Um jovem assistente entrou no escritório e disse:

– Precisamos dele *agora*. O fotógrafo já está impaciente e o governador tem que pegar o voo de volta para Sacramento.

Por trás dele, Mike pôde ver o governador contando uma piada com seu sotaque austríaco. Garner levantou um dedo pedindo mais um tempo. O assistente suspirou.

– Trinta segundos – disse ele, saindo em seguida.

Mike e Garner se entreolharam. O silêncio só era quebrado pelo tique-taque de um relógio de parede e por conversas abafadas do lado de fora.

– Então, o que me diz? – Garner se inclinou para a frente por sobre a mesa. – Pensando no bem daquelas quarenta famílias, acha que consegue dar um sorriso para as câmeras?

Ele fez um gesto em direção à sala de estar e a abotoadura de ouro no punho de sua camisa reluziu.

Em seu quarto, sentado sobre os pés com os joelhos dobrados, Mike olhou para as chamas da lareira, que lançavam um brilho alaranjado em seu rosto, no tapete e no edredom branco da cama. A foto reveladora que mostrava a junta de PVC aparente estava em sua mão. Ridiculamente, lhe ocorreu que sua posição era a de um samurai envergonhado.

Annabel estava de pé atrás dele, tentando entender a cena. Ainda bem que Kat estava em seu quarto de porta fechada, concentrada no dever de casa.

Annabel não dissera uma palavra desde que ele entrara em casa aos trancos e barrancos, fora direto para o quarto, arrancara o terno e se abaixara no chão. Ela não precisava falar nada. Já imaginava o que tinha acontecido. Estava só esperando que ele lhe confirmasse.

– Eles não querem saber de atrasos – contou ele quando finalmente abriu a boca. – Querem capitalizar as matérias que a cerimônia de premiação vai gerar. Argumentaram que as famílias vão

perder o subsídio do governo.

– Então deveríamos absorver o custo que isso geraria para elas – sugeriu Annabel. – Qual é o valor? Além do preço da substituição da tubulação?

– Onze milhões de dólares.

Annabel perdeu o ar.

– Então... o que vamos fazer? – perguntou ela.

Mike jogou a foto nas chamas. Em segundos ela se reduziu a cinzas.

– Certo. – A voz dela ficou desanimada e quase inaudível. – Acho melhor eu comprar um vestido novo.

Ela entrou no banheiro e fechou a porta. Mike olhou fixamente para o fogo, perguntando a si mesmo quais seriam as consequências de uma mentira dessa.

5

UM CHORO INTERMITENTE DE bebê irrompeu no ar noturno. Vinha da cesta que fora deixada na varanda da frente. As pontas de um macio cobertor azul pendiam para fora da palha trançada. Estava tudo calmo, a não ser pelos mosquitos que voavam ao redor da lâmpada da varanda. Trepadeiras de jasmim erguiam-se pela parede, perfumando o ar. Utilitários subiam e desciam a rua com os para-choques cintilando. Uma em cada três casas estava em reforma e as caçambas de lixo na porta eram, junto com os Porsches cobertos por capas protetoras, uma marca da riqueza do bairro.

O choro foi ficando cada vez mais alto. Finalmente, passos ecoaram dentro da casa, seguidos pelo ruído do alarme sendo desligado. A porta da frente se abriu até onde a corrente de segurança permitia e um rosto feminino sonolento apareceu. A mulher deu um grito sufocado, depois fechou a porta para desenganchar a corrente e em seguida saiu para a varanda. Era uma senhora bem conservada de 50 e poucos anos, vestindo um roupão de banho azul fechado até o pescoço. Seus joelhos estalaram quando ela se abaixou para pegar a cesta com mãos trêmulas.

O cobertor estava embolado e ela começou a remexê-lo, de forma frenética mas cuidadosa. O choro aumentou ainda mais de volume, até que ela desdobrou a última ponta de tecido e ficou olhando para baixo fixamente, estarrecida.

Um gravador de microcassete.

A tecla "play" estava pressionada, o choro de bebê saindo pelos pequenos alto-falantes.

O ruído de uma folha seca sendo esmigalhada soou na escuridão do gramado da frente e depois a forma maciça de um homem foi iluminada pela lâmpada da varanda. Um punho enorme coberto com uma luva atravessou o ar na direção dela, atingindo-a na altura do olho e jogando-a de encontro à porta com tanta força que quando ela caiu dentro da casa a maçaneta interna bateu violentamente na parede.

Um momento de silêncio. Até os grilos pararam de cantar.

O homem ficou parado na porta da casa, com a respiração densa e os ombros curvados. Sua mera presença era uma afronta naquele tranquilo bairro residencial. O rosto bonito e de traços comuns estava estranhamente inexpressivo. Ele segurava um grosso saco preto de pano.

Seguiu-se outra série de passos atravessando o gramado úmido e um segundo homem apareceu à luz da varanda. Era magro e de estatura mediana, mas parecia menor ao lado do comparsa. Seu andar era arrastado, com um dos pés levemente virado para dentro, o que combinava com o estranho posicionamento de seu pulso direito. Quando ele terminou de calçar as luvas pretas, seus braços sofreram um leve espasmo, um sintoma da doença.

Ellen Rogers estava caída de bruços no chão, grunhindo de dor, com um olho gravemente ferido e o osso malar afundado. Seu nariz tinha sido quebrado e não parava de sangrar. Uma de suas pernas estava dobrada para cima, como se ela estivesse nadando. Sua respiração emitia um ruído baixo, animal.

Os dois homens entraram na casa, fecharam a porta e olharam para ela. O mais magro, William, disse com delicadeza:

– Desculpe, querida. Dodge não consegue controlar a própria força. Sinto muito por seu rosto. Não pense que também não estamos sofrendo ao vê-la assim.

Ela choramingou e cuspiu um pouco de sangue no piso.

Quando Dodge largou o saco preto no chão, ele fez um barulho metálico. O homem colocou dois cigarros na boca, acendeu-os com um isqueiro barato de plástico que estava no bolso de sua camisa e passou um para o colega. William abriu a boca de dentes amarelados, deu um trago, fechou os olhos e deixou uma camada fantasmagórica de fumaça sair de seus lábios entreabertos.

– Sr. Rogers – chamou ele. – Podemos dar uma palavrinha com o senhor?

A luz fraca emitida pelo abajur de grife era a única iluminação do ambiente. Na escuridão quase total, as paredes verde-escuras do escritório pareciam pretas e podiam dar a impressão de que nem existiam. Do outro lado da mesa, um descanso de tela mostrando as cotações de ações na bolsa de valores brilhava. Em cima de um aparador havia um porta-retratos com uma foto da família alguns anos antes, posando descontraidamente no convés traseiro de um barco: pais orgulhosos inclinavam-se sobre os dois filhos adolescentes – um rapaz e uma moça –, todos sorrindo e vestindo camisas polo em tons pastel. Os elementos náuticos se espalhavam pelo cômodo: uma bússola de bronze polido, um telescópio dourado, uma antiga lupa pousada sobre as páginas de um atlas encadernado em couro. Era o escritório de um homem que se imaginava o capitão do próprio destino. Mas William e Dodge não tinham escolhido aquele aposento pela decoração.

Haviam optado por ele porque era à prova de som.

Ted Rogers amparava sua mulher no sofá de couro, que Dodge cobrira com uma capa de plástico. Ted tinha uma expressão suave que combinava perfeitamente com sua idade e sua situação financeira. No entanto, a bela barriga estufada, os óculos que acentuavam o rosto redondo e a barba grisalha bem aparada pareciam agora completamente abalados pela dor e pelo pavor. Quando William lhe pediu para ir até o escritório, ele deu uma olhada em Dodge e obedeceu no mesmo instante.

Ellen tremia nos braços do marido, soltando murmúrios incompreensíveis. As mãos roliças de Ted tentavam manter sua cabeça ereta.

– O chefe não está nada satisfeito – começou William, coçando calmamente a nuca. – O que o senhor fez vai lhe custar muito caro.

Os móveis do escritório recendiam a fumaça de charuto, um odor doce e reconfortante.

– Eu... por favor, diga a ele que... – disse Ted – agora eu entendo a gravidade...

William levantou um dedo.

– O que o chefe lhe disse?

– Posso devolver tudo amanhã na primeira hora. Eu juro.

– *O que o chefe lhe disse?* – repetiu ele de forma veemente.

O coração de Ted começou a bater mais forte dentro do peito.

– Que, se eu trair a confiança dele, ele vai me matar.

William fez um gesto estimulando-o a continuar, a fumaça do cigarro saindo em círculos de sua boca.

– *Como* ele vai matar?

Ted se inclinou para a frente, engasgou um pouco, secou a boca. Quando falou, sua voz saiu alta demais.

– Com dor. – Ele levantou a mão com os dedos gorduchos abertos, um homem acostumado a resolver conflitos, a entrar em acordo, a encontrar soluções sensatas. – Veja só – continuou, conseguindo focar os olhos em William –, você pode ficar com *tudo*. Qualquer que tenha sido o prejuízo que eu causei, posso pagar. Quero dizer, não é possível que ele *prefira*...

Ele falava aos trancos, como um motor engasgando.

William e Dodge estavam parados, só observando-o.

Ted passou a língua pelos lábios, muito nervoso.

– Eu estava com problemas e tomei uma decisão idiota. Mas posso voltar atrás. Posso arcar com todos os custos possíveis dessa resolução precipitada. Posso hipotecar a casa de novo. Tenho ações em... em...

Ao lado dele, sua mulher tinha desmaiado. Ted começou a chorar.

– Olhem para ela. Deixem-me levá-la para o hospital. Deixem-me ligar para a emergência. Não vamos dizer nada do que aconteceu. Ainda temos tempo de resolver a situação.

William virou o cigarro ao contrário, estudando a ponta acesa. Depois o enterrou no próprio dente da frente, para apagá-lo, e colocou a guimba com cuidado em um saco plástico. Após guardá-lo no bolso, continuou como se não tivesse sido interrompido:

– Tive um tio que sempre dizia: "Tudo o que temos na vida é nossa palavra, aquilo que prometemos que vamos fazer." Nosso chefe é um homem de palavra. Eu também. Ética, sabe? Então, temos um impasse aqui. Não gostamos de machucar as pessoas, mas temos que cumprir o que prometemos. Precisamos obedecer às ordens, como no exército, ou então as coisas não dão certo. É triste, mas tem que ser assim. – Seus olhos muito próximos um do outro nunca vacilavam. A pele pálida de seu maxilar era coberta por uma barba louro-avermelhada. Um cheiro ácido de remédio se desprendia dele. – No nosso ramo, a gente precisa ter certeza que as promessas sejam cumpridas. Se não forem, abre-se um precedente. Você, Ted, é esse precedente.

Ted abriu uma das pálpebras de Ellen com o polegar. A pupila estava escura e dilatada.

– *Por favor*, vocês podem... levá-la para o hospital? – implorou ele. – Ela não tem nada a ver com isso. Ela não sabia de nada...

O tiro, mesmo abafado, fez com que ele pulasse de susto. A cabeça de Ellen balançou e uma única pena voou, ensanguentada, de dentro da almofada em que ela estava apoiada, através do buraco recém-aberto no tecido. No mesmo instante, Ted foi tomado pelo choque – olhos vidrados,

boca aberta, músculos trêmulos. Deixou escapar um ruído baixo e incompreensível.

Dodge se inclinou, pegou o saco aberto no chão e começou a remexer lá dentro. Objetos se chocaram, fazendo um barulho metálico.

– Temos que tirar fotos – explicou William. – Em estágios diversos. Para mostrar à próxima pessoa que achar que pode enrolar o chefe o que vai acontecer com ela.

Quando Dodge tirou a mão de dentro do saco, estava segurando um martelo.

Ted grunhiu baixinho.

– Agora quero que você se sente ali – pediu William. – Para termos mais espaço. Não, ali. Isso. Obrigado.

Atordoado, Ted assentiu. William deu um passo para trás e admirou o posicionamento dele.

– O Dodge sempre fica meio impaciente nessas situações, então vamos continuar. Dodge, por onde quer começar?

O homem levantou o martelo e bateu-o na palma da mão.

– Articulações – disse ele.

A van branca subia a larga estrada de terra ruidosamente, ziguezagueando ao longo do caminho cheio de lixo. O solo enfim se nivelou e o veículo passou por uma cerca interminável de um ferro-velho abandonado. Lá dentro havia pilhas altas formadas por veículos amassados em fardos retangulares, com longos espaços escuros correndo entre elas. Sacos plásticos vazios presos no arame farpado balançavam ao vento. A ferrugem, misturada com a sujeira do topo da colina, tinha tornado o solo avermelhado.

Depois do ferro-velho, após uma reentrância formada por ervas daninhas secas, via-se uma casa de dois andares feita de ripas de madeira. A frente da construção ficava para o oeste. Um carvalho todo retorcido erguia-se da terra como em um quadro.

A van parou na frente da casa, levantando uma nuvem de poeira ao frear. A brisa aumentou até emitir um assovio, como se fosse um lamento. Dodge desceu do carro, bateu a porta e esticou as costas. A manhã ainda não havia nascido completamente, então estava escuro e o cume da colina estava tão deserto quanto uma mina abandonada.

Uma luz piscou no andar de cima da casa.

William demorou um pouco mais para descer do carro. Com o corpo trêmulo, pegou um remédio no bolso de trás da calça e engoliu em seco, depois esfregou as mãos nas pernas. Jogou um punhado de sementes de girassol na boca, mastigou-as com precisão mecânica e depois cuspiu algumas cascas no chão sujo. Começara a mascar fumo aos 11 anos, mas alguém lhe mostrara, havia alguns anos, um vídeo de pessoas com buracos nos lábios e nas bochechas, então o jeito era mascar sementes de girassol. Já tinha problemas suficientes sem uma peneira do lugar do maxilar.

Deu a volta ao redor da van, passou a mão pela pintura branca lascada e abriu a porta traseira. Ted emergiu lá de dentro, berrando a plenos pulmões, mas sua voz era abafada pelo travesseiro amarrado em volta da cabeça. William deu um passo para o lado, com a perna flácida quase se

dobrando, e Ted caiu direto no chão com um grito de dor sufocado. Seus braços pendiam ao lado do corpo, quebrados na altura dos ombros e dos cotovelos.

Ele usou o queixo como apoio para se levantar, gemendo e vacilando como um animal cego, depois começou a andar. O travesseiro estava salpicado de vermelho em volta do buraco que William fizera com uma faca na altura de sua boca, para deixar algum ar entrar. Tinha sido difícil acertar o lugar enquanto os dois lutavam.

Cerca de 3 metros depois, Ted tropeçou e caiu. Ficou de pé de novo e continuou andando.

O irmão de William, Hanley, saiu pela porta da frente, parou na varanda bamba, prestes a desmoronar, e vislumbrou o vale de Sacramento. A luz do sol começava a surgir no horizonte, um fino risco dourado. Hanley assentiu ligeiramente com a cabeça, como se estivesse saudando o novo dia, desceu os degraus e deu uma olhada na traseira da van. Lá dentro havia um corpo bem amarrado em uma capa de plástico, uma almofada de couro perfurada por uma bala e trapos embebidos em cloro com um cheiro tão forte que fazia os olhos arderem. Quando Hanley cutucou a almofada para avaliar o buraco do tiro, o aparelho de microcassete ao lado dela voltou à vida. O choro de bebê ecoou até que ele interrompesse a gravação de novo.

O chão do espaçoso quintal da frente era irregular, coberto de ervas daninhas. Ted correu, tropeçou, se arrastou de joelhos e correu de novo, freneticamente e em zigue-zagues, sem conseguir avançar muito. Os três homens não prestavam a menor atenção nele.

Hanley passou a mão no rosto e a barba por fazer produziu um som de lixa. A semelhança entre os dois irmãos era notável, embora Hanley fosse claramente uma versão mais saudável de William, o mais velho. Seus músculos eram bem definidos e sua pele, clara e macia. Ele não tinha membros tortos e sua postura não era esquisita.

– Ótimo trabalho, mano – falou. – Dodge fez a parte dele?

Sua voz denotava impaciência. Tudo aquilo era novo e excitante para ele.

– Fez, sim – confirmou William.

Dodge remexia no saco de pano. Ele vestira um avental de açougueiro de borracha e óculos de matadouro. O avental, amarrado com força em volta da cintura, tinha marcas de serviços anteriores. O homem parou de catalogar os instrumentos e se empertigou, com a cabeça ultrapassando a altura da van. Seu rosto não demonstrava nenhuma emoção.

Atrás deles, Ted colidiu com o tronco do carvalho e caiu com toda a força, soltando um grunhido. Seu corpo se misturou com o capim ondulante. Ele se esforçou para ficar de pé de novo e deu vários tropeços para a frente, formando uma nova trajetória.

William assentiu.

– Vamos preparar o porão – disse ele.

Os irmãos foram em direção à casa e Hanley ajudou William a subir os degraus.

De alguma forma, Ted conseguira percorrer toda a extensão do amplo quintal. O som de sua respiração irregular era carregado pelo vento. Ele estava soluçando algo ininteligível, tentando formar palavras.

Dodge jogou o saco de pano no ombro e saiu andando calmamente atrás dele.

Jogando todo o peso de seu corpo sobre o irmão, William puxava a perna aleijada para cima, um degrau depois do outro. Quando alcançaram a varanda, ele deu uma olhada no jornal *The Sacramento Bee* jogado no chão, envolto em um saco plástico. Parou bruscamente.

– Que foi, mano? – quis saber Hanley. – Tudo bem?

William fez uma cara de dúvida. Apontou para a fotografia na primeira página do jornal.

Hanley olhou para baixo e ficou estarrecido.

– Não é possível. Não pode ser.

O olhar de William endureceu e ele cuspiu restos de sementes de girassol em cima do rosto na foto.

– *Parece* muito com ele. Vamos investigar. Precisamos ter certeza.

– E depois?

Nesse momento, Dodge alcançou Ted. Ouviu-se um barulho de ossos e tendões sendo esmigalhados, seguido de um grito agudo e vacilante. Ted soltou um grunhido quando o homem o ergueu e o colocou no ombro, seus braços pendendo desordenados às costas do brutamontes.

– Estou indo – gritou Dodge.

ANTES

6

– Qual é o seu nome? Ele ouve? Será que está escutando? Olá! E aí? Como você se chama?

– Michael.

– Ótimo, garoto. E seu sobrenome? Pode me dizer seu sobrenome?

– Ele está em choque, detetive.

– Você não sabe seu sobrenome? E qual é o nome do seu pai? Você sabe?

– John.

– Bom, muito bom. E sua mãe? Lembra como ela se chama? Olá! Qual é o nome da sua mãe?

– Mamãe.

– Hã... tudo bem. John e mamãe. É um começo, certo?

– Não sei como o sarcasmo vai ajudar qualquer um de vocês, detetive. Michael, querido, quantos anos você tem?

– Quatro anos e três meses.

– Bom, garoto, muito bom. Agora temos que descobrir como vamos fazer para levá-lo para casa. Está entendendo?

– Acho que deveríamos lhe dar mais algum tempo, detetive.

– Tempo é o mais importante, minha senhora. Filho, você mora aqui por perto? Você sabe... Ei, garoto, aqui. Olhe para mim.

– Eu realmente acho que deveria concluir minha avaliação antes...

– De que cidade você é? Michael? Michael? Você sabe o nome da sua cidade?

– Estados Unidos da América.

– Meu Deus...

7

Os primeiros anos se passaram em pedaços soltos, fragmentos dolorosos. Foram definidos por vozes. Por conversas. Como esta:

– E uma rua? Vamos lá, ajude a gente. Você deve se lembrar de uma placa de rua, de *alguma* coisa.

Ao ouvir isso, ele aponta para a letra X em um jogo de peças do alfabeto.

– Ei, Joe, você conhece algum nome de rua que comece com X?

– Que tal rua da Puta que o Pariu?

– Acho que essa começa com *P*...

Ou esta:

– Meu pai vai voltar.

– Claro, seu merdinha. Minha mamãezinha também. *Todos* os nossos pais vão voltar. Vamos ter uma ceia de Natal com um peru enorme e dormir abraçados perto da lareira.

Havia flashes também – luzes e movimento, fotografias que podiam ser colocadas juntas para formar roteiros imprevisíveis.

Tinha a Viagem ao Hospital, ele trêmulo naquela sala branca, apavorado por ter sido levado até ali para ser sacrificado como o Dobermann do vizinho que tinha mordido o vendedor daquela loja de departamentos. (Que vizinho? Por que se lembrar do vendedor da tal loja mas não do nome da própria mãe?)

O médico vai até ele, uma figura alta, autoritária e com hálito de enxaguante bucal, e o leva até uma sala minúscula. Ele caminha passivamente em direção à própria morte. Lá dentro contam seus dentes, testam suas habilidades motoras, fazem uma radiografia de sua mão e de seu pulso esquerdos para avaliar o desenvolvimento ósseo. Após a bateria de exames, dão-lhe uma data de aniversário.

Uma semana depois, ele ganha um sobrenome que é concedido a todas as pessoas desconhecidas, que não se sabe de onde vêm.

Doe.

Uma atribuição aleatória feita por um funcionário qualquer em um escritório desconhecido. Ter uma marca como essa, uma droga de um sobrenome que não lhe pertencia e que podia ficar com ele para sempre, parecia uma condenação à prisão perpétua por um crime que não tinha cometido. Michael Doe. Renascido, rebatizado e abandonado para começar do zero.

Com o passar dos meses, ele foi acrescentando algumas lembranças a seu conjunto de memórias, alterando outras, perdendo alguns fragmentos devido ao choque que tinha vivido e que continuaria a viver. Ele poliu a narrativa de sua vida como se fosse uma pedra de rio, desgastando-a e revelando novos contornos, até que o que restou à sua contemplação fosse algo totalmente diferente de sua forma original. Mas isso – essa fusão adulterada de seu passado e do que

aconteceu depois – era tudo o que ele tinha. Sua história imperfeita. Sua vida.

Uma eterna névoa.

Quando tudo clareou, ele estava com 6 anos.

Uma casa em ruínas no final de uma alameda cheia de árvores frondosas. Ele está ajoelhado, olhando por uma janela enorme, com os cotovelos no parapeito e os punhos apoiando as bochechas. Esperando. A almofada amarela xadrez na qual está ajoelhado fede a mijo de gato. Esperando. Um carro para na frente da casa e sua alegria não tem fim, mas o carro segue adiante e desaparece. Esperando.

Uma voz de menina atrás dele.

– O merdinha ainda acha que o papai vai voltar.

Ele não falara a ninguém sobre sua mãe. Que achava que ela estava morta. Sua mente voava como uma borboleta sobre flores venenosas. Será que seu pai a matara? Será que usara uma faca? Qual seria sua herança sangrenta?

Ele não se afasta da janela, mas seus pensamentos passam para os garotos atrás dele, covardes agrupados no tapete velho. Uma voz se eleva sobre as outras, alta e cruel como a de um pré-adolescente:

– Esquece isso, seu zé-ninguém. O papai não quer você.

Mike tenta desacelerar o tempo. Toma a decisão consciente de fechar a mão em um punho, apertar bem forte, posicionar o polegar no lugar certo. É com essa mão que ele vai bater. Então a raiva o domina e o rosto de Charlie Dubronski fica paralisado em uma expressão de surpresa quando Mike ataca. Mas um soco mais forte que o de Mike é desferido naquela manhã de sol. Mike rodopia no tapete cor de ferrugem e sente uma dor se espalhar pelo maxilar. Depois Dubronski se inclina sobre ele, com as mãos nos joelhos, o rosto vermelho e um olhar de desafio.

– Como está o tempo aí embaixo, seu zé-ninguém?

Mais calmo na próxima vez, pensa Mike.

E depois, semanas mais tarde, ele está no banheiro às três da manhã, o único momento em que não está ocupado. Ele usa um banquinho para poder se inclinar sobre a pia e ver o próprio rosto na fraca luz noturna. Ao olhar para o espelho, vê uma pessoa perdida. Ele examina seus traços. Não tem os ossos do rosto salientes como os de sua mãe. Não puxou seus lindos cabelos negros. Sua pele não cheira a canela e suas roupas não têm o aroma de patchuli como as dela. Quanto ao pai, todas as lembranças que tem dele são boas, com exceção da última. Mas o que importa é a qualidade das recordações, não a quantidade. Pensa nas mãos do pai segurando forte o volante. A mancha vermelha no punho de sua camisa.

Tem medo de se parecer com ele. Não consegue evitar.

Não sabe seu sobrenome. Não sabe em que estado nasceu. Não sabe como era seu quarto, ou os brinquedos que tinha, ou se a mãe costumava beijar sua testa como as mães dos livros infantis. O que sabe é que o ano é 1982, que ele tem 6 anos de idade e que está em um lar adotivo com superlotação naquele vale enevoado.

Quando amanhece, a Mamãe do Sofá está sentada no estofado de veludo cotelê gritando instruções, exalando cheiro de talco de bebê e outra coisa pior que isso, algo com fedor de podre. Um cinzeiro está em cima de sua barriga, flutuando em um mar de pano de algodão listrado entre seus seios e suas coxas disformes. Seus cabelos são louro-avermelhados, arrumados em um penteado dos anos 1960. Ela tem o sorriso fácil e sua voz de fumante ecoa atrás das crianças no saguão: *Charlie, querido, pegue o tapete do banheiro. Tony, querido, vá lavar a louça. Michael, querido, esvazie meu cinzeiro*.

A cômoda comunitária. Ele odeia a cômoda comunitária. Detesta ser o último a se vestir para ir à escola e ser obrigado a usar a camisa salmão que é confundida o dia inteiro com rosa. Ele afana camisas durante a madrugada e dorme vestido. Só que esta noite, quando acaba de escovar os dentes e volta para seu lugar, seu travesseiro está virado ao contrário – a camisa azul listrada se foi. Dubronski, deitado de pernas cruzadas em sua cama, está sorrindo. E, é claro, Tony Moreno, o magrelo que é seu companheiro inseparável, está morrendo de rir.

– Pode ir devolvendo – exige Mike.

Dubronski vira as palmas das mãos gordas para cima, de forma provocativa, e faz cara de inocente.

– Devolvendo o quê?

Tony acha isso hilário.

– Ela nem cabe em você – argumenta Mike.

– Então por que você não vem pegar? – desafia Dubronski. – Ah, já sei. Porque vou acabar com você.

Mike é tomado pela ira. Sente uma chama vermelha e quente tremular em seu peito, mas dessa vez está totalmente sob controle. Ele se inclina para a frente e diz:

– É, mas alguma hora você vai cair no sono. E minha cama é bem ao lado da sua.

A expressão de Dubronski muda e Tony para de rir. No entanto, Dubronski se recupera rápido e diz palavras duras. Não pode desistir da camisa, não agora, com seis pares de olhos em cima dele. Mas o fedor de seu medo exala no quarto depois que as luzes são apagadas. A magia foi quebrada.

No dia seguinte, Dubronski vai mancando para a escola e Mike se torna o Guerreiro da Camisa Azul Listrada.

Ele está na janela, como sempre. Esperando. *Michael, querido, vá brincar lá fora, você* nunca sai *dessa janela*. Há um menino novo, pele e osso, com pés enormes. Quando ele chegou, seu cabelo era cacheado e comprido, mas agora está quase raspado como o de todos os outros. Os piolhos atacam com tanta frequência que a Mamãe do Sofá ordena que os cabelos de todos sejam cortados ao mesmo tempo. Ela pega a tesoura e age de forma tão automática e impessoal que parece burocrata preenchendo um documento. A prática superando a qualidade, sempre.

O garoto novo tem um nome estranho: Shep, que é apelido de Shepherd. Neste exato momento, Dubronski e Tony estão lhe batendo. De seu lugar cativo na janela, Mike vê que ele está se levantando e que seus lábios estão sangrando. Outro soco. A boca de Dubronski forma as seguintes

palavras: *Fique no chão, seu veadinho*. Os filhos dos vizinhos espiam pela janela. Já estão acostumados com a arena de gladiadores que é a casa número 1.788 da Shady Lane. Shep não desiste e fica de pé. Dubronski prepara o punho para dar o quinto soco – ou poderia muito bem ser o 15º. De repente a Mamãe do Sofá chama da sala de estar – "O jantar tá na mesaaa" –, pondo fim às festividades do dia.

A voz do garoto novo é engraçada, alta demais – *Ei, retardado, por que você fala igual a um retardado?* –, então ele não fala muito. Faz as refeições na mesa comprida da cozinha, de cabeça baixa. Come tão rápido que seu corpo raquítico queima as calorias do alimento antes que ele termine de mastigar. Quando Mamãe do Sofá se levanta para encher de novo seu jarro de refresco em pó, Dubronski se inclina por cima da mesa e dá um tapa no garfo de Shep, que está a caminho da boca. O garoto solta um grito abafado. A Mamãe do Sofá se vira.

– O que houve, Shepherd, querido?

Ele estremece e balança a cabeça. Quando a mulher desaparece de novo atrás da porta da geladeira, ele afunda o rosto em um guardanapo e limpa o sangue da boca.

Mike tem um sonho e sua mente não para de fantasiar um lar perfeito, com pratos cheios de panquecas e lençóis branquíssimos. Acorda apertado em uma cama de lona minúscula, debaixo de um teto repleto de manchas de infiltração.

De volta à almofada amarela xadrez. Esperando. Shep está lá fora, na frente da casa. A Mamãe do Sofá assiste atentamente a um programa de auditório na sala, comendo melão. Dubronski derruba Shep no chão sujo. O menino se levanta, com a calça jeans rasgada e os joelhos sangrando. Até Tony é capaz de jogar o garoto no chão. Mike ouve os gritos de Dubronski, exasperado: "Fique no chão, seu merda! Fique no chão!" Shep se levanta mais uma vez. Mike desvia o olhar para o fim da rua. Não há nenhuma caminhonete lá.

Hoje é dia de hambúrguer. A abobrinha estava em promoção, então entra no lugar da cebola na receita. Os pedaços de abobrinha não deveriam aparecer na carne do hambúrguer, mas as crianças do abrigo estão com fome e comem tudo. Os ruídos da estação da polícia interferem na frequência do rádio ao lado da torradeira. Dubronski acabou de tomar insulina, então precisa esperar quinze minutos para comer. Quando o tempo se esgota, ele corre para a cozinha. No caminho de volta, para trás de Shep, levanta a bandeja cheia de coisas acima da cabeça dele e a larga com tudo na mesa. O barulho é assustador, mas Shep nem pisca. O molho do hambúrguer respinga em seu rosto. Impassível, ele pega um punhado da carne com a mão e o põe na boca. A Mamãe do Sofá olha para ele de lado, sem parar de mastigar, e no dia seguinte Shep chega atrasado à escola, usando um aparelho de surdez doado pelo Shriners Hospital, um estabelecimento comunitário. No pátio, na hora do recreio, Dubronski avista seu alvo.

– Ei, olhem só o velhinho! Shep tem que usar um aparelho de surdez de *velho*!

As crianças se juntam em torno dele. Shep tira o aparelho bege dos ouvidos, joga-o no chão e pisa em cima dele, amassando-o com o tênis. Seu olhar é firme, inabalável, e pela primeira vez sua voz não desafina:

– Não tenho que usar nada.

De repente uma história envolvendo o pai alcoólatra de Shep e uma arma começa a correr, mas sem detalhes definidos. Shep não se abre com ninguém, porque não quer que as pessoas saibam de sua vida. Enquanto Mike tem força física, Shep tem força de vontade, e Mike sabe muito bem qual das duas é mais difícil de encontrar.

O tempo se arrasta por mais alguns meses e lá está Mike, ainda na almofada amarela cheirando a mijo, com o nariz colado na janela. Uma luz sobrenatural penetra na casa número 1.788 da Shady Lane, tornando-a cinza como num filme em preto e branco. A rua está vazia. Uma caminhonete faz a curva e Mike sente o coração disparar. O veículo se aproxima e – *sim* – estaciona, e – *sim* – sai um homem de dentro dele, um homem solitário que – *sim* – percorre a calçada. Um raio de luz passa pelos galhos das árvores, iluminando completamente o rosto dele, e – *sim* – é seu pai. Mike corre para a porta e o homem o agarra com braços fortes, os dois girando como um casal de comercial de xampu em um campo florido. Quando o garoto o abraça, sente a quentura daquele rosto de encontro ao seu, a barba recém-feita raspando levemente sua pele, a dobra do colarinho engomado. Seu pai o coloca no chão e diz: *Me perdoe. Voltei para buscá-lo no parquinho, mas você tinha ido embora. Passei esses anos todos procurando você, sem comer, sem dormir, e olhe só* – ele mostra o punho da camisa com a marca de sangue –, *é só uma mancha de ketchup, e veja quem está ali* – ele aponta para o carro e lá está a mãe de Mike acenando do banco do carona, com um sorriso iluminado e...

Mike está sendo sacolejado para acordar. Ele tenta se esquivar, enterra o rosto no travesseiro e se agarra aos resquícios do sonho. Mas a mão que o sacode é persistente. Ele se vira e olha para o rosto perfumado e flácido.

– Michael, querido, venha comigo.

No mesmo instante ele é tomado pelo pânico e fica ensopado de suor – *mais uma mudança, mais um abandono* –, mas sai andando de cueca e os pés descalços no chão gelado, seguindo a Mamãe do Sofá a caminho de sua destruição. Ela anda rápido e a casa range sob seu peso. Na cozinha, Mike estreita os olhos e vê um bolo em cima da mesa, debaixo de um feixe de luz amarela. Seu nome está escrito na cobertura de merengue. Ele se vira para a Mamãe do Sofá, mas ela está com o olhar iluminado fixo no bolo. Ele não entende nada.

– Hoje não é meu aniversário.

– Não – responde ela. – É *nosso* aniversário. Faz um ano que eu peguei você para criar.

A respiração dele para por um instante. De repente Mike corre para ela e a abraça, enterrando o rosto nas dobras macias de sua camisola.

– Eu amo você – fala o menino.

– Também não precisamos exagerar.

No dia seguinte, ele está de volta à almofada amarela. Esperando. A janela tem mil manchas, marcas de seu nariz e sua testa. Mil e uma. Esperando. Ele pensa no tempo que já passou ali e se pergunta se a vida se resume a isto – um ano após o outro sem qualquer acontecimento inesquecível, um tormento sem fim. Lá fora, Shep leva sua surra diária. Está deitado de costas sobre as belas folhas outonais, Dubronski brandindo um punho fechado acima do rosto dele.

– Não levante daí, seu merdinha. *Não levante*.

Shep não obedece. Os olhos de Mike seguem pelo caminho de folhas alaranjadas e seus padrões geométricos até o fim da rua, na expectativa da caminhonete que ainda não apareceu. Esperando. Ele tenta parar o tempo, congelar esse momento extraordinário como em uma fotografia, apenas para ter algo a que se agarrar, algo que possa guardar. Está esperando o pai.

E então, de repente, começa a odiá-lo.

Shep está de pé de novo – e num instante não está mais. Tony, que usa inexplicavelmente um capacete de futebol americano, não para de cacarejar aquela sua risada idiota, chocando os ombros contra os de Dubronski e pulando de alegria. Shep consegue ficar de quatro, mas para por aí. Pela primeira vez, ele perde as forças.

– Eu avisei, seu nanico surdo de merda. Eu mandei você ficar no chão – diz Dubronski em tom de zombaria.

Shep levanta a cabeça e olha para ele, incapaz de se colocar de pé. Logo passa pela cabeça de Mike que, se o garoto não se erguer, algo belíssimo morrerá ali naquele chão coberto de folhas no número 1.788 da Shady Lane.

Ele vai lá para fora. Dubronski está de pé em cima de Shep, em uma pose de vitória. Tony e três outros formam um semicírculo em torno de Dubronski e não param de se vangloriar. Eles se viram quando a porta de tela bate. Mike caminha na direção deles e o desconforto de Dubronski fica evidente. Mike para na sua frente e o encara, à distância de um cruzado de direita. Shep, ainda de quatro, está atrás de Mike, que sente o calor do corpo dele em suas panturrilhas.

– Pode se levantar – diz Mike, bem alto.

Ele ouve Shep respirando forte, depois escuta seus grunhidos de esforço e então vê a sombra dele de pé.

O rosto de Dubronski fica vermelho.

– Vocês são dois veadinhos que se merecem – exclama ele, mas recuando para se juntar aos outros.

O grupo se dispersa e entra na casa. Silêncio total. A tarde cai e logo o jantar será servido.

Shep sacode a poeira das roupas com a concentração de um executivo tirando fiapos do terno.

Em seguida vai atrás de Mike.

– Onde arrumaram isso?

A Mamãe do Sofá está de pé diante deles, com as pernas trêmulas pelo esforço e as garrafinhas de bebida alcóolica sumindo na palma corada e fofa de sua mão, que mais parece um travesseiro.

Mike e Shep estão com 10 anos. Os dois têm a mesma altura, mas Mike ainda é mais forte. O corpo de Shep, um saco de ossos, não é páreo para o dele.

– O quê? – pergunta Shep.

Ele adquiriu a habilidade de falar baixo para compensar a má audição, os sons guturais e as consoantes pouco claras. As pessoas precisam se inclinar em sua direção para entender o que ele

diz. Shep também aprendeu a usar sua surdez parcial em proveito próprio.

Isso nunca foi mais claro do que neste momento.

A Mamãe do Sofá desvia os olhos de Shep e se concentra em Mike. Ele olha para o suéter cinza de crochê dela, faz uma careta e diz:

– Valley Liquor.

Ela franze a testa e entorta os lábios.

– Vamos lá agora para devolver isso tudo. Quero ver os dois se desculparem e arcarem com as consequências de seus atos. Entenderam?

Mike vê as garrafinhas de 50 mililitros de uísque Jack Daniel's desaparecerem na enorme bolsa da Mamãe do Sofá.

– Sim, senhora – concorda ele.

– O quê? – repete Shep.

Ela não quer saber de brincadeira, porque já está levando-os lá para fora. Assim que saem da casa, ela se abaixa para entrar no Pontiac caindo aos pedaços. Mike só a vira dirigindo poucas vezes, e mesmo assim só para o hospital, quando alguém precisava levar pontos ou tinha uma febre que não cedia. O banco traseiro está totalmente destruído, com as molas pulando para fora, e o assento dela está tão recuado que Shep tem que se sentar no colo de Mike. Apavorados, os dois observam a paisagem enquanto a Mamãe do Sofá dirige com a barriga pressionando o volante, sem parar de resmungar que a caixa de marchas não funciona direito.

Pouco tempo depois, lá estão eles na loja de bebidas falando com o Sr. Sandoval, que nunca os deixa ver as revistas de histórias em quadrinhos, que faz cara feia quando conta as moedinhas que eles levam para comprar refrigerante e que os detesta. Mike resmunga um pedido de desculpas e o velho, que disfarça a rabugice e o ódio na frente da Mamãe do Sofá, responde com um misto de condescendência e generosidade.

Chega a vez de Shep se desculpar, mas Mike sabe que ele não fará isso. Shep não é como ele ou qualquer outra pessoa – o garoto é feito de aço e ninguém consegue dobrá-lo.

– Shepherd, querido, agora você.

– O quê?

– Não me venha com gracinhas. Peça desculpas ao Sr. Sandoval imediatamente.

– O quê?

A situação vai piorando até Mike se sentir tão desconfortável que começa a recuar e seu ombro encosta nas garrafas de tamanho normal nas prateleiras atrás dele. O garoto percebe uma foto que o dono da loja mantém na caixa registradora, presa com uma fita adesiva – sua filha. É uma fotografia de sua turma da escola e ela sorri com orgulho, mas sua saia está manchada e esfarrapada nas pontas. Isso faz Mike se lembrar das camisas comunitárias na cômoda e ele fica cheio de culpa, com todas as suas pressuposições desmoronando à sua frente. Mas seu remorso dura pouco, porque a voz da Mamãe do Sofá se eleva a ponto de suprimir qualquer pensamento.

Bem quando Shep está prestes a triunfar, ele murmura:

– Desculpe.

Mike fica chocado. Nunca vira o amigo ceder e teme que isso o rebaixe de forma irrevogável. Na volta para casa, Mike está mal-humorado. Shep se senta no colo dele e avalia seu rosto. Sua própria expressão é indecifrável. Depois os lábios do garoto se contorcem em uma versão tosca de sorriso. Ele puxa a camisa para cima furtivamente e mostra a garrafinha de uísque que conseguira enfiar dentro da calça.

Mais meia década obscura e lá estão eles com 15 anos. Shep começou a usar uma medalha de São Jerônimo Emiliano, protetor dos órfãos, que roubou de uma loja de penhores. Enquanto Mike espera pelo rápido aumento de altura da adolescência, Shep cresce bastante. Torna-se alto e robusto, com uma musculatura precoce. Apesar das espinhas no rosto, ele agora compra garrafas de uísque sem precisar mostrar a identidade. Na casa, Charlie Dubronski vive em pavor constante, mas Shep nunca chegou a encostar nenhum dedo nele. Só o encara de vez em quando e isso é o bastante.

Mike e Shep pegam o ônibus para o Van Nuys Park. Lá, o sorveteiro se esquece de fechar a traseira da van e eles conseguem roubar picolés enquanto o homem está distraído com os clientes pagantes. Vão para o campo de beisebol, onde um pai, seu filho e o avô brincam. Os dois encostam na cerca de metal e observam a cena com um olhar cínico. O avô atira a bola, o filho rebate e o pai está em alguma posição entre a segunda base e a esquerda do campo, para recuperar a bola e lançá-la de volta. O esquema deles é ótimo. O garoto, que tem mais ou menos a idade deles, dribla uma bola rasteira para o pai.

– Ele só consegue rebater – comenta Mike.

– Porque não é bom o bastante para fazer outra coisa – completa Shep.

O carro do pai, um Saab verde-escuro novinho em folha, está estacionado em uma faixa de areia atrás da cerca e a bicicleta do garoto, um modelo caro de dez marchas, está encostada no para-choque.

– Belo carro – diz Mike.

– Essa marca é uma bosta – retruca Shep.

Mike concorda da boca para fora, mas no fundo adora o Saab, com suas linhas suaves, os ângulos inusitados, o fato de ser um carro com personalidade. O automóvel cheira a riqueza e poder, realização e controle. Mike vê o próprio reflexo na pintura intocada, seu eu idealizado, um futuro que ainda não pode discernir. O adesivo da concessionária chama sua atenção – CONCESSIONÁRIA WINGATE: TEMOS TUDO O QUE VOCÊ QUER! Ele acha que o nome, assim como o carro, ostenta sucesso e vitória.

Uma voz vinda do campo tira Mike de seus devaneios.

– Quer um picolé de chocolate? – grita o pai.

Por um instante, Mike se confunde e acha que o homem está falando com ele. Mas então o filho sorri, joga o bastão para o lado e as três gerações começam a se dirigir à van de sorvete que Mike e Shep acabaram de pilhar.

Ele os observa indo embora. Os longos cachos louros do garoto aparecem por baixo do boné e Mike fica com vergonha do corte rente que ele e Shep usam. Detesta o fato de sua aparência estúpida ser uma concessão aos piolhos.

Shep dá a volta pela cerca, pega o bastão e volta. Dá um chute na bicicleta do garoto.

– Quer dar uma mijada nela?

Já fizeram isso antes.

Mike balança a cabeça.

– O carro primeiro? – insiste Shep.

Ele nunca usa palavras desnecessárias.

Mike olha para o belo Saab e lhe parece uma pena fazer isso, mas há algo queimando em seu peito que ele precisa colocar para fora. Não tem certeza do que seja, mas tem a ver com os dentes brancos brilhantes do pai quando chamou o filho para tomar picolé.

– Não sei – responde Mike.

– Por quê? – indaga Shep.

Ele está envergonhado, mas é Shep quem está ali, e ele pode dizer qualquer coisa a Shep.

– Quero dizer, *se* minha mãe estiver viva, eu devo a ela não me meter em...

– O passado não existe – interrompe Shep.

Mike dá uma risada seca.

– Não existe?

Quando Shep abre a boca para falar, o leve acavalamento de seus dentes da frente fica evidente.

– Só existem duas coisas na vida: lealdade e perseverança. O resto é só distração.

– E onde fica a responsabilidade?

Ele está parecendo a Mamãe do Sofá e odeia a si mesmo por isso.

Shep fala baixo, como sempre:

– Você não é filho de ninguém. Não é irmão de ninguém. Ninguém quer saber de você. E daí? Construa seu próprio caminho. Você pode ser tudo o que quiser. Neste exato momento, por exemplo, é um homem com uma tarefa.

Mike pega o bastão e, com satisfação, dá uma pancada em um dos faróis dianteiros. Outro golpe amassa o capô, e o próximo complementa o serviço. Mike está perdido em uma névoa, em meio a algo pegajoso, doce e insaciável.

Seus braços começam a doer e ele para, sem fôlego. Do outro lado do parque, em alguma caixa de som, o Bon Jovi esbraveja.

Shep pega o bastão e bate na bicicleta. As rodas se dobram, os raios saem voando e o metal retine.

De repente uma voz vem de trás dele.

– Ei, imbecil. *Ei!* Essa bicicleta é minha!

Era o garoto, que tinha se adiantado ao pai e ao avô.

– O quê? – pergunta Shep.

O garoto dá um passo à frente e repete.

– O quê? – diz Shep de novo.

O garoto tenta uma terceira vez. Shep lhe dá uma cabeçada e ele sai gritando. O pai corre na direção deles e Mike fica paralisado. Ele já brigou com muita gente na vida, mas um respeito antiquado pelos adultos o detém. O pai o agarra com força pelo pescoço, com as duas mãos. Em um segundo Shep aparece e no instante seguinte o pai está vergado para trás, sufocado, com a mão dele fechada em seu pescoço.

– Vou largar você – afirma Shep com sua calma característica. – Mas não encoste mais nenhum dedo nele. Entendeu?

O pai concorda e Shep o solta. Depois ajuda o garoto a se levantar.

– Nunca mais me chame de imbecil – avisa Shep.

Ouvem-se sirenes. A boca de Shep está vermelha de corante e Mike tem quase certeza de que a sua também.

Na delegacia, o policial da recepção diz:

– Os garotos da Shady Lane, que surpresa.

Mike e Shep são mandados para salas de interrogatório diferentes. Sozinho, Mike olha fixamente para a parede e lembranças de salas semelhantes voltam à sua mente. *Qual é o nome da sua mãe? Lembra como ela se chama?* Um detetive entra, se senta, lê o relatório, suspira e o joga em cima da mesa de madeira.

– Você não vale a cadeira em que está sentado, seu órfãozinho de merda.

Construa seu próprio caminho, pensa Mike.

– Você causou um prejuízo de cerca de quinze mil dólares – continua o policial.

O estômago dele se contrai quando ele ouve o valor. Sabe nesse momento que sua vida está acabada.

Olha para os pulsos, presos em algemas de plástico. São algemas de criança, porque as de aço tinham ficado grandes demais.

– Antes de mandarmos você para o tribunal – prossegue o detetive –, suas vítimas querem acareá-lo.

O medo vira pânico.

– Não quero falar com ele.

– Quer saber? Quando você é um degenerado fora da lei, não tem opção.

Mike fecha os olhos. Quando os abre, o garoto está à sua frente, o rosto sardento com uma expressão de desdém, o policial e o pai a seu lado. O avô está atrás, com os braços cruzados.

– Vai pedir desculpas? – pergunta o garoto.

Mike sabe que é melhor fazer isso, mas olha para a camisa bem passada do garoto, para a

mancha de chocolate no canto de sua boca, e só consegue pensar: *Jamais*.

O garoto aponta o dedo para ele.

– Você é um *fracassado*. Destruiu minhas coisas porque não tem nada e nunca vai ter. Bem, quer saber de uma coisa? Não é culpa minha se sua vida é uma droga.

Mike fecha os olhos de novo, por um longo tempo. Ouve passos, o rangido da porta se abrindo e um estalido quando ela se fecha. Ao abrir os olhos, o avô está sentado na sua frente. Sozinho.

– O carro era meu – diz ele.

– Pensei que fosse do seu filho – replica Mike.

O homem ri. Ele tem um bigode branco impecavelmente aparado.

– E se fosse, tudo bem?

Mike olha para a mesa de madeira. Alguém tinha escrito FIM DA LINHA, SEU FILHO DA MÃE em sua superfície.

– Fui criado na época da Grande Depressão. Sabe o que isso significa? – O homem espera por uma resposta, mas, como não a obtém, continua: – Se a gente visse um animal atropelado na estrada, meu pai parava no acostamento e nós preparávamos o bicho para comer no jantar. Durante um bom tempo, tivemos que dormir no carro. Passamos dois longos anos sem um teto sobre nossas cabeças.

– Não se pode ter tudo – comenta Mike.

O avô abre os braços.

– Por que não?

– Não sei. Gente como nós não consegue nada na vida.

– Gente como nós?

– Como eu e Shep.

– E eu?

– Você tem um Saab.

– Sei. – Ele cruza as mãos em cima da barriga de velho e assente com a cabeça. – Como você acha que eu consegui comprar aquele carro?

– Como é que *eu* vou saber? Foi a primeira vez que cheguei perto de um carro tão bacana.

– Você é o criminoso aqui, não a vítima. Vamos deixar isso bem claro.

Os olhos dele agora estão implacáveis e Mike fica espantado com a força de sua convicção.

Mike olha para as mãos. Seu polegar tem um borrão azul do papel do picolé. Ele imagina aquele Saab lindo e imaculado (CONCESSIONÁRIA WINGATE: TEMOS TUDO O QUE VOCÊ QUER!) e por um momento o carro e o homem diante dele se tornam um só, viram duas peças polidas e elegantes pertencentes a um mesmo todo. As palavras de Shep ecoam em sua cabeça: *Você pode ser tudo o que quiser*. Mike pensa na pergunta que o velho lhe fez um momento antes – *Como você acha que eu consegui comprar aquele carro?* – e de repente ele está falando baixinho, antes que seu cérebro consiga se dar conta:

– Quando eu sair do reformatório, vou trabalhar para lhe pagar pelo prejuízo que causei.

O homem fecha os olhos e uma expressão suave e beatífica perpassa seu rosto. Mike não entende sua reação. De repente, o velho diz:

– Não vai, não. Não vou formalizar nenhuma acusação e você não será responsabilizado pelo prejuízo.

Mike acha que ele está brincando.

– Vou pagar pelo conserto do carro – continua o avô. – Mas estou comprando algo maior com esse dinheiro. Quer saber o que é?

Petrificado, Mike assente.

– Estou pagando para que você não se sinta mal pelo que fez.

– E qual vai ser a consequência disso? – pergunta Mike, incrédulo.

– Espere e verá – retruca o homem.

Mike e Shep saem livres da delegacia e desse dia em diante Mike começa a ver as coisas de forma um pouco diferente. Os dois jovens continuam inseparáveis, mais próximos do que irmãos, porque fazem parte de uma grande família, apesar de isso nunca ser verbalizado. Como Shep não deu o braço a torcer em sua sala de interrogatório, tem que trabalhar como empacotador em uma mercearia para pagar a bicicleta do garoto enquanto aproveita para vender maços de cigarro que afana de trás do balcão.

À medida que vão crescendo, compram bebidas alcoólicas com identidades falsas, tomam porres homéricos e aprontam inúmeras confusões, mas Mike passa cada vez mais tempo com o nariz enfiado nos livros da escola – *Michael, querido, você vai ser o primeiro daqui a ir para a faculdade* –, estudando para o vestibular, fazendo simulados e tirando notas péssimas. Porém, aos poucos, lá pelo segundo ano do ensino médio, suas notas melhoram e, quando a carta de aceitação da Universidade Estadual da Califórnia chega, ele não conta imediatamente para Shep. Quando todos estão dormindo, ele vai para o pátio, se senta sob o facho da luz de segurança e lê a carta repetidas vezes, acariciando-a como se fosse um tesouro secreto.

Por alguns felizes meses, o caminho à sua frente parece iluminado. A Mamãe do Sofá está orgulhosa – os planos dele de ir para a faculdade deixam os dois satisfeitos. Dubronski e Tony, sempre pouco criativos, começam a inventar apelidos – *E* aí, *Universitário, vai deixar crescer um bigode de gente grande?* –, mas Mike vê o sarcasmo deles como uma forma de elogio.

A cada ano chegam mais crianças abandonadas, mas pela primeira vez Mike percebe que se tornou, estranhamente, um exemplo para eles. Shep também, mas um modelo de outro tipo. Agora que é quase um adulto, Mike passa a ter uma nova visão do funcionamento do lar adotivo. O modo como a Mamãe do Sofá consegue dinheiro do governo para cada pessoa sob seu teto. O modo como às vezes altera a data de uma certidão de nascimento com a ajuda de mulheres como ela, só que em posição melhor que a sua, para garantir que as crianças sejam protegidas de mães cruéis e tios pedófilos. Ele percebe como é afortunado por fazer parte dessa engrenagem.

Ao chegar ao terceiro ano do ensino médio, é um rapaz de 17 anos. Enquanto isso, Shep

aproveita seus primeiros meses de maioridade para cometer dois crimes contra o Código Penal da Califórnia. O terceiro delito o fará cumprir uma pena de 25 anos a prisão perpétua, castigo que parece um pouco exagerado pelo roubo de um videocassete e pela agressão a um garoto riquinho com o nariz escorrendo que perdeu uma queda de braço e não pagou a aposta. Mas Shep, como sempre, não se preocupa – *Dois delitos não são nada. Você já me viu em ação*.

Um dia, Shep aparece no quarto carregando algo que parece um cofre, seus bíceps musculosos pulsando pelo esforço. Mike está relendo o material preparatório do vestibular, porque tem a convicção de que vai chegar à faculdade no outono seguinte sem saber como conversar com os garotos realmente inteligentes que encontrará por lá. Ele espera que conhecer palavras como "adornar" e "acetato" irá ajudá-lo a preencher essa lacuna.

Incrédulo, ele tira os olhos do livro e encara Shep.

– Onde arrumou isso?

– Em uma parede.

Mike leva mais um bocado de macarrão instantâneo à boca usando uma faca sem ponta porque todos os talheres estão sujos.

– Shep – murmura ele enquanto mastiga –, você não pode fazer isso.

– Pode ficar com a metade do que tem dentro.

– Não quero a metade de nada. – Mike enrola o livro e bate com ele na testa de Shep. – Quero saber o que significa "facínora".

– Deve ter a ver com "face".

Shep se senta no chão com as pernas cruzadas, dá pancadinhas no cofre em vários pontos, depois tira do bolso de trás da calça um papel de gráfico dobrado e um estetoscópio de verdade. Mike observa fascinado. Shep coloca o aparelho nos ouvidos e escuta com uma atenção de médico. Devido a seu problema de audição, ele parece ter dificuldade em reconhecer os estalidos. A linha de eletrocardiograma de seu gráfico não vai além de alguns poucos altos e baixos. Ele coloca o aparelho de lado, se levanta e volta um instante depois com um martelo e um cinzel.

Mike fica estupefato.

– *Sério?*

Segundo round. Shep começa a bater sem parar no cofre. O barulho dos golpes não o incomoda. Todos os outros estão assistindo a um jogo de beisebol na TV, então Shep e Mike conseguem ter certa privacidade.

Até que a Mamãe do Sofá, que um segundo antes estava em seu quarto envolta em uma névoa de fedor, resmungando sobre um ataque de colite, chama do saguão:

– Michael, querido, que barulho é esse?

Ela aprendeu a não gritar com Shep.

– Estou consertando um carburador – diz Shep baixinho.

– Ele está consertando um carburador! – berra Mike.

Shep nem tem um carro.

– Não façam bagunça! – ordena a Mamãe do Sofá.

– Pode deixar! – Mike deixa o livro de lado. – O que vai fazer com sua metade? – pergunta em tom de sarcasmo.

– Las Vegas – diz Shep. – Prostitutas. E você?

– Vou comprar uma casa. Financiamento de trinta anos, parcelas fixas. Com um jardim. Quero uma garagem cheia de ferramentas também.

– Quantos anos você tem mesmo? – Shep se senta sobre os calcanhares, suado e exausto. – Hum – sussurra ele, mais para si mesmo que para Mike. – Martelar as dobradiças não adianta nada. Vou ter que arrumar outro jeito.

Ele se inclina, com o olhar atento, e rabisca alguma coisa no verso do gráfico que não serve para nada.

Algumas horas depois, até o cofre já parece morto de cansaço e Shep esboça o que parece ser um desenho de engenharia. Bate com o martelo nas juntas, marca meticulosamente os locais das alças e projeta outras. Mike observa seu empreendimento evoluir de um simples capricho para ciência aplicada.

Em algum momento posterior, Shep faz um buraco na parede traseira do cofre e descasca a folha de metal. Por baixo há uma camada de concreto, que ele quebra com golpes do martelo, depois outra folha de metal. Esse é o 11º round, e talvez o 12º também.

Fora do quarto, a voz da Mamãe do Sofá parece exasperada.

– Ainda não acabaram de consertar esse carburador?

– Quase lá – diz Shep baixinho.

Após diversas outras tentativas, a parede traseira finalmente cede. Shep expõe o espólio, um monte de moedas antigas. Ele não está interessado nelas, mas no cofre. Sussurra algo para si mesmo, verifica as alças que não tinha desconfiado que existiam, anota a marca do cofre e o deixa de lado.

– O concreto é para dar peso – sussurra ele.

– Não quer suas preciosas moedas? – pergunta Mike.

Shep morde o lábio, maravilhado com a porta reforçada.

– O quê? – diz.

No dia seguinte, passam em frente a uma loja de penhor. Shep tira uma das moedas do bolso e a estende para Mike.

– Por que não vai você? – indaga Mike.

– Eles têm uma foto minha atrás da caixa registradora – explica Shep.

Mike hesita por um instante. Pensa no sermão daquele velho, anos atrás, e se lembra do próprio reflexo indeciso na pintura verde-escura novinha em folha do Saab da Concessionária Wingate, mas é uma moeda antiga e é Shep, então a pega e entra na loja. A câmera de segurança o deixa

inquieto, mas ele informa um nome e um endereço falsos na fatura e diz a si mesmo mais uma vez: É uma moeda antiga e é Shep. Sai de lá com vinte pratas, que enfia na enorme mão do amigo.

– Valia isto – fala com um sorriso afetado.

Shep lhe devolve uma nota de dez.

Nessa noite os policiais sobem a rua até parar diante do número 1.788 da Shady Lane. O oficial mais alto mostra uma foto instantânea tirada pela câmera de segurança da loja de penhores e desta vez as algemas que colocam em seus pulsos são de adulto.

AGORA

8

NÃO HAVIA NENHUMA RECEPCIONISTA, só uma recepção. Nenhuma placa, nenhuma veneziana, nenhum letreiro anunciando HANK DANVILLE, INVESTIGADOR PARTICULAR. Mike se afastou do balcão de madeira vazio, bateu na porta do escritório e a abriu.

Hank estava atrás da mesa com a calça arriada, retirando uma agulha da pele pálida da coxa. Olhou para cima, fez uma careta e berrou:

– Ai, que merda!

Murmurando um pedido de desculpas, Mike deu um passo para trás e fechou a porta. Um instante depois, Hank apareceu para chamá-lo. Enfiando a camisa para dentro da calça, voltou à sua mesa. Mike o seguiu a uma distância cuidadosa e os dois evitaram qualquer contato visual. Hank se afundou na cadeira e indicou o sofá em frente, no qual Mike já se sentara muitas vezes ao longo dos últimos anos.

Hank tinha uma constituição física antiquada, do tipo que quase não se via mais – alto, magricela e com ombros largos como os de um jogador de futebol americano. Tinha uma careca uniforme e os cabelos que lhe restavam começavam no meio da cabeça e se estendiam por seu pescoço grosso. Parecia uma cabeça de intelectual – um professor, talvez –, construída pela leitura de volumes empoeirados e cartas escritas à mão. Não combinava nem com seus braços fortes nem com seu comportamento de policial carrancudo adquirido durante os trinta e poucos anos em que usara um distintivo, antes de seguir a carreira de detetive particular sem muito sucesso.

Os lábios secos de Hank vacilaram enquanto ele tentava achar uma explicação. Não era uma tarefa fácil, depois do que Mike vira ao entrar. Hank praguejou internamente, primeiro jogado na cadeira e depois de pé, alisando as mangas da camisa. Mike percebeu que o passar dos anos estava lhe pesando mais do que quando se viram pela última vez. Hank nunca entregava a idade que tinha. Era velho o bastante para dar uma cambaleada aqui e outra ali, mas jovem o suficiente para ficar fulo da vida se você lhe oferecesse o braço como apoio.

Foi em direção à janela, abriu-a e se apoiou no peitoril, fazendo seus suspensórios se esticarem em suas costas. Tinha parado de fumar, mas às vezes ainda se inclinava para fora como se fosse soltar a fumaça. Seu gato, um bicho obeso deitado no aquecedor, olhou para ele com indiferença.

Mike pigarreou sem jeito.

– Queria me desculpar pelo que disse ontem quando...

– Estou morrendo – interrompeu Hank. Ele continuava com a cabeça lá para fora, olhando na direção da famosa placa de Hollywood. – Câncer de pulmão. Larguei a porra do cigarro há quinze anos e achei que tivesse me safado. É incrível como algo assim pode voltar para você como um bumerangue.

Saiu da janela, foi até a mesa e deu um tapinha no pequeno kit de agulhas em cima dela.

– É para isso que serve esse veneno. Neupo-sei-lá-o-quê. A esperança é que estimule meus últimos glóbulos brancos.

Hank desabou na cadeira com o olhar perdido, sem saber o que fazer. Reparando melhor, ele parecia não só magro, mas quase esquelético. Mike nunca o vira tão preocupado. Um sentimento de empatia o deixou sem palavras. Era sempre difícil dizer a coisa certa quando alguém se abria assim. Então ele falou o que lhe veio à mente primeiro:

– Existe algo que eu possa fazer?

Hank deu um sorriso zombeteiro.

– Você vai começar a aparecer na minha casa toda quarta-feira levando comida caseira?

– Se eu resolvesse cozinhar – atalhou Mike –, minha comida com certeza mataria você.

Hank jogou a cabeça para trás, rindo, e Mike o reconheceu de novo. A dignidade tranquila, o pretenso sorriso de sabedoria estampado no rosto.

– Bem – disse Hank –, valeria a pena morrer só para ver de novo a cara que você fez agora há pouco, quando me pegou de calça arriada.

– Talvez…

– Parei com a quimioterapia na semana passada. Está nos ossos agora.

Começou a dar um sorriso forçado, mas ele se desfez em seus lábios. Ajeitou-se na cadeira, deixando à mostra uma pequena foto de um garotinho que devia ter uns 6 anos de idade, pregada com tachinhas na parede branca atrás dele. Em um encontro anterior, Mike tinha perguntado quem era a criança e Hank deixara claro que qualquer conversa a esse respeito estava fora de questão. O fato de o detetive não ser casado e nunca ter mencionado filhos só aumentava a curiosidade de Mike. O retrato estava desgastado, cheio de linhas brancas de velhice. A camisa listrada de botões tinha uma cara de anos 1960. Alguma coisa no modo como a foto estava posicionada – meio escondida, como uma espécie de lembrete particular – sugeria que o garoto estava morto. Um filho distante? Uma vítima de um caso não resolvido que Hank não conseguia superar?

Mike desviou os olhos da imagem antes que o outro percebesse. Hank leu a expressão de Mike e disfarçou passando a mão pela careca reluzente.

– Pelo menos essa quimioterapia de última geração não levou o que restava dos meus cabelos.

Mike se inclinou para trás e deu um suspiro, olhando para o teto.

– Que merda, Hank – comentou.

– Bem, mais dia menos dia, a hora de todo mundo chega. Não estou levando para o lado pessoal. – Hank pegou uma pasta grossa da gaveta de cima e a jogou na mesa, fazendo o gato pular do aquecedor e sair correndo rente ao rodapé. – Você veio buscar isso?

Mike olhou para a pasta com atenção antes de pegá-la e colocá-la no colo. Lá estavam os registros da busca que o investigador fizera sobre os pais de Mike. Considerando que suas lembranças eram muito poucas para que Hank desse continuidade ao trabalho, a quantidade de informações contidas ali era impressionante. John e mamãe. Quase a mesma idade. Sem um sobrenome para servir de pista, sem cidade, sem estado. Na época, as investigações sobre crianças abandonadas não eram como são hoje. Não havia nem arquivos digitalizados. Metade do que Hank conseguira levantar estava em microfichas caindo aos pedaços, e nenhum dos relatórios

oficiais batia com as poucas recordações de Mike. Durante décadas ele vivera com a profunda convicção de que a mancha na camisa do pai naquela manhã era o sangue de sua mãe. Talvez estivesse condenado a ter essa suspeita para sempre.

Quando ele folheou os arquivos, lembranças e possibilidades surgiram à sua frente. O âmbito geográfico da busca era enorme, já que ele não tinha ideia da distância que separava sua casa do parquinho em que fora abandonado – o pai podia ter dirigido por alguns quarteirões ou a noite inteira. Havia relatórios de investigação, transcrições de telefonemas, reportagens criminais e recortes de obituários retirados de jornais de cidades pequenas. Havia também fotos de delinquentes e arruaceiros chamados John, todos da mesma faixa etária, mas nenhum deles era seu pai. A essa altura, já conhecia o rosto de todos aqueles estranhos de cor. Olhar de novo para as fotos o deixou deprimido, porque pensou nos filhos que eles tinham deixado para trás, na vida das mulheres que haviam destruído. Mas o que realmente o fazia passar mal eram as fotos do necrotério, um desfile em tecnicolor de mulheres que foram assassinadas nos anos 1980, corpos não reconhecidos que permaneceram esquecidos por décadas. Ficara conhecendo praticamente um dicionário inteiro só de termos insensíveis para cadáveres, como presunto e outros do tipo.

Fechou a pasta e bateu nela com o punho fechado. O álbum de recordações de uma investigação fracassada. Anos de becos sem saída, de esperanças desfeitas, de grandes decepções, com a ansiedade correndo nas veias a cada dia como uma droga da qual não se consegue livrar.

Ocorreu-lhe que aquele conjunto formado por garranchos de policiais e fotos de gente morta se tornara tudo o que tinha dos pais.

Hank passou a mão pelo rosto, com uma expressão abatida.

– Lamento não ter conseguido ajudar mais, Mike.

Ao longo dos anos, houvera outros investigadores, mas nenhum tão persistente.

– Não vim aqui hoje para falar disso – retrucou Mike, batendo na pasta de novo. – Vim me desculpar. Eu estava muito alterado quando você me ligou. Em geral eu lido melhor com o estresse. As coisas estavam dando certo há tanto tempo que acabei esquecendo como agir quando isso não acontece.

Hank o observou com atenção e assentiu. O gato pulou em seu colo e ele enterrou os dedos em seu pelo, acariciando-o.

– Você vai conseguir resolver aquela história do encanamento?

– Foi tudo culpa minha. Fiquei animado com o preço e não fiz as pesquisas que devia ter feito. Agora me tornei um mentiroso e trapaceiro.

– Como assim?

Hank ainda estava encarando-o com curiosidade, mas Mike só balançou a cabeça. Não adiantava se aborrecer. Tinha tomado uma decisão, e agora precisava deixar aquilo para trás. Levantou-se segurando a pasta e estendeu a mão por cima da mesa.

– Você fez um ótimo trabalho, Hank.

Eles se cumprimentaram e Mike o deixou ali, olhando distraidamente pela janela com o gato

ronronando no colo.

Jimmy esperava na caminhonete de Mike, com a janela do carona abaixada e o braço para fora. O rádio estava no último volume. Mike o levara junto porque tinham que escolher as pedras para revestir as lareiras e o escritório de Hank ficava no caminho da pedreira, bem longe do canteiro de obras.

Mike entrou no automóvel e jogou a pasta enorme em cima do painel. Jimmy deu uma olhada para ela, mas não fez nenhum comentário. Mike lhe dissera que tinha coisas a fazer na cidade e ficara claro que não queria dar mais nenhum detalhe.

A música era uma mistura de ritmos caribenhos com jazz, bem cadenciada. Mike diminuiu o volume, mas não mudou de estação em uma demonstração de generosidade.

– Obrigado por esperar.

Jimmy deu de ombros, marcando o compasso da canção.

– Você é quem manda, chefe.

Dando partida no carro, Mike viu o outro mexer nos botões do console e ligar o aquecedor do banco – um aquecedor naquele calor da Califórnia.

– Ei – disse Jimmy –, posso ficar com este carro quando você não quiser mais?

– Não se for para ouvir esse tipo de música nele.

O homem fez um som de desdém.

– Shaggy é maneiríssimo. Dá para pegar uma doença venérea só de *ouvir* as músicas dele.

– E isso deveria ser um elogio?

– Melhor que aquela merda de James Taylor que você gosta.

– *Merda* de James Taylor?

Mike girou o botão da frequência em sinal de protesto. Algumas estações depois, Toby Keith cantava que devia ter sido um caubói. Jimmy obviamente não concordava, a julgar por sua expressão desgostosa.

Mike adorava ouvir música, principalmente country, com sua pronúncia anasalada e afetada, sua celebração ao país, aos trabalhadores que dão duro a vida inteira sem pedir nada em troca. Em suas letras os pais eram heróis e um homem, ao suar a camisa cuidando da terra, podia tentar ter uma vida honesta e o amor de uma mulher. *Uma vida honesta*. Aqueles tubos de PVC invadiram os pensamentos de Mike e, pelo resto da viagem e da caminhada pela pedreira quente, ele não conseguiu mais se concentrar.

No caminho de volta, eles passaram por um cemitério que Mike não conhecia, então ele seguiu pelo acostamento e virou para entrar no local.

Jimmy olhou para ele aborrecido.

– Temos um monte de coisas para fazer hoje e você ainda quer passar por isso de novo?

– Dois minutos – respondeu Mike.

O vigia estava sentado em um banquinho lendo o *Los Angeles Times*. Mike baixou o vidro e se surpreendeu ao ver uma foto sua em preto e branco embaixo de uma manchete que dizia GOVERNADOR APOIA OS AMBIENTALISTAS. Sim, lá estava Mike, glorioso em sua hipocrisia, com o braço nos ombros largos do governador. O vigia abaixou e dobrou o jornal, deixando o rosto corado à vista. Depois, sem fazer nenhuma pergunta, acenou para que Mike passasse. Houve um tempo em que ele era parado em cada guarita e recepção, mas agora era um homem de verdade, com uma camisa polo de grife e uma picape que lhe custara os olhos da cara.

Estacionou debaixo de um salgueiro enorme e eles desceram. Jimmy sacou um maço de cigarros.

– Que diabo você tanto procura nesses cemitérios? – perguntou ele.

– John.

– Só John?

– Exatamente.

E uma mulher nascida no final dos anos 1940.

– Tem um monte de Johns por aí, chefe – argumentou Jimmy.

– 572.692, para ser mais preciso.

O cigarro estava pendurado na boca de Jimmy e ele ergueu as sobrancelhas quase até a raiz de seus cabelos fartos. Ficou pensativo por um instante, talvez refletindo sobre a saúde mental de Mike.

– No país todo?

– No estado.

– E você sabe se ele morreu? O tal John?

Mike balançou a cabeça e pensou: *Quem dera ter alguma certeza...* Pegou a pasta de cima do painel, porque não queria que Jimmy ficasse espiando o conteúdo, e saiu andando.

A sensação da relva embaixo dos pés era desagradável e o ar denso tinha cheiro de musgo. Sua camisa ficou presa no galho de uma roseira. Encontrou o primeiro – John Jameson – três fileiras depois. As datas não batiam perfeitamente, mas nunca se sabe. Percorreu mais duas fileiras, a pasta pesando no braço. Tamara Perkins. *Talvez seja você*. Parou em frente a outro túmulo perto da cerca dos fundos, coberto de folhas secas. Varreu-as com o pé e desenterrou outro nome frio e entalhado. *Talvez você*. Analisou as datas e ficou pensando. Fechou os olhos, inspirou os odores familiares e ficou sonhando acordado por um momento.

É claro que sabia que seus pais poderiam não estar enterrados naquele cemitério ou em qualquer um dos inúmeros outros aos quais fora nos últimos vinte anos. Na verdade, não tinha certeza nem de que haviam morrido. Devido à mancha de sangue no punho da camisa do pai, supunha que a mãe, sim. E o pai poderia ter falecido de várias maneiras. No entanto, mesmo que um deles – ou os dois – estivesse morto e que por um golpe de sorte Mike descobrisse o cemitério certo, ainda assim poderia estar na frente do túmulo e não ter certeza de que era aquele. Então que diabo ele procurava ali naquelas colinas viçosas? Os ritos fúnebres que lhe tinham sido negados?

Passou por algumas pessoas que saíam de um funeral em pequenos grupos solenes. Todas elas pareciam exaustas, com os próprios medos e as vulnerabilidades expostos a quem quisesse ver. Enquanto isso, Mike vagava pelos túmulos como um zumbi, tentando se convencer de que tinha vindo de algum lugar, qualquer um. Esforçava-se para acreditar que, aos 4 anos de idade, tinha sido uma criança que valia a pena criar.

Sua mãe e eu, nós amamos muito você. Mais do que tudo. Sentindo-se um intruso, manteve-se a uma distância respeitosa da viúva e fez-lhe uma saudação educada. *Um novo futuro para os Estados Unidos*. Caminhando por uma aleia cheia de pedras partidas, pensou em como a camisa de Hank estava folgada nele por causa da perda de peso. *Nada do que aconteceu foi culpa sua*. Sentiu de novo o cinto de segurança do carro apertando-o na altura do quadril, viu o suor escorrendo pelo pescoço do pai, sentiu o vazio na barriga. *Onde está a mamãe?* Pensou nos traços do rosto da mãe, em seus olhos enevoados, então sua atenção se deslocou para o próprio braço, suado por causa do peso da pasta.

Aquela pasta era um absurdo. Um grupo de homens e mulheres aleatórios que só tinham em comum a data de nascimento, o primeiro nome ou um vago conjunto de características físicas. Sempre guardara aquilo tudo no escritório de Hank. O que deveria fazer agora? Levar a pasta para casa? Folheá-la junto com Kat?

A voz rouca e solene de um padre soou em seus ouvidos, vindo da colina, onde se realizava um segundo funeral. As palavras mais antigas que existiam: das cinzas às cinzas, do pó ao pó.

Algo na doença de Hank inspirara uma nova consciência em Mike, uma dura realidade da qual ele não podia fugir. Talvez fosse a simbologia contida no fato de que o único cúmplice que lhe restara na busca a seu passado tinha recebido a sentença de morte. De qualquer modo, ele foi atingido por uma certeza cruel e repentina de que o fracasso era, e sempre fora, inevitável. Estava procurando uma agulha em um palheiro.

Nunca conseguiria descobrir.

Vislumbrou uma lixeira na próxima curva, um sinal do universo, e olhou para baixo, para a pasta repleta de documentos tremendo em sua mão, que segurava com uma firmeza exagerada. Das cinzas às cinzas. Do pó ao pó. Deixou-a cair no chão com um barulho seco que ecoou ao seu redor.

Caso encerrado.

9

A BABÁ ELETRÔNICA, COM SEUS detalhes em azul e as bordas arredondadas visando à segurança do bebê, tinha sido projetada para transmitir tranquilidade. Já a função das barras de luz vermelha – cinco delas, para ser mais preciso – era justamente o contrário. Um sinal luminoso de emergência, codificado pelo ser humano para indicar fogo, perigo, morte.

A primeira barra piscou, depois ficou firme, lançando um brilho vivo no rosto de Mike. Em geral, apenas uma barra acesa significava estática. A cor era a mesma dos dígitos do despertador, que no momento marcavam 3h15. Annabel dormia profundamente, a respiração produzindo um leve assobio.

De repente a segunda barra se uniu à primeira, tornando o alerta mais forte. Com o polegar, Mike aumentou o volume do aparelho até conseguir discernir o ruído. Seria a saída do ar-condicionado no quarto de Kat? Na última vez em que verificara, ela dormia feito uma pedra debaixo dos lençóis, abraçada ao urso-polar, as duas cabeças dividindo o mesmo travesseiro.

Uma lufada de ar escapou do monitor, a respiração de um dragão.

Depois uma voz, leve como um sussurro, em meio à estática: *Ela parece tão tranquila dormindo...*

Mike ficou duro feito uma pedra, totalmente paralisado, com os pensamentos a mil, procurando uma explicação. Será que era um sonho?

Só que a voz soou de novo, meio imprecisa: *Feito um anjo*.

Ele deu um pulo, desvencilhando-se das cobertas e assustando Annabel, a seu lado. Saiu correndo a toda a velocidade pelo corredor, com a mulher chamando por ele. Passou feito uma bala pela porta do quarto da filha, preparado para o combate. Quando entrou no cômodo escuro, varreu-o inteiro com os olhos, lutando para enxergar.

Nada.

Acendeu o interruptor de luz.

Kat dormia tão tranquilamente quanto da última vez que ele estivera ali. Annabel já estava atrás dele, quase sem fôlego.

– O que foi? O que aconteceu?

Ela falava o mais baixo que podia, apesar de a menina ter um sono tão pesado que nem uma banda de música seria capaz de acordá-la.

– Achei que tivesse ouvido uma voz.

– Dizendo o quê? – Ela apagou a luz, deixando o quarto de novo no breu. – Dizendo o quê?

Ele piscou várias vezes para se acostumar à escuridão. Podia ouvir os grilos perto do riacho que corria atrás da cerca da casa. Annabel passou a mão em suas costas.

– Acho que disse que...

Agora ele estava trêmulo de raiva, sentimento que tinha substituído a adrenalina e o pavor que

experimentara. Sentia os músculos todos tensos.

– O que foi, querido?

– *Ela parece tão tranquila dormindo...*

A repetição do que tinha ouvido tornava-o real de novo.

– Tem muita coisa acontecendo na sua vida nos últimos tempos.

Annabel pousou uma mão no rosto dele. A expressão dela era de empatia e – o que ele mais temia – pena. Apesar de seu constrangimento, Mike não pôde evitar ir até a janela para verificar. Estava trancada.

– O que você...? – disse Annabel.

Mike pôs as mãos em concha nos dois lados do rosto, como se formassem uma máscara de mergulho, e espiou o quintal escuro através do vidro.

– A janela tranca automaticamente, então alguém pode ter saído por ela e a baixado depois. – Podia sentir o peso do olhar da esposa a seu lado. – Só estou dizendo que é possível. Alguém pode ter entrado e sussurrado para mim pelo monitor.

– Mike, quem iria fazer uma coisa dessas? – questionou ela.

10

QUANDO MIKE PEGOU KAT na escola no dia seguinte, ela apareceu com um pote que tinha uma plantinha e um filhote de lagarto. A menina se sentou no banco de trás, colocou os fones de ouvido, pegou o controle remoto da TV e começou a passar os canais. Ele a observou pelo retrovisor e se perguntou se estava sendo um bom pai para Kat, que aos 8 anos ainda achava, como todas as crianças de sua idade, que os pais estarão sempre presentes.

– Tire essa coisa do ouvido e diga "oi".

– Sem fio – respondeu ela. – Isolamento acústico. Só estou tentando fazer valer o seu dinheiro. – Depois, suspendeu o pote e mostrou o lagartinho. – Veja só! Eu o peguei. E a Sra. Cooper me ajudou a fazer uma casinha para ele.

– Duvido que ele consiga respirar aí dentro, filha.

Ela tirou os óculos de armação vermelha e os guardou com cuidado no estojo.

– Fiz alguns furos na tampa. Ele está bem.

– Ele precisa de mais oxigênio do que isso. Vai acabar morrendo se você o deixar preso aí dentro.

Ela deu de ombros.

– Mas eu gosto dele.

O bichinho trancafiado incomodava Mike além do limite da racionalidade. Sua irritação aumentou. Kat agia sempre de forma tão madura que às vezes ele esquecia que ela era apenas uma criança. Para ele, um dos aspectos mais difíceis de ser pai era manter a boca fechada quando queria controlá-la, quando desejava entrar no cérebro dela e comandar o que acontecia lá dentro.

– Para onde estamos indo? – quis saber Kat.

– Tenho que buscar uns puxadores de armário em uma loja de ferragens. Pensei que poderíamos dar um passeio, comer alguma coisa.

Viu, pelo retrovisor, o rosto dela se animar e seus olhos – um castanho-escuro e o outro cor de âmbar – serem iluminados pelo sol. A raiva dele se dissipou na hora.

Rodaram de carro por um tempo até que Kat tirou os fones de ouvido e disse:

– Desculpe não ter falado com você direito quando entrei no carro.

Ele notou um sorrisinho espertalhão se insinuar em seus lábios – ela estava prestes a brincar de Jogo do Péssimo Pai –, então respondeu:

– Não é o seu comportamento que é ruim. É *você*.

– É que eu tenho uma personalidade oculta – argumentou ela, morrendo de rir.

– Como seu pai, minha função é *destruir* sua autoestima. Arrancar até a última gota...

– De dentro do meu coraçãozinho negro.

Ela começou a gargalhar.

Ao chegarem a Santa Monica, estavam se divertindo tanto que ele até tinha se esquecido dos canos de PVC, da babá eletrônica e da matéria no jornal sobre a terrível cerimônia de premiação com o governador. Andaram de mãos dadas pela rua o tempo todo, a não ser quando passaram em frente a uma loja com manequins sem cabeça e Mike teve que carregá-la no colo. Ele desconfiava que ela não sentia mais medo dos bonecos desde os 4 anos, mas um ritual era sempre um ritual.

Depois que saíram da loja de ferragens, compraram pão francês e queijo cheddar em um mercadinho, sentaram-se em um banco de metal ao lado de uma fonte em forma de estegossauro e ouviram um músico de rua tocar "Heart of Gold". Um sem-teto estava reclinado em frente a eles, vestido com um monte de roupas imundas. Mike percebeu que ele estava murmurando a letra da música, sorrindo para si mesmo, talvez se lembrando de uma namorada antiga. De repente o homem pôs a mão por dentro do casaco surrado e imitou as batidas do coração. Kat riu, com a boca cheia de comida.

O músico cantava lamúrias acompanhado de uma gaita enquanto o sem-teto gritava observações e fatos para Mike e a filha: "Esse cara toca Neil Young melhor que o Neil Young!" "Já tive uma lojinha de camisetas em Nova York." "Minha filha é especializada em saúde bucal e mora em Tempe. É casada e me disse que posso ir visitá-la *sempre que eu quiser*."

Uma mulher com maquiagem de palhaço fazia animais de balão torcido – só 2 dólares cada um. Mike sacou duas notas da carteira e entregou-as a Kat.

– Quer um?

A menina desceu do banco, foi em direção à moça dos balões e deu o dinheiro para o sem-teto, que o enfiou em sua canequinha de esmolas em um piscar de olhos.

Depois disso, voltou para o lado do pai. Por um instante, ele ficou maravilhado com a iniciativa dela. O músico agora tocava "Peaceful Easy Feeling" e a luz do sol, prestes a se pôr, refletiu-se no rosto dele. Por um momento Mike pensou apenas no presente, nada mais.

Colocou a filha nos ombros no caminho até o carro, ambos cantarolando canções diferentes. Pararam para comer batata frita e tomar milk-shake e Kat, ainda mastigando, pulou para o banco de trás com uma expressão vidrada de contentamento que fez Mike sorrir.

– O que é? – perguntou ela.

– Um dia você saberá – retrucou ele.

Quando ele pegou a entrada para San Vicente, a menina comentou:

– Perdi o Bola de Neve, o Último Urso-polar Moribundo.

Mike viu, pelo retrovisor, que ela estava chateada.

– Onde o viu pela última vez? – quis saber ele.

– Não sei. Percebi na escola. A Sra. Cooper pediu ajuda à turma inteira para procurá-lo, mas não o encontramos em lugar nenhum. – Ela olhou para fora da janela, chateada, e depois deu de ombros. – Já estou mesmo ficando velha demais para ter bichinhos de pelúcia.

– Não o Bola de Neve – protestou Mike.

– Talvez esteja na hora – replicou Kat, e uma parte do coração dele se partiu.

Ele estava formulando uma resposta quando avistou, três carros atrás do seu, um sedã preto. Já tinha notado sua presença antes, saindo da vaga atrás dele quando Mike deixara o estacionamento. Dobrou à esquerda e o sedã o imitou. A chama da paranoia se acendeu em sua mente.

Ele olhou pelo retrovisor, ligou a seta para a direita mas não virou como indicado. O carro que o seguia não ligou a seta nem dobrou à direita. Com os fones no ouvido, Kat estava com o olhar perdido na tela da TV, balançando com o movimento do automóvel. Já estava quase anoitecendo e, por causa das luzes de faróis, ele não conseguia ver nem a marca nem a placa do carro. Os músculos de seu pescoço estavam tão tensionados que parecia que era essa sua forma natural.

Quando Mike desviou os olhos do retrovisor, viu que estava se aproximando muito rápido dos carros parados no sinal – rápido demais. Enfiou o pé no freio e o milk-shake de Kat escapou de sua mão, voando no banco ao lado dela.

– *Filho da put... z*.

Eles tinham parado a poucos centímetros do para-choque da frente.

– Filho da putz? – repetiu ela, rindo.

Mike tirou a camiseta que estava usando e a jogou para o banco de trás.

– Tome, use isso para limpar a sujeira.

– Desculpe, pai.

– Não foi culpa sua, querida.

Ele olhou de esguelha para o retrovisor. O sedã ainda estava lá, seguindo devagar atrás de uma minivan, com apenas um dos faróis à vista. A ponta do capô que ele conseguia ver parecia meio amassada e a pintura preta estava coberta de poeira.

– ... ou a Lua? – perguntava Kat.

– Desculpe, o que você falou?

– O que você prefere? Marte ou a Lua? Eu gosto de Marte, porque é todo vermelho e...

O sinal abriu e Mike esperou um instante antes de seguir adiante. A minivan mudou de faixa e ele conseguiu dar uma olhada no para-brisa e na grade dianteira antes que um jipe se metesse entre eles. Parecia um Grand Marquis.

Dobrou em uma rua residencial e meteu o pé no acelerador.

– Pai. Pai. *Pai*.

Kat segurava uma batata frita comprida que precisava mostrar para ele.

– Legal, querida. Bem grandona, né?

Viu pelo vidro de trás, logo abaixo da batata frita levantada, um Mercury virar atrás deles.

Kat ajeitou os fones e encostou de novo no banco para assistir a um programa na TV.

Mike virou no cruzamento, acelerou, virou de novo e dobrou em uma rua estreita. Desligou o carro e apagou os faróis.

– O que estamos esperando, pai?

– Nada, querida. Só preciso pensar um minuto. Assista ao seu programa.

Ela deu de ombros e assentiu.

A noite caíra abruptamente. Cães latiam e a rua estava iluminada pelas luzes externas das casas. As janelas das salas de estar refletiam o brilho azulado de TVs ligadas. Mike sentia-se estranhamente vulnerável sem camisa, com a saída do ar-condicionado lançando uma corrente de vento gelado em seu peito. Olhou para as mãos, brancas de tanto apertar o volante, o que o fez se lembrar de...

Faróis dobraram a esquina. À espreita. Aproximando-se devagar.

Mike achou uma chave inglesa no console central do carro. Enganchou os dedos na alça da porta para se apoiar. Os faróis passaram por ele, iluminando seu rosto, e, quando ele estava prestes a sair do carro em um pulo, o portão da garagem da casa ao lado deles começou a se abrir. Mike pôde ver o automóvel nitidamente – não um sedã escuro, mas um Mercedes branco. Deu a partida no motor e o homem no volante lhe lançou um olhar de suspeita.

Mike respirou fundo. No banco de trás, Kat estava cada vez mais concentrada na TV. Depois de mais um minuto, ele seguiu pela rua deserta. Com cuidado, virou na esquina seguinte. Nada.

Quando sua respiração voltou ao normal, pensou no caminho que fizeram desde Santa Monica – depois de sair da estrada, só tinham passado por ruas de tráfego intenso, com exceção do último desvio. O que tinha sido aquilo, afinal? Será que o Grand Marquis havia feito mesmo algo fora do comum? Ou ele estava surtando com ameaças imaginárias?

Deu uma risadinha e secou o suor do pescoço com a palma da mão. *Sr. policial, um Grand Marquis me seguiu por alguns quarteirões. Virou algumas esquinas atrás de mim, até. Não, não consegui ver a placa, mas talvez o senhor possa rastreá-lo usando imagens de satélite*.

Sua culpa em relação às falsas casas ecologicamente corretas estava dominando sua mente, criando perseguidores que não existiam, fazendo com que olhasse com desconfiança para tudo, da babá eletrônica ao fluxo do trânsito. Além disso, todas as pessoas que sabiam dos canos de PVC eram cúmplices de uma forma ou de outra, então quem iria lhe perseguir por isso? Ninguém. Não havia motivo. Não tinha com que se preocupar.

Fez o resto do caminho de volta para casa sem parar de olhar para o retrovisor.

– Ela não para de coçar a cabeça. Não percebeu?

Mike observava Annabel vistoriando o cabelo de Kat.

– Não – admitiu.

– Está acontecendo na escola. Parece que ela é sempre a primeira da fila para pegar piolho. – Annabel firmou a cabeça da filha numa posição em que pudesse enxergar bem sob a lâmpada do banheiro. Era tarde e todos estavam cansados. – Fique quietinha, querida, senão vou trancar sua boca com uma chave.

– Não fique zangada comigo – disse Kat. – Eu não pensei "O que posso fazer para irritar minha mãe hoje? Ah, já sei! Vou pegar piolho".

Mike largou as chaves em cima do balcão da cozinha. Tinha acabado de ir à farmácia para

comprar o remédio, que tirou da sacola.

Kat deu uma espiada no maldito rótulo vermelho.

– O que tem *dentro* dessa droga?

Mike segurou o frasco e começou a "ler" os ingredientes: – Gasolina, suco de gambá, ácido de bateria...

– *Mãe.*

– Ele está brincando.

– Mas tem muita porcaria aí dentro. Vai me dar queimaduras na pele. E mutação.

– Isso não vai provocar uma mutação em você – garantiu Annabel com um ar de cansaço.

No entanto, como sempre, a filha venceu a discussão e eles acabaram aplicando um remédio caseiro que Annabel descobriu na internet: maionese espalhada pelas mechas do cabelo, amarrado em um turbante de filme de PVC. O visual acentuou os traços suaves de Kat em seu rosto sorridente de elfo. Mike foi ao banheiro da suíte para tirar os restos de maionese de debaixo das unhas e ouviu, através da babá eletrônica, a voz de Annabel colocando a filha para dormir com uma canção de ninar doce, delicada e, como sempre, desafinada.

– *Dorme, neném, que a cuca vem pegar*.

Sorriu para si mesmo antes de se lembrar do Grand Marquis preto e sujo que achou que estivesse perseguindo-o. Pensou em como o milk-shake tinha voado da mão de Kat quando ele freou em cima do sinal e... *Droga*.

O lagarto.

Correu até a picape e encontrou o pote de vidro caído embaixo do banco do carona. O bichinho estava morto dentro dele, fino e encurvado como uma pluma.

Ele estava segurando o pote quando Annabel saiu do quarto de Kat.

– Estiquei uma toalha de rosto em cima do travesseiro para... – dizia ela, então se calou quando olhou para a mão dele.

– Ela queria ficar com ele – comentou Mike.

Annabel deu de ombros.

– De que forma ela vai descobrir o que aconteceu? – perguntou, cruzando os braços e encostando-se na parede. – Vamos contar para ela?

Já tinham passado por isso com hamsters, um peixinho dourado e um sapo, mas, conforme Kat crescia e ficava mais consciente, cada vez parecia ser pior.

– Vamos – concordou Mike. – Temos que contar.

– Eu sei. Fica por sua conta?

– Pode deixar.

Mike deixou o pote no saguão, depois foi ao quarto de Kat e se sentou na ponta da cama dela. A menina olhou para o pai com uma expressão travessa e vagamente distante em seu embrulho de maionese. Apertou o cobertorzinho de estimação com as mãos.

– Você sabe que eu nunca vou mentir para você, certo? – disse ele.

Ela assentiu e imediatamente a imagem dos canos de PVC lhe veio à mente, assim como a mentira para encobrir o erro, a mentira sobre as casas, a mentira da entrega do prêmio. Mas não era hora de pensar nisso. Agora tinha que lidar com uma menina de 8 anos e um lagarto morto.

– Seu lagarto morreu.

– Morreu? Ele foi para o céu dos lagartos? – Apesar do gracejo, a boca dela tremulou de forma quase imperceptível. Um lampejo de remorso atravessou seu rosto, mas então ela mordeu o lábio inferior para que ele parasse de tremer. – Bem, agora você pode dizer "Eu avisei".

Ele detestou ver como ela conseguia dominar as emoções. Olhou para as próprias mãos, tentando achar uma saída para a situação. O Jogo do Péssimo Pai?

– Aqui nós não falamos de sentimentos – tentou ele. – Nós os engolimos e guardamos para nós mesmos até que eles se tornem ressentimentos e medos secretos.

Kat deu um meio sorriso, com o olhar vidrado, depois seu rosto ficou muito triste e ela caiu no choro, as bochechas tornando-se vermelhas.

– Não quero que meu bebê lagarto fique morto.

Ele a abraçou, acariciou suas costas e ela melecou um pouco o ombro dele. Por fim, ela se desvencilhou dos braços dele.

– Posso ver?

Mike foi buscar o pote e, quando voltou, ela o segurou em suas mãozinhas, emborcou-o um pouco e o lagartinho deslizou, rígido, para o lado da plantinha.

– O que vai acontecer com o corpo dele?

– Bem, você pode enterrá-lo no quintal e...

– Não – interrompeu ela. – Zach Henson.

Mike demorou um tempo para se lembrar desse nome – aluno do quinto ano, leucemia, ano passado. Mike e Annabel tinham ido ao enterro só para dar os pêsames aos pais e dizer, com ar desanimado, a única coisa possível numa hora dessa: "Se precisarem de *qualquer* coisa..." Depois, ficaram sentados dentro do carro no estacionamento, horrorizados, amedrontados e mudos, Annabel chorando baixinho e ele segurando firme o volante, vendo os pais do garoto se afastarem com o rosto desfigurado e os ombros caídos. Como sempre, Annabel expressou em palavras o que ele sentia:

– Acho que posso suportar qualquer coisa, mas, se alguma coisa acontecesse com ela, acho que eu morreria.

Mike pigarreou, colocou a mão no joelhinho da filha e disse:

– O corpo de Zach já deve ter voltado à terra agora.

Kat coçou a cabeça por sobre o filme de PVC com o rosto sombrio e pensativo e perguntou:

– E se você e a mamãe morrerem?

– Nós estamos bem. Você vai ter muito tempo para se preocupar com esse tipo de coisa quando

ficar mais velha. Seu dever agora é ser criança e brincar. Vamos sempre protegê-la, até o momento em que você puder cuidar de si mesma.

Kat virou para o lado e ajeitou o travesseiro no lugar em que costumava pôr o urso-polar para dormir.

– Mas e se você desaparecer um dia, como os *seus* pais? O que vai acontecer comigo?

A pergunta o pegou desprevenido e levou alguns instantes até que ele conseguisse tranquilizá-la e dar-lhe um beijo de boa noite. No corredor a caminho de seu quarto, podia jurar ter ouvido o zumbido daquela mosca-varejeira, mas, quando se virou, não viu nada além de escuridão.

11

O ROSTO EM TAMANHO GIGANTE de Mike saudou a ele e sua família quando entraram no Braemar Country Club. O artigo do *Los Angeles Times* de terça-feira, ampliado e emoldurado, estava encostado na entrada da sala de jantar principal. Alinhados ao lado do dele, como enormes peças de dominó, estavam recortes semelhantes de outros jornais importantes do estado, formando um painel de tabloides. Com o terno de 800 dólares pinicando sua pele, Mike parou por um momento, desconfortável.

Apesar de a foto do jornal mostrar claramente a heterocromia de Mike, o jornalista fazia referência a seus "olhos castanhos resplandecentes", ignorando o fato de que um deles era, tecnicamente, "âmbar resplandecente". O lapso, porém, não era nada perto da fraude principal da matéria politizada: o fato de Mike ter recebido um prêmio de consciência ambiental pela construção de casas que não eram ecologicamente sustentáveis. Ao dar uma olhada no artigo exagerado, que elogiava enfaticamente seu trabalho, Mike foi tomado por uma onda de culpa e – sentindo a mãozinha da filha na dele – vergonha.

Annabel finalmente deu-lhe um puxão no braço e o tirou de seus pensamentos. Após um momento de relutância, ele entrou na sala e fez um cumprimento com a cabeça na direção de várias pessoas bem vestidas. Muitas delas sorriram para ele em sinal de reconhecimento. Kat acompanhava o ritmo de seus passos, segurando uma mochila cheia de livros para o caso de se sentir entediada. Garçons circulavam com taças de champanhe e petiscos que ele nunca tinha visto. Colocou um salgadinho na boca só para ter o que fazer e perscrutou a multidão em busca de um rosto conhecido.

Kat começou a brincar de pega-pega com os filhos de Andrés. Annabel estava maravilhosa em um vestido vermelho decotado nas costas. Ele a viu perambular naturalmente em um círculo de mulheres muito maquiadas, movendo-se com a graça própria de uma boa educação e uma autoconfiança inata. Ela era sensacional – cada situação fazia surgir uma nova faceta sua. Mas, embora tivesse orgulho de sua mulher, a facilidade com que ela se encaixava naquele ambiente só parecia enfatizar o desconforto dele. O único lugar em que ele se sentia à vontade era em casa, com sua família.

Começou a caminhar em direção a Annabel, mas uma mulher mais velha segurando uma prancheta surgiu entre eles e ficou de frente para ela.

– Você é a esposa de Michael Wingate, certo? – perguntou. – Preciso roubá-la um instantinho para tirar uma foto.

Então agarrou a mão de Annabel, levando-a para longe. Ela deu de ombros com uma expressão fingida de desamparo e foi com a mulher, estampando um sorriso no rosto.

Mike cruzou a sala e chamou um garçom:

– Pode me trazer uma Budweiser?

O homem, um cara bonito com uma pinta de aspirante a ator, fez um gesto em direção a um

balde de gelo atrás dele.

– Só temos Heineken. Está na festa errada.

Mike pegou a garrafa gelada. A cerveja amarga tinha um gosto maravilhoso ao descer por sua garganta. Os dois últimos dias tinham sido muito difíceis, sobretudo pela insônia à noite.

Ao olhar para a multidão de pessoas, Mike avistou Andrés em uma elegante mesa ao lado do palco. Segurando a bolsa da mulher e com uma expressão mortal de tédio, Andrés revirou os olhos e Mike teve que virar a cabeça para o outro lado a fim de esconder o sorriso.

A visão do chefe de gabinete do governador dando as boas-vindas às pessoas de outra mesa fez com que o meio sorriso de Mike ficasse congelado no rosto. Quando cruzou os olhos com os dele, Bill Garner cumprimentou-o com um gesto de cabeça que Mike não pôde deixar de ver como conspiratório. Será que outras pessoas estavam olhando para ele assim também? Não podia deixar transparecer seu desconforto. Dali a uma semana, ninguém mais se lembraria de seu nome.

Na extremidade do salão, janelas que iam do chão ao teto davam para uma pista de golfe acidentada, agora totalmente às escuras. Mike abriu caminho pela sala apinhada, cumprimentando todas as pessoas por quem passava. Escapar da aglomeração e vislumbrar o horizonte o acalmaria um pouco.

Quando estava começando a afastar as preocupações, alguém lhe deu um esbarrão. Ao tentar recuperar o equilíbrio, ele derramou cerveja na perna da própria calça.

Ouviu uma voz por sobre o ombro.

– Ah, desculpe. – Um homem magro com uma barba irregular se inclinou em sua direção e agarrou-o pelo braço. – Eu tenho paralisia cerebral.

O homem tinha um hálito horrível e seus lábios estavam salpicados de manchas pretas. Sementes de girassol? Ele enfiou a mão em um paletó esporte marrom todo surrado, pegou um lenço e estendeu-o a Mike. Ele aceitou o pedaço de pano e limpou a cerveja da perna, mas o líquido já tinha sido absorvido pelo tecido.

– A doença prejudicou meu equilíbrio – explicou o estranho. – Mais uma vez, me desculpe.

– Tudo bem. Detesto este terno mesmo...

O paletó esporte do homem parecia uma peça do Exército da Salvação: veludo cotelê, remendos nos cotovelos, mangas puídas. Mike devolveu-lhe o lenço e ele o pegou com uma mão encurvada que parecia uma pata de macaco. Tinha o rosto cheio de marcas de doenças e seus olhos não paravam quietos.

Um homem desajeitado, grandalhão, estava parado a alguns passos de distância deles. Não parecia desconfortável, mas também não estava à vontade. Tinha uma aparência neutra, na verdade. Estava tão alheio que Mike levou um tempo para entender que os dois tinham ido juntos.

– Já passei por oito cirurgias de alongamento do tendão de aquiles e cinco para alongar o do jarrete – prosseguiu o homem de paletó esporte. – Onze tenotomias só no pé direito. Quarenta e quatro operações no total. Isso sem contar as aplicações de botox em músculos espásticos. É remédio para convulsão, é remédio para os efeitos colaterais, é... bem, já deu para entender.

Mike afrouxou a gravata, imaginando o que o sujeito queria. O grandalhão continuava imóvel, olhando para o nada. Será que ele estava ao menos ouvindo?

– E mesmo assim os músculos se retesam. A cada ano que passa eu fico pior. Ainda tenho que entrar na faca mais algumas vezes. Uma despesa dos infernos. Não posso parar de trabalhar, isso é certo. – Levou uma taça de vinho à altura do queixo e cuspiu sementes de girassol lá dentro. Um bolo encharcado já tinha se juntado no fundo do copo, impregnado de dois dedos de bebida. – Tudo isso porque não tive oxigênio suficiente quando estava saindo pelo canal vaginal. Não foi culpa minha. Mas, de qualquer maneira, sou eu que pago por isso dia após dia. – Ele deu um risinho abafado. – A porra do carma, não é, Mike? Ele sempre nos alcança.

Mike avaliou o rosto dele.

– Como sabe meu nome?

– Você é o homem do momento – respondeu ele, apontando para o recorte de jornal ampliado.

– E seu nome é...?

– William.

– William de quê?

O sujeito sorriu, mostrando os dentes amarelados.

– Meu primo pequeno tinha cicatrizes assim – comentou ele indicando os nós dos dedos de Mike com a cabeça. – As brigas de antigamente.

Mike deslizou as mãos para dentro dos bolsos.

– É mesmo?

– Gente com esse tipo de marca não costuma ter uma idade adulta muito feliz.

Kat apareceu correndo atrás do filho de Andrés, dando risada.

William fez um gesto com o queixo em direção às crianças.

– Olhe só para eles. Eu poderia ficar o dia todo vendo-os brincar.

O modo como William olhava para os dois deixou Mike incomodado.

– Que gracinha de menina – elogiou ele. – Deve ser sua filha. Parece muito com você, com esses olhos de gato. Dá para perceber que *ela* não foi adotada.

Uma observação arrepiante, ainda mais porque Mike não achava a filha tão parecida assim com ele. Por que o cara se importava com o fato de Kat ter sido adotada ou não? Será que Mike ouvira mal ou ele realmente enfatizara o "ela"? Seria uma referência velada ao passado de Mike no lar adotivo? O que isso queria dizer? E como William poderia saber disso? Mike sentiu seus batimentos se acelerarem.

– Então, quem você conhece aqui? – perguntou ele.

– Bem, Mike, agora eu conheço você, não conheço?

– Claro – disse Mike calmamente. – Mas quem o convidou?

Alguém fez um anúncio pelo microfone e todos começaram a se acomodar em suas mesas. A mulher com a prancheta acenou para que Mike ocupasse seu lugar perto do palco com um gesto

enfático: *Precisamos de você aqui* agora.

– É melhor você ir – aconselhou William. – Parece que querem sua presença no palco.

Não havia como negar: a segunda evasiva do homem tinha sido intencional. Alguma coisa mudara na atmosfera, tornando o clima tenso.

A paciência de Mike estava se esgotando. Ele engoliu em seco, tentando controlar a irritação.

– Você não respondeu à minha pergunta. Como veio parar aqui?

– Sou só um cara que gosta de festas. – William manteve os olhos fixos em seu interlocutor e cuspiu outro monte de sementes de girassol, dessa vez no chão. – Além disso, tem um monte de mulheres lindas por aqui. – Fez um gesto com o queixo macilento. – Olhe aquele pedaço de mau caminho ali.

Annabel ocupava um lugar na ponta da mesa principal, perto do palco. Tinha virado a cadeira um pouco para o lado enquanto falava com um dos garçons. Apesar de suas pernas estarem fechadas, o vestido tinha se prendido em um de seus joelhos e da posição deles era possível ver um pequeno triângulo de seda branca entre elas.

Mike sentiu o rosto ficar quente de raiva. Empertigou-se e o grandalhão, sem desviar os olhos inexpressivos da parede ao longe, deu um passo para o lado na direção deles.

Mike percebeu que uma onda de seu velho instinto se apoderava dele. Estava tão perto de William que podia sentir seu hálito fedorento.

A mulher da prancheta o chamou pelo microfone. Ele relaxou os músculos e saiu andando com toda a calma. No caminho para o palco, sussurrou algo no ouvido de Annabel e ela ajeitou o vestido, esticando-o sobre os joelhos. As luzes do salão diminuíram, exceto as posicionadas sobre a mesa principal, que iluminavam Mike e os outros premiados. Quando seus olhos semicerrados percorreram todo o salão, ele só conseguiu discernir sombras em torno das mesas mais distantes.

O governador brindou a todos com uma entrada triunfal. Sua constituição física fazia o palco parecer menor. Ele contou algumas piadas introdutórias enquanto com um amplo sorriso exibia dentes da frente separados, sua marca registrada. Mike ouvia os risos abafados da multidão, mas estava concentrado em tentar ver seus rostos. Annabel, achando que a tensão do marido se devia à cerimônia, apertou a mão dele para demonstrar apoio. Kat deu um tchauzinho da mesa de Andrés, bem em frente.

Os outros homenageados se levantaram e fizeram breves discursos, mas Mike não conseguia se concentrar no que eles diziam. Pensou ter avistado a silhueta de William se movendo ao fundo do salão, mas então o ambiente foi tomado por um silêncio sepulcral e ele percebeu que todos o encaravam. A organizadora do evento, agora sem a prancheta, chamou seu nome mais uma vez ao microfone. Annabel fez um sinal para que ele ficasse de pé. Finalmente, andando com dificuldade, ele conseguiu subir ao palco.

– Eu, hã... – Ouviu um barulho estridente de retorno: sua boca estava perto demais do microfone. Além disso, ele sentia a perna fria por causa do tecido molhado de cerveja e tentava, com todas as forças, tirar da cabeça o estranho confronto com William. – Realmente eu não mereço estar aqui – continuou.

Da mesa VIP, Bill Garner olhava para ele com um sorriso tenso.

– Quero dizer, para receber um prêmio quando já me sinto tão afortunado por tudo o que tenho. Acordo todo dia pensando que ganhei na loteria. – Ele enfim conseguiu relaxar um pouco e encarou Annabel. Ela olhava para ele com um ar de adoração. – Afinal, tenho minha mulher, minha filha e um trabalho estável que adoro. – Ele abaixou a cabeça e prosseguiu: – Além disso, construir o Vale Verde não foi um ato de abnegação. Fui pago para fazer isso.

Ansiosas por quebrar a tensão, algumas pessoas riram, achando que ele estivesse brincando.

– Não sou um grande ambientalista – continuou Mike. – Só não quero que minha filha e meus netos olhem para mim daqui a algumas décadas com raiva por eu não ter feito a coisa certa.

O novo anel de brilhante de Annabel faiscava, o diamante parecendo coroar a fraude que ele era. Como se tivesse lido seus pensamentos, ela levou as mãos para baixo da mesa e olhou para o outro lado, tentando manter a compostura. Vê-la triste o deixou completamente arrasado e por um momento ele esqueceu onde estava. O silêncio se alongou por um momento desconfortável enquanto ele procurava as palavras para prosseguir com o discurso. Quase confessou tudo e saiu dali correndo para começar a tentar sair do buraco em que tinha metido a si mesmo e quarenta outras famílias. Em vez disso, porém, ouviu a própria voz dizendo:

– Obrigado por este reconhecimento. Sinto-me muito honrado.

Annabel fechou os olhos e Mike viu seu nervosismo. Após os aplausos, ele fugiu dos holofotes, tocou suavemente no ombro dela e murmurou:

– Vamos sair daqui.

As luzes do salão se acenderam – a cerimônia tinha terminado. Mike percorreu o lugar com os olhos, mas não havia sinal de William ou do grandalhão em lugar algum. Sentia-se mal, com a cabeça a mil por causa do confronto inesperado, a premiação injusta, a forma como Annabel desviara os olhos quando ele estava no palco. Queria ir para casa e esquecer tudo aquilo debaixo de uma ducha quente.

Um fotógrafo se aproximou deles e informou:

– Precisamos de mais algumas fotos.

– Desculpe – lamentou Mike. – Precisamos mesmo ir embora.

Assentindo rapidamente para as pessoas que o cumprimentavam, pegou a mão de Kat e seguiu com ela e Annabel em direção à porta. Andrés foi atrás dele.

– Por que a pressa? – perguntou.

Kat estava radiante.

– Papai disse que construiu o Vale Verde por causa de *mim*.

Annabel deu um sorriso forçado e Mike apertou o passo, tentando ignorar a observação de Kat. Alguns convidados já haviam saído do salão, mas o estacionamento não tinha quase ninguém, só um monte de carros importados e automóveis híbridos. Mike apressou a mulher e a filha ao longo das fileiras de veículos, à procura do Grand Marquis preto que pensara tê-lo seguido alguns dias antes.

– Mike – chamou Annabel, trocando de braço a placa de homenagem que o marido tinha recebido e quase deixando-a cair –, o que está acontecendo?

– Espere só um instantinho.

Na outra extremidade do estacionamento, parada de forma displicente e ocupando duas vagas, uma van branca empoeirada se destacava entre os carros lustrosos. Enfiado entre o para-brisa e o painel interno estava um saco aberto de sementes de girassol. Mike parou perto do automóvel e olhou para dentro. Os assentos do motorista e do carona estavam vazios, mas não era possível ver nada no banco de trás.

A placa dianteira não existia.

Mike se virou para a mulher.

– Vá indo com Kat, entre no carro e tranque as portas.

Annabel franziu a testa, preocupada, mas pegou a mão da filha e obedeceu. Algumas pessoas já apareciam no estacionamento para resgatar seus veículos, mas a fileira onde eles tinham estacionado estava escura e deserta.

Mike andou ao redor da van tentando ver alguma coisa. Era um modelo Ford antigo, do final dos anos 1970. Deu uma espiada pelas cortinas da janela traseira empoeirada, que tinham sido deixadas abertas. Aliviado, viu que a placa traseira existia. Era um modelo da Califórnia de fundo azul e inscrição em amarelo. As letras e os números estavam tão apagados que ele teve que se abaixar para ler: 771 FJK.

De repente ouviu uma voz enervantemente próxima.

– Você deixou que sua *mulher* saísse de casa vestida daquele jeito?

Mike deu um salto para trás e se empertigou. O rosto de William apareceu pela janela de trás da van, emoldurado pelas cortinas como se fossem mechas de cabelo. Subitamente, a porta traseira se escancarou com um estalido, fazendo Mike recuar com o coração aos pulos. William desceu do automóvel com dificuldade, com o grandalhão em seu encalço.

Os pulmões de Mike queimavam por causa de sua respiração acelerada.

– Ela não precisa da minha *permissão* para fazer nada.

Um alarme disparou perto deles e Mike notou, com alívio, que agora o estacionamento estava se enchendo de gente atrás de seus carros. Será que os dois homens tinham se escondido dentro da van de propósito, esperando para segui-lo até em casa?

Com um sorrisinho afetado, William se aproximou de Mike com seu andar manco.

– Por que está nos incomodando desse jeito? – questionou ele, segurando a taça de vinho cheia de cascas de sementes de girassol meio mascadas. – Por que veio atrás de nós até aqui para espionar nosso carro? – Ele cuspiu uma casca no chão, perto do pé de Mike, e o encarou. – É melhor voltar para sua família.

Mike desviou os olhos, inquieto, de William para o grandalhão, que estava de pé em silêncio, com os braços cruzados na altura do peito e o rosto inexpressivo meio oculto pelas sombras.

– Que diabo você quer dizer com isso?

– Quero dizer que um homem de família como você tem coisa melhor para fazer do que ficar de papo furado com os pobres.

William olhou para além de Mike e ele se virou.

Do banco do carona, Annabel os observava ansiosamente pelo para-brisa. A caminhonete de Mike estava a duas fileiras de distância, mas era possível ver, com toda a nitidez, Kat mexendo na mochila no banco de trás. As duas estavam bem ali, à vista, expostas. O ar noturno tinha cheiro de grama molhada por causa do campo de golfe mais além. Havia um toque de fumaça de charuto na atmosfera. Os olhos de Annabel imploravam pela presença dele.

Mike se virou de novo para William.

– Isso tem alguma coisa a ver com o Vale Verde?

– Vale Verde?

William pareceu genuinamente confuso.

– Você vem me seguindo – afirmou Mike.

Os olhos do homem ficaram frenéticos, movendo-se de um lado para outro em um tique nervoso quase mecânico.

– Se tem alguém seguindo o senhor, Sr. Wingate, não venha descontar em mim e no Dodge – argumentou ele, indicando o grandalhão.

Nenhum dos dois desviou o olhar. Mike deu alguns passos para trás, depois se virou e saiu andando devagar para o carro, acompanhado pela expressão tensa de Annabel. Algumas pessoas lhe parabenizaram no caminho e ele fez um aceno com a cabeça para elas, com o rosto ainda vermelho de raiva. Quando se aproximou da caminhonete, Annabel abriu a porta rapidamente. Kat estava distraída, apontando para uma mulher pela janela.

– O chapéu daquela moça é muito maneiro! – exclamou ela.

De repente, Mike ouviu um estrondo atrás dele e, quando se virou, viu William com a mão trêmula levantada, desculpando-se com a pequena aglomeração de pessoas que tinham se reunido em volta dele, preocupadas.

– Não foi nada. Eu só escorreguei.

Um homem de terno usou uma revista enrolada para varrer os cacos de vidro de debaixo dos pneus. Dodge se abaixou para ajudar, ainda sem abrir a boca. Será que era mudo?

Annabel tinha saído do carro.

– Mike, que diabo está acontecendo?

Ele a agarrou pelo braço e a obrigou a voltar para o carro, com um gesto protetor.

– Vamos embora agora. No caminho eu explico tudo.

– Você está me machucando – reclamou ela em voz baixa.

Ele a soltou, deixando uma marca vermelha no lugar em que tinha segurado. Annabel entrou na caminhonete e ele deu a volta para se sentar no banco do motorista.

Mas antes que ele entrasse no carro, William e Dodge já o tinham quase alcançado. Ele olhou

para Annabel e constatou que ela estava completamente pálida. Viu-a esticando o braço para a porta e em seguida ouviu o estalido das trancas automáticas. No banco de trás, Kat arrumava os livros na mochila, sem se dar conta de nada.

William se aproximou de Mike, movendo-se rapidamente. Seu quadril se inclinava um pouco para o lado quando ele caminhava, mas isso não era nada comparado com o andar manco que ele mostrara antes. Mike se perguntou até que ponto ele usava a doença a seu favor, como Shep costumava fazer com sua surdez.

Mike se colocou na defensiva e disse:

– Vejo que sua paralisia cerebral melhorou bastante.

William sorriu, mostrando os dentes amarelos.

– Graças a Deus!

Dodge estava parado a um passo deles, com um dos enormes braços escondido atrás das costas. Será que segurava uma faca? Ou uma arma?

Mike sentiu a adrenalina invadir seu corpo, deixando-o tonto. Ele podia acabar com William em um piscar de olhos, mas Dodge era uma incógnita. A julgar pela aparência, seria capaz de quebrar o pescoço de Mike com uma só mão. Porém, a única preocupação dele naquele momento eram Annabel e Kat. A menina continuava focada na mochila de livros, mas a qualquer minuto veria o que estava acontecendo. Mike tentou dar a entender a Annabel que queria que ela passasse para o banco do motorista e saísse dali, mas sabia que ela nunca o abandonaria.

William cuspiu um monte de cascas de sementes de girassol nos sapatos de Mike.

– Não faça isso – alertou Mike.

William colocou a língua para fora da boca com uma casca preta visível na ponta, que ele cuspiu bem no peito de Mike.

– Se fizer isso mais uma vez, vamos ter problemas – ameaçou Mike.

William estreitou os olhos em uma expressão avaliadora.

– Ah, aí está.

Distraída, uma mulher de casaco de pele passou por Mike pedindo licença para entrar em seu Jaguar. A presença dela fez com que ele caísse em si. Suspirou profundamente, contendo a raiva. Depois deu um passo para trás, com os olhos colados em Dodge, que continuava com o braço escondido.

Mike deu uma olhada rápida por sobre o ombro. Kat agora estava atenta ao que acontecia, a expressão tão séria quanto a de sua mãe. Ele tentou usar um argumento sensato.

– Veja todas essas pessoas. Se começarmos a brigar aqui, vai ser um vexame sem tamanho. Não queremos isso.

– Brigar? *Brigar?* – respondeu William com um sorriso afetado, e até Dodge ficou com uma expressão de divertimento, mostrando um par de dentes separados. – Normalmente há alguns estágios anteriores a isso. Gritos, peitos estufados, empurrões. Não queremos pular as preliminares, não é?

– Queremos, sim – retrucou Mike. – Qualquer que seja o joguinho de vocês, ele acaba aqui.

– Não acaba, não – disse Dodge em uma voz baixa, quase inaudível, surpreendendo Mike.

O grandalhão tirou a mão enorme de trás das costas e deixou cair no chão um urso-polar de pelúcia.

12

A PRIMEIRA REAÇÃO DE MIKE não foi de raiva ou medo, mas de total descrença. A partir daí, tudo ficou em câmera lenta: a mão de Dodge aberta depois de soltar o ursinho, a boca de William se fechando em volta das sementes de girassol de forma imprecisa por causa de sua doença, o bichinho de pelúcia de Kat rolando lentamente pelo asfalto do estacionamento, com um braço peludo escuro e oleoso devido a uma poça de óleo. Foi surreal – até mesmo desorientador – ver o brinquedo nesse contexto.

A mente de Mike era um turbilhão enquanto ele tentava entender o que tinha acontecido. As implicações de como o urso-polar tinha ido parar ali pareciam chocantes demais para ele processar.

– Onde conseguiu isso? – perguntou.

– Eu achei – respondeu William, que estava mais próximo dele. Depois, deu um sorriso ardiloso. – É de Katherine?

Ouvir o nome completo da filha ser pronunciado por aquele homem acionou algum dispositivo que fez seu cérebro entrar em plena velocidade. Lembrou-se da voz através da babá eletrônica. Da janela automática do quarto de Kat. Aqueles homens no quarto de sua filha?

Seu sangue ferveu nas veias. Sua visão se tornou primeiro totalmente aguçada, depois embaçada quando ele deu uma cabeçada em William. Ouviu o barulho de ossos estalando. O hálito do homem se misturou com o seu e os olhos dos dois ficaram muito próximos em um instante congelado no tempo, quando Mike viu uma pupila marrom se revirando em uma expressão de choque e dor.

William recuou, uivando, e Mike sentiu o suor dele na própria testa. Havia algo muito primitivo em uma cabeçada, em usar o rosto como arma. O golpe aprendido nas ruas, o preferido de Shep, deixou Mike sem ar. Naquele momento ele estava mais próximo de sua infância no orfanato do que da vida adulta como empreiteiro bem-sucedido.

Dodge olhou para ele com um interesse maior, como um gato seguindo a pista de um canário.

William rolava no chão, segurando o queixo e gritando:

– Vocês viram? Ele me *acertou*! Esse homem me *bateu*!

Alguns convidados da cerimônia pararam boquiabertos. Outros ergueram a cabeça pelo teto dos carros. Outros, ainda, ficaram paralisados a poucos passos de distância, olhando a cena e pensando que diabo poderiam fazer. A perna manca de William jazia rigidamente no asfalto.

Dodge abriu os lábios, mostrando finas lascas de dentes, em uma postura de desafio.

Mike se aprumou para encará-lo de cabeça erguida.

Em algum lugar de sua mente, ele ouviu Kat gritando do banco traseiro do carro, trazendo-o de volta à realidade. Ele parou, tentando se controlar, a respiração tão forte que seus ombros se levantavam e abaixavam com o esforço.

Annabel gritava que ele entrasse no carro e ele pensou nela e em Kat assistindo àquela cena toda. Podia ver tudo o que estava prestes a perder naqueles inúmeros olhos apontados em sua

direção, toda aquela gente bem vestida que acabara de testemunhá-lo batendo em um aleijado.

Mike se dirigiu à sua caminhonete e algumas boas almas correram para socorrer William.

Dodge não tirou os olhos dele nem por um instante.

– Até breve – prometeu ele, fazendo Mike sentir um arrepio na espinha.

Mike entrou no carro e deu a partida no motor. Agora uma multidão rodeava os dois homens, iluminados pela luz dos faróis. William, com a mão no rosto, conseguiu ficar de pé com a ajuda de alguém, mas sua perna vacilou e ele caiu no chão de novo. Várias mulheres encararam Mike com uma expressão de horror no rosto.

– O que foi isso que acabou de acontecer? – perguntou Annabel baixinho.

– Não sei – confessou Mike.

Com o braço direito por sobre o banco do carona, ele engatou a ré e foi saindo da vaga lentamente. Kat estava deitada toda enroscada no banco de trás, com as bochechas vermelhas. A pequena multidão se dissipou quando Mike saiu com o carro, mantendo o olhar fixo no retrovisor.

À luz vermelha dos freios, ele viu William caído. Dodge estava de pé a seu lado, um gigante humano com a cabeça inclinada para o lado observando-os se afastarem.

13

– Então temos um William e um... *Dodge*. É isso?

O detetive empurrou meticulosamente a caneca de café até que ela se encaixasse em uma das muitas manchas circulares na superfície de sua mesa minúscula. O homem era alto, com o queixo saliente e a boca larga e torta. Seu sobrenome eslavo – Markovic – estava gravado em uma placa descascada.

Sua parceira era totalmente diferente dele, com os traços bem definidos e a pele escura e lisa. Simone Elzey usava uma camisa de botões barata com os punhos fechados. As mãos cheias de calos e o pescoço grosso sugeriam que ela fazia musculação. Uma tatuagem de anjo no lado esquerdo do pescoço lhe dava um ar intimidador, e Mike imaginou que a intenção fosse justamente essa. Depois de colher as informações básicas, ela foi a um escritório adjacente para dar entrada no boletim de ocorrência, o que soou como um jargão policial que significava que não ia fazer droga nenhuma.

A delegacia de Lost Hills, a poucos quilômetros da casa dos Wingates, estava praticamente largada às moscas. Eram onze da manhã de domingo e todo mundo tinha coisa melhor para fazer, inclusive Markovic e Elzey. Mike e Annabel ocupavam desconfortáveis cadeiras de madeira e Kat estava tão exausta que apagara no colo na mãe. Eles tinham relatado o incidente várias vezes, mas os detetives continuavam fazendo as mesmas perguntas usando palavras diferentes, com olhares de ceticismo.

Os dois foram informados que, como o confronto havia ocorrido em Tarzana, o Departamento de Polícia de Los Angeles seria convocado a cuidar do caso se uma investigação formal fosse aberta. Mike e Annabel tinham ficado em dúvida sobre o que fazer durante a maior parte do caminho de volta para casa, então acabaram indo à delegacia do bairro. Mike se deu conta de que aquela era a única repartição policial que ele de fato conhecia. Que diferença da época em que morava na Shady Lane e ele e Shep conheciam todas as delegacias próximas à casa da Mamãe do Sofá...

– É. Como eu já tinha dito – respondeu ele.

Markovic o estudou com olhos cinzentos insensíveis.

– Conseguiu ouvir algum sobrenome?

A pergunta, que suscitava recordações desagradáveis em Mike, deixou-o totalmente desestabilizado. Ele se sentia desconfortável, com uma estranha e inexplicável culpa. Percebendo seu desconforto, Annabel esticou o braço e pousou a mão no ombro dele.

– Algum sobrenome? – repetiu Markovic.

Mike enfim notou a fonte do eco e sua mente retrocedeu à primeira lembrança nebulosa depois que seu pai o abandonara. Estava em uma delegacia semelhante, onde um policial não parava de lhe fazer perguntas, uma depois da outra, mergulhando-o ainda mais fundo em sua névoa de esquecimento: *Não sabe seu sobrenome? E o nome do seu pai?* Tentando recuperar o equilíbrio,

Mike deu uma olhada na sala em volta – havia cartazes de crianças desaparecidas, pessoas dando queixa de assaltos, o cheiro azedo de café velho. Situações iguais de tantas formas... Mas ainda assim completamente diferentes, lembrou a si mesmo. Agora ele era adulto. Um contribuinte. Um membro da comunidade.

Uma música da Steve Miller Band soava através de alto-falantes de décadas de idade, suplantando o ruído dos rádios da polícia.

– Não – disse Mike, talvez um pouco áspero demais. – Já falei isso. Achei que o número da placa bastasse.

– E *eu* já falei que o número que você nos informou pertence a um Eldorado 1978 que, de acordo com a última vistoria, realizada em 1991, está em nome de Jirou Arihyoshi, um jardineiro de Yuba City. Então, a menos que tenha se equivocado...

– Não me equivoquei.

– Hummm.

Os programas de TV sempre faziam o processo todo parecer muito fácil. Um livro de registro de ocorrências, uma digital e, em seguida, Jack Bauer estava arrombando a porta da frente de uma casa. Mas as únicas informações que Mike tinha eram dois primeiros nomes, uma van branca e um número de placa que estava fora de circulação havia duas décadas. Lembrou-se de como se sentiu no escritório de Hank, quando deparou com aquela pasta cheia de becos sem saída. Uma agulha em um palheiro.

Annabel ainda não tinha se convencido de que William ou Dodge tinham invadido sua casa de madrugada para roubar o urso-polar de Kat e sussurrado perto da babá eletrônica. Estava mais preocupada com a ameaça genérica que os dois representavam. O fato de terem pegado o bicho de pelúcia em algum lugar significava que estavam seguindo a família ou vigiando Kat. Era óbvio que queriam *alguma coisa*.

Markovic folheou suas anotações.

– Vocês estão com o tal... urso-polar de pelúcia?

– Não, eu... Não, nós...

– Fomos embora e o deixamos lá no chão – intercedeu Annabel. – Não achamos aconselhável voltar para pegá-lo.

– Hummm – fez o detetive, e depois encarou Mike. – E você disse que *outro* carro o seguiu?

Mike havia mencionado o Grand Marquis por alto, atraindo um olhar de curiosidade de Annabel. Agora ele se arrependia de ter tocado no assunto.

– Acho que sim. Mas não tenho certeza. Na quarta-feira. Um Grand Marquis.

– Mas hoje à noite esses caras, William e... – deu uma olhada no bloco de anotações – *Dodge*, eles estavam em uma van.

– Eles podem ter dois carros.

– Claro. Com certeza.

Mike pressionou a testa com os dedos no ponto dolorido. Markovic estava distraído

contemplando suas anotações. No escritório ao lado, visível por uma janela interna, Elzey ainda digitava informações no teclado, ao mesmo tempo em que usava um telefone antiquado, com o fio em espiral esticado à mostra. Desligou e em seguida discou outro número. Mike não estava gostando nada de sua linguagem corporal. Quando terminou a ligação, ela foi até a porta e chamou o parceiro.

– Marko.

Markovic empurrou a cadeira para trás com um ruído e foi ver o que ela queria. A atitude deles estava dando nos nervos de Mike. Ambos tinham a cara fechada e sussurravam entre os dentes quase sem mexer os lábios. Elzey percebeu que Mike estava atento e fechou as persianas com um único puxão da corda.

Perturbado, ele se concentrou de novo em sua família. Kat continuava apagada.

– Temos que levá-la para casa – murmurou Annabel.

– Assim que ele voltar.

– Você ach... – começou ela, depois parou no meio da frase. Mike fez um sinal com a cabeça para que ela fosse em frente. – Você acha que o subempreiteiro desaparecido tem alguma coisa a ver com isso? Ou o governador?

– Do que vocês estão falando? – perguntou Kat, que tinha acordado de repente. – Que subempreiteiro desaparecido?

– Não é nada, filha – retrucou Mike. Depois, virou-se para Annabel – Duvido. É difícil imaginá-los ligados a isso.

– Isso *o quê*?

– Fique quieta, Kat – pediu Mike. – Volte a dormir.

Ela franziu a testa para ele antes de apoiar a cabeça de novo no peito da mãe. Annabel acariciou, distraída, os cabelos da filha, com os olhos fixos em Mike.

Ele *esperava* que o que acontecera – o que quer que fosse – tivesse a ver com os tubos de PVC e a campanha de marketing de Bill Garner, porque ao menos ele saberia exatamente com o que estava lidando: um mundo de motivos bem claros e uma troca específica de favores. Então, Mike não disse o que mais temia: que aquilo não tivesse nada a ver com o Vale Verde. Que fosse um tipo diferente de jogo sujo que ainda não tinha mostrado a que viera.

Markovic e Elzey voltaram à sala com energia renovada, pisando firme. A mulher pegou uma cadeira e se sentou nela ao contrário, com o encosto virado para a frente.

– Não estamos conseguindo checar alguns dados biográficos – disse ela. – Em relação a você.

Mike sentiu a pulsação acelerar.

– Por que vocês estão *me* perseguindo?

– "Perseguindo" você. – Markovic franziu a testa com intensidade. – Alguém anda vendo muitas séries policiais.

– Veja bem – retrucou Elzey –, quando alguém chega aqui pedindo que a gente investigue alguma coisa, a gente investiga. Você tem um histórico totalmente limpo, com várias lacunas. Se

está tão preocupado quanto diz, talvez possa preencher essas lacunas para que nós possamos saber como agir.

Mike os imaginou conversando na outra sala e pensou o que tinha acontecido para gerar essa atitude agressiva.

– Não tenho a menor *ideia* de como ajudar vocês – disse ele.

– Ora, pelo amor de Deus... Deve haver *alguma* coisa. Um negócio que deu errado, um desdobramento inesperado de uma situação, uma mulher próxima... Nunca passou por nada desse tipo?

– Nunca.

Dava para perceber que ele tinha algo a esconder, mas não podia simplesmente contar toda a história sobre os canos de PVC e o acordo verbal feito com o assessor do governador. Além disso, tinha certeza que o confronto com William não tinha nada a ver com isso. A violência mal dissimulada, a abordagem em círculos semelhante à de um tubarão prestes a atacar, a ameaça velada – tudo isso indicava que era algo mais sério do que alguma baboseira política envolvendo subsídios e casas sustentáveis.

Elzey fez um gesto de impotência.

– Não podemos ajudá-lo se não for sincero conosco.

– Espere um instante. Por que está virando a situação contra *ele*? – quis saber Annabel, empertigando-se na cadeira e quase derrubando Kat no chão.

A menina resmungou e Markovic disse, inclinando-se para ela:

– Por que não vai brincar naquelas cadeiras?

– Ela está cansada – replicou Annabel.

– Então ela pode se deitar lá.

Kat arrastou a mochila até o lugar que o detetive tinha indicado e se esparramou em um dos assentos, balançando os pés acima do chão cheio de manchas.

– Dois homens me abordaram em um estacionamento – argumentou Mike. – O que meu histórico tem a ver com isso?

– É o que queremos que você nos diga. – O tom de Elzey era educado, conciliatório. Quando ela inclinava a cabeça para ouvir melhor, a tatuagem de anjo, uma marca preta em sua pele escura, parecia uma marca de nascença. – Além disso, não está parecendo que eles foram para cima de você mais do que você foi para cima deles. Então eles estavam agindo de maneira estranha...

– Não foi só *estranho*. Não foi só algum tipo de joguinho ou abordagem aleatória. – Com o terno caríssimo em desalinho, Mike puxou a gravata e a enfiou no bolso. – Esses homens são perigosos. Sei ver a diferença.

– Como? – Markovic encarou-o. – Quero dizer, onde um homem de negócios bem-sucedido como você teria aprendido a reconhecer criminosos?

– Qualquer um poderia ver que esses caras não são flor que se cheire. – Ele estava exausto, irritado, e suas palavras saíram ásperas. – Além disso, eles roubaram algo da minha filha.

– Parece que eles estavam tentando devolver um objeto perdido.

– Como você acha que o objeto *se perdeu*? – perguntou Annabel.

– Sua filha estava com uma mochila – retrucou Elzey. – O ursinho não pode ter caído durante a cerimônia?

– Acho que eu teria notado se houvesse um *urso-polar de pelúcia* dentro da minha mochila – gritou Kat do outro lado da sala.

– Talvez ela o tivesse perdido e estivesse com vergonha de dizer – sugeriu Markovic, baixinho. – Podia estar com medo de contar. Crianças... Quem sabe ela mentiu?

– Na nossa família ninguém mente – contestou Mike, sem conseguir se conter.

– Ele foi roubado há *dias* – acrescentou Annabel.

– Talvez Katherine não lembrasse onde o tinha deixado. Pode tê-lo largado dentro do carro, por exemplo. Você chegam à festa, abrem a porta, ele cai...

O rosto de Markovic dizia que ele estava apenas pintando um cenário, mas os olhos indicavam outra coisa.

A confiança de Mike ficou abalada. Não podia afirmar que o detetive estava errado. Afinal, Kat não tinha certeza de onde tinha visto o bichinho pela última vez. Ele sentiu que estava cada vez mais na defensiva, fazendo justamente aquilo que não devia: sustentando os mesmos argumentos. Abaixou o tom de voz para que Kat não ouvisse:

– Não. Eles arrombaram nossa casa e o *roubaram*.

– Tudo bem. – A expressão de Markovic se suavizou. – Então você preencheu um relatório de invasão de domicílio?

Annabel lançou um olhar atento para o marido. Ela recomendara, sabiamente, que ele deixasse o possível arrombamento de lado. Ele desviou os olhos, desanimado.

– Não.

– Por que não? – indagou Markovic.

O que ele ia dizer? *Porque achei que estivesse ouvindo fantasmas na babá eletrônica? Porque não havia sinal de arrombamento? Porque talvez fosse tudo fruto da minha imaginação?*

Apesar de ela mesma não acreditar nisso, Annabel começou a defendê-lo:

– A gente acha...

O olhar fixo de Elzey a fez parar no meio da frase e o complemento “que ouviu alguma coisa” não chegou a ser dito.

Annabel insistiu, tentando explicar o que tinha acontecido sem fazer com que parecessem loucos, mas Mike ficou quieto. Ele conhecia a sensação de estar do lado errado em um interrogatório. Apesar de já fazer muito tempo que ocupara essa posição pela última vez, ainda conseguia reconhecer os sinais que deixavam claro que se estava à mercê da lei, e não sendo protegido por ela.

Ele se levantou e tocou nas costas da esposa.

– Vamos embora. – Cumprimentou os detetives com um aceno de cabeça. – Obrigado por sua atenção.

– Sente-se – disse Elzey.

Mike continuou de pé. Esperou um instante. Quando falou, sua voz estava perfeitamente equilibrada.

– Estou bem assim, obrigado.

A detetive se levantou com uma atitude de desafio, encarando-o. Annabel também se pôs de pé e esbarrou de leve em Elzey, que estava parada muito perto dela. Markovic observava a cena com certo ar de distanciamento que parecia, ao mesmo tempo, exasperado e ligeiramente divertido.

– Do jeito que essa merda desandou – comentou Elzey -, é melhor torcer para que seu amiguinho William não apresente uma queixa contra *você*.

A paciência dela já tinha se esgotado – sua entonação mudou e ela passou a usar o vocabulário chulo das ruas. Elzey e Mike eram duas faces da mesma moeda. Ela tinha vencido na vida, seguido o caminho da lei, mas a menina de rua ainda estava dentro dela doida para tornar as rédeas, querendo provar algo. Ela piscou uma vez e desviou o olhar, desconfortável com o modo como ele a encarava.

– Parece que de repente você se envolveu totalmente no caso.

Elzey deu de ombros.

– Foi você que *nos* procurou.

Annabel soltou uma risada amarga.

– Meu marido é atacado em uma cerimônia de homenagem aos serviços comunitários que prestou e vocês começam a investigar a vida *dele*?

– "Atacado"? – Finalmente Markovic ficou de pé também, juntando-se aos outros três. – Pelo que disseram, eles não ameaçaram você.

– A situação *em si* já foi uma ameaça – retrucou Mike.

– Então nos ajude a entender *por que* você está sendo ameaçado – pediu Elzey. – Seu histórico tem tantos buracos que parece um queijo suíço. Você surgiu do nada quando tinha 19 anos, é isso?

– Eu fui criado aqui.

– "Aqui" onde? Do outro lado da rua?

– Não infringi nenhuma lei. Sou um cidadão exemplar. Pago todos os impostos. Não tenho que relatar tudo o que eu fiz desde a infância.

– Que tal relatar pelo menos *alguma* coisa? – retrucou Elzey.

– Você sabe minha data de nascimento.

A que lhe tinham atribuído junto com o sobrenome Doe – de origem desconhecida. Mesmo quando ele mudou de sobrenome, manteve a data de nascimento, porque era a única que tinha.

– E quanto ao resto? Pais? Endereço na infância? Escola em que estudou?

– Por que está tão interessada no meu passado?

A detetive fez um movimento com os lábios que se poderia chamar de sorriso.

– Somos eu e Marko que fazemos as perguntas aqui.

Annabel pegou um braço do marido e disse:

– Obrigada pela ajuda de vocês.

Kat estava de pé observando a cena com uma expressão ansiosa, mordendo a faixa da mochila. Depois, atravessou a sala correndo na direção dos pais. No caminho até a saída, Mike pôde sentir os olhares penetrantes dos policiais às suas costas.

ANTES

14

PASSADOS TRÊS MINUTOS DA meia-noite, Mike vê luzes vermelhas entrando pela janela do quarto comunitário no número 1.788 da Shady Lane e entende. A cama de lona ao lado da sua está vazia – Shep está trabalhando como leão de chácara em um bar de quinta categoria e ainda vai demorar horas para chegar, considerando que chegue. Mike ouve os passos da Mamãe do Sofá em direção à porta da frente tornando-se mais rápidos à medida que a própria ansiedade cresce. Ele se esconde, querendo enterrar a cabeça nos lençóis. No banquinho de plástico que serve de mesinha de cabeceira está um exemplar amassado de *As vinhas da ira* cuja capa algum gênio – sem dúvida Dubronski ou Tony – rabiscou, transformando o título em *As linhas da pica*. À sua volta, os outros continuam dormindo. *Está tudo acabado*, pensa Mike.

Meia hora depois, lá está ele na familiar sala de interrogatório e dessa vez não tem o velhinho legal dono do Saab verde-escuro para livrar sua cara.

Sim, é ele na imagem captada pela câmera de segurança. Sim, ele penhorou a moeda rara roubada. Sim, ele a achou na rua.

Como sempre, os detetives não têm rosto nem nome. São como os adultos nas histórias em quadrinhos do Charlie Brown. Apenas sons e informações pontuais.

– Você é um garoto legal – dizem eles. – A gente sabe. Ainda não é tarde demais. Demos uma olhada na sua ficha. Algumas brigas, é claro, mas um roubo de cofre? Não faz sentido. Sabemos que você é amigo de Shepherd White, e isso parece mais coisa *dele*. Esse garoto é encrenca na certa. Ele vai acabar atrás das grades mais cedo ou mais tarde. Você vai deixar que ele o arraste junto?

Mike pensa: *Lealdade*. *Perseverança*.

– Você vai entrar na faculdade, está tentando ser um bom cidadão – continuam eles. – Tem um futuro brilhante pela frente. Shepherd White é um marginal, um fora da lei. É só somar dois mais dois.

Mas Mike está pensando em uma conta diferente. Ele ainda tem 17 anos. Já Shep tem 18 e dois antecedentes criminais. Se Mike dedurá-lo, o amigo terá que responder por seu terceiro delito e será condenado a uma pena que pode variar de 25 anos a prisão perpétua.

Mike conhece as opções e todas o amedrontam tanto que sua camiseta está encharcada de suor.

Os detetives não se impressionam com a falta de disposição de Mike para fazer um acordo.

– Se você não quiser colaborar, o que vai acontecer é o seguinte: você já tem uma ficha criminal e nós temos uma vítima insatisfeita, o Sr. Sandoval, da Valley Liquors, pronto para dizer o que for preciso. Os juízes adoram casos de arrombamento de cofre: são rápidos e fáceis de julgar. De um jeito ou de outro, seu querido lar adotivo já está ferrado. Mesmo que a gente não consiga provar a invasão de domicílio, ainda podemos usar a receptação de objetos roubados. Isso significa que *você* vai ser preso. Então é melhor pensar bem se seu colega vale isso.

Se Shep estivesse presente, ele assumiria toda a culpa. Preferiria a prisão perpétua a permitir

que Mike fosse para a cadeia, porque ele é puro, ao contrário de Mike, que está lutando consigo mesmo para fazer a coisa certa e desejando que Shep estivesse ali para intervir e tirar a decisão de suas mãos.

Mike está com a garganta seca.

– Ele vale – responde.

Os detetives estão prontos para isso. Pegam um formulário oficial de inscrição da Universidade Estadual da Califórnia e dizem:

– Leia a parte marcada de amarelo.

Mike lê a pergunta 11b:

– *Você já foi preso, acusado ou condenado por qualquer crime ou infração?*

– Isso mesmo – continuam. – Você está jogando a faculdade pela janela. Está jogando seu futuro fora. É melhor pensar bem.

Ele é acusado no dia seguinte e sai sob fiança para aguardar o julgamento em liberdade.

Quando chega em casa, Mike vê Shep esperando na janela da sala. Eles saem juntos e se sentam nos balanços caindo aos pedaços.

– De jeito nenhum – diz Shep. – Vou lá contar tudo para eles.

– Se você fizer isso, não vai sair mais da cadeia.

– Não quero nem saber. É a sua *faculdade* que está em jogo. Está decidido – retruca Shep.

Sua voz está alta pela primeira vez em muito tempo.

– Se você fizer isso, eu não vou visitá-lo – ameaça Mike. – Nunca mais vou falar com você.

A expressão de Shep muda e, por um instante terrível, Mike acha que ele vai chorar.

Conforme prometido, a acusação é de receptação de objetos roubados. O juiz está de saco cheio de garotos como Mike e ele é condenado a uma pena de seis meses no reformatório. Na véspera do dia em que deve se entregar, ele pede para ficar um instante sozinho no quarto. Os garotos concedem seu último desejo. O rosto de Shep está inexpressivo, mas Mike sabe que ele está arrasado por ter sido deixado do lado de fora junto com os outros. Mike recolhe suas coisas, arruma a cama de lona pela última vez, depois olha em volta do cômodo. Em cima do ar-condicionado quebrado está um dos sapatos de Shep, tão grande que parece possível dormir dentro dele. As gavetas da cômoda comunitária estão despencadas, os trilhos despedaçados há muito tempo. Sobre o banquinho de plástico está o exemplar de "*As linhas da pica*". Ele o pega e corre os dedos pela capa em frangalhos. Assim como o Saab verde-escuro, a obra parece representar tudo o que ele não pode ter, tudo o que ele não é, tudo o que nunca será. Com um último olhar na capa adulterada, atira o livro na lixeira.

Dubronski está na porta de entrada. O garoto está atento a todos os acontecimentos, mas, pela primeira vez, sua cara gorda não está satisfeita com o infortúnio alheio. Ele chupa uma bala por causa de uma baixa na glicose e brinca com as mãos rechonchudas.

– Ei, moleque, só queria dizer que isso tudo é um saco. Sempre pensei que, se você conseguisse sair desta vida, *todos nós* talvez pudéssemos valer alguma coisa.

E isso faz com que algo no íntimo de Mike se despedace de uma forma que ele nunca imaginava que fosse possível.

O reformatório não é fácil, mas ele sabe que não é tão violento quanto a prisão. Mike sabe brigar, então não tem muito que temer. Mas o lugar é um inferno – o inferno do descaso total. Os adolescentes dali representam o lado negro que Mike nunca conseguiu limpar de si mesmo. Ele está sempre desconfiado, olhando para trás o tempo inteiro e constantemente exausto por causa do estado de alerta eterno – acorda a cada cinco minutos, circula pelos corredores para ver o que está rolando e, no pátio, fica de costas para a cerca de tela o tempo todo.

Na terceira semana, é chamado à diretoria, onde a supervisora está esperando por ele. Ela não administra um "presídio", assim como ele não é um "preso", mas um "interno", e os carcereiros são chamados de "inspetores". Todos esses eufemismos não parecem tornar a penalidade menos rígida.

– Como você qualificaria seu estado de espírito neste momento, filho? – pergunta ela.

– Eu diria que estou apavorado – responde ele.

– Acho que você caiu numa cilada. Continue se comportando bem que eu garanto que seu tempo aqui será agradável.

– Sim, senhora.

– Farei o possível para que você seja libertado mais cedo. Nesse meio-tempo, não tente me fazer de idiota.

– Sim, senhora.

– E, quando você sair, também não me faça de idiota.

– Sim, senhora.

Alguns dias depois, um guarda com cara de bolacha o acorda às duas da manhã e sussurra, sem dar detalhes: a Mamãe do Sofá está morta.

Durante o resto da noite, Mike fica sentado sobre os lençóis revirados, com os pés descalços no chão gélido. Seus pensamentos e sentimentos estão bastante confusos.

De manhã, em um telefonema rápido para Shep, ele descobre que ela teve um derrame em um de seus raros banhos e que, quando caiu, bateu com a cabeça na borda da banheira. Ela tinha um bom coração, um coração forte capaz de bombear sangue para toda a extensão de seu corpo. Ainda assim, todo coração tem seus limites.

Ouvir a voz de Shep desencadeia algo dentro do peito de Mike. Quando ele desliga, percorre o corredor até o banheiro e se tranca em um dos reservados. Senta no vaso sanitário, abaixa o tronco e solta três soluços completamente silenciosos, com os olhos fechados e as mãos tapando a boca.

Ela podia não ser grande coisa, mas era tudo o que ele tinha.

Mike recebe autorização para ir ao enterro. Os dois tímidos policiais que o acompanham ficam de pé no fundo da capela abafada. Quando a cerimônia começa, o carro fúnebre do funeral anterior ainda está se afastando pela aleia e as pessoas que aguardam o próximo serviço já esperam do lado de fora. Mike atravessa a nave, olha para o caixão e pensa: *Eu decepcionei você*.

Nenhum dos filhos adotivos preparou um discurso. Não estão familiarizados com esse tipo de cerimônia, de formalidade. Por fim, Shep se levanta. Usando uma camisa social que não lhe cai bem, ele sobe na tribuna, triste. O silêncio impera.

– Ela estava lá – fala ele e desce.

Apesar de o padre franzir a testa ao ouvir essas palavras, Mike sabe que elas são o maior dos elogios.

Nove semanas depois, Mike sai do reformatório com uma sacola de roupas e 40 dólares no bolso, dinheiro que recebeu do governo. Shep está esperando por ele do lado de fora, em uma curva da estrada, encostado com os braços cruzados em um Camaro novo em folha. Mike não faz ideia de como o amigo ficou sabendo de sua saída antecipada, já que ele mesmo só foi informado na véspera.

Quando Mike se aproxima, Shep joga as chaves do carro para ele.

– Você não devia ter feito isso – diz.

– Lealdade – retruca Mike. – E perseverança.

Ele passa os meses seguintes procurando emprego, mas a ficha criminal sempre acaba atrapalhando, como uma pedra em seu sapato. Então, consegue uma ocupação temporária e passa a trabalhar com ex-presidiários que têm o dobro de sua idade, limpando a fuligem de postos do Corpo de Bombeiros. Com seu primeiro pagamento, contrata um advogado da lista telefônica e consegue lacrar sua ficha de delinquente juvenil. No entanto, logo descobre que, apesar de os possíveis empregadores não poderem ver sua ficha, eles sempre sabem que ela *está* lacrada. E o que imaginam que ele fez é sempre pior do que as transgressões que realmente cometeu.

Então ele vai a uma repartição do governo imunda, no centro da cidade, e entra na fila junto com um monte de vítimas de violência doméstica para trocar de nome e de documentos. Dessa vez, consegue um sobrenome que ele mesmo escolheu. Agora se chama Michael Wingate e não tem passado nem história. Pode começar do zero.

Arruma um emprego decente, como carpinteiro, e à noite passa camisas em uma lavanderia que é um verdadeiro purgatório. Ele e Shep se afastam e seguem caminhos diferentes. Acontece de forma natural, gradual – nada é falado.

Um dia, ele está passando em frente à vitrine de uma Blockbuster e a vê lá dentro parada entre as seções Drama e Comédia. Ele para e fica boquiaberto. A visão dessa mulher o fere da pior forma, provocando-lhe um profundo sentimento de ternura. Mas ele fica intimidado demais para entrar e falar com ela, então vai para casa e fica acordado na cama a noite toda, amaldiçoando sua timidez inesperada.

Nas semanas seguintes, ele volta à Blockbuster antes do trabalho, durante o intervalo, entre um serviço e outro. Em algum momento ela vai ter que devolver o filme – o prazo sem multa é de dois dias, certo? Mike fica cada vez mais convencido que ela não liga em pagar pelo atraso na devolução, que ela só sai de casa em horários alternativos, que ela o viu observando-a furtivamente pela vitrine e ficou com medo de sair de casa.

Em um domingo, porém, ela reaparece. Sem saber o que dizer, Mike corre até ela no

estacionamento e só nesse momento para e pergunta a si mesmo: *O que você está fazendo?* Ela olha para aquela figura ofegante e muda e, antes que ele possa falar qualquer coisa, ela cai na gargalhada e diz:

– Está bem, um almoço. Mas em um lugar público, caso você seja um assassino e queira me matar a machadadas.

O almoço vira um jantar. Envolvidos na conversa, eles deixam a comida esfriar em pratos intocados. Ela trabalha em uma creche. Seu sorriso o deixa tonto e ela toca no seu braço uma vez, ao achar graça de alguma coisa. Ele lhe conta sua história toda de uma vez, sem esconder nada, dizendo que era muito burro quando foi para o reformatório, mas que agora, desde que saíra de lá, estava cada vez menos. Ele fala sobre a Mamãe do Sofá, o velhinho do Saab verde-escuro e a diretora do reformatório, sobre o modo como essas pessoas o respeitaram antes mesmo que ele fizesse por merecer, sobre como isso provavelmente salvou sua vida e como ele esperava um dia poder fazer o mesmo pelos outros. Diz que gostaria de construir casas um dia.

– Ter sonhos é fácil – comenta ela –, mas parece que você possui a determinação suficiente para torná-los realidade.

Ele fica todo orgulhoso e diz:

– Perseverança.

Ele a acompanha até o carro e eles param, nervosos, naquela noite cortante de outubro. Ela abre a porta e fica ali parada, esperando. Ele hesita, morrendo de medo de estragar aquele encontro perfeito.

– Se você fosse mesmo corajoso – provoca ela –, me daria um beijo agora.

Saem para jantar uma segunda vez, e uma quinta. Quando ela o convida para ir à sua casa, ele troca de roupa três vezes antes, mas ainda assim acha seus trajes velhos demais e inadequados. Enquanto ela refoga os cogumelos, ele dá uma olhada no apartamento – pega um açucareiro, observa as fileiras de velas combinando entre si, passa a mão pelas cortinas finas cuja única função é dar um toque de lilás ao ambiente. Dá uma espiada em seu colchão vazio, nas prateleiras do armário da cozinha cheias de pacotes de macarrão instantâneo, no pôster de Michael Jordan pendurado na parede acima da escrivaninha de segunda mão, e percebe que nunca ninguém o ensinou a viver adequadamente.

Nessa mesma noite, eles fazem amor. Quando acabam, ela chora e ele tem certeza de que fez algo errado até ela explicar tudo.

Ela é muito diferente das garotas que ele conheceu na época em que morava no lar adotivo.

Certa noite, no cinema, ela ri alto de uma piada que ele contou baixinho em seu ouvido e um cara musculoso na fileira da frente se vira e diz:

– *Cala a boca*, sua vaca.

Com um golpe rápido, Mike estraçalha o nariz dele. Os dois saem correndo e deixam o cara gemendo na cadeira, com os amigos olhando para ele sem saber o que fazer, parecendo clones em seus casacos de time de futebol iguais. Do lado de fora, Annabel diz:

– Eu estaria mentindo se dissesse que não achei o que você fez um charme, superexcitante e tal, ainda que de um jeito meio torto, mas me prometa que nunca mais vai agir assim de novo, a menos que realmente seja obrigado.

Ela é assim, reverente e irreverente ao mesmo tempo. Confuso, ele concorda.

Depois, nessa mesma semana, ele está tão exausto que cai no sono no meio do serviço e acaba queimando um paletó de smoking. O cliente, um filhinho de papai que dirige um Audi azul, chega para pegar a roupa a caminho de um evento black tie.

– Você faz alguma ideia de quanto esse smoking custou? – pergunta ele.

Mike se desculpa e se oferece para pagar o prejuízo.

– E que diabo eu vou usar *hoje*? – O cliente está irado, se inclinando por cima do balcão e metendo o dedo na cara de Mike. – Seu palhaço de merda, nem juntando os salários de um *ano* inteiro você vai conseguir me pagar.

Ele empurra Mike, que vê o caminho livre para desferir um soco que lhe quebre o maxilar, mas em vez de fazer isso dá um passo para trás. A raiva do homem arrefece um pouco e ele vai embora, xingando Mike de todos os nomes possíveis e fazendo um gesto obsceno para ele. Mike não perde o emprego, não machuca a mão e não vai parar na delegacia. Durante dias, fica orgulhoso de sua pequena vitória.

Ele está se tornando mais sociável, mas ainda teme os jantares com a família de Annabel. O pai dela é um advogado especializado em falência e recuperação judicial. A irmã mais velha é uma máquina de fazer bolos e produzir filhos. O irmão tem um Subaru, ajuda os pobres e vive reclamando dos impostos. É o tipo de cara que provavelmente jogava beisebol com o pai e o avô no parque na época em que Mike e Shep saqueavam sorvetes e mijavam nas bicicletas dos outros.

Mike se preocupa com o uso dos talheres, em não apoiar os cotovelos na mesa, em colocar o guardanapo no colo. Pensa em suas poucas lembranças familiares – o aroma do incenso de sálvia em uma cozinha de azulejos amarelos, a pele bronzeada da mãe, o cheiro de poeira e óleo nos bancos da caminhonete. Sente-se desconfortável, indigno de se sentar a uma mesa posta com carinho, em um lar feliz. Os pais dela, não muito encantados com ele, parecem achar a mesma coisa. Quando o pai lhe passa a manteiga, pergunta:

– Em que faculdade você estudou?

– Em nenhuma – responde Mike.

Durante o restante do jantar, Annabel fala sobre amigos e vizinhos que não foram à faculdade e venceram na vida *mesmo assim*, enquanto seus irmãos contam piadas e os pais mastigam e bebericam, trocando olhares a todo momento. Annabel tem que se segurar para não rir do absurdo da situação. Quando eles vão embora, ela diz:

– Nunca mais vou fazer você passar por isso de novo.

No jantar da semana seguinte, ela fica remexendo no agrião. Seu rosto está sério, ruborizado e bastante infeliz. Mike se prepara para o discurso que tanto teme. E de repente ele acontece, golpeando-o sem dó nem piedade.

– Onde nós vamos chegar com isso? – Ela larga o garfo no prato ruidosamente. – Quero dizer, essa lenga-lenga de ficar saindo sem compromisso...

– Também não quero ficar saindo sem compromisso.

– ... em que somos livres para sair com outras pessoas...

– Não quero sair com mais ninguém.

– ... e eu finjo que por mim está tudo bem.

– Por mim não está tudo bem.

– Já estou velha demais para essa merda. Preciso de segurança, Mike.

– Então se case comigo.

Desta vez, ela finalmente escuta.

Eles não bebem nem uma gota de álcool no casamento, mas estão embriagados de felicidade. A cerimônia é rápida e depois eles tiram algumas fotos nos degraus na frente do cartório, com o pai e a mãe dela se esforçando para sorrir.

No final da noite, quando ele ajuda a mãe dela a entrar no carro, com toda a gentileza, ela diz, em um raro momento de total sinceridade, com a barra do vestido na mão:

– Uma coisa que não consigo entender é o fato de você ser tão gentil.

– Já passei tempo demais não sendo – retruca ele.

Ele trabalha muito e é promovido a mestre de obras. No melhor dia de sua vida, a filha deles nasce. Deveria se chamar Natalie, mas, assim que a veem, percebem que ela tem cara de Katherine, então preenchem os formulários de novo para que ela tenha o nome apropriado.

Mudam-se para um apartamento em Studio City. O papel de parede é de flores de lótus, com lençóis combinando, e há sabonetes em formato de conchinha no banheiro. Da janela dos fundos, podem ver o Browns Canyon Wash, afluente do rio Los Angeles, correndo entre os muros de concreto do canal.

Do nada, Shep liga para ele de um orelhão. Faz meses que não se falam – bem, um ano. Ele e Annabel só se viram duas vezes, e ambas foram um horror, com a surdez de Shep dificultando a conversa sobre os poucos assuntos que eles talvez tivessem em comum. Annabel assumiu uma atitute protetora em relação a Mike, por saber do preço que ele pagou por não ter dedurado o parceiro, e Shep não conseguiu entendê-la – ela estava simplesmente além de seu campo de referências. Mike só se lembra dos longos silêncios, de Shep tomando a cerveja emburrado e dele ali no meio, suando mais do que no primeiro jantar com a família dela.

Por causa do problema auditivo de Shep, o telefonema é estranho como os outros, cheio de intervalos entre uma fala e outra. Shep ficou sabendo que Mike teve uma filha e quer conhecê-la. Kat está com cinco meses e Mike está nervoso, ainda se adaptando à nova situação, mas não consegue dizer não.

Shep chega com duas horas de atraso e Kat já está dormindo há muito tempo.

– Posso passar a noite aqui? – pergunta ele ainda na porta, antes de dizer oi. – Estou com um problema no meu apartamento.

Mike e Annabel concordam, a contragosto.

Shep tira um presente do bolso – um macacão desembrulhado tamanho 3 anos. Mike odeia a si mesmo por achar que a roupinha pode ser roubada. Ele passa a mão pela estampa de borboletas. É a coisa mais macia que já viu Shep segurar.

Shep põe o pé em cima da mesa de centro e acende um cigarro.

– Se importa de não fumar? O bebê... – diz Annabel com educação.

– Tudo bem – responde Shep. – Desculpe.

Ele vai até a janela e se inclina para fora, soltando a fumaça ao vento.

– Acho que vou dormir um pouco enquanto posso – informa ela a Mike.

Mike vai para perto de Shep, querendo que ele diga boa noite, que seja educado e gentil. Coloca uma mão nas costas ainda musculosas e rígidas do amigo. Quando Shep dá um peteleco no cigarro e se vira, Annabel está começando a desdobrar o sofá-cama e ele diz baixinho:

– Não precisa se incomodar. Eu durmo no sofá mesmo.

– Não é incômodo nenhum.

Ele para um instante, pensativo.

– Sofás são mais confortáveis – fala. – Em casa eu durmo no sofá.

– Ah – responde ela. – Está bem.

Eles se entreolham, Shep com a medalhinha de São Jerônimo entre os lábios.

– Bem – conclui Annabel. – Boa noite.

Shep assente.

A porta do quarto se fecha.

– Vamos sair para beber? – sugere Shep.

– Estou morto de cansaço – desculpa-se Mike. – A bebê acordou algumas vezes durante a noite e eu tenho que ir trabalhar às cinco da manhã.

– Me empresta uma chave, então?

Depois, às três da manhã, a porta da frente se abre e fecha com um estrondo – Shep sempre teve dificuldade em ouvir o barulho de portas. Annabel acorda assustada e Kat se agita no berço.

Mike sai tropeçando para a sala de estar.

– Tem álcool? E esparadrapo? – pergunta Shep.

Ao se aproximar, Mike nota que o rosto dele está todo arranhado. Ele vira a cabeça do amigo e vê que está cheia de sangue. Vai buscar uma toalha de rosto no banheiro e a afunda em água morna. Quando pega o álcool para fazer o curativo, Shep não recua. Eles já fizeram isso várias vezes de madrugada, sussurrando, limpando os ferimentos um do outro. Por um instante, Mike se perde na doce familiaridade do ritual. Porém, toda essa movimentação acorda Kat. A caminho do quarto da filha, Annabel os vê e para.

– O que houve?

– Bar lotado – diz Shep. – Não estava conseguindo, você sabe... – Ele aponta para a orelha. Mike nunca o viu falar abertamente sobre seu problema de audição, e não é agora que vai começar. – O cara estava se metendo comigo. Me cercando. Tinha um monte de amigos. O imbecil me deu um soco, mas o resto não foi como eles imaginaram. A namorada dele pulou nas minhas costas e começou a me arranhar. Quando os tiras apareceram, eu caí fora. Não foi culpa minha.

– Seu filho da mãe! Vamos matar você! – grita alguém do lado de fora.

Kat agora está chorando no quarto.

– Ouviu isso? – pergunta Mike.

– O quê? – fala Shep.

Mike aponta para a janela. Shep cruza a sala e estica a cabeça para fora. Um instante depois, uma garrafa se espatifa na parede ao lado da janela. O choro se intensifica, virando uma gritaria.

O telefone toca e Annabel atende.

– Sim, desculpe, Sra. McDaniels. – Ela aponta para cima, caso Mike tenha esquecido onde os McDaniels moram. – Está tudo bem – continua. – São só uns bêbados lá fora. Vamos dar um jeito nisso. – Desliga e se vira para Mike: – Não quero esse tipo de coisa acontecendo por aqui. – Então desaparece dentro do quarto de Kat.

Shep tira a cabeça da janela e seu rosto está todo molhado da cerveja que espirrou da garrafa espatifada.

– Os caras devem ter me seguido – comenta. – Vou dar um jeito nisso.

Calmamente, ele sai. Sentado no sofá, Mike olha para as próprias mãos, no colo. De repente, ouve um estrondo, depois outro. Então tudo fica em silêncio. Um instante mais tarde, Shep reaparece.

– Foi mal – desculpa-se ele.

– Veja só – retruca Mike –, talvez seja melhor você se mandar antes que outros apareçam.

– O quê?

– Acho que esta talvez não seja a melhor hora...

Ele procura as palavras certas, indeciso entre a lealdade ao amigo e a dívida com o senhor do parque que comprou sua alma por 15 paus. Pensa na Mamãe do Sofá, na diretora do reformatório, em Annabel, em Kat, em si mesmo. A responsabilidade leva a decisões difíceis.

– O cara partiu para cima de mim – explica-se Shep. – Eu só estava me defendendo.

Shep pode ser tudo, mas não é mentiroso.

Mike se lembra do leve cheiro de canela da mãe, das idas dele ao cemitério e de Kat no quarto ao lado. Ele não vai – não pode – fazer nada que ponha o futuro dessa criança em risco. Ainda assim, Shep é Shep e a amizade deles já passou por mais provas de fogo do que qualquer outra relação que Mike já teve. O mundo é injusto, e Mike sabe disso melhor do que ninguém. Nesse momento, porém, ele detesta estar em posição de vantagem, levando uma vida boa.

Ele está suando, inseguro, sentindo-se culpado.

– Eu sei, mas não é... seguro. Agora tenho uma filha. E tenho que pensar nos vizinhos. Ainda estou tentando me acostumar com tudo isso, sabe?

Shep assente, sem deixar o rosto trair seus sentimentos. Sentindo-se um canalha, Mike o acompanha até lá embaixo. Com a sombra larga recortada à luz dos postes de rua, Shep segue em direção ao rio, com Mike um passo atrás. Uma estreita passarela atravessa a faixa de água escura que bate nas margens de concreto abaixo deles. Mike está correndo para acompanhá-lo – "Shep. Shep. *Shep*." –, certo de que, pela primeira vez na vida, o amigo está irritado com ele.

No entanto, a meio caminho da passarela, quando Shep finalmente o ouve e vira, seu rosto não tem sinal de raiva.

Insetos rodeiam as luzes dos postes acima deles. O horizonte, ao leste, agora está totalmente negro. Abaixo deles, o rio corre de forma imperceptível.

Mike pigarreia.

– Uma vez você falou que... Uma vez você me disse: "Você pode ser tudo o que quiser." – Ele está quase chorando e não entende o que se passa. É como se seu rosto tivesse vida própria, enquanto seu coração se mantém resoluto e decidido. – Bem – continua, abrindo os braços –, é isso que eu quero ser.

Shep faz um pequeno movimento com os lábios, formando algo parecido com um sorriso triste. O sangue reluz, escuro, nas marcas de unhas em suas bochechas.

– Então também é isso que eu quero que você seja.

Ambos parecem perceber que essas palavras representam um fim. De repente começa a ventar e a brisa atravessa o casaco de Mike. Shep estende o braço e eles trocam um forte aperto de mão.

– Você é a única família que eu tenho – diz Shep.

Então ele sai andando antes que Mike consiga responder.

Mike observa as costas do amigo se misturando à escuridão da madrugada. Ele morde o lábio inferior, vira-se na direção do vento úmido e começa a caminhar de volta para casa.

AGORA

15

Mike parou na frente do closet e finalmente arrancou aquela camisa social. Era uma e meia da manhã e ele tinha acabado de instalar uma segunda tranca de segurança na janela do quarto de Kat. Apesar de seu incentivo, ela não queria dormir lá e ele viu pela expressão de Annabel que ela também tinha achado o pedido um pouco demais, com tudo o que tinha acontecido. Ele já não estava tão certo de que tinha havido mesmo uma invasão de domicílio, mas ainda assim, apesar da tranca extra, sentiu um certo remorso quando contemplou o quintal escuro através da janela de Kat. Ele podia ter cedido e deixado a menina ir dormir com eles, mas não quis se entregar ao medo dessa forma.

Dobrou a calça social, esfregou o dedo sobre a mancha de cerveja e desistiu. Olhou para as roupas cuidadosamente dobradas nas prateleiras abarrotadas. Tantas camisas... Bem diferente da cômoda comunitária de sua infância. Fitou o closet com uma sensação de culpa por ter conseguido sobreviver.

Annabel se sentou na cama, jogou os sapatos de salto alto para longe com um gemido e esfregou os pés.

– Como eu estava dizendo – falou ela, retomando a conversa que haviam interrompido meia hora antes –, parecia que aqueles detetives estavam escondendo alguma coisa. Quando a tal de Elzey estava no telefone na outra sala, não gostei da cara que ela fez. Da animação dela. E de como voltou pegando no seu pé.

Mike se virou para ela, só de cueca.

– É, sem dúvida tinha algo estranho com aqueles policiais. Eles não vão nos ajudar. Temos que pensar em como nos proteger. – Ele ficou pensativo por um instante e passou a língua pelos lábios. – Talvez eu devesse ligar para ele.

– Ele? *Ele?* – Ela se deitou de bruços, apoiada nos cotovelos, e balançou a cabeça com veemência. – Não. De jeito nenhum. Eu morro de medo dele.

– Ele saberia o que fazer.

– Ou então pioraria as coisas. Além disso, você não fala com Shepherd há anos.

Além da Mamãe do Sofá, Annabel era a única pessoa que se referia a Shep pelo nome completo. Mike chegou a pensar que, por causa do desconforto com o passado do marido, ela não queria usar o apelido que tinha ouvido nas histórias. Mas acabou percebendo que era mais uma consideração de mãe com o nome de batismo dele, uma simpatia materna pelo garoto de pescoço fino que não pulava de susto quando alguém jogava uma bandeja de almoço a 2 centímetros do nariz dele.

– E a forma como você deixou as coisas... – continuou ela. – O que o faz pensar que o ajudaria?

– Eu *sei* que ele me ajudaria – respondeu ele com firmeza.

– Temos *outros* amigos. Terrance, da casa ao lado. Barry e Kay...

– E o que Barry iria fazer? Esse não é o tipo de problema que se pede a esse tipo de gente para

resolver.

– Então por que você não fala com aquele cara? O Hank? Não é isso que os detetives particulares fazem? Descobrem informações sobre as pessoas? Pense nisso. Não acho que a gente deva soltar o elefante dentro da loja de porcelanas. Ainda não.

– Hank está doente. Eu contei isso a você.

– Hank não me parece o tipo de cara que se faz de coitadinho. Você não acha que ter algo para fazer pode ser útil para ele? – Ela puxou um grampo dos cabelos, soltando-os. – Vou levar Kat à escola amanhã e atualizar as listas de contatos e caronas. Aproveito e peço que fiquem de olho nela.

– E você pode conversar com ela.

– Deixe comigo. Já falamos mil vezes que é perigoso falar com estranhos na rua, mas vou repetir tudo. Agora me dê uma ajudinha aqui com o zíper.

Ela segurou o cabelo para cima, expondo a nuca. Ele abriu o vestido dela, admirando a faixa de pele exposta. Annabel se despiu e colocou a roupa dobrada na poltrona no canto.

Então eles puxaram o edredom juntos, como faziam toda noite havia anos, uma dança matrimonial simétrica. Depois ela foi para o banheiro e ressurgiu com uma escova de dentes enfiada na boca e outra na mão para ele, com um fio de pasta em cima. Mike estava se abaixando para tirar as meias, mas parou no meio do caminho para que ela enfiasse a escova em sua boca antes de voltar para o banheiro. O exercício diário da intimidade.

Escovando os dentes, Mike foi para o corredor rumo ao quarto de Kat. Ela estava debaixo das cobertas, as cortinas fechadas e a janela trancada.

Ele voltou para o próprio quarto, terminou a escovação e se deitou na cama ao lado da esposa. Ligou a babá eletrônica e respirou fundo. Annabel tinha deixado a placa do prêmio no chão, encostada na parede ao lado do closet, ainda sem saber o que fazer com ela. O nome dele tinha sido gravado no espelho azulado, abaixo do selo da Califórnia. Quando se virou, Annabel estava observando-o.

– Que papel de idiota eu fiz recebendo esse prêmio – lamentou ele.

– E que papel de idiota *eu* fiz sentada lá, bancando a esposa zelosa, batendo palmas junto com todo mundo. – Rolou para perto dele com a expressão meiga e pousou a mão em sua face. – É menos solitário bancarmos os idiotas juntos.

Ele segurou o braço dela pelo pulso e o levantou com delicadeza para ver o hematoma que se formara no lugar onde a tinha agarrado mais cedo.

– Fui eu que fiz isso?

– Grosso – brincou ela, aconchegando-se nele.

Por baixo das cobertas, Annabel esfregou o pé na perna dele.

O toque dela lhe proporcionou uma onda de gratidão. Mesmo depois de toda a confusão dos últimos dias, ele ainda podia passar a noite em sua cama, com aquela mulher.

Gentilmente, deu um beijo no braço dela, em cima da mancha roxa. Em seguida ela uniu os

lábios aos dele. Mike ficou em cima dela e os dois começaram a se mexer devagar, a exaustão de seus corpos dando um aspecto onírico a cada toque e movimento. Então ele a penetrou, mas ela passou os braços e as pernas em volta dele, mantendo-o parado. Com as mãos cruzadas atrás do pescoço dele, Annabel ergueu um pouco a cabeça, encarou-o e inclinou os quadris devagar, bem lentamente, fazendo-o entrar até o fim. Depois ela o imobilizou de novo. Ele estava apoiado nos joelhos e nas mãos, com os braços um pouco trêmulos pela sustentação do próprio peso e de parte do dela.

– Quero que olhe para mim – pediu Annabel. – O tempo inteiro, até terminarmos.

E ele obedeceu.

Depois, ela se deitou de costas, como sempre, com o braço por cima da testa e do cabelo suado, o ventre pálido à luz do despertador. Ele adorava a cicatriz apagada da cesariana dela, que separava o erótico do meramente sexy, uma marca de guerreira em um corpo gasto pelo uso.

Ela segurou a própria mão e o brilhante de seu anel de noivado antigo refletiu a luz fraca do quarto. O novo tinha sido jogado na caixa de joias assim que eles chegaram em casa.

– Estamos casados há dez anos, Mike – disse ela, mordendo o lábio inferior. – E eu não tenho nenhuma lembrança ruim de todo esse tempo. Só coisas boas.

Ela se enroscou no marido, colocando uma perna por cima da barriga dele. Mike pôs a mão nas costas dela e notou que sua pele ainda fervia. Pressionou os lábios na testa suada dela e ficou assim até que Annabel adormecesse.

Deitado de costas, fresquinho embaixo do ventilador de teto, não conseguia pensar no amanhã. Sua mente teimava em voltar para o confronto no clube, para a vergonha de ter perdido o controle daquele jeito, como se aquele tipo de reação estivesse gravado em seu código genético. Pensou em como tinha suado frio ao ver a boca de Dodge formando as palavras *Em breve*.

Levantou-se, foi até o quarto de Kat e carregou o corpo adormecido da menina para a cama deles. Deitou-a a seu lado e fitou mãe e filha em sua calma idílica. Algo faiscou perto do closet. A placa.

Atravessou o quarto e virou-a ao contrário, de frente para a parede.

Depois desligou a babá eletrônica, voltou ao quarto de Kat e assumiu seu posto no canto do cômodo.

Em breve, prometera Dodge.

Em breve.

16

O ESCRITÓRIO DE MIKE, UMA estrutura pré-fabricada montada no meio de um terreno poeirento, tinha o básico – telefone, fax, internet de alta velocidade. Uma garota com os cabelos presos no alto da cabeça, seios empinados e chiclete na boca desempenhava o papel de recepcionista. Mesas compradas em ponta de estoque estavam empilhadas contra paredes cobertas de placas de cortiça, cheias de plantas, alvarás, análises de terreno e fotos de família pregados. Era uma operação pequena e dinâmica, 8x9 metros de pura eficiência, os bastidores do condomínio que estava sendo construído.

Mike se sentou à mesa, massageando a cabeça para tentar afastar uma enxaquexa incipiente e fingindo revisar uma proposta de seguro. Tinha passado a manhã toda preocupado, com a mente repleta de pensamentos amargos. Não conseguia parar de imaginar a boca de William cheia de restos de sementes de girassol, o cheiro forte e desagradável de seu hálito, o modo como o rosto dele aparecera na janela traseira da van, uma cabeça incorpórea flutuando entre as cortinas. Depois pensou no urso-polar manchado de óleo, rolando em câmera lenta no asfalto do estacionamento aos pés de Dodge.

Levantou-se abruptamente e saiu para respirar um ar fresco. Andando devagar pelo terreno, tentou ligar para Hank pela terceira vez. Finalmente o detetive particular atendeu.

– Quer uma coisinha para se distrair? – perguntou Mike.

– Da morte? – disse Hank. – Manda.

Mike lhe contou da briga com Dodge e William e de como os policiais tinham agido de modo estranho na delegacia.

– Não são muitas informações para começar – comentou Hank –, mas vou dar uma fuçada por aí e ver o que descubro.

Frustrado, Mike voltou para o escritório. Andrés estava na copiadora, irritado, apertando os botões indiscriminadamente. Ele se aproximou, se sentou de lado na ponta da mesa de Mike e olhou para a outra extremidade do escritório, em direção aos seios de Sheila, enquanto ela discutia com o regulador de sinistros ao telefone. Pressionou o grampeador da mesa do chefe com a palma da mão algumas vezes, só por diversão.

– Um cara apareceu aí e ficou fazendo perguntas sobre você.

– Como assim? Que tipo de perguntas?

– Que horas você vem trabalhar, seus horários no escritório e na obra, coisas assim. Jogando conversa fora. Talvez esteja querendo contratar você.

Mike sentiu uma quentura lhe subir ao rosto.

– Como era o cara?

– Não sei. Normal. Barba por fazer. E andava de uma maneira meio estranha.

O coração de Mike começou a bater mais rápido. A dor de cabeça aumentou de imediato. Ele abriu a gaveta da mesa para pegar um analgésico.

– A que horas ele...

O resto da frase ficou preso em sua garganta quando ele olhou para a gaveta. O calendário estava à esquerda. Como o trilho tinha quebrado e deixado a gaveta desnivelada, ele mantinha o calendário sempre do lado direito, funcionando como um calço.

– Sheila? – Ele esperou até que ela cobrisse o fone e olhasse para ele. – Você teve que mexer na minha mesa por algum motivo hoje de manhã?

Ela balançou a cabeça, negando. Mike ergueu o frasco de analgésico, deu uma olhada nele e jogou-o na lixeira. Depois, levantou-se abruptamente. Andrés o encarava, confuso.

Mike atravessou o escritório em direção à porta, abriu-a e se abaixou para analisar a fechadura de segurança máxima. Ele tinha escolhido pessoalmente a marca por ser a melhor do mercado e ter uma chave multidimensional dificílima de ser copiada por um chaveiro comum. É claro que tinha aprendido isso com Shep. Mas também vira o amigo abrir uma fechadura do mesmo tipo com uma lata de spray lubrificante e uma pinça específica.

Hesitou por um instante, com medo do que estava prestes a descobrir, e depois enfiou o dedo no buraco da fechadura. Como era de esperar, sua digital saiu reluzente de lubrificante.

Alguém tinha arrombado a porta. Dodge ou William.

A boca de Mike ficou seca. Abrir uma fechadura daquela era coisa de profissional, um trabalho digno de Shep. O que significava que não era nada absurdo terem entrado pela janela do quarto de Kat, como Mike queria se forçar a acreditar.

Por que eles iriam arrombar a porta do seu *escritório*?

– Sheila – chamou Mike, com a voz soando ríspida até aos próprios ouvidos. Ele percebeu que todos estavam olhando para ele, agachado ali. – É possível saber exatamente *quando* um arquivo eletrônico foi aberto pela última vez?

– É claro, Sr. Wingate. – Por mais que ele dissesse que ela podia chamá-lo de Mike, Sheila insistia em usar o tratamento formal. – A maioria dos documentos tem a propriedade "último acesso", apesar de quase ninguém prestar atenção nisso.

Ele fez um sinal para que ela fosse até a mesa dele e puxou sua cadeira para ela. Inclinou-se por sobre o ombro e viu-a clicar aqui e ali, enquanto Andrés assistia a tudo sentado na ponta da mesa.

– Algum arquivo foi aberto durante o fim de semana? – perguntou Mike.

– Estou checando. Mas tenho que abrir todos os documentos, um a um. Quer que eu verifique alguma pasta em particular?

– Vale Verde – retrucou ele.

Enquanto ela digitava, Andrés inclinou a cabeça e disse para Mike:

– Nossos arquivos estão todos em ordem.

– Por que não estariam? – questionou Sheila, ainda focada na tela.

Mike e Andrés se entreolharam. Antes que pudessem falar qualquer coisa, ela continuou:

– Não, esses documentos não são abertos desde as 12h21 da quinta passada.

Tinha sido Mike, se torturando com a fatura dos canos de argila vitrificada durante a pausa para o almoço.

– Espere aí – disse Sheila. – *Este* foi aberto na madrugada de sábado, à 1h32.

– E o que é? – perguntou Mike.

– Nossas informações pessoais.

Um arrepio percorreu sua espinha.

– Eles olharam nossas informações pessoais?

Ela deu mais uns cliques.

– Não. Só os seus.

Mike deu um passo para trás. Andrés e Sheila se viraram para ele, que viu suas bocas se movendo, mas não conseguiu registrar as palavras. Dodge e William estavam atrás de informações não sobre trabalho, mas sobre *ele*. Exatamente como os detetives tinham feito.

Pelo visto os dois queriam saber quem Mike era tanto quanto ele mesmo.

Aos poucos, tomou consciência do celular que vibrava em seu bolso. Pegou o aparelho e olhou para a tela, que exibia uma mensagem de Annabel: OI, QUERIDO, ONDE ESTÁ A CHAVE DO COFRE MESMO? ESQUECI QUE PRECISO PEGAR UMA COISA LÁ.

Olhou fixamente para o texto, a cabeça agora latejando com a enxaqueca. Ele e Annabel nunca se comunicavam dessa forma – eram antiquados e preferiam usar o telefone quando precisavam se falar.

Ligou para a mulher no mesmo instante. Caiu na caixa postal. *Oi, você ligou para Annabel. Provavelmente estou catando o aparelho no espacinho mínimo entre o banco do carro e a porta, então...*

Fez um sinal para Andrés e Sheila lhe darem um minuto e começou a andar em círculos em volta da mesa enquanto o telefone fixo de casa chamava. Secretária eletrônica.

Levou um instante para perceber que Sheila estava falando com ele.

– Sr. Wingate. *Sr. Wingate*. O senhor tem que visitar aquele terreno em Chatsworth às duas. Isso significa que precisa sair daqui agora.

– Não vai dar, Sheila – replicou ele, dirigindo-se rápido para a porta. – Tenho que ir em casa.

Ela forçou um sorriso, irritada, enquanto ele saía correndo do escritório.

17

MIKE CORREU PARA CASA, ultrapassando sinais vermelhos e placas de PARE, ligando para casa uma vez após a outra. Finalmente, Annabel atendeu.

– Oi, querido – disse ela. – Acabei de chegar e o problema na pia da cozinha está piorando. Eu sei, casa de ferreiro, espeto de pau, mas...

Ele a cortou:

– Você me mandou uma mensagem de texto?

– E *alguma vez* eu fiz isso? Já passei da adolescência.

– Onde está seu celular?

– Procurei por ele a manhã toda. Acho que deixei na faculdade.

Mike levou um instante para recuperar o fôlego, depois afirmou:

– Ele foi roubado. Recebi um torpedo enviado do *seu* aparelho me perguntando onde estava a chave do cofre.

– Na caixa de lenços descartáveis na sua mesa de cabeceira. Eu sei onde fica.

Ele lhe contou rapidamente sobre a mensagem, a ida de William ao canteiro de obras e o arrombamento da porta do escritório. Ela ficou em silêncio, aterrorizada, enquanto tentava processar as informações.

– Ok... então eles pretendem abrir o cofre porque é nele que as pessoas guardam coisas particulares que não querem esconder em casa. – De repente sua voz ficou trêmula. – Isso significa que já reviraram a casa.

– Eles reviraram meu escritório. – Mike fez a curva na rua deles. – Estou chegando.

Agora ela estava com raiva.

– Como eles *sabiam* que nós temos um cofre? Nem todo mundo possui um. Além disso, os registros bancários são confid... – Ela parou.

Mike podia ouvir a respiração de Annabel ficando mais forte à medida que ela entendia a situação.

– Os detetives – retrucou ele. – A polícia pode obter acesso a esses registros e saber que existe um cofre no banco no meu nome.

Ela estava na porta da frente com o telefone sem fio, levando a chave para ele, enquanto Mike parava na entrada de veículos. Ele viu sua boca se movendo um instante antes de ouvir as palavras.

– Você acha que eles estão agindo juntos? – perguntou Annabel. – Esses caras e os policiais?

– *Alguém* está espionando cada detalhe da nossa vida, mas não sei se é oficial ou extraoficial.

Ele ainda usava o telefone, apesar de ela estar agora a poucos passos dele.

Mike baixou o vidro. Annabel se inclinou para dentro, deixou a chave do cofre cair no colo

dele e lhe deu um beijo forte na boca.

Quando ela se afastou, estava com uma expressão tensa, apavorada.

– O que quer que isso seja, como podemos nos livrar deles?

– Depende do que eles pretendam – retrucou Mike.

– Parece que pretendem saber das suas origens.

Ele fechou a mão em volta da chave e deu marcha a ré na picape.

– Todos queremos isso, não é?

Sob o olhar de seu gerente favorito, um sujeito de sorriso afetado, Mike assinou o registro e entrou na cabine privada onde ficava seu cofre. Respirou fundo antes de levantar a fina tampa metálica e foi saudado por uma bagunça de fotos e documentos. Um relatório de criança abandonada. O formulário emitido pelo governo, trinta anos antes, atribuindo-lhe um novo sobrenome. Históricos escolares do ensino fundamental. Sua identidade antiga. O obituário da Mamãe do Sofá. Algumas fotos amassadas dele e dos garotos do lar adotivo. A adorada carta da faculdade informando que ele tinha conseguido entrar. Um relatório de condicional documentando sua pena cumprida.

Uma crônica da história imperfeita de Mike Doe.

Sentiu uma onda de nostalgia que quase o sufocou. Ali, diante dele, estava tudo relacionado a seu antigo eu.

Remexeu no conteúdo da caixa e seus dedos tocaram em algo duro lá no fundo. Ele levantou o objeto com cuidado. Um Smith & Wesson calibre 357. Fácil de manejar, era a única marca de arma de fogo que ele se sentiria confortável de usar. Shep tinha lhe dado o revólver para que Mike pudesse se proteger quando conseguiu seu primeiro apartamento. Ele o deixara guardado na mesinha de cabeceira por muitos anos, tirando-o de lá, a pedido de Annabel, apenas quando Kat nasceu. Nunca precisara dispará-lo contra alguém e esperava nunca ter que fazer isso. O peso da arma em sua mão pareceu familiar e perigoso.

Ele a colocou com cuidado em cima do balcão.

Puxou um saco plástico de dentro da lixeira embaixo do balcão e jogou todo o conteúdo do cofre dentro dele. Com o saco pendurado no ombro, ele olhou para o revólver por um instante.

Colocou-o no bolso antes de sair.

Mike estava agachado em uma rua deserta, as sombras se alongando à luz do anoitecer e o ruído do trânsito ecoando nas paredes de tijolos. A porta de sua caminhonete Ford estava aberta, lançando um triângulo iluminado no chão. Ele se inclinou para a frente e cacos de vidro se esmigalharam sob seus pés. Encostou a ponta de um palito de fósforo aceso no canto do saco de lixo. Com os olhos vidrados, observou as chamas aumentarem, lambendo o plástico e devorando todas as fotografias e todos os documentos.

O passado não existe.

No entanto, é claro que existia.

Tudo acabou com um triste monte de cinzas que ele chutou para o ar, espalhando-as. Apagou as brasas, entrou no carro e foi embora.

Annabel interrompeu a preparação do jantar, nervosa, sentou-se no balcão da cozinha e olhou fixamente para o .357 aninhado em seu colo.

– É um revólver – disse Mike. – Bem fácil de manejar.

Ela falou bem baixo para que Kat, ocupada com o dever de casa no quarto, não ouvisse.

– Fico preocupada em ter essa arma com ela por aqui.

– Deixe-me mostrar como usá-la.

Enquanto a água do macarrão fervia, ele posicionou as mãos finas de sua esposa em torno do cabo, mas ela as retirou, deixando o revólver com ele.

– Não estou confortável com isso.

– Não é mais hora de pensarmos em conforto.

Kat entrou na cozinha concentrada no dever de casa.

– Divisão longa é um saco! Se querem nos ensinar a ser espertos, por que não usar logo uma calculad... – Ela levantou a cabeça e ficou com os olhos esbugalhados por trás da armação vermelha dos óculos. – Por que vocês têm uma arma? Isso é uma arma, certo? Uma arma na cozinha? Tem alguma coisa errada? Vocês já atiraram com ela? Posso segurá-la?

– Volte para o seu quarto – ordenou Mike. – Deixe-nos a sós um instante.

Kat recuou, com os olhos colados no revólver.

Annabel se virou para Mike.

– Era isso que eu temia.

Ela desceu do balcão, desligou o bico do fogão e espiou o plano de aula estendido em cima do livro de receitas, com sua caligrafia feminina preenchendo as margens da folha. Ela era a única pessoa que ele conhecia que conseguia estudar e preparar um molho à *puttanesca* ao mesmo tempo.

O telefone tocou e Mike pegou o aparelho sem fio.

Hank parecia exausto.

– Não há nenhum registro da presença de alguém chamado Dodge ou William na cerimônia de premiação, mas isso já era de esperar. – Ele pigarreou, o que deixou sua voz mais rouca. – Escute, tem algo que eu preciso lhe contar...

Mike achou a pausa tão enervante quanto a tensão na voz de Hank.

– O quê?

Annabel se virou e ele a puxou em sua direção, inclinando o aparelho para que os dois pudessem ouvir.

– Bem, ainda não sei exatamente o que é – continuou Hank. – Mas liguei para meu informante na

delegacia e ele falou que existe um tipo de alerta contra você.

– Alerta? O que isso quer dizer?

– Não sei, mas seu nome está sob vigilância.

– Como assim, sob vigilância? Por quê?

A voz de Mike estava ficando mais alta.

– É o que eu estou dizendo: não sei. – Hank deu um suspiro profundo. – Pode ser por causa de alguma infração local, circunscrita à região de Los Angeles. Ou pode ser alguma outra repartição que esteja monitorando tudo o que envolve o seu nome e queira ser informada de qualquer ocorrência ligada a você.

Mike pensou em Elzey e Markovic sussurrando na outra sala depois que ela desligou o telefone e em como eles tinham voltado desconfiados até ele.

– Tipo o quê? O FBI? A CIA? – Mike soltou uma risada estrangulada. – Qual é o alcance desse alerta? Todas as delegacias foram notificadas?

– Por enquanto ainda não sei de mais nada – insistiu Hank. – Ninguém quer falar sobre isso. Claro que é uma informação confidencial. Tenho que ir sondando, comendo pelas beiradas, até conseguir alguma coisa concreta. Me dê um ou dois dias.

– Existe alguma agência em que eu *não* esteja sob vigilância? – quis saber Mike.

– Tenho certeza que há muitas. As agências, com suas subdivisões, têm poucos funcionários e excesso de trabalho. Então, a menos que você pretenda viajar para uma zona de risco como o Paquistão, não é provável que entre na lista dos mais procurados do país. Não sabemos o alcance desse alerta, mas não há nenhuma razão para acreditar que você virou o inimigo público número um.

– E se precisarmos de ajuda?

– Bem, esse é o problema, não é? Até descobrirmos a extensão da vigilância e quem a iniciou, como vamos saber em quem confiar?

Mike engoliu em seco.

– E se Dodge e William derem as caras nesse meio-tempo?

– Pelo que aconteceu até agora, eu não contaria com a proteção das autoridades.

Quando ele desligou, Mike e Annabel se encararam. Ela pegou o revólver das mãos do marido, levantou-o sem jeito, com o olhar firme, e ficou esperando. Ele deu um suspiro e ajeitou as mãos dela em volta do cabo da arma.

18

A PORTA DOS FUNDOS DA lavanderia tinha a tranca externa mais fácil de arrombar que existia, uma Schlage antiga que precisava apenas de uma gazua simples, uma chave inglesa e 90 segundos de atenção. Com as mãos cobertas por luvas, Dodge trabalhava em silêncio. Quando a fechadura cedeu, ele saiu da escuridão e passou para a luz difusa da casa. O antiquado relógio de parede acima da secadora marcava 21h27. Enfiando as ferramentas no bolso, ele se dirigiu à cozinha, com os pés tamanho 46 surpreendentemente silenciosos no piso de linóleo.

A cabeça e parte do tronco de Mike Wingate estavam enfiadas debaixo da pia e havia várias ferramentas espalhadas em cima de um pano manchado de graxa ao lado de suas pernas abertas. Ele estava batendo com um martelo na junção do cano. Dodge passou despercebido a cerca de um metro de seus pés descalços. Sem interromper o passo, pegou um pequeno gravador digital de cima da geladeira, onde o tinha escondido alguns dias antes. Depois foi em direção ao corredor e passou pelo quarto da menina, que estava de costas para a porta aberta, debruçada sobre a escrivaninha. Sem levantar a cabeça, ela disse:

– Mãe, divisão longa é um *saco*!

Entrou no banheiro no fundo do corredor e trancou a porta. Tirou do bolso de trás de sua calça cargo um pequeno tablet Fujitsu, um aparelho japonês do tamanho de um talão de cheques – o chefe não poupava gastos quando se tratava de casos como aquele. Dodge colocou o pequeno computador na ponta da pia quadrada e ligou o gravador digital a ele por uma porta USB. Em segundos o download já estava completo.

Alguém girou a maçaneta por fora e o barulho ecoou no espaço pequeno. Então, a mulher falou:

– Ah, você está aí. Desculpe, querida. Não esqueça de escovar os dentes e vá já para a cama.

Dodge não se abalou. Seus traços amplos e inexpressivos não traíram nenhuma emoção e ele simplesmente continuou o que estava fazendo.

Quando escutou os passos se afastarem pelo corredor, colocou os fones de ouvido e pressionou o play. Um gráfico sonoro surgiu na tela, com cada ruído representado por uma linha verde vertical. Ele apertou o botão de mudança de faixa algumas vezes para testar o som.

A voz de Katherine surgiu: *Não fique zangada comigo. Eu não pensei 'O que posso fazer para irritar minha mãe hoje? Ah, já sei! Vou pegar piolho*'.

Dodge abriu uma janela de busca e digitou a palavra CHAVE. Um ruído alto soou em seus ouvidos e depois uma mulher falou. O mecanismo de busca do programa aumentou automaticamente o volume no fim da frase: *Fique quietinha, querida, senão vou trancar sua boca com uma CHAVE.*

Dodge clicou em NOVA BUSCA. Mais ruídos de gravação e em seguida: *Recebi um torpedo enviado do seu aparelho me perguntando onde estava a CHAVE do cofre*. Dodge esperou e uma voz feminina respondeu: *Na caixa de lenços descartáveis na sua mesa de cabeceira. Eu sei onde fica.* A data da gravação era daquele mesmo dia, logo depois que eles enviaram a mensagem de

texto falsa para Mike.

Dodge desligou tudo, distribuiu os aparelhos entre seus vários bolsos e colou o ouvido à porta. Escutou o ruído do martelo no metal vindo da cozinha, saiu para o corredor e se dirigiu à suíte do casal.

Lá dentro, viu a porta do banheiro entreaberta e percebeu que o chuveiro estava ligado. Através da pequena abertura, viu a silhueta da esposa refletida no espelho embaçado pelo vapor. Abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e encontrou uma caixa de lenços de papel dentro de um recipiente decorativo de plástico. Enfiou os dedos pela abertura da caixa e afastou os lenços de papel. Nada. Tirou a caixa do recipiente e lá estava a chave do cofre colada com uma fita adesiva. Ele a soltou, tirou outra semelhante do bolso e a prendeu no mesmo lugar da original.

De repente, um brilho no fundo da gaveta chamou sua atenção. Um Smith & Wesson calibre 357. Ele o pegou e, com apenas uma mão, puxou a alavanca para soltar o tambor. Depois, deu-lhe um peteleco, fazendo-o girar. Seus lábios se torceram em um sorriso de desprezo.

A água parou de correr e ele ouviu a porta do boxe se abrindo. Colocou o tambor de volta no lugar e depositou o revólver ao lado de um pacote fechado de balas embrulhadas em papel celofane. Quando fechou a gaveta, ela emitiu um barulho surdo.

– Querido, você já acabou de consertar a pia?

Dodge fez um som de concordância.

– Cara, quanto vapor!

A mão de Annabel tateava na porta do banheiro, que se abriu um pouco mais.

Dodge estava fora de visão, a alguns passos de distância da dobradiça, e tirou um martelo do bolso da frente da calça. Ficou esperando, mas ela não saiu do banheiro.

Quando ele passou em frente à porta, agora quase totalmente aberta, viu Annabel curvada, enrolando uma toalha no cabelo molhado. Com o rosto inexpressivo, ele foi em direção à saída do quarto e se retirou. Percorrendo o corredor, deslizou o martelo de novo para dentro do bolso.

Katherine estava no banheiro pequeno, com a escova de dentes na mão, inclinando-se na pia para cuspir. Ele passou por ela em silêncio, vendo o próprio reflexo no espelho acima da cabeça abaixada da menina, e voltou para a cozinha.

Mike continuava na mesma posição embaixo da pia. Suas pernas estavam dobradas e os quadris levantados, para ajudá-lo a fazer força. Dogde ouviu um som metálico abafado e em seguida a voz de Mike dizendo “Droga!”. Depois viu a mão dele tateando entre as várias ferramentas espalhadas em cima do pano sujo no chão da cozinha.

A bota de Dodge fez um barulho quando raspou no limiar entre a cozinha e a lavanderia e ele escutou Mike chamar:

– Amor?

O grandalhão parou.

– Me passe a chave inglesa, por favor – pediu Mike.

Dodge hesitou, fitando a porta dos fundos. Então se virou e entrou na cozinha de novo. Abaixou-

se, pegou a ferramenta pesada do pano cheio de graxa e colocou-a na mão estendida de Mike.

Depois, passou com toda a calma pela porta da lavanderia e saiu da casa sorrateiramente, com as mãos nos bolsos. Quando chegou à calçada, a van branca que estava a meio quarteirão de distância se aproximou dele devagar, com a porta lateral aberta para engoli-lo de uma só vez.

19

À ESCURIDÃO DA MEIA-NOITE, DODGE e William esperavam no estacionamento dos fundos do banco Union de Los Angeles, ao lado de uma caçamba de lixo. A porta dos fundos tinha sido fechada por dentro e trancada de novo, mas uma luz brilhava por uma janela interna alta. Apesar do frio, Dodge usava uma camisa de manga curta com os botões abertos, revelando uma regata branca por baixo. Com os olhos colados no prédio, William alternava o peso do corpo entre um pé e o outro impacientemente.

Partiu uma semente de girassol nos dentes da frente e cuspiu a casca.

– Cigarro – disse ele.

Dodge pegou o isqueiro de plástico barato, acendeu dois cigarros e entregou um deles ao comparsa. William inalou a fumaça e fechou os olhos, saboreando-a antes de soprá-la pelo canto da boca.

Dodge guardou o isqueiro dentro do bolso da camisa e deu um longo trago, queimando um terço do cigarro de uma vez.

A luz interna foi apagada e um instante depois o irmão de William apareceu na porta dos fundos com um segurança nervoso, que deu uma olhada em volta antes de sair.

Hanley disparou na direção deles, com o homem em seus calcanhares.

– Aquela merda está *vazia*.

Bateu com a chave do cofre nos nós dos dedos com força, cheio de raiva.

William franziu os lábios com o cigarro na boca.

– Vazia?

– Ele deve ter sacado que a mensagem de texto era falsa e tirou tudo de lá.

Hanley estava inquieto, alternando o peso do corpo entre a ponta dos pés e o calcanhar, até que Dodge o segurou pelo ombro e o fez parar.

– Escutem... – disse o segurança, nervoso, agitando as mãos no meio do triângulo formado pelos dois irmãos e o grandalhão. – Eu fiz a minha parte, está bem? Interrompi a gravação das câmeras de segurança, não escrevi nada no relatório diário dos cofres, vigiei todas as bases. Então minha irmã está livre, certo? Estamos quites, né?

– É.

– Ela não pode se afundar de novo, cara. Tem três filhos menores de 10 anos. Vocês têm certeza *absoluta* que podem...

– Se o chefe disse que vai acertar tudo – retrucou William –, então é porque vai acertar tudo.

– Vocês são uns anjos, cara. São simplesmente anjos da guarda.

– Não conseguimos o que queríamos aqui – continuou William. – Então que tal você levar essa felicidade toda para outro lugar?

Ele bateu com o cigarro no ombro do segurança, fazendo com que uma cascata de faíscas caísse

pela frente da blusa do uniforme dele.

A expressão do homem mudou. Ele olhou para Dodge, que tinha se afastado e estava observando a outra extremidade do estacionamento sem interesse aparente.

– Tudo bem, tudo bem – falou o segurança em um tom de desculpas. – Eu nunca vi vocês, e vocês nunca me viram.

Ele se empertigou e foi em direção à porta dos fundos de novo, com seu enorme molho de chaves balançando. Quando entrou, a porta se fechou atrás dele. Ao se virar para trancá-la, encarou-os fixamente através do vidro e depois sumiu lá dentro.

– *Droga* – resmungou Hanley. – Tudo isso para a merda do cofre estar vazia?

Com raiva, atirou a chave longe. Ela bateu na lateral da van e saiu quicando pelo asfalto.

Dodge virou a cabeça para ele.

– Vá pegar.

– Olha só, eu...

– Agora.

Hanley obedeceu e ficou ali engatinhando no chão durante algum tempo. Dodge acendeu mais dois cigarros e ele e William os fumaram de uma vez.

Hanley finalmente achou a chave e entregou-a a Dodge. O homenzarrão jogou-a no chão e a chutou para dentro de um bueiro.

– Desculpe – disse Hanley.

– Relaxa – respondeu William, estendendo a mão e segurando-o pela nuca. – Chegamos tarde demais.

– Sei que é um serviço importante, e...

– Bem – interrompeu William –, o que precisamos descobrir agora é se isso é só um serviço ou O Serviço.

– E como vamos fazer isso? – indagou Hanley.

– Do modo como sempre conseguimos as respostas – retrucou William. – Pressionando devagar e sempre, até que os caras desmoronem. Temos que ficar cutucando esse tal de Wingate até ele abrir o jogo. O sujeito já está à beira de um ataque de nervos, certo? A pessoa nesse estado comete erros. Mais cedo ou mais tarde, ele vai revelar quem é realmente.

Hanley começou a ficar agitado de novo.

– Acho que temos que agir logo e acabar de uma vez com esse cara.

– Não podemos acabar com um cara só porque *achamos* que ele se parece com alguém. Temos regras. Toda vez que você se mete no serviço, acaba fazendo merda. Temos que ter certeza que essa porra vale a pena.

Hanley se virou e cuspiu para longe. Depois levantou o lábio superior, deixando os dentes superiores aparentes, e abaixou-os de novo.

– O filho da mãe deu uma volta na gente nessa história do cofre. – Ele deu um soco no ar. – O

que foi? Está rindo do quê?

William saiu andando em direção à van.

– A noite é uma criança – respondeu.

20

– Nós sabemos quem você é.

Mike se agitou na cama, com a voz sussurrada e rouca em seu ouvido. Sentia o calor de Kat a seu lado, encostada na altura de seus rins.

Arregalou os olhos. A babá eletrônica o encarava da mesinha de cabeceira.

As barras vermelhas se acenderam de novo, subindo e descendo ao transmitir os ruídos.

– A pergunta é: você sabe também?

Em seguida, um chiado alto o despertou de vez. Era o som do receptor da babá eletrônica, no quarto de Kat, sendo desligado da tomada, mas ao ecoar no escuro, inesperadamente, pareceu um grito agudo.

Ele se levantou de um pulo e começou a procurar o revólver e as balas na gaveta. Ao lado dele, Kat rolou para o lado com um grito, esbarrando em Annabel e fazendo-a acordar. Depois as duas se sentaram na cama, frenéticas em meio aos lençóis. A babá eletrônica continuou gemendo até Annabel agarrar o aparelho e puxar o fio da parede com força. Mike atravessou o corredor a toda a velocidade, colocando as balas no revólver ao mesmo tempo, chocando-se nas paredes. Algumas balas caíram à sua frente e ele as chutou para longe, fazendo-as quicar no piso.

Com o 357 em punho, entrou correndo no quarto de Kat. Lá dentro, uma quietude espantosa – a cama feita, os livros em ordem, o tapete aspirado. O único movimento era a cortina flutuando à brisa noturna. Com as pernas dormentes, ele foi até a janela e puxou a cortina para o lado.

As duas trancas tinham sido abertas e a janela estava puxada vários centímetros para cima. Ele olhou para fora e não viu ninguém.

Mike escancarou o restante da janela e empurrou com toda a força a tela solta, que foi parar no meio de alguns arbustos. Ele inclinou a cabeça para fora e olhou para os dois lados – nada. Só ouviu o silvo baixo dos irrigadores de grama espalhados pelo terreno.

Annabel chamou-o do vestíbulo, com a voz trêmula:

– Mike?

– Vou lá fora. Vá se trancar no banheiro com a Kat. Leve o telefone sem fio e ligue para a emergência se ouvir tiros.

Ele saiu pela janela e começou a correr para a lateral da casa. Alguns passos depois, viu o portão de madeira destrancado balançando ao vento. Uma corrente fria o atingiu e ele percebeu que estava descalço, vestido apenas com uma cueca samba-canção e uma camiseta.

Correu até o portão, tensionou os músculos e se jogou contra ele com o ombro. Continuou o caminho pela entrada de veículos com o 357 empunhado nas duas mãos, mas não viu ninguém.

Atravessou o gramado da frente com o revólver abaixado na lateral do corpo e parou, sentindo a grama molhada gelar seus pés. O exterminador de insetos no portão dos Martins, do outro lado da rua, zumbiu e soltou uma fumaça de algo sendo queimado. Os altos ciprestes na extremidade do terreno balançavam ao vento. Ele aguçou os ouvidos, mas só escutou o farfalhar de troncos e

folhas.

– Cadê vocês? – gritou ele. Sentiu-se estranho falando com uma rua vazia. – Estão escondidos? – Alimentada pela raiva, sua voz se firmou. – Não tenho medo de vocês. Aqui estou eu. *Bem aqui!* – De novo, só o barulho das folhas, nada mais. – Vocês acham que sabem quem sou eu? – Ele girou em torno do próprio eixo e continuou berrando para a escuridão. – Quem sou eu, então? *Quem sou eu?*

A luz do quarto se acendeu na casa dos Epsteins, seus vizinhos mais próximos. Ele escutou Kat chorando dentro de casa. Grilos pousados na grama faziam seus tornozelos pinicarem. Depois de algum tempo, retomaram seu cricrilar.

Ao ouvir um cantar de pneus, Mike se virou abruptamente e foi saudado por uma sirene de polícia. A viatura encostou na frente da caixa de correio e ele escondeu o revólver atrás das costas. O vidro do carro foi abaixado e revelou o rosto escuro da detetive Elzey. Ela desceu do veículo e bateu a porta.

– O que está escondendo aí?

Mike enfiou o 357 na cintura da cueca, torcendo para que ele não caísse pela abertura das pernas. Mostrou as duas mãos vazias para a policial.

– Sei muito bem o que você tem aí, Wingate. – Elzey avançou pelo meio-fio com a mão no cabo da pistola enfiada no coldre. – Você não tem licença para porte de arma, então vai ficar muito encrencado se estiver com uma.

– Não lhe dei permissão para entrar na minha propriedade.

Ela parou. O gramado estava escuro, mas Mike distinguiu com nitidez o rosto magro e severo da mulher. Agora Markovic também tinha saído do carro e o encarava fixamente por sobre o teto branco do veículo. As características do outono – as folhas caídas, as raízes das plantas cobertas de palha e estrume como proteção contra o frio, o orvalho – entranhavam todos os sentidos de Mike. Uma lua bem fina lançava uma nesga de luz sobre eles.

– Dê um passo para trás – exigiu Mike. – Ou me mostre um mandado.

– Tem certeza de que quer brincar desse jogo? – perguntou Elzey.

– O que vocês estão fazendo aqui? – indagou Mike.

– Depois que você saiu da delegacia – retrucou Markovic –, ficamos preocupados.

– Tão preocupados que vieram até aqui para dar uma olhada – disse Mike.

– Isso mesmo – afirmou Markovic. – Estávamos fazendo a ronda, checando a casa.

– Por acaso checaram o quintal dos fundos também? A janela do quarto da minha filha? O interior do quarto dela?

Markovic apontou para o pequeno aparelho preso no espelho retrovisor da viatura.

– Temos registro de quilometragem e GPS e ambos mostram nossa ronda inteira desta noite, então é melhor tomar cuidado com o tipo de acusação que está fazendo.

– Alguém acabou de invadir o quarto da minha filha.

– Tem certeza que não está ouvindo coisas? – perguntou Elzey. – Quero dizer, rodar por aí no meio da noite quase nu com uma arma enfiada na cueca não parece exatamente coisa de gente sã.

– Quase nu, sim. Mas sem arma.

– Tudo bem – concedeu Elzey. – Então, se houve *mesmo* uma invasão de propriedade e você quiser fazer um boletim de ocorrência, vamos ter que entrar na sua casa.

– Outro boletim de ocorrência? – replicou Mike. – Não, obrigado. Vamos esperar para ver onde o primeiro vai dar.

Elzey deu de ombros.

– Você é quem sabe.

Mike foi voltando para casa de costas de modo a ficar de olho nela e continuar com o revólver escondido. Ela o observou com ar divertido, depois se acomodou no banco do carona e bateu a porta. Em seguida a viatura se afastou, devagar.

O gramado da frente estava quieto.

Encolhido à sombra da folhagem na outra extremidade da casa, William se reclinou no peitoril orvalhado da janela da cozinha. Abriu um sorriso largo que no escuro parecia a curva de uma foice.

21

AJOELHADO NA CAMA DESARRUMADA, Mike acabou conseguindo fechar a janela de Kat com pregos e usou sua camiseta para secar o suor da testa. A sujeira na base da janela estava bem compacta e, como antes, não exibia impressões digitais. Ele fechou as cortinas e se sentou no colchão. Na suíte, Annabel tentava acalmar a filha, deitando-a a seu lado na cama e afagando-a para que conseguisse dormir.

Na estante do quarto de Kat, do outro lado do cômodo, a caixa dos tesouros da menina chamou a atenção de Mike. Era uma caixa de sapato que ela forrara de tecido e enfeitara com adesivos quando estava na pré-escola. Ali guardava seus bens mais preciosos. Ele tirou-a da estante, colocou-a no colo e levantou a tampa. A pulseira de plástico que Annabel usara na maternidade. Uma xicarazinha de prata de lei com uma ovelhinha gravada. O macacãozinho de borboletas grande demais que Shep levara para Kat na última vez em que Mike o vira. Ele o pegou e desdobrou, lembrando-se do amigo na porta de seu apartamento puxando o presente desembrulhado do bolso e estendendo-o para ele. Na época a roupinha era enorme para um recém-nascido, mas agora parecia tão minúscula... Naqueles primeiros meses, Annabel e ele o usaram como paninho de ombro para evitar sujar a roupa com as golfadas de Kat, depois a menina se apegou a ele e passou a arrastá-lo para todo lado como seu cobertorzinho de estimação. Nunca chegou a vesti-lo, nem mesmo quando cresceu o bastante para caber nele.

Mike remexeu nas relíquias amarelo-claras e rosa-bebê. Havia uma pureza naquela caixa de sapato decorada de forma desajeitada, naquele quarto, naquela casa.

Recolocou a caixa dos tesouros na estante e atravessou o corredor. Kat estava dormindo esparramada nos lençóis amarrotados, com a cabeça de Annabel inclinada sobre ela, velando seu sono.

Ao ver Mike, Annabel se levantou e se encostou na cabeceira da cama.

– Eles querem que a gente fique morrendo de medo, não é? Bem, estou *apavorada*. E, já que não podemos contar com a polícia, precisamos ser criativos e imaginar alguma saída. Posso ligar para meus pais, pedir que eles venham para cá.

– Sua mãe, com aquele quadril operado, vai entrar em um avião e vir para cá?

– Há um monte de voos saindo todo dia de Tampa. Meu pai conhece as leis. Ele pode...

– Seu pai é um advogado aposentado, especializado em falências. E já posso imaginar como eles vão encarar isso. Aqueles dois nunca confiaram em mim...

– Não precisamos voltar a esse assunto. Só estou dizendo que ainda temos alguns canais legais para...

– Não vai adiantar recorrer a nenhum canal legal. Caras desse tipo não escutam a voz da razão. Só aprendem com a linguagem da força.

Só aprendem quando você os acorda com um soco depois de terem roubado sua camiseta de debaixo do travesseiro. Só aprendem quando você os encara com o punho cerrado e os obriga a

parar de bater em uma criança no chão.

– Ou então reagem com *mais* força – retrucou ela.

– Então o que você propõe? Nossas mãos estão atadas. Não podemos recorrer à polícia enquanto não soubermos quais são as agências que estão atrás de mim e por quê.

– Só estou dizendo que essa situação pode sair de controle.

– Annabel, você está vendo o que está acontecendo?

– Sim, e estou fazendo o máximo para tentar entender o que é.

– O que *isso* quer dizer?

Ela puxou o cobertor para cobrir Kat e fez um gesto para que ele falasse baixo.

– *Sabemos quem você é*. Foi isso que ele disse, certo? Pela babá eletrônica?

– Foi. E daí?

– Sei que você e Shepherd aprontaram bastante no passado. Será que alguma coisa daquela época está voltando agora para nos assombrar? Alguém que vocês tenham roubado, machucado, sei lá.

A pergunta mexeu com ele profundamente, atingindo um ponto que ele ignorara por tanto tempo que tinha se esquecido de sua vulnerabilidade. Fechou os olhos com força e se lembrou daquele momento que se congelara em sua memória décadas antes: ele olhando pela janela do lar adotivo para o fim da rua, através do arco amarelo-alaranjado formado pela copa das árvores, esperando a caminhonete que nunca apareceu. A lembrança pertencia apenas a ele, a mais ninguém, e agora Mike recorreu à segurança oferecida por ela. A imagem lhe mostrava que ele ficaria bem se a caminhonete nunca aparecesse, porque ele possuía algo que ninguém poderia lhe tirar, e, enquanto mantivesse isso em mente, nunca mais precisaria de ninguém.

Porém, ele não era mais um garoto de 7 anos. Tinha mulher e filha, e precisava delas tanto quanto elas dele. Mike abriu os olhos, lutando para manter a raiva sob controle.

– Não – respondeu ele. – Éramos delinquentes juvenis, não ladrões de banco.

– Tem certeza de que não há *nada*?

– Você não acredita em mim. Depois de todos esses anos, ainda sou um garoto de rua a seus olhos.

– É claro que não.

– Então como pode me fazer essa pergunta? Eu nunca menti para você.

Ele se virou e fitou o prêmio encostado na parede.

Annabel deu um suspiro e voltou a se concentrar no assunto principal.

– Porque esses homens estão perseguindo a nossa família, Mike. Diante disso, nenhum assunto é proibido. Não entre nós. Então, se houver algo...

– Você acha que eu consigo parar de pensar nisso? Não tem nada. *Nada*. A gente fazia pequenos furtos, pichava muros e paredes... Nada que pudesse provocar a perseguição contínua de homens como esses.

Kat resmungou alguma coisa durante o sono. Annabel saiu da cama e puxou Mike pelo braço para dentro do banheiro. O fato de a menina ficar fora de sua vista, mesmo estando tão perto, o deixou nervoso e ele empurrou a porta mais alguns centímetros para poder ficar de olho nela.

A voz de Annabel estava baixa mas intensa, e ela falava entre dentes.

– Quando você faz algum mal para alguém, nunca se pode prever a reação da pessoa.

Ela tinha assumido uma posição de confronto, com a cabeça projetada para a frente. Mike percebeu que sua postura era a mesma.

– Alguém nos ameaça e de repente você está casada com um grande criminoso? Nunca fiz *mal* a ninguém. Fiz algumas escolhas estúpidas, é claro, mas só isso. Nem todos foram criados no lar aconchegante dos Cleavers.

Ela fez um gesto com o braço e acabou esbarrando em um vidro de perfume que estava sobre a bancada da pia. O frasco caiu no chão e um instante depois o banheiro foi tomado por um aroma doce e enjoativo. Ainda assim ela não desviou o rosto do dele um centímetro sequer.

O som do recipiente se espatifando continuou a reverberar no banheiro.

Annabel inspirou fundo e prendeu o ar nos pulmões. Quando expirou, sua voz estava perfeitamente calma.

– Está bem, vamos começar de novo. A invasão no escritório hoje, o arquivo que eles estavam procurando, tudo são provas de que isso não tem nada a ver com o Vale Verde. O que quer que seja, está ligado a você e a seu passado. Se não é nada relacionado a seus anos de "delinquência juvenil", então só nos resta uma opção.

Ele sentiu um bolo na garganta.

– Você acha que eu não sei disso?

– O que aconteceu quando você tinha 4 anos...

– Pelo menos uma vez – interrompeu Mike –, vamos falar com todas as letras. *Meu pai matou minha mãe.*

Ele nunca verbalizara isso de forma tão direta, e fazê-lo agora causou um estremecimento em seus músculos faciais. A superfície da pele estava intacta como em uma máscara, mas por dentro ele parecia em chamas.

Mike não sabia disso o tempo todo? Que a trilha de lembranças um dia o levaria de volta à mancha vermelha no punho da camisa do pai? Lembrou-se das mãos dele, tensas, agarrando o volante da caminhonete. *Nada do que aconteceu foi culpa sua*. Nada do que aconteceu. Que diabo o pai tinha feito?

Annabel engoliu em seco e umedeceu os lábios com a língua. Ela estava com uma das mãos levantada e os dedos levemente afastados.

– Não sabemos a história toda.

– Sei o suficiente. Sei que o que quer que ele tenha feito está voltando agora para *nos* assombrar.

– Talvez seja outra coisa. Pode ter acontecido algo que o obrigou...

– *Obrigou*? Nada poderia tê-lo *obrigado* a fazer uma coisa dessas. Não existe *justificativa*!

Ele parou por um instante. Estava tudo lá, se acumulando em sua mente, uma onda de palavras e imagens: *Um novo futuro para os Estados Unidos. O merdinha ainda acha que o papai vai voltar. Destruiu minhas coisas porque não tem nada e nunca vai ter. Seu histórico tem tantos buracos que parece um queijo suíço. Nós sabemos quem você é.*

Na cama, Kat sussurrou algo e rolou para o outro lado.

Mike tentou controlar o tom de sua voz.

– Que tipo de homem abandona o próprio filho? Simplesmente o *abandona* em algum lugar? Não existe perdão para isso.

Annabel deu-lhe um beijo lento e terno nos lábios, com a boca fechada, sem desviar os olhos do rosto dele nem um instante.

– Pare – pediu ela. – Respire.

Ele obedeceu.

– Pode contar comigo para enfrentar essa situação – continuou ela.

Ele deu-lhe um beijo na testa e Annabel envolveu a cintura do marido com os braços.

Mike saiu do quarto e foi à cozinha, andando à luz fluorescente com o telefone sem fio na mão. Finalmente, fez uma ligação. O último número que tinha registrado estava fora de serviço, mas a gravação lhe forneceu um número com código de área de Reno.

Tocou várias vezes. Apesar de já fazer sete anos, a voz era a mesma de que se lembrava, baixa e rouca.

– Alô?

Preciso de você aqui.

– O quê?

– Preciso de você aqui – repetiu Mike, um pouco mais alto.

Um farfalhar. Um ou dois segundos de silêncio. Então Shep disse:

– Ok.

Houve um clique e depois o som monótono de ligação interrompida.

22

CINCO HORAS E 57 minutos mais tarde, a campainha tocou.

A família estava aninhada na cama de casal, com a luz matinal se refletindo em seus corpos. Mike e Annabel só tinham conseguido pegar no sono por volta das cinco da manhã, quando a adrenalina finalmente baixou e deu lugar à exaustão provocada pelo medo crescente e indisfarçado. Mike desabou na cama completamente vestido, com o revólver em uma mão e um punhado de balas na outra.

Mike acordou agitado e levantou a cabeça, que parecia ter ficado mais pesada durante a noite. O relógio marcava 7h47. Era tarde para Kat ir à escola e ele ao trabalho, mas isso não tinha nenhuma importância hoje. Com o revólver na mão, ele caminhou com o andar arrastado pelo corredor. Como não havia olho mágico, abriu a porta da frente presa pela corrente de segurança e afastou a cabeça, surpreso, quando viu quem era.

Reno ficava a mais de 800 quilômetros, o que equivalia a cerca de oito horas de carro. Depois do telefonema de Mike, Shep deve ter desligado e ido direto para o carro, percorrendo todo o caminho a não menos que 90 quilômetros por hora.

Pela primeira vez em sua memória recente, Mike sentiu alívio. Ele pousou o 357 ao lado do jarro vazio na mesinha de canto, abriu a corrente de segurança e escancarou a porta. Shep bloqueava a luz do sol nascente. Atrás dele, um Shelby Mustang 67 ainda fumegava na entrada de veículos como um cavalo espumando de cansaço. O carro era azul-escuro, com duas faixas brancas que corriam pelo capô até o alto e desciam em cima do porta-malas.

Shep se moveu e os raios de sol passaram por cima de seu ombro direito, iluminando a lateral de seu rosto. Ele tinha uma cicatriz nova abaixo da orelha, causada por um caco de vidro, talvez, apesar de Mike saber que esse era um assunto do qual nunca falariam. Shep ainda usava o cabelo raspado, o comprimento ideal para evitar os piolhos do lar adotivo. Usava uma camiseta de gola em V, com a medalha de São Jerônimo balançando na fina corrente de prata, desgastada como uma moeda antiga. Os músculos salientes no peitoral de Shep eram tão aparentes quanto os do abdômen de Mike dez anos antes. Apesar de Mike ainda estar em boa forma para sua idade, o contraste era claro: ele estava mais flácido.

A familiaridade dos dentes da frente levemente trepados de Shep era reconfortante. Mike se sentiu seguro. Mas havia diferenças também, além da nova cicatriz arroxeada. O pescoço do amigo tinha se tornado mais robusto com a idade e seus traços pareciam mais pronunciados – haviam adquirido uma intensidade que lembrava a de um lobo. Ao encará-lo na soleira da porta, Mike ficou mais consciente da passagem dos anos.

– E aí? – disse Shep.

– Conseguiu alguma coisa? – perguntou Mike.

– Nada.

Os passos de Kat soaram no piso de cerâmica atrás de Mike. Shep passou por ele e se abaixou,

para deixar sua cabeça no nível da dela.

– Os olhos – comentou ele.

– Você é grande – notou a menina. E depois, para Mike: – Ele é grande.

– Kat, esse é o Shep.

A mão dela pareceu minúscula comparada à dele quando o cumprimentou. Annabel veio logo atrás da filha, ajeitando a blusa. Quando viu Shep, se empertigou.

– Obrigada por ter vindo – falou ela. – Do jeito que eu e Mike vamos indo, preciso de alguém novo com quem brigar.

Shep olhou para ela com o rosto inexpressivo.

– Estou brincando – emendou ela. – A não ser pela parte do agradecimento.

Foram todos para a cozinha. Com um bocejo, Annabel tirou a frigideira do suporte. Olhou para o utensílio com um ar cansado e o deixou de lado em cima do balcão. Então serviu café para os adultos e cereal para a filha.

– Coma rápido, meu bem. Temos que correr para a escola.

– Não sei se quero que ela vá hoje – disse Mike.

– Você acha que aqueles caras vão vir atrás de *mim*? – questionou a menina.

As bochechas dela pareciam mais fundas e ela estava com olheiras escuras. Mike e Annabel haviam lhe contado o que estava acontecendo, sem entrar em detalhes. Ela tinha que estar consciente de que existiam homens perigosos interessados neles, mas não precisava saber que haviam entrado sorrateiramente em seu quarto enquanto ela dormia.

– Não, querida – afirmou Mike. – Eles estão querendo mexer comigo. Mas me preocupo com sua segurança também.

– Os professores estão sob aviso – retrucou Annabel –, os pátios estão cercados, há três inspetores do lado de fora o tempo todo e, sinceramente, parece que eles estão achando mais fácil invadir nossa c... – Ela se conteve e deu uma olhada rápida em Kat, mas a menina estava muito ocupada examinando Shep. Ocorreu a Mike, com algum arrependimento, que a filha nunca tinha conhecido alguém como ele. – Além disso – continuou Annabel –, até mesmo as babás e outros responsáveis *com* autorização para pegar as crianças têm que mostrar a identidade para levá-las. Provavelmente ela estará mais segura lá do que aqui.

– Então aqui *não* é seguro? – perguntou Kat.

Shep bebericou o café e ficou olhando fixamente para a frente, se aproveitando de sua surdez. Ele podia se fechar assim quando era estratégico e conveniente. Mike o despertaria na hora certa, e, até lá, nada daquilo era problema dele.

– Você está segura – garantiu Mike. – E vamos mantê-la assim. Sua mãe tem razão. A escola é segura também.

Annabel segurou a filha pelos ombros e a guiou pelo corredor. Ao sair, viu seu livro da faculdade – *Experiência e educação* – sobre a mesinha do telefone e soltou um grunhido.

– Eu tinha que montar uma aula experimental hoje. O professor Skolnick vai ficar chateado comigo.

– Vamos pôr tudo em ordem de novo – assegurou Mike.

Annabel deu uma espiada em Shep, que ainda olhava inexpressivamente para a frente, tomando seu café.

– Promete? – perguntou ela.

O telefone tocou e Mike saiu correndo para atender, esfregando os olhos para afastar o sono.

– Michael Wingate? – disse uma voz feminina.

– Sim.

– Meu nome é Dana Riverton – disse ela. – Eu conhecia seus pais.

Dana não deu mais informações nem revelou por que queria conhecê-lo. Só disse que era melhor conversarem pessoalmente. Mike preferiu se encontrar com ela em um café próximo e eles marcaram ao meio-dia. Shep ficaria observando a distância e seguiria a mulher até em casa para descobrir seu endereço.

Mike tinha pedido a Sheila que cancelasse todos os seus compromissos, ao que ela obedeceu sem muita satisfação. Ele também ligara para Hank, ansioso para descobrir quem tinha sido o filho da mãe a colocar o alerta sobre ele e em que repartições de polícia seu nome *não* estava sob vigilância. Hank ainda estava tentando obter essas informações, mas dava sempe com os burros n'água e a situação ficava mais sinistra a cada hora que passava. Ele aguardava que seus telefonemas fossem retornados e jurou que daria notícias assim que tivesse alguma novidade. Antes de desligar, Mike lhe pediu que investigasse o nome Dana Riverton.

Nas poucas horas que haviam se passado desde então, Mike atualizou Shep, que escutou com atenção, interrompendo às vezes para fazer perguntas muito específicas que o amigo nem sempre conseguiu responder: "Esses caras têm alguma tatuagem feita na prisão?", "Dodge ameaçou você como um boxeador ou um lutador de rua?", "Quem é o policial mais graduado, Markovic ou Elzey?" Depois os dois percorreram o terreno da casa, detendo-se na janela de Kat.

– Você precisa de um contratrilho bem forte para abrir uma tranca dessa, ou então pode enfiar um gancho flexível e estourar o trinco. Está vendo as marcas de arranhões aqui? Não foram feitas por uma galinha.

Quando Shep finalmente estava pronto para traçar um quadro amplo da situação, eles foram se sentar na sala de estar.

– Suas trancas são uma droga – começou ele. – Dá para arrombar a fechadura Schlage da lavanderia até com um palito de dente. Vamos fazer as mudanças necessárias antes de encontrar essa tal de Dana Riverton. Os portões laterais precisam de cadeados. Um amigo meu treina Rottweilers para guarda em Fort Lauderdale. Posso conseguir um em dois dias.

– Um Rottweiler feroz? E Kat?

– Estou pensando nela. É por isso que precisamos de um cão de guarda. Você pode mantê-lo nos

fundos.

– Como faremos...

– Deixe tudo comigo. – Shep tirou dois celulares pretos lustrosos do bolso, pôs um deles na mesinha de centro na frente de Mike e continuou: – Estes aparelhos são para nos falarmos. Não use para mais nada. Repito: não use para *mais nada*. O seu está programado com o meu número.

– Posso dar o número para Annabel? No caso de...?

– Só para ela. Leve o aparelho para todos os lugares. Se possível, se comunique comigo por mensagem de texto. Não gosto de falar.

Mike sabia que o problema para Shep não era falar, mas ouvir. No sofá em frente a ele, Mike se recostou e ficou olhando para baixo. Eram 10h45 e sua apreensão só aumentava conforme a hora de se encontrar com Dana chegava. Primeiro Dodge e William e agora, do nada, ela aparecia? Era muita coincidência. A alegação de que conhecia seus pais só podia ser manipulação. Ele detestava a si mesmo por imaginar – por ter esperanças – que talvez fosse algo diferente disso.

Concentrando-se de novo no presente, Mike pegou o "batfone" da mesa de centro e o enfiou no bolso. Shep se inclinou para a frente, com a medalha balançando na corrente, e cruzou as mãos brutas.

Era o primeiro momento de tranquilidade desde que ele chegara.

Um instante de constrangimento se insinuou entre os dois e Mike perguntou:

– E aí, o que você tem feito?

Shep deu de ombros.

– Na maior parte do tempo, uns bicos, como sempre. Tem muita grana circulando em Reno agora, sabe, dinheiro de jogo. Roubei um banco uma vez, mas nada de armas. Quebrei uma parede dos fundos à noite e coloquei um pessoal para furar a calçada na frente do prédio com britadeiras, para disfarçar o som. – Ele balançou a cabeça. – Mas foi só uma vez.

– Aposto que você arrasa agora – disse Mike. – Abrindo cofres.

– Você não acreditaria nos seus olhos se visse – vangloriou-se Shep, recostando-se no assento e esticando os braços por cima do encosto do sofá.

Mike pensou nos outros. Charlie Dubronski, cumprindo pena de prisão perpétua por assalto à mão armada. Tony Moreno, morto de overdose de heroína no banheiro de um trailer. Todas essas opções equivocadas, todos esses becos sem saída... E lá estava Mike Wingate com seu Ford F-450 e seus empreendimentos imobiliários, com sua esposa generosa e sua filha inteligente. Tinha tido muita sorte. Até agora.

– E agora? – indagou Mike.

– Vá pegar seu celular para eu dar uma olhada. O seu de verdade, quero dizer.

Quando Mike apareceu com o aparelho, Shep pressionou algumas teclas e depois lhe mostrou o visor. O número que aparecia estava registrado como o CELULAR DE A.

– É este que eles têm?

– Sim, o de Annabel.

Shep apertou a tecla de discagem. Caiu direto na caixa postal. *Oi, você ligou para Annabel. Provavelmente estou catando o aparelho no espacinho...*

Shep desligou. Mike sentiu uma quentura lhe subir ao rosto. A ideia de que eles tinham até a voz gravada dela o deixou louco de raiva. Imaginou o celular de sua mulher na mão suada de William, no bolso grande de Dodge, rodando para lá e para cá naquela van suja.

– Diga para ela não avisar a operadora que perdeu o telefone – orientou Shep. – É bom que a linha fique ativa.

– Por quê? – quis saber Mike.

Shep estava mexendo no aparelho, digitando alguma coisa, então Mike se posicionou atrás dele e olhou por cima do ombro do amigo. Ele tinha escrito uma mensagem de texto: O QUE VC QUER?

Então olhou para Mike, que assentiu. Shep pressionou a tecla de enviar e começou a contar os minutos. Pôs o celular sobre o tampo de vidro da mesa.

– Eles só ligam o telefone de tempos em tempos – disse ele. – Fica mais difícil de rastrear.

– Impossível? – indagou Mike.

– Mais difícil.

Mike se sentou de novo. Shep, que nunca fora de jogar conversa fora, ficou olhando fixamente para a frente. Mike se esforçava para não ficar remexendo as mãos. Dez minutos se passaram, depois vinte. Logo teriam que ir ao encontro com Dana. Mike olhou para o relógio e pigarreou, pronto para sugerir que eles deveriam ir andando.

O tremor do celular em cima da mesa fez com que ele prendesse a respiração. Ficou nervosíssimo, mas Shep mal piscou.

Mike se inclinou para a frente, pegou o aparelho com as mãos agitadas e leu o torpedo: VC REALMENTE NÃO FAZ A MENOR IDEIA, NÃO É?

Um calafrio percorreu a espinha de Mike. Ele começou a dizer alguma coisa, mas o amigo fez um gesto para que se calasse. Shep olhou o relógio, contou o tempo e apontou para o telefone.

Mike digitou NÃO e enviou a mensagem.

Colocou o aparelho de volta na mesa e se reclinou no sofá. Os dois ficaram encarando o celular por um tempo que pareceu muito longo. Mike esperava ansiosamente pela resposta. A expectativa só o fez se sentir ainda pior quando o telefone enfim vibrou.

Ele o pegou com as mãos ainda mais trêmulas, porém agora não ligava mais para o que Shep poderia pensar. A mensagem o deixou paralisado – parecia que seu corpo inteiro, inclusive seu coração, estava petrificado.

VOCÊ NÃO PERDE POR ESPERAR.

23

Ao passar de carro pelo bairro, Mike ficou impressionado com seu caráter de subúrbio americano. Não era a Hollywood das palmeiras e calçadas da fama, a Venice Beach dos conspiradores hippies e surfistas, a Beverly Hills dos automóveis Sunday Bentley e cupcakes caríssimos. Lost Hills fora construída, quarteirão após quarteirão, com residências familiares muito semelhantes entre si, uma comunidade de caixas de correio reluzentes e brinquedos amarelos berrantes no quintal. Era um lugar para pessoas que ansiavam pelo verão infindável do sul da Califórnia, que não podiam comprar um imóvel em Malibu, mas gostariam de morar perto do Pacífico, que não queriam estar sob os holofotes dos paparazzi de Los Angeles, mas adoravam observar o brilho das estrelas a distância. Placas do Neighborhood Watch, um grupo civil de vigilância contra o crime, em cada esquina e no gramado das casas, serviam como amuletos para afastar homens suspeitos da vizinhança. Não se esperava que coisas ruins ocorressem ali.

Não conseguia ver Shep em lugar algum na estrada, o que era estranho porque o Mustang dele chamava bastante atenção. Chegou ao café com cinco minutos de antecedência e ocupou uma mesa do lado de fora, como planejado. Esperou bebericando um suco de laranja, com os nervos à flor da pele. Duas mulheres de cerca de 50 anos vestidas como se fossem garotas de 20 entraram no local de uma forma afetada, com cachorrinhos minúsculos em suas bolsas, só com o focinho aparente. Um homem bem vestido brigava com a esposa e os gritos vazavam pelo fone de ouvido sem fio. Olhando em torno do estacionamento e dos prédios em volta, Mike procurou algum sinal de Shep, mas continuou sem ver nada.

Ele se virou, atraído pelo barulho dos saltos altos dela. Uma mulher de meia-idade se aproximou, usando uma blusa de seda de mangas curtas e uma saia estampada chamativa. Segurava uma pasta de couro espalhafatosa. O rosto redondo e macio era destacado por óculos de bibliotecária com uma correntinha de contas. Tinha cabelos castanhos crespos que desciam pelos ombros. Os braços grossos pareciam ter sido musculosos um dia. Quem quer que Mike estivesse esperando, não era alguém como ela.

– Michael?

– Pode me chamar de Mike.

Ela se sentou.

– Vou direto ao assunto, porque imagino que você deva estar bastante ansioso para saber o que tenho a dizer depois de todos esses anos.

Seu jeito curto e grosso era algo que se poderia esperar em um balcão de atendimento ao cliente.

– Acho que a senhora deve ter me confundido com outra pessoa – disse ele.

– Seu pai faleceu há alguns anos. John. John Trenley.

Ao ouvir o primeiro nome, sentiu uma onda de entusiasmo. Mas *Trenley*? O sobrenome não lhe dizia nada.

– Sua mãe morreu há cerca de dez anos.

Isso não combinava com o sangue que vira na camisa de seu pai. No entanto, com tudo o que estava acontecendo, não sabia mais o que pensar.

Dana desabotoou a pasta e deixou-a aberta.

– Danielle – falou ela.

Mike só conseguia ver a beirada da pasta. Seus pensamentos se aceleraram, mas ele ficou calado. *Danielle. Minha mãe se chamava Danielle*.

– Fui nomeada executora do espólio deles. – Ela deu um sorriso retraído. – Sou assistente jurídica. Eu era vizinha e amiga de seus pais. Ainda me lembro de sua mãe chegando com você do hospital. Eu tinha 11 anos. Cheguei a lhe dar mamadeira uma vez.

A garganta de Mike estava seca.

– Qual é seu sobrenome de solteira? – perguntou ele.

– Gage.

O nome percorreu três décadas até tocar em um fio de reconhecimento na memória de Mike, deixando-o agitado. Os Gage da porta ao lado. Uma casa branca com acabamento verde. O Dobermann deles tinha mordido o vendedor da Sears.

Ele se manteve impassível, apesar de ela ainda estar mexendo na papelada, sem olhar para ele. Mike imaginou que aquilo devia ser outro ato na peça que estavam encenando contra ele. Mesmo assim, a tentação de responder, fazer perguntas e mostrar o que sentia o queimava por dentro.

– Você tem um bom dinheiro para receber. Além, é claro, de uma explicação completa de tudo o que aconteceu. Mas preciso ter certeza de que você é quem eu penso que é.

Aí estava.

Dana tirou um arquivo de sua pasta com "Michael Trenley" escrito em uma etiqueta vermelha. Algumas fotografias de uma casa caíram lá de dentro.

– Desculpe, tive que pôr o imóvel à venda, é claro. Foi comprado no ano passado, mas posso levá-lo lá depois que tratarmos dos detalhes práticos.

Ele tentou conter a vontade de remexer nas fotos, mas não conseguiu e pegou a de cima. Os degraus eram mais largos do que se lembrava e o telhado, mais baixo, mas a imagem despertou uma lembrança.

A casa de sua infância.

A primeira prova concreta de sua vida passada. Sentiu o rosto empalidecer, mas felizmente Dana ainda estava remexendo nos papéis. Ele lutou para mostrar o mínimo de interesse possível, para reprimir a onda de perguntas que se acumulavam em sua cabeça.

Largou a foto de forma casual sobre a mesa enquanto Dana continuava examinando o arquivo. O garçom se aproximou e disse:

– Olá, já sabem o que vão querer?

– Só um instante, por favor – retrucou Mike. Esperou que o homem se afastasse e se dirigiu a

Dana: – Estou confuso. Por que acha que tenho alguma relação com essas pessoas?

– Bem, você vai ver que é bem óbvio. – Dana deixou o arquivo aberto, no qual aparecia uma foto de jornal de Mike na companhia do governador. Era a mesma que tinha saído no *Los Angeles Times*, mas havia sido recortada do *Oregonian*. – E... – continuou ela, puxando de baixo desta uma fotografia Kodak antiga, tirada nos anos 1970.

O pai de Mike quando jovem.

A semelhança era impressionante, até mesmo no lábio superior bem desenhado. Eles eram inegavelmente parecidos.

A realidade o atingiu como um soco no estômago: a foto dele no jornal tinha chamado bastante atenção. Havia sido através dela que *eles* – quem quer que fossem – o tinham encontrado depois de todos aqueles anos. Não foram as casas "sustentáveis" que atraíram aqueles homens até ele, mas sua decisão de participar daquela fraude, colocando o braço nos ombros do governador e sorrindo para as câmeras.

A culpa fervilhava dentro dele. Se tivesse ouvido Annabel e os próprios instintos, toda aquela ameaça teria sido evitada.

A mulher o observou por um momento, depois continuou:

– No final, quando seu pai estava no hospital, ele confessou que o abandonou quando você tinha 4 anos e explicou por que teve que fazer isso. Sua história é essa, certo? Você foi abandonado aos 4 anos?

Ela fechou o arquivo e o pôs de lado.

Mike apenas olhava para ela, com o rosto tenso, se perguntando se valia a pena confirmar. O arquivo estava enfiado dentro da pasta surrada dela, a própria encarnação da tentação. Será que ela era mesmo executora do espólio? Será que era confiável?

– Veja. – Ela tocou no braço dele por cima da mesa. – Entendo o sofrimento que você teve por tudo isso. Quero dizer, a perda, a expectativa de que seu pai voltasse, a procura de uma vida toda, a vontade de saber... Não consigo nem imaginar. Mas eu tenho as respostas que você quer. O espólio de seus pais está à sua espera. Só preciso confirmar que você é mesmo quem eu acho que é.

A respiração dele se acelerou enquanto pensava em tudo o que ela tinha dito. Shep estava em algum lugar observando, mas naquele momento ele sentia que eram só Mike Doe e Dana Riverton, sozinhos no mundo. Tentou se acalmar. Não podia fazer perguntas. Não podia parecer curioso. Deixaria Shep segui-la até em casa e descobrir seu endereço, então continuariam a agir devagar, com cautela.

Olhou para baixo, então ela recolheu a mão devagar e a pousou no colo. Mas ele teve tempo de ver, por baixo da maquiagem pesada que ela tinha aplicado, a pequena tatuagem de cadeia em seu polegar. Uma lápide com o número 7 inscrito, o número de anos que ela passara na prisão.

Na ponta do dedo dele havia uma faixa de pele avermelhada no lugar de onde a própria tatuagem tinha sido removida. O coração de Mike disparou e ele torceu para que ela não

percebesse.

– Acho que não sou quem você procura – afirmou ele enquanto se levantava e deixava cair uma nota de 10 dólares em cima da mesa, antes de sair.

– Você não precisa de lençóis, tipo, de camuflagem?

– Não.

– Pai, ele não está engraçado aí nos meus lençóis cor-de-rosa?

– Shep está bem, querida.

– Você conheceu meu pai quando ele era criança?

– Isso.

– Achei que ninguém tivesse conhecido ele nessa época. Pensei até que ele nunca *tivesse sido* criança. Como ele era?

– Cheio de opiniões.

– Ele bebia? Tipo, cerveja e tal?

– Às vezes.

– Fumava?

– Ele tentou.

– Papai fumava!

– Não de verdade, meu bem. Eu nem sempre agi...

– Ele teve namoradas?

– Várias.

– Sério?

– Não.

Mike se esgueirou e saiu do quarto a fim de se aprontar para dormir, deixando Kat e Shep conversando. A menina inclinou a cabeça para o lado, olhando para o homem como se estivesse pintando seu retrato. Ele parecia ridículo apertado na cama dela.

– Então por que você está aqui?

– Tenho uma dívida com seu pai.

– É mesmo? Por quê?

– Ele salvou minha vida.

– Tipo, tirou você de um carro em chamas?

– Existem outras formas de salvar a vida de alguém.

– Tipo como?

Shep piscou algumas vezes, cansado.

– Minha professora disse que não existem perguntas estúpidas – insistiu Kat.

– Sua professora está errada – retrucou Shep.

– Deixe-o dormir! – gritou Annabel, passando pelo corredor.

A menina esperou que os passos da mãe se afastassem.

– Tipo como? – repetiu ela.

– Ele esperava mais de mim do que eu mesmo.

– Então você tem uma dívida com ele para sempre?

Shep se deitou e olhou para o teto.

– Eu sei fazer divisão longa, sabia?

– É mesmo?

– E dizer os nomes das constelações. E dos planetas, em ordem. Menos Plutão, que não é mais planeta. Isso não é triste? Num dia você é planeta e no outro não é mais.

– Bem triste.

Shep levantou a camiseta, sacou uma Colt calibre 45 da cintura e pousou a arma no peito.

– Uau. Só... *Uau*. Posso tocar nela?

– Claro.

Ela esticou o braço e encostou o dedo no cano de aço.

– Kat, venha para a cama com a gente *agora*. Tenho aula prática amanhã e já estou *quase* repetindo nessa matéria, e se... – Annabel virou para entrar no quarto e deu de cara com Kat olhando para ela, o dedo estendido e as faces vermelhas. O rosto de Annabel também enrubesceu. – Por favor, não deixe que ela mexa nisso.

– Beleza – respondeu Shep.

Annabel fez um gesto para Kat e ela saiu batendo o pé. Annabel foi atrás dela e fechou a porta do quarto de casal com firmeza. Vozes se elevaram do outro lado da parede. Alguns minutos depois, Mike estava na soleira do quarto da filha.

– Bela roupa de cama. Combina com sua personalidade – disse ele.

Mike entrou e se sentou. Shep se encostou na cabeceira da cama e colocou a arma no colo. Fez um meneio com a cabeça na direção da janela.

– Não se preocupe. Pode dormir esta noite.

– Eu sei. – Mike respirou fundo, fez um gesto para a parede do quarto deles e depois para a pistola. – Me desculpe por isso. Os últimos dias não foram nada fáceis. Nunca tivemos que lidar com algo assim.

– *Ela* nunca teve que lidar com algo assim, você quer dizer.

Mike umedeceu os lábios.

– Você não gosta dela. De Annabel – falou.

– Eu não disse isso.

– Não precisa.

– Ela ama você – afirmou Shep. – É só isso que preciso saber.

Mike olhou para os próprios pés. Shep encarou o canto do teto.

– Olhe só – disse Mike finalmente. – O modo como as coisas ficaram... Eu nunca...

Shep acenou com a mão, descartando o comentário.

– O passado não me interessa. Você precisa de mim agora. E eu estou aqui.

– Eu não soube lidar com a situação – admitiu Mike. – Como conciliar...

Ele percebeu o desinteresse de Shep e deixou o assunto morrer.

– Você percorreu um longo caminho – comentou Shep.

– Mas não cheguei muito longe. – O diálogo entravado deixou Mike com a sensação de que queria dizer algo mais, mas não sabia o quê. – Fizemos um bom trabalho hoje.

E era verdade. Shep seguira Dana Riverton até um apartamento em Northridge. Do outro lado da rua, observou-a entrar em um prédio de dois andares. Encontrou uma vizinha idosa passeando com um cão da raça Schnauzer e ela lhe disse que não havia nenhuma Dana Riverton morando no prédio. Mike tinha deixado o endereço e outras pequenas informações, ou fragmentos de informações, na secretária eletrônica antiga de Hank, no escritório. À tarde, Shep se concentrara em instalar as trancas novas na casa de Mike, deixando-as seguras como só um arrombador de cofres sabe fazer.

Shep pareceu aliviado com a mudança de tema. De volta a assuntos práticos, a um terreno seguro.

– Amanhã vou ver se consigo rastrear o sinal daquele celular – disse ele.

– Como? – quis saber Mike.

– Um amigo meu conhece um cara.

– Ou seja: pouca possibilidade de dar certo.

– É. – Shep pegou no ferrolho da arma e levantou o cabeçote de bronze. Depois o soltou de volta e recolocou a pistola no peito. O assunto entre eles se esgotara. Pela primeira vez, Shep quebrou o silêncio. – Kat é muito esperta.

– É, é sim.

– Como é isso de ser pai?

A pergunta pegou Mike de surpresa.

– Além das coisas óbvias – acrescentou Shep.

– Um filho, ou uma filha, é uma coisa sua – retrucou Mike. – Toda sua. Depois ela se desprende de você. Você não a deixa mais dormir na sua cama. Então ela começa a andar sozinha e não quer mais lhe dar a mão. Você para de cortar a carne para ela e ela vai para a escola. De repente, algum imbecil vai estar parando o carro na frente da sua casa querendo levá-la a um show qualquer.

– Houve um tempo em que nós éramos esse imbecil – comentou Shep.

– Espero que ela arrume coisa melhor.

– É mesmo, né? – Shep coçou a bochecha com o cano da pistola. – Acho que, quando você faz um bom trabalho – completou ele –, não tem com que se preocupar.

Todas as coisas inteligentes que Shep dizia na vida vinham assim, pílulas de sabedoria

embrulhadas em simplicidade. Mike foi tomado por um profundo sentimento de gratidão e se deu conta de que tinha sentido falta do amigo. Mais uma vez se viu buscando as palavras certas.

– Tudo isso – falou com um gesto que abrangia o quarto, a casa, sua família – eu consegui por causa do que você me ensinou.

Ele olhou em volta, com suas palavras ecoando na cabeça. *Tudo isso*. Percebeu, mortificado, que podia parecer que estava contando vantagem, como se fosse algum mandachuva. De um lado, ele e Shep pareciam estar em perfeita sintonia, mas, de outro, uma parte de Mike não conseguia ficar à vontade.

– Não ensinei merda nenhuma a você – respondeu Shep.

– Perseverança.

Mike não conseguiu colocar "lealdade" na lista.

Shep olhou para uma foto na estante de Kat aos 3 anos, com o cabelo caindo nos olhos, fazendo bolhas de sabão.

– Que nada, você sempre foi esperto o suficiente para saber que havia mais do que aquele nosso mundo.

– Mas precisávamos disso. Perseverança.

– Isso porque não tínhamos mais nada – replicou Shep.

Ele fechou os olhos, embora Mike soubesse que estava só descansando, não dormindo.

Depois de um tempo, Mike se levantou devagar e foi se juntar à sua família.

Após duas horas sem conseguir dormir, Annabel estava em frente à geladeira pegando água, com um dedo enfiado dentro do copo para saber, no escuro, quando ele estaria cheio. Ao se virar, ficou paralisada com a silhueta de um homem na soleira da porta da sala de estar. A mão dela se tornou branca em volta do copo.

– Shep? – chamou com a voz estrangulada.

– É.

Ela estremeceu.

– Você me assustou.

– Não era minha intenção.

Eles ficaram parados ali, duas sombras sem rosto.

– Você não me quer aqui – falou ele.

Ela umedeceu os lábios.

– É, mas na metade das vezes estou errada, então não ligue para mim. – Ela levantou um pouco a cabeça e pareceu analisá-lo, atenta aos próprios passos, sempre alerta. – Quer saber de uma coisa? Não sei *o que* quero neste exato momento. Isso tudo é tão assustador... Mas você está aqui, não é? Junto com a gente.

– Sinto muito por tudo – disse Shep.

Ele transferiu o peso de um pé para o outro, uma rara demonstração de desconforto. O rosto dela se suavizou. A gentileza de Shep e a percepção de Annabel de que ele estava deslocado ali pareceram comovê-la.

– Nós dois tivemos nossas diferenças, mas quero que saiba que sou grata por ter vindo.

– Tudo bem – respondeu ele.

– E isso significa muito para Mike. Estou preocupada com ele. Ele está com muita... raiva. Nunca o vi assim.

– A gente não se preocupa com Mike quando ele está com raiva – replicou Shep. – A gente se preocupa quando ele está *quieto*.

25

– Tem gente nova na casa.

– Ótimo. Movimento.

O chefe era ainda mais lacônico ao telefone do que pessoalmente.

– Ele apareceu em um Shelby Mustang 67, uma belezinha – continuou William. – Tem uma grade frontal enorme. Parece que o carro está olhando para você com raiva.

Ele afundou na cama, fazendo o cobertor puído soltar uma nuvem de poeira. Hanley estava sentado na sua frente, os joelhos dos dois quase se tocando. As luzes do quarto do hotel tinham sido apagadas, mas a placa CINCO CANAIS ADULTOS!! em neon do lado de fora lançava um brilho pelas cortinas, iluminando partes de seus rostos, de seus corpos, dos móveis lúgubres. Dodge estava no chão perto do banheiro, encostado na parede, folheando uma de suas revistas em quadrinhos, uma história violenta de um cara com um bobo da corte tatuado em cada ombro. A porta do banheiro estava escancarada e um facho de luz caía sobre as páginas abertas. Um fedor de mofo pairava no ar.

– Quando ele chegou? – perguntou o chefe.

– A gente o viu hoje à tarde, mas ele pode ter chegado antes.

– E você falou que ele é gigantesco – disse o chefe.

– Isso.

– Vamos ver como as coisas ficam. Como foi com a executora de testamento?

– Wingate não caiu.

– Imaginei. Precisamos confirmar logo isso, antes que a coisa saia do controle.

William ouviu o ruído da respiração dele.

– O que ele está fazendo? – continuou o chefe. – Esse cara novo.

– Trocando fechaduras. Analisando as cercas. Parece que estão esperando.

– Esperando o quê?

– A gente.

– Nome – prosseguiu o chefe. Era uma solicitação, não uma pergunta.

– Ainda não sabemos – respondeu William. – Fizemos uma busca por placas hoje à tarde e descobrimos que a dele é falsa.

– Hum.

– Mas Hanley voltou lá e copiou o número do chassi, então vamos checar isso amanhã. – William assentiu com a cabeça para o irmão em sinal de aprovação. – Ele está fazendo um bom trabalho. Ajudando na missão.

– Qual é o número do chassi?

William informou a combinação.

– Não vou esperar até amanhã – continuou o chefe. – Vou arrumar alguém para descobrir isso ainda hoje.

Diante do ultimato, William retrucou:

– Não, pode deixar que eu faço isso, senhor. – Desligou o celular e se dirigiu a Hanley: – Ele disse que você está indo bem.

– É mesmo? O que ele falou?

– *Que você está indo bem*.

Dodge fez um barulho. William achou que ele estivesse se divertindo, mas não sabia se era por causa da revista em quadrinhos ou da conversa que tinha ouvido. Os dois se davam tão bem porque nunca tentavam decifrar o que o outro pensava. Os talentos de William complementavam os de Dodge – cérebro e músculos, duas peças que se combinavam formando um todo perfeito. Quando Dodge cumpria pena em Pelican Bay por causa de agressão, dividiu a cela com um tio de William. "Quando Dodge dá uma trombada em você", dissera o tio Len, "é como se fosse uma jamanta desgovernada atropelando uma criança de 8 anos". O homem ficara impressionado, o que não acontecia com frequência. Fora ele que começara tudo, que apresentara William à sua inconfundível filosofia da brutalidade. Mesmo em seu leito de morte, na enfermaria da prisão, tio Len se manteve fiel a seu código e passou suas obrigações adiante. "Burrells honra todos os seus compromissos", dissera ele ao sobrinho no dia de visita. "Mas estou deixando um negócio inacabado. A única coisa que não consegui finalizar." Ele tossiu algumas vezes e cuspiu uma gosma verde na comadre. "Um trabalho. *O* trabalho." A única herança de William, além da paralisia cerebral e do relógio de bolso estraçalhado de tio Len, tinha sido a missão de concluir a tarefa.

Dodge saiu da prisão um ano depois, no mesmo período em que a osteoporose de William se agravou e sua fragilidade crescente ameaçava deixá-lo inválido. Com o aumento das contas dos médicos, William não podia se dar ao luxo de se aposentar. Precisava montar uma equipe. Quando ele colocou Dodge na folha de pagamento do chefe, o grandalhão ficou feliz com o trabalho. Ele tinha aparecido na casa de ripas de madeira para onde William e Hanley haviam se mudado após a morte da mãe e passara a dormir em um colchão no sótão, onde lia seus quadrinhos e meditava em silêncio absoluto. Dodge tinha uma mãe doente em algum lugar – ou talvez uma tia que o criara – e todo o seu pagamento ia para ela. Mas ele não ligava para dinheiro. Só se importava com o trabalho. William desconfiava que ele não saberia como gastar 100 paus de uma vez só, a menos que estivesse comprando ferramentas. Ele e aquele martelo. Dodge gostava do martelo porque podia agir por bastante tempo e manter a pessoa consciente. Parecia bem adequado à sua paciência, ao seu caráter circunspecto. William sempre achou que era possível entender um homem pela arma que ele usa. Ousado, afiado e objetivo, Hanley preferia as facas. Quanto a William, sua única arma agora eram as palavras.

O pisca-pisca do letreiro do motel estava começando a lhe dar nos nervos. William se inclinou e massageou o músculo retesado de sua coxa esquerda com os nós dos dedos da mão. Se suas pernas ficavam enrijecidas demais, elas se viravam para fora quando ele se deitava, como uma

tesoura se abrindo. O incômodo era tão característico que havia até um nome específico para ele: disfunção muscular do assoalho pélvico.

Aprendera a conviver com a dor desde a mais tenra idade. Talvez por isso fosse especialista em causá-la aos outros. Primeiro ele começara a andar de joelhos, até que uma infecção na rótula ocasionada por estafilococos o obrigou a ficar de pé. Aos 4 anos, ele descobriu um modo de andar que dispensava as muletas. A lembrança mais antiga era ele se arrastando pelo tapete surrado do corredor, com Hanley engatinhando a seu lado como um bebê para que William pudesse se escorar nele quando perdesse o equilíbrio. Apesar de sua pontuação nos testes, a professora do jardim de infância achou que ele era retardado, por causa de sua estranha articulação verbal. Durante a segunda internação no hospital, dessa vez por conta de uma pneumonia, a enfermeira lhe indicou um tratamento fonoaudiológico para ajudar a passar o período interminável na cama. Ainda aos 7 anos ele soube que seria grato a ela pelo resto de sua vida. Ficava o tempo todo lendo romances baratos sobre soldados e heróis de guerra, fantasiando que era um militar que nunca poderia ser. Adorava personagens musculosos e corajosos que estavam sempre envolvidos em algum tumulto, como G.I. Joe, com suas costas largas, seu maxilar quadrado e sua postura sempre ereta – nunca se curvava diante de alemães louros, japoneses ardilosos e orientais selvagens. Quando William recebeu alta, soube que seus pais tinham se mudado para um apartamento no quarto andar de um prédio sem elevador. Não demorou muito para acabar em um lar adotivo, seguido pouco tempo depois por Hanley, em sinal de solidariedade.

William agarrou o lençol quando uma onda de convulsões tomou conta dele, como um ataque de espirros. A pior parte da paralisia cerebral era seu caráter imprevisível. Algumas noites ele dormia profundamente e acordava se sentindo forte como um atleta. Outras vezes passava semanas sem qualquer sinal da doença, então tudo ia por água abaixo e ele enfrentava um duro período de sintomas que vinham com toda a força, sem aviso.

Como agora.

– Dodge – chamou ele com a voz abafada –, pode me deixar sozinho um instante?

O grandalhão se levantou e saiu. William ouviu seus passos no corredor externo, depois uma porta se abrindo e fechando.

Ele desabou no colchão, ficou olhando fixamente para o teto e soltou um gemido rouco.

– Do que você precisa? – perguntou Hanley.

– Do baclofeno. Está na minha sacola.

William esticou a cabeça para a frente quando o irmão se aproximou e engoliu o remédio a seco. Tinha um gosto amargo, mas não lhe provocava efeitos colaterais como a fenitoína, que ele usava para evitar os ataques, mas que provocava tremores em seus olhos, como se ele fosse uma atração de um circo dos horrores. Manteve-se firme enquanto outro espasmo começou a percorrer a coluna lombar e as pernas, depois enfiou o polegar em um nódulo na panturrilha esquerda, tentando desfazê-lo.

– Vai passar – disse a si mesmo. – Vai passar.

Hanley franziu a testa como o irmão costumava fazer. Tirou a órtese de tornozelo dele da sacola

e a jogou na cama. O aparelho de plástico cor da pele, com a base imitando um pé e a faixa na altura da canela, parecia um objeto retrógrado, algo saído dos anos 1950, época em que as pessoas morriam de medo da pólio. Durante os acessos, William o usava à noite para alongar o tendão calcâneo esquerdo.

Ele olhou para o aparelho de forma hostil.

– Precisa de ajuda com a calça? – perguntou Hanley.

– Não – respondeu William com amargura.

Hanley assentiu e foi em direção à porta. Quando já estava saindo, William disse, baixinho:

– Preciso.

Hanley voltou, auxiliou o irmão a tirar a roupa e colocou a órtese.

– Deixe o telefone aqui perto. O chefe vai ligar de novo – pediu William.

Hanley posicionou o aparelho em cima do colchão ao lado de William, depois puxou os lençóis sobre ele e apagou a luz.

William ouviu os passos dele indo para o quarto ao lado. Em seguida escutou o barulho do chuveiro e o sussurro dos canos na parede. Sentiu uma cãibra começar no arco do pé esquerdo, mas suas costas estavam muito retesadas para que ele pudesse se inclinar para a frente e soltar a órtese. A rigidez se espalhou por seu corpo até ele ficar completamente arqueado sobre os lençóis. Suas costas se levantaram tanto que apenas os ombros e o quadril direito tocavam o colchão. Seu rosto estava coberto de suor. Esperou, rezou, esperou. Enfim o chuveiro foi desligado.

Usando toda a força que conseguiu reunir, arrastou um braço pela cama e esmurrou a parede por cima da cabeceira. Estreitou os olhos e ouviu Hanley zanzando pelo quarto, catando as roupas, depois o som de seus passos a toda a velocidade. Finalmente ele apareceu pela porta, apressado.

Ele acorreu em seu socorro: arrancou os lençóis da cama e puxou os membros do irmão para um lado e para outro, massageando os nódulos até que eles se desfizessem. William fez uma careta e gemeu, liberando a dor em cada expiração curta.

Hanley encheu uma banheira, jogou sais de sulfato de magnésio lá dentro e carregou William até ela, nu como um bebê. Quando seu corpo tocou a água fumegante, ele soltou um grito de alívio. Depois ficou flutuando, enquanto os músculos relaxavam. Na água, William era como qualquer pessoa. Hanley ficou sentado no vaso sanitário limpando a parte de baixo das unhas com o canivete dobrável do pai, a única coisa que ele tinha deixado para os filhos.

– Às vezes acho que isso é o paraíso. Depois lembro que é como as pessoas se sentem o tempo todo – divagou William.

Os lençóis abafaram o toque do celular em cima da cama.

– Vá pegar para mim – pediu William.

Hanley obedeceu e William, imerso na água quente até o pescoço, atendeu o aparelho.

– Sim, senhor?

– O Mustang está registrado em nome de Shepherd White. Ele morou em um lar adotivo no vale de São Fernando do final de 1981 até 1993. Um outro garoto também morou lá nessa época, um tal

de Mike Doe. Doe aparece no sistema como um garoto de 4 anos com poucas lembranças e nenhum registro, abandonado pelo pai. Adivinha quando?

– Outubro de 1980 – disse William.

– É ele que estamos procurando.

Em meio a sua excitação silenciosa, William sentiu, depois de todos aqueles anos, o que isso significava para o chefe. *O* trabalho.

Mas não demorou muito para ele voltar aos negócios.

– Hanley vai assumir. A família já conhece sua cara e a de Dodge. Vocês podem ficar na retaguarda agora. – Então encerrou a ligação.

William desligou o telefone, colocou-o na beira da banheira e se aconchegou de novo no calor, inalando o vapor salgado do sulfato de magnésio. Seus músculos estavam relaxados, flexíveis, prontos.

Hanley estava inclinado para a frente, os olhos brilhando de animação.

– E aí?

– Sinal verde – respondeu William.

26

– Dana Riverton é um nome falso – disse Hank. Sua voz de velho soava mais rouca ao telefone. – O contrato de aluguel do apartamento foi assinado por uma tal de Kiki Dupleshney.

– Esse é o nome *verdadeiro* dela?

O tom áspero usado por Mike fez com que Sheila desviasse os olhos para o outro lado do escritório.

– Parece impossível, mas é. Ela tem a ficha criminal típica de uma charlatã: fraudes relacionadas a ganho de confiança, vendas falsas de mercadorias pela internet, um esquema envolvendo um inspetor municipal fictício etc. Ela não tem uma equipe fixa. Parece que trabalha por demanda.

– Vamos falar com ela sobre seu empregador mais recente.

– Ela deixou o apartamento ontem à noite. O proprietário disse que o contrato era semanal. Acho que estava só esperando o momento de marcar um encontro com você.

Dez minutos antes, Shep tinha enviado uma mensagem de texto para Mike do centro da cidade, dizendo que seu contato não tinha conseguido rastrear o celular roubado de Annabel. Ou William e Dodge tinham jogado o aparelho fora ou o mantinham desligado na maior parte do tempo, então não havia nada a ser feito. Mike acreditava que sua frustração já tinha atingido o nível máximo, mas agora parecia que ainda podia aumentar muito.

– Então ela se mandou? – questionou Mike.

– Sem deixar rastro. Vamos ter que esperar que ela se manifeste. A boa notícia é que sabemos que às vezes ela usa o nome verdadeiro.

Mike olhou para a espessa lista telefônica aberta em cima da mesa. Sem muita esperança, folheou as páginas e circulou alguns nomes a caneta. Trinta e sete Gages, quatro Trenleys, nenhum deles com a inicial J ou D.

– E Gage? – sugeriu ele. – Tínhamos uns vizinhos com esse sobrenome quando eu era criança. Tenho certeza que ela não inventou isso.

– É, mas precisamos de um primeiro nome, e acho que ela inventou Dana. De qualquer forma, chequei e não encontrei nenhuma Dana Gage que se encaixe no perfil. E quando buscamos apenas Gages, sem o primeiro nome e sem especificar a região... bem, você pode imaginar o número de pessoas que aparece.

Tão grande quanto de Johns e mamães.

– E John e Danielle Trenley? Nada? – perguntou Mike.

– Nada de útil – retrucou Hank. – Tem um monte de caras chamados John Trenley, mas a cor e a idade eliminam todos eles. E a única Danielle Trenley que o banco de dados aponta é uma adolescente da Carolina do Sul.

Mike deu um soco em cima da lista telefônica, chamando a atenção de várias pessoas. Ele se

esforçava para manter a voz baixa.

– E quanto ao alerta da polícia?

– Estou fazendo alguns avanços. *Alguns*. Cheguei até um agente interno do escritório central da delegacia de Los Angeles. Acho que como eles são responsáveis pela delegacia de Lost Hills, onde você mora, todos os postos de polícia foram colocados em alerta. Daí a recepção calorosa que você recebeu de Elzey e Markovic. Existe uma solicitação em vigor que obriga qualquer policial que entre em contato com você a obter detalhes de sua infância.

Mike percebeu que parara de respirar. Então William e Dodge tinham feito com que ele mordesse a isca e fosse parar na delegacia, onde Elzey e Markovic tinham sido instruídos a pesquisar sobre seu passado. Mas será que os quatro estavam trabalhando juntos? Parecia inverossímil que a polícia usasse caras violentos como William e Dodge para intimidar uma família.

– E eles se reportam a quem? – perguntou Mike. – Quem colocou meu nome sob vigilância? Que órgão?

– Ainda não sei. Parece que há um pedido de rastreamento estranho...

– O que isso quer dizer? *Pedido de rastreamento*?

– O que parece, filho. Respire fundo. Estamos tentando descobrir informações sigilosas aqui. Um passo em falso pode pôr tudo a perder. Além disso, estou tentando ver se o Departamento de Polícia de Los Angeles ou outro órgão também está envolvido nisso. Essas coisas levam tempo.

Mike se despediu, apoiou os cotovelos na mesa e pressionou os olhos com as almofadas das mãos.

Seus nervos estavam em frangalhos – mais uma noite sem dormir, levantando-se às cinco da manhã e passando o dia à base de café. Estava sob o poder da cafeína e da adrenalina havia tempo demais e podia sentir seu humor ficando instável.

Quando percebeu os olhares que os funcionários lhe lançavam, ele se levantou e saiu do escritório. Entrou em sua picape, ligou o rádio e ficou trocando de estação. Ouviu alguns anúncios e umas músicas melosas e então desligou o aparelho com raiva. Agarrou o volante com força e respirou fundo algumas vezes.

O celular vibrou no seu bolso. Esperava que fosse Shep com *alguma* novidade, mas as palavras piscando na tela lhe deram um banho de água fria. Era o número do celular de Annabel.

Ele pressionou a tecla para atender a ligação. De repente apareceu um arquivo de vídeo na tela. Devido à sua perplexidade, Mike levou um tempo para reconhecer o asfalto rachado, as crianças rindo e os bancos de madeira.

O pátio da escola de Kat.

Seu coração começou a esmurrar o peito.

O foco da imagem mudou. Agora mostrava Kat pulando corda.

Mike começou a emitir sons incompreensíveis.

Subitamente uma figura enorme surgiu de trás de um trepa-trepa atrás da menina, com seus

traços encobertos pela claridade ofuscante do sol de meio-dia. O homem se aproximou ainda mais.

Dodge.

Mike meteu o pé no acelerador e os pneus cantaram no chão empoeirado antes de terem a estabilidade necessária para seguir.

Dodge se aproximou rápido de Kat. Ela continuou a brincar, distraída.

Mike gritava com o telefone na mão, esmagando-o, ao mesmo tempo assistindo ao vídeo e dirigindo.

Dodge agora estava a 1,5 metro dela. Kat dava risadinhas, contando a quantidade de pulos que conseguia dar, a corda traçando um arco por cima de sua cabeça.

Mike saiu feito um raio do terreno, passando como um jato pelo portão, deixando para trás um rastro de poeira e pedras.

Dodge cobriu a imagem de Kat com o corpo e a jogou no chão.

Mike deu um grito.

A tela ficou preta.

27

MIKE SE LEMBRAVA DE ter ligado para a emergência e dito aos gritos que os policiais fossem à escola Lost Hills, apesar de seu escritório ficar a sete quarteirões de lá – ele sabia que chegaria antes da viatura. Lembrava-se de ter telefonado para a escola duas ou três vezes e berrado com a atendente eletrônica que recitava opções infinitas. Lembrava-se de ter ligado instintivamente para o celular de Annabel. Quando caiu na caixa postal e ele ouviu a mensagem *Oi, você ligou para Annabel. Provavelmente estou catando o...*, se deu conta de que eles tinham acabado de fazer contato daquele mesmo número e, xingando a si mesmo enquanto ultrapassava um sinal fechado, telefonou para casa. Secretária eletrônica lá também. Annabel ainda não tinha chegado da faculdade? Quando soou o bipe, ele ouviu a própria voz dizendo *Eles a pegaram na escola, liguei para a emergência, estou a três quarteirões de lá, agora dois, eu sabia que Kat não devia ter ido à aula...* Ele estava furioso consigo mesmo por ter deixado a filha fora de suas vistas, por ter ouvido Annabel, todo aquele ódio cego e o medo tentando sair dele.

Entrou às pressas no estacionamento da escola, quase atingindo uma mãe que tirava um bolo de aniversário de uma caminhonete e a ex-professora do primeiro ano de Kat, que ficou encarando-o quando ele parou o carro quase inteiro em cima da calçada. Mike saiu da picape, deixando a porta aberta atrás de si, e correu para a secretaria. Atravessou-a gritando "Onde está Katherine Wingate, minha filha, onde está minha...?" e depois passou pela porta lateral que dava no pátio, deixando um monte de rostos espantados para trás. O pátio estava vazio – o recreio tinha acabado.

A corda de pular colorida encontrava-se jogada no chão, toda molenga, parecendo uma cobra.

Com a blusa colada ao corpo suado, ele começou a correr em círculos, berrando o nome da filha. Caiu de joelhos junto à corda, com o chão áspero rasgando seu jeans, e baixou a cabeça.

Em meio ao turbilhão de pensamentos em sua cabeça, pensou ouvir uma voz, alta e pura.

– *Papai?*

E depois de novo:

– Papai!?

Mike se virou. Ela estava em um banco comprido na extremidade do pátio, com uma enfermeira abaixada à sua frente fazendo um curativo em seu joelho machucado.

Não podia ser verdade.

Ele se adiantou para ela, mas não acreditaria até tocá-la.

A enfermeira ficou de pé, espantada, quando ele se aproximou.

– Ei, pai, você machucou o joelho. Como eu.

Ele a puxou pelos braços e apertou-a contra si.

– Ai, pai. Pai. Meu joelho. Está doendo.

– Como isso aconteceu? – perguntou ele.

– É comum as crianças ralarem os joelhos nos pátios das escolas – replicou a enfermeira

secamente.

– Não, um homem a derrubou no chão.

– Como você viu? – quis saber Kat. – Ele era enorme. E depois saiu andando. Não pediu desculpas nem *nada*.

– O ginásio está em obras – explicou a enfermeira. – Deve ter sido um dos empregados, sem querer...

Mike tirou a filha rapidamente do pátio, passou por funcionários calados e perplexos na recepção e chegou enfim a seu carro, parado de qualquer maneira na calçada. Foi para o lado do carona, que estava virado para a rua.

Ouviu o barulho de pneus cantando e viu um veículo indo na direção deles em alta velocidade. Afastou Kat para trás de suas costas, tirando-a do caminho, e sua mão espalmada encontrou o capô do automóvel no momento em que ele deu uma guinada para o lado – pareceu o Super-homem interrompendo um trem-bala. Sentiu o cheiro acre de borracha queimada e a quentura do metal na palma da mão. Mais meio metro e ele estaria debaixo do carro.

Mike se deu conta da cor da van – branca – aos poucos. Com um terror crescente, ele levantou a cabeça para o para-brisa. William estava ao volante, com os olhos irrequietos, seu sorriso talhado despontando no rosto oval e pálido. No banco do carona, encarando Mike, Dodge ergueu dois dedos à altura do próprio pescoço e os fincou na pele pálida, imitando um garfo.

A vibração do motor aumentou e Mike levantou Kat em seus braços fortes, colocando-a na calçada. Quando o carro seguiu adiante, ele se virou e deparou com os olhos de Dodge fixos nele. O gigante estava impassível.

– Caramba, pai, aquele cara quase matou a gente!

Escondida atrás de suas costas, a menina não tinha percebido quem estava dirigindo.

– Entre no carro – disse ele. – Temos que ir embora.

– Foi só o joelho, pai. Não preciso ir para casa.

– Vamos tirar o dia de folga, querida.

– Isso é mais do que...

– Só peço que você confie em mim. Explico tudo mais tarde.

Saindo a toda a velocidade, ele ligou para casa. Secretária eletrônica.

Pelo espelho retrovisor, observou a expressão de Kat enquanto ela lidava com suas preocupações e mudava de assunto.

– Então, hoje, na aula, Kyle Crisdum não ficava quieto durante o grupo de leitura. Não parava de falar um só minuto, até que Bahar finalmente disse: "Cale essa boca, Kyle Cris*pum*!"

Ele pressionou a tecla de rediscagem. Secretária eletrônica de novo. Ao ouvir o tom de voz calmo de Annabel na gravação, foi tomado pelo remorso por ter questionado a decisão dela na mensagem anterior – *Eu* sabia *que Kat não devia ter ido à aula*.

– Já estou com ela – falou. – Está tudo bem. Estamos indo para casa.

– Tipo Crisdum, mas com *pum* – continuou a menina.

Ele analisou a rua à frente com atenção e checou os retrovisores, mas a van branca já estava longe.

– É, eu entendi, querida.

A imagem continuava nítida em sua mente: Dodge pressionando os dedos no pescoço, fingindo perfurar a própria carne, aqueles olhos de tubarão escuros e inescrutáveis. Era um gesto comum na prisão e seu significado era óbvio: *você está ferrado*.

Mike ajustou o espelho retrovisor e verificou o tráfego atrás dele. Mal podia esperar para chegar em casa, trancar as portas, ligar para Shep e preparar as estratégias de defesa.

– ... derramou o suco de uva na perna de Sage. Ela não devia?

Ele procurou os fones de ouvido no console e, quando os encontrou, sugeriu:

– Querida, não quer ver um pouquinho de TV?

– Saí mais cedo da escola *e* ainda posso ver *Hannah Montana*?

Ela pegou os fones e se recostou no banco, feliz da vida.

Mike tamborilava o volante, nervoso, enquanto aguardava o sinal abrir. Finalmente dobrou na rua deles e chegou à entrada de veículos de casa. Viu o carro de Annabel estacionado. Ela devia ter acabado de chegar e provavelmente estava ouvindo as mensagens agora.

Ele esperou que a porta da garagem se fechasse com segurança atrás deles, depois se virou para o banco de trás.

– Quer ficar e assistir ao restante do programa?

Mike não queria que ela ficasse assustada quando ele explicasse tudo a Annabel.

– O quê?

Ele se inclinou, levantou um dos fones da orelha dela e repetiu a pergunta. Kat concordou e entrou de novo no atordoamento induzido pelas imagens televisivas.

Mike desceu do carro, secando o suor das palmas das mãos na calça jeans, pensando em como contar à esposa o que tinha acontecido. A porta que levava da garagem à cozinha estava aberta.

Ele engoliu em seco quando viu a cena indigesta.

A bolsa e a pasta de Annabel estavam viradas na bancada da cozinha ao lado da frigideira. Mais adiante, perto da lareira da sala de estar, havia um homem agachado, distraído, de costas para a porta. Ele segurava uma faca suja de sangue ao lado do corpo. Mike ouviu uma horrível respiração ofegante e avistou uma pálida perna feminina à frente do sujeito, o pé com uma sandália familiar amarrada no tornozelo.

Annabel, sangrando no chão da sala de estar.

28

OS RUÍDOS FORAM FILTRADOS pelo choque.

Annabel, arquejando no chão. Um som áspero que parecia sair não de sua boca, mas diretamente de seus poros.

O murmúrio aflito do homem.

– Que merda, veja o que você me obrigou a fazer.

O rangido fraco da maçaneta da porta, que Mike segurava com a mão paralisada.

E depois os cheiros.

Detergente de louça.

Desodorante masculino.

Pólvora seca.

O 357 de Mike estava à vista, acomodado no tapete ao lado da lareira. O homem, encarando o nada, se balançava de leve, agitado, praguejando. Imóvel, Mike não conseguia enxergar a cabeça e o tronco de Annabel. Seu ângulo de visão era inclinado, então ele só via o perfil do homem. A lateral do rosto dele estava toda arranhada, as marcas de unha tão fundas que pareciam feitas por garras. Era William e ao mesmo tempo não era. Os traços eram uniformes demais, a musculatura muito rígida. Ele parecia ter levado um tiro de raspão no braço, porque havia um sulco da largura de uma caneta em seu bíceps, onde a bala disparada por Annabel supostamente tinha passado.

Amarfanhado no chão ao lado deles estava um grande forro de plástico, uma imagem surreal. O cérebro de Mike trabalhava a mil, mas não era capaz de entender o significado daquilo, não conseguia acelerar a comunicação entre os neurônios. Ele permanecia parado a meio caminho da entrada, com a mão ainda segurando a maçaneta por trás dele, o quadril a poucos centímetros da bancada da cozinha e o cabo da frigideira roçando seu braço.

O homem caiu de joelhos e seus ombros se sacudiram com o solavanco. Nesse momento, Mike conseguiu dar uma espiada no rosto pálido de Annabel por cima do ombro do sujeito. Então o homem se moveu e apenas o braço e o quadril dela ficaram à vista, com a camiseta levantada por causa da queda. Ele viu que a lateral esquerda do corpo dela sangrava aos borbotões.

– Você não podia só ouvir e continuar sentada no sofá esperando que ele chegasse?

De início, parecia que o homem sussurrava como um amante, mas então Mike captou a tensão – não, o *medo* – em sua voz. O sujeito avançou e mexeu no elástico desalinhado do sutiã dela como se fosse um terço, sua própria pele molhada e brilhante, com o estresse exalando pelos poros.

– Que merda, que merda. Nós tínhamos apenas que esperar. Não era para eu... O que eu vou...? O que vou dizer...?

Com os olhos fechados, ele balançava a cabeça para os lados, como uma criança teimosa dizendo *não*.

No total, talvez três segundos tenham se passado.

Então, de uma forma surreal, o silêncio foi quebrado por uma versão da música "O Danúbio azul". O homem tirou um celular descartável do bolso e interrompeu o toque quando apertou a tecla para atender.

– Alô?

A voz dele arrancou Mike de seu torpor. Segurando o cabo pontudo da frigideira, ele deu quatro ou cinco passos longos e acertou o objeto de aço inoxidável na cabeça do sujeito. O homem ouviu os passos de Mike tarde demais – virou a cabeça para trás e arregalou os olhos um segundo antes do impacto. Ele emitiu um ruído aterrorizante parecido com um relincho.

Mike o atingiu na lateral do maxilar com toda a força, fazendo com que o pescoço dele se contorcesse de um modo praticamente impossível. O homem desabou no tapete, perdendo os sentidos.

Annabel abriu a boca, mas não produziu nenhum som. Mike fitou o buraco na lateral do corpo dela e pressionou as duas mãos no ferimento. Ela agarrou o ombro dele, com um olhar perdido, e depois se pendurou em seu pescoço. Ele se inclinou para a frente e encostou a testa na dela.

Pegou a mão da esposa e a firmou sobre o ferimento.

– Segure assim. Com firmeza.

Ao lado dela, caído, encontrava-se o agressor, com os olhos vidrados, uma de suas botas se atrevendo a encostar na perna dela. O telefone vagabundo dele, um modelo impossível de se rastrear, estava no tapete onde ele o tinha deixado cair. Mike se afastou, com os dedos fracos de Annabel tentando mantê-lo ali, e pegou o aparelho do chão, dando-se conta de repente de que a ligação ainda estava em curso. Ao levar o celular ao ouvido, constatou que a conexão tinha caído e ficou tentando imaginar quem tinha...

... mas então estava teclando o número da emergência, sem dar a mínima para o fato de seu nome estar sob vigilância, de haver policiais desconfiando dele sabia-se lá por que motivo, sem querer saber o que aquela ligação iria acarretar para ele, sem ligar para nada a não ser...

– ... um invasor a esfaqueou, tem sangue por todo lado, o endereço é...

... os dedos dela estavam frouxos sobre o ferimento, apesar de o sangramento ter parado, então ele a segurou de novo, com as mãos sujas de sangue até os punhos, e...

Annabel pousou uma mão na bochecha dele. Mike percebeu que estava segurando o choro, com a respiração presa na garganta. Com um gemido, ela virou a cabeça para ver a poça de sangue que tinha se alastrado pelo carpete.

– Ai, meu Deus. Isso não vai... dar certo.

As palavras saíram da boca de Annabel resfolegantes, roucas. As pernas dela estavam dobradas no chão, com uma das sandálias presa no calcanhar e a outra solta.

– Onde está Kat? Ela está...

– Ela está bem, dentro da picape.

– Escutei sua mensagem... Desculpe não... ter ouvido você e tê-la deixado... em casa.

– Não foi culpa sua, eu não quis dizer isso. Não foi culpa sua.

Meu Deus, ela só tinha escutado a mensagem que a acusava, as últimas palavras que ouvira antes de...

– ... disse que era da polícia... – murmurou ela. – Achei que ele tivesse notícias da Kat... Abri para olhar o distintivo...

– Nada disso importa. Você não fez nada de errado.

Se ele não tivesse deixado aquele recado, ela não teria ficado preocupada a ponto de abrir a porta para um estranho que dizia ser da...

– Onde está minha filhinha?

– Na garagem, está na garagem.

– Não quero que ela veja... se lembre de mim assim...

– Está tudo bem, você vai ficar bem, não fale como se...

– Afaste-a de... todos eles... Fuja... com ela... agora. Prometa para mim.

– Não se preocupe, vamos levá-la para o hospital e...

Ela agarrou seu rosto com as duas mãos, em um arroubo de força.

– *Prometa.*

– Eu prometo.

Annabel o soltou.

– Estou com medo – disse ela.

Ele ofegava, pressionando o ferimento inutilmente.

– Está tudo bem, tudo bem, tudo bem.

– Mas *estou* com medo.

Ele parou e a encarou. Fitou-a bem fundo nos olhos.

– Eu sei – falou.

O corpo dela estremeceu e depois ficou paralisado.

Seus lábios estavam ficando azulados ou era só ilusão de ótica? A visão de Mike ficou turva e ele lembrou que precisava continuar respirando.

Pulso. Sem pulsação.

Pescoço. Sem pulsação.

Peito. Sem pulsação.

Seu próprio coração pareceu parar em uma solidariedade estupefata. Ouviu uma espécie de urro frustrado – de sua boca? –, depois se inclinou sobre ela e vomitou no tapete.

Sem pulsação.

Ele apertou as bochechas dela e seus lábios formaram uma espécie de bico, se abrindo com um ruído fraco. Era *respire, respire* e então *empurre*? Onde estavam aqueles *malditos*...

Ouviu o toque alegre da campainha.

Levantou-se com toda a rapidez e foi deixando pegadas de tênis no tapete ensanguentado

enquanto corria até a porta de entrada. Cacos de vidro brilhavam no chão da sala. Ele levou um instante para entender que eram pedaços do jarro que ficava na mesinha de canto. A corrente de segurança da porta da frente tinha sido aberta e estava pendurada fora do suporte. Annabel deve tê-la aberto sem olhar pelo olho mágico e o homem chutou a porta, virando a mesa. Depois ela provavelmente correu para dentro de casa e pegou a arma. E então ele a esfaqueou. Pulando por cima dos cacos, Mike tentou reconstruir a cena enquanto uma parte de seu cérebro estava tomada pelo pânico.

Sem pulsação.

Ele escancarou a porta da frente e viu um homem bem barbeado, de cabelos escuros e espessos e estatura mediana. Seu corpo robusto estava apertado dentro de um terno amarfanhado. Rugas profundas dividiam sua testa como se fossem fendas. Em meio ao pesadelo que estava sendo todo aquele caos, foram as marcas de expressão que confirmaram a Mike que tudo aquilo era real.

O homem balançou um distintivo na frente do nariz de Mike.

– Rick Graham.

– Você não está com a ambulância. Cadê a ambulância?

– Recebi um chamado por rádio e era quem estava mais próximo...

Mike o agarrou e o puxou para dentro.

– Venha ajudá-la! Você sabe fazer ressuscitação cardiopulmonar?

Graham seguiu Mike com chaves tilintando nos bolsos das calças. Virou no canto e estacou, fazendo uma careta ao ver o homem morto com o pescoço torcido em um ângulo quase impossível.

– Minha Nossa Senhora, eu...

Mike o fez se ajoelhar.

– Aqui, ela precisa de... ela precisa...

Enquanto Graham verificava os sinais vitais de Annabel, Mike deu uma espiada na garagem pela porta ainda escancarada da cozinha. Kat continuava na mesma posição, com os olhos vidrados na televisão. Ele podia ver a luz da tela faiscando no para-brisa. Precisava cuidar de tudo antes que ela...

– Sinto muito.

Graham se levantou, esfregando as mãos uma na outra em uma espécie de demonstração de humildade. Um novo conjunto de linhas de expressão surgiu naquela testa em sinal de compaixão. Ele era mais velho do que parecia à primeira vista – devia ter 50 e poucos anos, como indicavam alguns fios brancos que tingiam seus cabelos pretos e sua barba.

– Ela está morta – continuou ele.

– Não está, não – disse Mike. – Só está sem pulsação.

Lágrimas corriam por seu rosto, mas sua respiração permaneceu suave, não mais espasmódica – ele parecia uma estátua se esvaindo através dos olhos. Se não se mexesse, se não respirasse, então não seria verdade, pensou.

– Sinto muito. Você está em estado de choque. Os paramédicos vão chegar a qualquer momento para cuidar de você. Mas neste momento preciso saber...

A voz foi diminuindo aos poucos na cabeça de Mike, como se alguém tivesse abaixado o volume. Olhou para Annabel no chão e seu estômago ficou embrulhado. A pele dela estava escurecendo, as pontas acinzentadas dos dedos salpicadas de roxo, como as extremidades de um machucado. O sangramento parara e ele viu nitidamente o buraco do ferimento, parecendo uma queimadura de charuto.

Graham colocou uma mão no cotovelo dele, sacudindo-o levemente, e Mike ouviu sua voz como se fosse um eco distante.

– Tem mais alguém em casa, senhor? Preciso saber se tem mais alguém...

– Minha filha. Ela está...

– É melhor eu fazer uma busca pela casa – disse ele.

Não ocorrera a Mike que talvez houvesse outros invasores. *Nada* havia lhe ocorrido.

Graham sacou uma pistola Glock do coldre em sua cintura e percorreu cautelosamente o corredor, saindo do campo de visão de Mike, que estava em meio a um turbilhão de emoções. Sua mulher jazia a seus pés. Sua filha, na garagem, felizmente ainda não sabia de nada. Ele olhou para as manchas de sangue em sua camisa, em suas mãos, até na protuberância formada pelo celular dentro do bolso do homem morto. Kat não podia ver aquilo. Não podia vê-lo todo sujo com o sangue da mãe. Com muito esforço, afastou-se da mulher. Tirou a camisa e lavou as mãos na pia da cozinha, permitindo que a água quente corresse até os cotovelos. Esfregou também a calça e deixou os pingos caírem por todo lado. O líquido que descia pelo ralo da pia estava tingido de salmão. Viu que havia uma camiseta de ginástica largada em cima da mesa do telefone, ao lado do fogão. Ele a vestiu e abriu as cortinas acima da pia, mas nem sinal da ambulância.

Parecia que algo naquela vista não se encaixava, mas sua mente esgotada não conseguia detectar o que era. Era a mesma paisagem de sempre – um pedaço de calçada, a fila de ciprestes, a varanda dos fundos dos Martins. Olhou para o relógio do micro-ondas e percebeu que, apesar da impressão de que se passara uma eternidade desde que entrara na casa, na verdade tinha chegado fazia menos de seis minutos.

Rick Graham atendera ao chamado a uma velocidade impossível.

De repente se deu conta do que não se encaixava na paisagem à sua frente.

Não havia nenhum carro parado no meio-fio.

Por que Graham estacionaria fora do campo de visão?

De repente Mike ouviu, vindo do fim do corredor, o barulho da porta do closet sendo aberta. Poderia jurar que Graham era um policial – doze anos no abrigo na Shady Lane o ensinaram a reconhecer um deles de longe. Mas o distintivo que ele lhe mostrara rapidamente... Mike não conseguia se lembrar de que agência era. Estava a ponto de gritar quando a pergunta morreu em sua boca.

Enfiou a mão no bolso e tirou o celular descartável do cara que tinha matado. Lista de contatos

em branco. Registro de chamadas feitas apagado. Só havia uma ligação recebida, sete minutos atrás, a que o sujeito atendera.

Mike pressionou a tecla LIGAR PARA ESTE NÚMERO com o polegar, uma mancha vermelha aparecendo por baixo da ponta de sua unha. Esperou.

Finalmente, ouviu a melodia de "O Danúbio azul" vindo do fundo da casa.

A voz de Rick Graham chegou aos ouvidos de Mike tanto de dentro da casa quanto pelo celular, ao mesmo tempo.

– Alô?

Graham tinha entrado não para vistoriar a casa, mas para eliminar qualquer testemunha.

Mike olhou por um longo momento para o revólver jogado ao lado do corpo de Annabel, mas então ouviu os passos de Graham no corredor, vindo em sua direção. Correu para a porta dos fundos e abriu-a com tanta força que ela bateu na parede. Escutou o som de sirenes a distância. Então se escondeu atrás da ilha da cozinha e ficou espiando Graham enquanto ele voltava agitado para a sala de estar, com um celular na mão igual ao que Mike acabara de usar.

A brancura dos dedos de Graham o chocou por um instante, mas então Mike percebeu que ele usava luvas de látex. Na mão direita, Graham empunhava não a pistola de serviço que segurava quando tinha entrado na casa, mas o que pareceu uma pistola calibre 22 barata. A bainha da perna direita de sua calça estava levantada, revelando um coldre de tornozelo de onde ele retirara a arma impossível de rastrear.

Graham passou por cima dos corpos no chão e parou na entrada da cozinha. Então notou a porta aberta e soltou um palavrão baixinho.

A preocupação que transpareceu em sua voz não combinava com a determinação em seu olhar quando ele viu a porta escancarada.

– Mike? Você está bem?

Mike não tinha dito o seu nome a Graham.

As sirenes estavam ficando mais altas. Mike percebeu que a porta que ligava a cozinha à garagem balançava para lá e para cá ao sabor da brisa, com o barulho sendo abafado pelo ruído crescente das sirenes. Mordeu o lábio inferior até que ele sangrasse, mas parecia que Graham não tinha ouvido nada. No seu esconderijo, Mike estava mais perto da garagem, e ele conhecia as vibrações da casa. Sentiu os passos de Kat se aproximando e se preparou para saltar dali, porém Graham soltou outro palavrão e saiu correndo para o quintal dos fundos.

Mike pressionou a tecla de rediscagem no telefone descartável e deixou-o sobre a bancada da cozinha. Saiu correndo em direção à porta que levava à garagem, segurou-a ao abrir para que ela não batesse na parede e empurrou Kat cuidadosamente de volta.

– Venha comigo, querida. Vamos entrar no carro de novo. Temos que sair daqui.

Ele a virou e a conduziu em direção à picape.

– O que...?

– Preste atenção, Kat. Volte para dentro. Temos que ir embora.

Ela obedeceu.

– Papai. – Ela só o chamava assim quando estava assustada. – Você mudou de camisa.

– É, a outra manchou.

– De *quê*?

De repente ele se deu conta de que havia uma linha de sangue indo de seu dedo mindinho até o cotovelo. A luz que entrava na garagem a deixava evidente. Ele pegou um pano de chão em uma prateleira próxima e se virou para limpar o braço sem que a filha percebesse.

Ele estava mesmo deixando o cadáver da mulher para trás? A imagem dela largada no chão quase o fez correr de volta para dentro. Precisava vê-la mais uma vez.

Mas então ouviu um eco da voz de Annabel, seu último pedido. *Fuja... com ela... agora. Prometa para mim.*

Kat olhou para fora da picape gigantesca e o chamou com a voz trêmula e fraca.

– Papai? Papai?

– Espere só um instante, querida. – Indo em direção à porta do motorista, ainda limpando o braço, não reconheceu a própria voz. – Fique quietinha aí.

Largou o pano no chão e sentou no banco do motorista. A chave já esperava na ignição – ele a tinha deixado lá para manter a TV ligada. Girou-a violentamente e engatou a ré, quase roçando o teto do carro na porta da garagem, que ainda não havia se aberto por completo. Enfiou o pé no freio com força e virou o automóvel para seguir adiante.

As sirenes agora gritavam. Deviam estar muito perto.

Escondido atrás da fileira de ciprestes que demarcava o limite do terreno estava o carro de Graham.

Um Mercury Grand Marquis preto todo empoeirado. Igual àquele que o seguira na estrada para San Vicente.

Mike encostou ao lado do carro, tirou a caixa de ferramentas do porta-luvas e pegou o canivete maior. Desceu da picape e se agachou para que Kat não o visse. Então enfiou o canivete no pneu da frente do Grand Marquis, rasgando-o. O ar quente escapou chiando por entre seus dedos.

De repente ouviu o som abafado da melodia de "O Danúbio azul" vindo do quintal dos fundos, aumentando a cada milésimo de segundo.

Enfiando a ferramenta no bolso, Mike correu para ver a placa traseira. Como era de esperar, distinguiu nitidamente a letra E com um octógono em volta característica dos carros policiais e veículos roubados apreendidos da Califórnia. Então escutou o barulho do portão lateral sendo aberto e teve que sair correndo antes de conseguir memorizar o número.

Pulou de volta na picape e pisou fundo no acelerador antes mesmo de bater a porta, com aquele E martelando na cabeça. Rick Graham só podia ser um policial ou um agente. E tinha a ver com o assassinato de Annabel. Queria matar Mike e estava disposto a apagar uma menina de 8 anos só para não deixar pistas. Quantos outros policiais também estariam envolvidos naquela história? E para onde Mike poderia levar a filha a fim de protegê-la?

O rosto de Kat surgiu no espelho retrovisor.

– O que você acabou de fazer?

Pelo vidro traseiro, ele viu Graham correndo para a rua e se agachando ao lado do pneu da frente. Depois tirou as luvas, se afastou do meio-fio, pôs as mãos na cintura e ficou olhando fixamente para a picape em fuga. Ele estava muito distante para Mike ver sua expressão, mas a postura dava sinais de surpresa e exasperação ao mesmo tempo.

Sem pulsação.

– Tive que... fazer uma coisa naquele carro.

Ele virou na esquina e passou por uma ambulância e uma fileira de viaturas com as luzes piscando, o barulho rompendo o ar, alto o bastante para fazê-lo se contrair todo. Esforçou-se para manter os veículos em seu campo de visão através do retrovisor enquanto se afastava feito um foguete.

Kat estava rígida no banco de trás, sentada em uma posição bem diferente da postura descontraída de sempre. O pavor tinha deixado sua voz rouca.

– Onde está a mamãe?

O pesadelo se repetia, só que dessa vez as palavras aterrorizantes não saíram da boca de seu pai, mas da dele.

– Ela não está... aqui.

Ele tentava se concentrar no caminho, segurar o volante com firmeza, não desmoronar. Fazia o máximo que podia e sentia que estava ficando esgotado.

– Papai – disse ela –, o que tem de errado com a sua voz? Papai, o sinal abriu. Papai, por que sua respiração está esquisita?

29

KAT SE RECOLHERA EM uma bolha de medo e ressentimento no banco de trás. Ele precisava levá-la a um lugar tranquilo para explicar o que tinha acontecido com sua mãe. Pelo menos era o que dizia a si mesmo. Talvez estivesse só ganhando tempo por não saber como dar a notícia. Enquanto dirigia, fazia o possível para continuar falando com uma voz tranquilizadora, mas Kat era esperta o bastante para perceber que aquela calma forçada era sinal de más notícias. Então ele resolveu se calar e tentou se controlar para que seu sofrimento não viesse à tona.

Parou em um posto de gasolina e uma voz sombria o alfinetou: *Na última vez em que enchi o tanque, eu tinha uma esposa*. Deixou o carro abastecendo, afastou-se um pouco e pegou o celular para ligar para Shep. Lá estava Annabel no fundo de tela: a foto que ele tirara dela na cozinha na manhã em que soubera da fraude no Vale Verde. Lembrava-se da luz do sol iluminando-a, do modo como ela pegara nas mãos dele para lhe passar o excesso de hidratante.

O que foi?

Seu cabelo. Seus olhos.

O último momento tranquilo que compartilharam antes que ele descobrisse sobre os tubos de PVC, antes de sua decisão de participar da mentira do governador, antes de sua vida se transformar num inferno por causa daquilo.

Pensando no bem daquelas quarenta famílias, acha que consegue dar um sorriso para as câmeras?

Aquele sorriso lhe custara Annabel.

Seu polegar latejou com a vontade de ligar para ela. Perceber esse instinto – e o sopro de realidade que vinha com ele – foi uma forma nova de sofrimento. Aquilo não podia ser verdade. Não conseguiria passar por tudo sem ela – vencer as ameaças, criar a filha sozinho, viver.

Voltou a atenção para a menina de 8 anos que precisava que ele tomasse conta dela. Shep. Plano de ação. Lembrou que tinha que usar o "batfone" preto, então pegou-o e fez a ligação.

Shep atendeu no primeiro toque.

– Minha mulher está morta.

Ao dizer isso, o rosto de Mike ficou irreconhecível. Ele se afastou ainda mais do carro e fez de tudo para não desmoronar.

– O quê? – reagiu Shep.

Mike deu uma espiada em Kat por cima do ombro, mas ela ainda estava olhando para o vazio, presa pelo cinto de segurança. Ele fez um esforço para pronunciar as palavras:

– Ela está morta. William e Dodge colocaram Kat em risco e eu caí feito um patinho. Saí correndo para ir atrás dela e deixei Annabel desprotegida. Deixei-a sozinha.

– Quem foi?

– Um cara, devia ser irmão ou primo de William. Eu o matei.

A lembrança deixou os nervos de Mike à flor da pele. O impacto da frigideira no crânio do homem fizera seu braço latejar. O som não tinha sido humano. Ele tirara a vida de uma pessoa. Não sentia remorso e faria tudo de novo sem pensar duas vezes, mas essa verdade nua e crua mexia com ele.

– Por que você acha que ele é parente de William? – disse Shep, e Mike demorou um longo tempo para processar a pergunta.

Pensou na foto de seu pai na idade que ele mesmo tinha agora, em como Dana Riverton a pusera ao lado da imagem de Mike que saíra no jornal para qualquer pessoa ver.

– Semelhança.

– Ele *pretendia* matar Annabel?

– Ela reagiu. – As palavras do homem ressoaram na cabeça de Mike. *Você não podia só ouvir e continuar sentada no sofá esperando que ele chegasse?* – Ele queria matar *a mim*, não a ela.

– Então por que desviar sua atenção para Kat?

– Para que ele pudesse... sei lá... ter tempo de armar alguma coisa na casa. Assim eles conseguiriam agir e ninguém ficaria sabendo. Talvez ele estivesse lá como garantia. Para me fazer falar.

– Sobre o quê?

– Não faço ideia.

– O que aconteceu depois que você o matou?

– Apareceu um policial chamado Rick Graham, que também fazia parte do plano. Graham telefonou para avisá-lo que eu estava chegando. – Mike falou sobre o celular descartável e sobre como havia acessado a lista de ligações recebidas para conseguir retornar para o mesmo número. – Acho que Graham apareceu para me matar. Para limpar a barra. Peguei Kat e caí fora de lá. Então provavelmente estou sendo procurado pelas autoridades também, pelo modo como fugi. Não sei em quem posso confiar.

– Dinheiro – disse Shep.

– Não consigo pensar nisso agora. Ainda não contei nada para Kat. Mais tarde podemos...

– Não haverá um *mais tarde* – interrompeu Shep.

– Tá bom. Tá bom.

– Você está com sua arma?

– Não. Foi com ela que Annabel...

– Você precisa desligar seu celular. Não este, o original – atalhou Shep. – Está no seu nome e eles podem rastreá-lo se você o deixar ligado muito tempo.

Mike desligou o aparelho e deu uma olhada em volta. O trânsito no cruzamento estava bastante movimentado. Dois garotos menores de idade fumavam ao lado do lava a jato. Uma mulher deixou a mangueira de abastecimento ligada a seu fusca, atrás do carro dele, e se encaminhou à loja de conveniência.

– ... e sua picape – continuou Shep.

– Minha picape?

– Você tem sistema de navegação por satélite, não é? Isso significa que eles podem localizá-lo pelo seu próprio GPS. Livre-se do carro.

Descartar o carro o faria perder uma última parte de si mesmo, uma parte essencial. O banco do carona ainda estava posicionado para acolher o corpo de Annabel – empurrado para a frente, levemente reclinado e com o descanso de cabeça baixo no suporte. Havia migalhas de uma barra de cereais que ela comera no caminho para a cerimônia de premiação ainda presas na costura do estofado de couro.

– Agora?

A bomba de gasolina fez um clique e Mike retirou a mangueira do tanque.

– Eles têm um acordo com uma empresa particular de rastreamento. Ainda vão levar um tempo para conseguir um mandado. Dinheiro em primeiro lugar. Vá.

Shep desligou.

Mike estava no banco, em um escritório privado, retirando pilhas de notas de 100 dólares e colocando-as em uma bolsa preta de vinil que o gerente tinha lhe dado. Kat esperava dentro do carro, no estacionamento em frente à agência, sentada no banco da frente. Mike tinha trancado a porta do veículo e a menina estava pronta para buzinar se acontecesse alguma coisa.

– Podemos oferecer algum serviço para que o senhor reconsidere sua decisão, Sr. Wingate?

– Isso não tem nada a ver com os serviços de vocês.

– É uma pena, considerando seus últimos depósitos...

– Por que não posso sacar mais?

– Acho que, nessas circunstâncias, arrumar 300 mil dólares em dinheiro de uma hora para outra já é bastante impressionante. Com a automatização bancária, não guardamos mais tanto dinheiro no cofre como antigamente. O que posso fazer é providenciar uma transferência do saldo para qualquer...

Mike ouviu uma batidinha na porta e em seguida uma mulher atraente vestida com um terninho bem cortado colocou a cabeça para dentro do reservado.

– Com licença. Ligação para o senhor.

– Já avisei várias vezes, Jolene, que quando a porta estiver fechada...

– Disseram que é *muito* importante.

Uma luz vermelha piscou no aparelho de telefone na mesa de apoio, fazendo o gerente ficar tenso. Ele esperou que Mike fosse embora para atender.

Mike jogou o restante dos maços de notas na sacola e saiu andando apressadamente.

– Papai, por que estamos aqui? Essas pessoas são assustadoras.

– Vamos dar o fora daqui em um segundo, Kat.

– Você vai me contar o que está acontecendo?

– Vou. Vou, sim. Daqui a pouco.

Sul de Devonshire, em Chatsworth. O caminho mais curto para o pior bairro do mundo. O mato crescia pelos vãos das calçadas rachadas, abrindo caminho pelas cercas de tela caída. Portas da frente com marcas de chutes tinham sido pichadas com tinta spray vermelha e verde. Havia *SERVIÇO DE IMIGRAÇÃO E NATURALIZAÇÃO* com o símbolo de proibido – um círculo atravessado por uma faixa diagonal – desenhado por cima, emblemas de gangues, os três macacos sábios – o que não vê, o que não ouve e o que não fala. Na frente das construções, usuários de metanfetamina vibravam, com seus braços esqueléticos e suas bocas sem dentes mascando chiclete. A luz do pôr do sol dava a todos aqueles imóveis sórdidos um ar de mal-assombrados.

Mike estava péssimo por ter que ir com Kat até ali. Mas se sentia ainda pior quando pensava no que poderia acontecer com a filha se ele se deixasse ser pego.

Ele percorreu as ruas devagar e a picape Ford novinha em folha começou a chamar atenção – algumas pessoas gritaram em sua direção, mas as palavras foram abafadas pelo ronco do motor. De repente alguém deu uma batida no vidro traseiro e Kat levou um susto enorme, soltando um grito agudo. Viram através do vidro um rosto ossudo se agigantar, com suas faces encovadas e seu sorriso podre, e ouviram o clique do puxador externo da porta, mas ela estava trancada.

Mike acelerou, deixando o rosto ossudo para trás, e virou a esquina. Um idoso deu ré em um Volvo antigo para sair da garagem e Mike estacionou logo atrás dele, bloqueando a passagem. O homem desceu do carro indignado para tirar satisfação. Seus cabelos grisalhos emaranhados chegavam até o queixo.

– Garoto, não pense que pode me intimidar. Moro aqui desde que seu pai...

Mike pegou 300 dólares e mostrou-os a ele.

– Isso é para você esperar pela gente. Dois minutos. Depois eu lhe pago o dobro para nos dar uma carona.

– Está achando que eu nasci ontem, garoto? Por esse valor, tenho certeza de que você quer mais do que uma simples carona.

Mike enfiou as notas na mão enrugada do homem.

– É só uma carona.

Ele saiu da frente da garagem do velho, passou pelo pior conjunto de casas produtoras de metanfetamina, parou no meio da rua e desceu do carro, deixando a porta aberta e o motor ligado. Colocou a bolsa de vinil cheia de dinheiro no ombro, tirou Kat do banco de trás e a carregou no colo como quando ela era pequena. Apavorada, a menina escondeu o rosto no pescoço dele. Mike saiu correndo com ela, sentindo a respiração da filha esquentar seu pescoço.

Quando chegou ao cruzamento deserto, olhou para trás e viu uma pequena multidão com os rostos colados nos vidros da picape, rodeando-a, passando na frente do para-choque brilhante. Era só uma questão de tempo. Então Dodge, William ou Graham poderiam passar a noite rastreando o passeio de algum viciado enquanto Mike levava Kat para um lugar seguro.

Virou-se e correu até o lugar onde o velho os esperava.

Ele e Kat atravessaram o gramado malcuidado da frente da casa de Jimmy, se esquivando de peças de carros e de um cortador de grama tão enferrujado que tinha manchado a grama de marrom. Mike pedira ao velho que os deixasse alguns quarteirões depois e correram até ali.

Kat se escondeu atrás das costas de Mike quando ele tocou a campainha de Jimmy.

O homem abriu a porta olhando para trás, para o interior da casa.

– ... tire a porra da poltrona do gramado da frente.

Uma voz feminina respondeu de longe:

– Por que você liga para isso?

– Porque não quero uma poltrona toda remendada no meu gramado. Por isso.

Shelly apareceu no corredor com um cigarro nos dedos magros e pálidos, a cinza quase caindo da ponta.

– Você realmente não nega as origens.

Ela percebeu a presença de Mike antes de Jimmy, então fechou o roupão de banho e se recolheu lá para dentro.

Jimmy enfim virou a cabeça para a porta.

– Mike? Que diabo você está fazendo aqui?

– Preciso de ajuda.

– Brigou com a mulher? Nossa, eu entendo você. Desde que Shelly e eu reatamos... – Jimmy resmungou, frustrado. – Quando eu quero transar, sabe o que ela responde? *Amanhã*. Sempre amanhã.

Kat saiu de trás das costas de Mike e, quando a viu, Jimmy disse:

– Ooops. Olá, fofinha. Não tinha visto você.

– Preciso de um carro – disse Mike.

– Quer sua caminhonete de volta?

– Estou com problemas, cara.

Jimmy desviou o olhar de Mike para Kat e pareceu entender a gravidade da situação.

Em um minuto já estavam na garagem silenciosa dele. Mike acomodou Kat no banco do carona do Toyota e se sentiu reconfortado pelo cheiro familiar de seu antigo carro. Apontou para a caixa de ferramentas aberta sobre o capô.

– Temos que esvaziar isso?

– Não – disse Jimmy. – Tudo o que está aí é seu mesmo.

– Posso trocar a placa? – perguntou Mike. – Pela do Mazda?

– O carro é da Shelly, mas que se dane, fui eu que paguei a promissória dele.

Ele ajudou Mike a mudar as placas e depois os dois deram um aperto de mão.

– Obrigado, cara. Vou compensar você de alguma forma por isso.

– Como se você já não tivesse feito o bastante por mim.

Jimmy se levantou e o observou sair da garagem.

– Está indo para o Velho Oeste? – gritou ele.

Mike se afastou pensando: *Acho que sim*.

A pousada Days Inn exigia um número de cartão de crédito, então eles acabaram indo para um hotel de beira de estrada em ruínas que ficava mais próximo da cidade, em frente à Universal Studios. Pelo que Mike viu, o local era muito procurado por turistas sem dinheiro e pessoas que queriam uma cama para descansar por algumas horas. Formado por uma fileira de quartos no térreo com um estacionamento estreito em volta, parecia o hotel de *Psicose* sem os animais empalhados. O barulho de canos de descarga, buzinas e freadas vindo do Ventura Boulevard, a dois quarteirões de distância, invadiram seus sentidos. O recepcionista, uma coleção de tatuagens em formato de homem, ficou radiante quando recebeu o pagamento em dinheiro vivo.

O formulário do estacionamento noturno pedia o número da placa do veículo, então Mike ficou aliviado por ter trocado as placas na garagem de Jimmy. Ao entrarem no quarto, ele jogou a bolsa de dinheiro em um canto no chão e esvaziou os bolsos na mesinha de cabeceira. Dois celulares, prendedor de dinheiro, moedas, um hidratante labial de Kat. Fechou as persianas. Os quartos eram ligados por uma porta interna, que ele também alugara, para Kat poder dormir em paz, sem ser incomodada se ele precisasse fazer qualquer negócio sinistro durante a madrugada.

A menina se deitou na cama em posição fetal e ele se sentou ao lado dela para acariciar sua cabeça. Kat fez um barulhinho e mudou de posição, envolvendo a cintura dele com os braços. Ele se inclinou e a abraçou desajeitadamente, acolhendo-a e cheirando seus cabelos. Sentiu seu calor. Os dedinhos pequenos. O pescoço frágil. A pele macia – nenhuma dobra, nenhuma ruga.

Tentou segurar o choro, enrijecendo o peito ao máximo para que ela não percebesse a mudança de ritmo em sua respiração.

Ele lhe devia uma explicação, *agora*.

Foi até o banheiro para se acalmar. Inclinado sobre a pia lascada, abaixo do espelho rachado, olhou seu reflexo com atenção. Estava quase irreconhecível. Seus olhos estavam vermelhos, a pele abatida, o cabelo molhado de suor e despenteado. Não era de admirar que Kat estivesse apavorada.

Horrorizado, Mike viu o sangue seco embaixo das unhas de sua mão esquerda. Limpou-as com a ajuda das unhas da outra mão, esfregando-as sob o fluxo de água quente, mas a sujeira era teimosa e insistia em não descer pelo ralo. De repente ele parou, com o rosto ficando úmido por causa do vapor. Aqueles vestígios de sangue eram a única parte de Annabel que lhe restara.

Uma lembrança perpassou sua mente, tão vívida que parecia que estava acontecendo naquele momento: a última vez que tinham feito amor, os braços de Annabel cruzados atrás da cabeça dele.

Quero que olhe para mim. O tempo inteiro, até terminarmos.

Chorou o mais silenciosamente que pôde, batendo com o punho de leve na beirada da pia. Depois inspirou fundo e se forçou a manter as emoções sob controle. Encarando o próprio reflexo no espelho, murmurou:

– É agora ou nunca. Vá conversar com sua filha.

Abriu a torneira de água fria e lavou o rosto com o líquido revigorante. Ainda não se sentia completamente seguro, mas não conseguiria nada melhor que aquilo.

Quando saiu do banheiro, viu Kat sentada na cama, encostada na cabeceira, com o queixo apoiado nos joelhos dobrados. Ela olhava fixamente para o telefone de Mike, aterrorizada.

Mike correu até ela.

– Não podemos ligar esse aparelho.

– Estava telefonando para a mamãe e... e...

Ela caiu no choro.

Mike tirou o celular da mão dela e viu uma mensagem de texto em maiúsculas na tela.

VOCÊ É O PRÓXIMO.

Sentiu um nó no estômago. Jogou o aparelho no chão e o esmagou com o pé.

Ela se afastou para a outra extremidade da cama como se quisesse fugir do telefone, como se pudesse ser envenenada por ele.

– O que você está fazendo? Quero falar com a mamãe!

Ele se agachou na beirada da cama e pegou as mãos da filha.

– Você não pode falar com a mamãe agora, querida.

– Por que não? *Por que não?*

– Ela não pode... ela não pode falar.

– Isso *não* é resposta. Pai, isso *não* é resposta!

– Querida, escute. A mamãe... – Ele respirou fundo e expirou tão devagar quanto pôde. A última foto que tinha da mulher estava no telefone que ele acabara de pisotear no tapete fino. – A mamãe está...

Nesse momento o outro celular, o "batfone", tocou. Mike agarrou-o e atendeu:

– Shep?

– É. Sou eu...

Shep ficou hesitante.

– O que foi? – disse Mike. – O que aconteceu?

– Ela está viva.

30

– NÃO BRINQUE COMIGO – falou Mike. – Não ouse brincar comigo.

– Estou no hospital – continuou Shep. – Ela está no Los Robles Medical Center.

– Eu a vi. Eu *vi* o corpo.

Mike lutava agora contra um tipo diferente de negação. Ter esperança parecia algo perigoso demais.

– O corpo? – A voz de Kat estava tomada pelo pavor. – O que aconteceu com a mamãe?

Mike cobriu o telefone com a mão.

– Ela estava... machucada.

– Muito machucada?

– Não sei. – Então, dirigindo-se a Shep: – Preciso vê-la.

– Você não pode vir aqui – retrucou ele. – Os policiais estão por todo lado.

– Ela precisa de mim…

– Ela não precisa de nada neste momento. *Kat* precisa de você, vivo. Consegui encontrar a médica sozinha no corredor. Um instante, vou colocá-la na linha.

– Espere aí, eu...

– Sr. Wingate? – disse uma voz feminina bastante calma. – Aqui é a Dra. Cha. Sou cirurgiã especialista em traumatologia. O quadro de Annabel é estável. Essas são as boas notícias.

– Estável? Eu estava com minha mulher quando ela morreu. Não havia pulsação em lugar nenhum. Ela estava ficando *azul*!

Kat abriu o berreiro. Mike levantou a mão pedindo que ela aguardasse só um pouquinho. A situação tinha degringolado por completo, justamente o que ele *não* queria que acontecesse.

A Dra. Cha estava explicando:

– A lâmina foi introduzida entre a sexta e a sétima costelas, cortando o baço e perfurando um dos pulmões, fazendo com que ele entrasse em colapso. O colapso é chamado de pneumotórax de tensão, e foi isso que a fez parar de respirar e perder a pulsação. A hipóxia, que é a diminuição do fluxo de oxigênio, causou a coloração azulada na pele dela. Os paramédicos prestaram os primeiros socorros no local e inflaram o pulmão. Ela também estava com um sangramento no tórax, ocasionado por um talho na artéria. Nós a levamos à sala de cirurgia e retiramos seu baço, mas não cheguei até a artéria. Espero que cicatrize sozinha, para não precisarmos abrir o peito. Nas últimas horas ela perdeu pouco sangue e parece que o fluxo está diminuindo. E ela continua recebendo transfusões de sangue, é claro.

Kat estava de joelhos na cama, com os olhos atentos e alertas. Mike andava em círculos pelo quarto, como um animal enjaulado, estraçalhado por dentro pelo turbilhão de emoções. Sua mulher estava viva. Mas também sozinha e ferida. E ele não estava lá. Começou a se encaminhar para a porta antes que conseguisse pensar direito. Parou.

– Quais são as más notícias? – disse ele com um fio de voz.

– Ela ainda não reagiu completamente. Estamos esperando que volte a respirar sozinha, sem o auxílio de aparelhos, e que mostre alguma reação à dor, como mexer os dedos dos pés ou das mãos, qualquer coisa. Até agora ela não fez nada disso. Mas ainda é cedo e esperamos que isso seja temporário, mas só os próximos dias dirão.

– Como... o que isso quer dizer?

– Quanto mais tempo demorar, pior ficará o quadro. Agora, como marido, é o senhor que responde por ela em relação ao plano de saúde, certo?

– Certo.

– Talvez queira vir até aqui.

Estava lutando contra si mesmo, dolorosamente consciente da presença de Kat, e a expressão de sofrimento dela o fez lembrar que precisava protegê-la. A voz de Annabel veio à sua cabeça de novo, uma lembrança fantasmagórica: *Prometa*.

– Não posso. Eu... Estou sendo ameaçado. Eu e minha filha. As pessoas que feriram minha mulher...

– Tem muitos policiais aqui.

O silêncio dele falou mais do que mil palavras.

– Entendo – falou a médica. – Bem, esta parte não me diz respeito. Enfim, dentro do hospital, *eu* sou a protetora de Annabel, não os policiais. Só preciso ter certeza de que vou poder falar com o senhor se alguma decisão médica séria tiver que ser tomada.

– Posso transferir...?

– As responsabilidades relativas ao plano de saúde? Não. Como posso fazer contato com o senhor?

– Não sei.

– Talvez tenhamos que falar com o senhor às pressas.

– Tudo bem. Podem ligar para o Shep.

– Ele é da família?

– É como se fosse – disse Mike.

– Só para o senhor saber, se qualquer decisão mais séria tiver que ser tomada, será preciso vir pessoalmente ao hospital ou nos mandar um documento por escrito, um fax ou algo do tipo. Se não, a decisão é do próximo parente mais chegado.

O pai de Annabel. Meu Deus.

– Vou passar para seu amigo agora.

E ela se foi.

Mike se sentou na cama, aliviado mas também com uma nova série de preocupações.

Shep voltou à linha:

– A médica me informou que haverá seguranças e enfermeiras de plantão com ela de

madrugada, então Annabel estará protegida até de manhã. Ninguém vai tentar nada com tanta gente em volta.

– Preciso... – Mike perdeu o fio do raciocínio, mas logo o retomou. – Preciso que você ligue para Hank Danville, meu detetive particular. Ele é ex-policial. – Kat não parava de choramingar. Ele abaixou a voz para que ela não o ouvisse. – Veja se você consegue descobrir por que havia policiais corruptos atrás de nós e o que eles querem de mim.

– Onde você está? – perguntou Shep.

Mike lhe deu o nome do hotel e o número do quarto.

– Não me ligue de novo. Em três ou quatro horas, estarei aí – garantiu Shep.

Mike desligou. Kat o encarava, desesperada. Ele lutou para se concentrar.

– Sua mãe está machucada. Está no hospital.

– Ela vai ficar boa?

– Ainda não sabemos.

A menina se empertigou, processando as palavras.

– O que aconteceu com ela?

– Ela foi esfaqueada.

– Como nos filmes? – Ela se levantou abruptamente, com as mãos na barriga, transferindo o peso de um pé para o outro sem parar. – Quero vê-la.

– Não podemos ir até lá, querida. O papai está em apuros. Não sei direito o que é seguro neste momento.

– Por que não chamamos a polícia?

– Não sei... não sei em quem confiar.

– Quer dizer que foi *a polícia* que machucou a mamãe?

– Não tenho certeza, querida. Não sei muita coisa ainda. É claro que isso deve ser assustador para você, mas vou conseguir sair dessa e mantê-la em segurança. Vamos ficar bem.

– E a mamãe também?

Ele engoliu em seco.

O rosto dela estava tomado pelo sofrimento. Ele se sentou na beirada da cama e a aninhou no colo, acariciando-a até que sua respiração voltou ao normal.

– Temos que ficar bem juntinhos – falou Mike. – Não vou deixar que ninguém machuque você. Mas preciso que aguente firme enquanto pensamos no que fazer. Se você conseguir ser forte, vamos sair dessa. Combinado?

Com a cabeça encostada no peito dele, Kat assentiu. Ergueu a mãozinha e bateu com ela na dele.

– Combinado.

Quinze minutos depois eles estavam no supermercado, se arrastando por entre os corredores. Mike comprou pão de forma, manteiga de amendoim, uma babá eletrônica e pilhas, um saco de

dormir infantil azul-bebê. Não deixaria a filha fora de seu alcance nem por um minuto. Ela caminhava penosamente ao lado do carrinho, bocejando, coçando a cabeça e esfregando os olhos. Mike estava com a bolsa preta cheia de dinheiro a tiracolo. Percebeu que Kat deixara os óculos no carro, mas não havia nada a ser feito agora e, além disso, ela só precisava deles para ler. Em um expositor perto dos caixas, ursinhos de pelúcia o encaravam com olhos tristes. Mike pegou um deles e o mostrou a Kat.

– Bola de Neve II: a Noiva do Bola de Neve?

Ela leu a etiqueta.

– O nome do bicho é Aurora – disse ela sem emoção.

Do bicho.

Ele resolveu levar o brinquedo, de qualquer forma.

– Que menininha linda – comentou a moça do caixa.

Mike passou os dedos em sua aliança. Teve que se concentrar para responder.

– Obrigado.

A mulher os observou, desconfortável, e registrou as compras sem dizer mais nada.

De volta ao hotel, Mike colocou as pilhas na babá eletrônica e testou o aparelho com Kat do outro lado da porta que ligava os dois quartos.

– Testando. Um, dois, três – entoou ela. – Testando, um, dois, três.

Apesar da estática, funcionou bem. Mike prendeu o receptor na cintura e foi com ele à extremidade do estacionamento e à recepção do hotel. Constatou que a conexão era razoável.

Quando voltou ao quarto, viu que Kat estava exausta. Na pequena bancada, preparou um sanduíche de manteiga de amendoim para ela, grato por ter algo com que se ocupar, por conseguir fazer algo para ela. Espalhou o creme meticulosamente nas fatias e tirou a casca do pão com uma faca. Suas mãos estavam trêmulas e ele pensou nos braços do pai na caminhonete, tremendo ao segurar o volante. Pela primeira vez, Mike sentiu uma pontada de compaixão pelo pai: o pânico cego de ver a vida desmoronar. Considerou essa sensação proibida e perigosa, então a abafou com a raiva. Afinal de contas, o pai tinha sido responsável por seu destino.

Concentrou-se no sanduíche: colocou-o no centro da bandeja e o cortou na diagonal, em duas partes exatamente iguais. O que ele estava pensando? Que um sanduíche feito com todo o carinho pudesse diminuir o inferno pelo qual sua filha estava passando? Sim, essa era sua esperança.

Passou uma das metades a Kat e ela deu uma pequena mordida antes de deixá-la de lado.

Ele ficou desanimado.

– Não dá para comer mais um pouquinho?

– Se eu forçar, vou vomitar.

Ela cruzou as pernas na cama e coçou a cabeça.

– Tudo bem, querida. Tudo bem – disse Mike.

Ela continuou a coçar a cabeça e de repente ele lembrou: piolhos.

Inclinou-se na bancada. Por algum motivo, no meio de tudo aquilo, esse pareceu um obstáculo intransponível. Ele se lembrou das primeiras noites depois que ele e Annabel chegaram com Kat do hospital – os choros, as mamadas, as trocas de fraldas e os arrotos. Lembrou-se da exaustão generalizada, dos dois deitados no escuro tentando se levantar quando a bebê choramingava, reunindo forças que haviam se esgotado mas que eles, como pais, tinham que encontrar, porque se não o fizessem ninguém mais faria.

Bebericando um suco de caixinha, Kat se esforçava para manter os olhos abertos. Ele foi até ela e passou as mãos em seus cabelos, repartindo os fios com os dedos na nuca da filha.

– Querida, você está com piolho de novo.

Ela tinha caído no sono no colo dele.

– Querida, temos que voltar ao mercado, para comprar maionese e filme de PVC. Precisamos cuidar disso.

– Não posso ficar aqui sozinha, dormindo? – murmurou ela. – Por favor, pai.

– Me desculpe, filha – disse ele, e os ombros dela foram sacudidos por soluços secos e silenciosos.

Quarenta exaustivos minutos depois, ela estava aninhada em seu saco de dormir por cima dos lençóis engomados, com a cabeça envolta em maionese. Mike acomodou o transmissor da babá eletrônica bem ao lado dela. Depois tirou o ursinho da sacola do mercado.

– Este não é um urso-polar comum – afirmou.

Ela abriu os olhos e o encarou.

– Ele tem habilidades protetoras mágicas – continuou ele.

– É um urso-polar mágico? – perguntou Kat.

– Isso mesmo. Ele vai nos manter seguros.

– Se formos atacados por biscoitos de bichinhos – completou ela.

– Temos que lhe dar um nome. Você gostou de Aurora?

– Detestei. – Ela pegou o ursinho pelo cangote e estudou sua cara. – Bola de Neve II. Como você disse.

– A Vingança do Bola de Neve.

Com relutância, Kat enfiou o bicho dentro do saco de dormir. Coçou a cabeça por cima do envoltório plástico, esforçando-se ao máximo para não parecer infeliz.

– Pode ler uma história para mim?

Eles não tinham livros, mas Mike não podia vê-la passar por mais nenhuma decepção. Desesperado, abriu a gaveta da mesa de cabeceira e lá, em vez de uma Bíblia, alguém tinha deixado um livrinho infantil do famoso Dr. Seuss, com as pontas das folhas cheias de marcas de dobras. Parecia que ele tinha acabado de presenciar um milagre. Passou a mão pela conhecida capa laranja e verde e depois, triunfante, abriu o livro.

– Pai, já tenho *8* anos – disse Kat.

– É verdade, já passou da idade – retrucou Mike, fingindo que ia colocar o livro de volta na gaveta.

– Tudo bem, se faz *questão* de ler...

– Faço – afirmou ele.

– Então está certo.

Ela bocejou, a meio caminho de cair no sono.

– Ouvi dizer que o Dr. Seuss criou esta história depois que disseram que ele não conseguiria escrever um livro inteiro só com palavras de uma sílaba.

– Mamãe imita o personagem principal direitinho.

Ele se controlou e leu a primeira página. Mas Kat já estava dormindo.

Tirou um cílio que tinha caído na bochecha da filha. Ficou observando-a dormir por um tempo, esperando que o nó na garganta se desfizesse.

Finalmente, saiu na ponta dos pés para o quarto ao lado, com a bolsa de dinheiro no ombro, e fechou a porta sem fazer barulho. Ajustou o volume do receptor da babá eletrônica até conseguir ouvir a respiração suave de Kat. Abriu um pouco a persiana, puxou uma cadeira e se sentou perto da janela, com os pés apoiados em um aquecedor barulhento.

Por fim, os faróis do Mustang se refletiram no vidro, lançando feixes de luz por entre as ripas das persianas e atingindo o rosto de Mike. Ele se levantou e abriu a porta antes de Shep bater. O amigo tinha uma mochila verde-escura nos ombros.

Mike olhou para fora.

– Alguém seguiu você?

– Não.

– Como você sabe?

– Eu sei. – Shep entrou e olhou para a porta que ligava os quartos, depois para o receptor da babá eletrônica preso no cinto de Mike. Assentiu levemente, entendendo tudo, e então disse: – Hank quer ver você. Ele precisa ter certeza de que não estou fazendo-o de bobo, então deve aparecer aqui em algumas horas.

Shep virou o conteúdo da mochila na cama. Sabonete, barbeador, desodorante feminino que Mike imaginou que fosse para Kat, apesar de ela ainda não precisar usar, e uma pilha de cartões de celular pré-pagos.

– As ligações feitas com cartões desse tipo passam por uma central, então é impossível rastrear o aparelho.

Shep enfiou a mão por baixo da camisa e pegou um Smith & Wesson calibre 357 igual ao de Mike, mas com um cabo de borracha preta. Mike olhou fixamente para a arma por um instante e então a segurou.

Shep se esticou na cama e fechou os olhos.

Mike passou o dinheiro da bolsa preta para a mochila. Voltou ao quarto 9, puxou uma cadeira

para perto da cama e se sentou em frente ao pequeno montinho dentro do saco de dormir. As costas de Kat se mexiam para cima e para baixo e ela ressonava suavemente. Mike sentiu que algo dentro dele estava vindo à tona. Engoliu em seco, com um nó na garganta.

Percebeu então que sua mão estava apertando o revólver com toda a força.

31

O NECROTÉRIO TINHA CHEIRO DE limpeza, o que era de estranhar. William atravessou o corredor com seu andar característico, os sapatos se arrastando no piso. Não conseguiu achar um elevador, então desceu um lance de escada com dificuldade.

Dois agentes de polícia e uma médica-legista o esperavam em pé diante de uma janela de vidro coberta por uma cortina blecaute. O policial grandão entregou-lhe um cartão de visita com um floreio.

– Sou o detetive Markovic, essa é minha parceira e essa é a médica-legista.

Todos se cumprimentaram meio sem graça.

– Sinto muito – continuou Markovic. – Não há muito que dizer numa hora dessas.

– É verdade – concordou William.

– Qual foi a última vez que o senhor viu seu irmão? – perguntou a policial negra.

– Há meses.

– O que ele estava fazendo por aqui?

– Hanley não tinha paradeiro certo.

– Felizmente o senhor estava por perto.

– Eu estava em San Diego, a negócios. Vim direto para cá assim que me ligaram.

Eles tinham achado o número do celular de William na carteira de Hanley. Os irmãos sempre andavam com os contatos um do outro para poderem ser localizados em caso de urgência. A casa e o terreno para os quais a avó deles tinha voltado de bom grado depois que o marido sucumbira de cirrose hepática ainda estavam no nome de solteira dela. O telefonema, apesar de assustador, não foi nenhuma surpresa. William logo soubera que algo tinha dado errado, mas com a cavalaria se dirigindo à cena do crime e nenhuma ligação por parte de Hanley, ele e Dodge, que o aguardavam na van a alguns quarteirões, não tiveram muitas opções.

– Encontramos seu irmão em uma casa. Havia uma mulher gravemente ferida lá. Annabel Wingate. Tem alguma ideia de qual era a relação entre eles?

– Ele sempre foi um mulherengo – retrucou William.

A detetive negra emitiu um som que indicou que ela não estava surpresa.

– Ela morreu? – perguntou William. – A mulher?

– Está em estado grave.

William coçou a barba por fazer e o ruído foi amplificado pelas paredes de concreto.

– Hum – limitou-se a responder.

Markovic fez um gesto de assentimento com a cabeça para a médica-legista, que pigarreou nervosamente. Ela era uma loura atraente.

– Quando eu apertar este botão, a cortina vai subir. O corpo está estendido em uma mesa.

Gostaria de adverti-los de que a cabeça sofreu um trauma, então...

– Vá em frente – pediu William.

Ela pressionou o botão e a cortina se ergueu. Lá estava Hanley em decúbito dorsal, parecendo um prato cerimonial, a pele acinzentada sendo refletida pela mesa de aço inoxidável. Havia um prontuário médico verde dobrado em cima de seu peito. Apesar de sua cabeça ter sido colocada na posição correta, parecia que tinha sido estourada e virada para trás de forma imprecisa. O lado esquerdo do rosto estava amassado e a pele, enrugada no espaço em que os ossos tinham saído do lugar.

William deu um passo à frente e encostou os dedos no vidro gelado. Apesar de o chefe já ter confirmado a morte de Hanley, William percebeu que guardava a esperança de ter havido alguma confusão. Levou um instante para recobrar a voz.

– É, é Hanley.

– Sinto muito – disse Markovic.

– Quero tocar nele.

– Desculpe, mas existe uma investigação policial em curso... – replicou Elzey.

William cambaleou em direção à porta.

– Quero tocar nele.

Sua voz oscilou. Ele esperava, curvado em uma posição patética, com os olhos no chão.

O silêncio foi cheio de tensão.

Por fim, a médica-legista sugeriu:

– Ele poderia usar luvas de látex...?

Alguém pegou uma caixa, William colocou as luvas e entrou. A sala, cerca de vinte graus mais fria do que o exterior, cheirava a água sanitária, metal e almíscar. Os odores pareceram se alojar nos pulmões de William. Os detetives e a médica mantiveram uma distância respeitosa, se é que se podia considerar respeitoso ter três pessoas vendo-o prestar as últimas homenagens. William ficou de costas para eles, bloqueando sua visão, e tirou uma das luvas. Esticou a mão nua e a pousou no peito do irmão caçula. Era sempre assombroso tocar em um corpo destituído de vida.

– Hanley – murmurou.

Fechou os olhos do irmão e depois colocou a mão de volta na luva.

Afastou-se, passou pelos outros em silêncio e atravessou o corredor. Ao chegar à escada, começou a suar. Sua mão no corrimão parecia sem apoio e ele puxou o tecido da calça para cima, a fim de apressar as pernas a subir um degrau de cada vez.

Quando chegou à rua, sentiu a brisa noturna no rosto e penetrando nos pulmões. Inspirou fundo para afastar todos aqueles cheiros. Dodge o esperava na van, com as mãos no volante, olhando fixamente para a frente.

William se sentou com dificuldade no banco do carona e abaixou o vidro. Esticou a mão para pegar as sementes de girassol no painel, depois desistiu. Dodge enfiou dois cigarros na boca e os

acendeu com um isqueiro de plástico barato que retirou do bolso da camisa desabotoada. Passou um para William, que o pegou com as mãos trêmulas. Ele esfregou os olhos, depois finalmente os virou para Dodge e fez um gesto com a cabeça.

– Quando colocarmos as mãos nele – falou –, vamos fazer o serviço bem devagar.

Dodge engrenou a ré e saiu da vaga.

– Claro – concordou.

Dez minutos depois, mesmo com o ar da estrada batendo em seu rosto, William ainda não conseguia respirar direito.

32

Mike abriu a porta que ligava os dois quartos, secando os cabelos com a toalha de banho. Kat estava acordada no escuro, abraçada ao travesseiro, com a cabeça cheia de maionese enrolada em filme de PVC.

– Não sabia onde você tinha ido.

Mike apontou para o monitor preso na cintura.

– Eu estava ouvindo você, querida – disse ele, depois fez um gesto para o quarto ao lado. – E Shep está aqui.

Ao ouvir isso, ela se animou um pouco.

Shep esperou o sinal de Mike para entrar e apareceu na porta.

– O que é isso na sua cabeça? – perguntou ele.

– Piolho – respondeu ela, fazendo uma careta.

Shep desapareceu por um instante e voltou com sua nécessaire, a mesma que tinha desde criança. Abriu-a, tirou uma tesoura lá de dentro e a jogou para Mike.

– *Não* – retrucou ele, atirando o instrumento de volta para o amigo.

Shep levantou as mãos em sinal de rendição, entrou e pegou uma cadeira no canto do quarto.

Mike abriu a boca algumas vezes para dizer quanto estava agradecido, mas Shep o interrompeu.

– Vá cuidar de suas coisas.

Mike saiu e fechou a porta devagar, deixando os dois no quarto de Kat.

A menina deu um pulo no escuro, seguido de um grito.

Shep não se moveu da cadeira.

– Está tudo bem – garantiu ele.

– Onde está o papai?

– Conversando com um cara no quarto ao lado. Ele chegou quando você ainda estava dormindo.

– É alguém que vai nos ajudar?

– Isso.

– Você o viu?

– Vi.

– Como ele é?

– Branquelo. Tranquilo.

– Ela vai morrer?

– Não sei.

O lábio inferior dela começou a tremer, mas Kat se controlou.

– Você pode... pode me dar um abraço?

– Eu não abraço ninguém – retrucou Shep.

Kat recuou e se recurvou como uma bolinha. Em alguns segundos tinha caído no sono de novo. Ela se remexia, com as pálpebras irrequietas. Shep se levantou da cadeira e cruzou o quarto em silêncio. Parou perto dela. A menina se mexeu mais ainda. Ele esticou o braço e pousou uma mão grande em suas costas.

Ela sossegou.

Uma mariposa pousou na janela na altura do rosto de Mike e abriu as asas rígidas. Começou a chover, um tamborilar no teto do hotel que foi aumentando até virar uma batida constante. Justo quando Mike começou a cochilar, o ronco do motor do Oldsmobile de Hank do lado de fora o arrancou do sono.

Quando Mike abriu a porta, o detetive particular entrou imediatamente, molhado dos pés à cabeça. Tirou as luvas de dirigir e comentou:

– Está caindo um temporal lá fora.

Os pingos de chuva borravam a luz dos postes e os capôs dos carros que passavam soltavam linhas de vapor pelas laterais. Os fachos de luz dourada ao leste batiam nos prédios da Universal City. Mike deu uma boa olhada do lado de fora antes de fechar a porta.

Hank sacudiu o casaco e a calça, encharcando o tapete do quarto.

– Sinto muito por Annabel. Você sabe que não podia ter feito nada de diferente.

– E alguém, em algum momento, tem certeza disso?

Hank assentiu – ponto para Mike.

– Eles já identificaram o agressor dela? – perguntou Mike.

– Hanley Burrell.

Mike se lembrou do cara que vira na cozinha. A barba por fazer, o corpo debruçado sobre Annabel, aqueles dedos mexendo no elástico do sutiã dela. Mike não conseguia ligar o nome a ele. Isso lhe conferiria uma dimensão humana, tornaria real um sujeito que parecia ter saído direto de um pesadelo. Mike ficou refletindo sobre aquele nome, mas nada lhe ocorreu.

– De onde ele é?

– Não tinha endereço fixo. Acho que ele vivia se mudando.

– Ele tem um irmão chamado William?

– Tem.

– Deixe-me adivinhar: ele também não tem endereço fixo.

– Não. Seu último registro de moradia é de Redding, mas isso foi há dois anos.

Mike expirou, tentando se concentrar.

– Redding, aquela cidade de fim do mundo ao norte de Sacramento?

Hank assentiu e começou a tossir sem parar, ficando quase sem fôlego. Quando conseguiu parar, ele ajeitou alguns fios de cabelo por sobre a careca. Depois se empertigou, retomando a postura

digna de sempre. Ainda assim, pareceu tão frágil quanto um bebê.

– Ouça – disse Mike –, sei que isso era tudo o que você não precisava neste momento...

Hank, porém, ignorou o comentário de Mike e o interrompeu:

– E não é só. William tem uma ficha policial respeitável, como você pode imaginar, e um bom número de comparsas. Um deles é Roger Drake, um armário de 2 metros de altura que parece um trator desgovernado.

– Dodge.

– Isso. Só que, quando os policiais fizeram a busca nos quarteirões próximos à sua casa, não encontraram nenhum veículo registrado no nome de Hanley. Então, alguém deve ter dado uma carona para ele até lá.

– Ou ele estava com Rick Graham. O policial que eu...

– Shep mencionou isso. – Hank respirou com dificuldade, o canto da boca se entortando. – Quando a ambulância e a equipe de primeiros socorros chegaram, todos disseram que não havia ninguém na casa a não ser Annabel. E não havia nenhum Rick Graham a serviço da polícia por ali.

– Você pode verificar os outros distritos?

– Há muitos distritos, dos mais ricos aos mais pobres. Será que o distintivo dele era falso?

– Ele dirigia um carro com placa oficial do governo. Além disso, eu dei uma boa olhada nele. O cara era tira. E tinha treinamento militar, também. O andar arrogante, o comportamento, tudo me leva a crer nisso.

Hank fitou o teto, revirando os olhos discretamente. Oscilou de um pé para o outro e Mike percebeu que ele precisava se sentar, mas era orgulhoso demais para pedir.

Mike se acomodou na cama e fez um gesto para Hank, que, com uma careta, relaxou em uma cadeira. O esforço o deixara sem fôlego e seus olhos aparentavam cansaço. Que remédios devia estar tomando para ter conseguido chegar até ali, para se manter de pé? Mike sentiu uma onda de gratidão. Queria expressar isso de alguma forma, mas Hank pareceu ler seus pensamentos e fez um gesto impaciente para que ele continuasse.

Mike obedeceu.

– Acho que Graham servia como uma proteção para o caso de as coisas se complicarem e as autoridades serem envolvidas. Foi por isso que ele apareceu quando ouviu o chamado de emergência, em vez de Dodge e William.

– Considerando que ele seja mesmo um policial, por que fugiu? – questionou Hank. – Por que simplesmente não atirou em você e fez um relatório falso?

– Talvez planejasse fazer isso depois que terminasse de revistar a casa. Acho que ele estava vendo se conseguia resolver o problema de forma rápida e fácil. Se alguém chegasse, ele saberia por onde fugir. E, se pudesse sair de fininho, melhor ainda.

Hank franziu a testa, cético.

– Um policial assassino? Envolvido com um pobretão como Hanley Burrell?

– Imagino que Graham tenha sido o cara que colocou meu nome sob vigilância.

– Então o plano original era mandar Hanley sozinho para fazer o trabalho sujo?

– Acho que sim. Hanley invadiria a casa e dominaria Annabel. Ainda teria tempo de se recuperar e me esperar. Quando eu chegasse com Kat, ele teria privacidade para agir, e além disso minha mulher e minha filha estariam lá, então eu seria obrigado a cooperar com o que quer que fosse. Depois ele me mataria. – Lembrou-se do plástico grosso e comprido jogado no chão da sala de estar. – Nesse ponto, Annabel e Kat seriam testemunhas... – Ele afastou o pensamento. – O problema foi que Hanley não conseguiu manter a situação sob controle até eu aparecer.

Um choro atravessou a parede fina. Kat. Mike ficou tenso.

– Vá lá – disse Hank.

Mike correu para o quarto ao lado e ficou dando tapinhas nas costas da filha para que ela dormisse de novo. Depois voltou, com Shep em seu encalço. Ele cruzou os braços e se encostou na escrivaninha.

– Imagino que você seja o Shep – falou Hank.

Ele assentiu.

Hank se virou para Mike.

– Veja bem, posso ser um investigador barato com o pé na cova, mas tenho alguma experiência, por menor que seja. Conheço esse tipo de situação. Quanto mais você fugir, mais difícil vai ser voltar atrás.

– Como assim, voltar atrás? – perguntou Mike.

– Você abandonou o corpo de um cara junto com o de sua mulher, deu no pé levando sua filha e sacou meio milhão de dólares do banco.

– Trezentos mil.

– Que seja.

– Não é o que você pensando – retrucou Mike.

– Você não sabe o que eu estou pensando.

Mike ficou em silêncio.

– A cada hora que passa, você se torna mais suspeito – insistiu Hank. – Está agindo como um criminoso experiente. – Olhou para Shep. – Sem querer ofender.

– Não estou ofendido – replicou Shep, dando de ombros.

– Se você continuar se escondendo, será massacrado – continuou Hank. – Vai perder o controle da história que está sendo contada e das pistas que estão sendo investigadas.

– Falou como um policial – comentou Shep.

– Mal consigo andar da cama para o banheiro sem quase morrer, filho. Estou cansado demais para fazer teatro. – Ele se virou de novo para Mike. – Quero ajudá-lo. Talvez eu precise de algo para me distrair. Talvez seja mais do que uma simples distração. Droga, se eu puder fazer ao menos algum bem antes de...

Ele riu da própria insensatez e Mike pensou que a persistência de Hank devia estar ligada, de alguma forma, à foto do garoto pendurada na parede do escritório dele.

– Passo meus dias esperando que o pior aconteça – prosseguiu o detetive. – Consigo ver as coisas com mais clareza agora. De uma nova perspectiva, como dizem.

Mike fez menção de interrompê-lo, mas Hank levantou uma mão, impedindo-o.

– Neste momento, você é um suspeito que ainda não foi acusado formalmente. Está a um passo do abismo. O que tenho a dizer é que a situação é drástica e você nunca me pareceu um sujeito que só quer ouvir o que lhe agrada, então vou pintar o quadro completo, pulando as partes em que você se sente ultrajado e fica todo sensível, porque não temos tempo para isso. Você ouve boatos de que estava sendo traído, aí chega e pega sua mulher... Já pode imaginar onde isso vai dar. O mais importante agora na história é se você parece culpado ou não, e preciso dizer que parece. Até seu nome: Michael Wingate. Você criou uma identidade falsa...

– Não – respondeu Mike bruscamente. – Nunca me chamei Mike Doe. *Deixei para trás* uma identidade falsa.

– Se eles o acusarem de agressão à sua esposa...

– Acusar *a mim* por isso?

– Eles podem anular seus direitos como representante dela perante o plano de saúde. Então quem tomará as decisões por Annabel? E o que você vai fazer com Katherine? Criá-la fugindo de um lado para outro, dando feijão e salsicha em lata para ela comer? Esta não é uma opção, não nos dias de hoje e na idade dela. E, principalmente, não é uma opção para um pai exemplar. Temos que achar alguém de confiança para levar você até as autoridades.

– Péssima ideia – replicou Shep.

Hank virou a cabeça para encará-lo.

– Não seja burro, filho. Vocês não estão lutando contra o mundo.

– Talvez estejamos – observou Shep. – Ele matou o irmão do cara, e esses sujeitos já não foram exatamente agradáveis *antes* disso.

– Você está certo. Eles não são flor que se cheire, estão caçando Mike e não têm uma garotinha para atrasá-los.

Hank encarou Mike.

– Então é isso? Você vai atrás deles sozinho? Com uma menina de 8 anos?

Mike olhou para o vazio, irrequieto.

– Ela é esperta – respondeu Shep.

– William Burrell e Roger Drake também. E sabe do que mais? Eles têm mais prática nisso. – Hank suspirou. – Você e sua filha estarão mais seguros na mão das autoridades do que sozinhos.

– A não ser que os policiais que eu procurar estejam do lado de Graham – ponderou Mike. – Nesse caso eu vou entrar, junto com Kat, na jaula do leão. Não posso protegê-la se estiver preso.

– Nem todos os policiais são corruptos – retrucou Hank com uma expressão de cansaço. De

repente ele pareceu muito frágil, como se pudesse desmoronar a qualquer momento. – Tenho uma consulta com meu médico às oito. Se me der algumas horas depois disso, vou encontrar algum lugar com policiais honestos que possam protegê-lo, com ou sem alerta contra você.

– Presenciei um policial voltando de uma vistoria no quarto da milha filha usando luvas de látex e segurando uma arma não oficial – disse Mike. – Ela é uma testemunha. Kat viu dois homens dessa gangue.

– Assim como todo mundo na noite do prêmio – notou Hank. – Olhe, a situação não se desenrolou de acordo com os planos deles. Kat não viu nada incriminador. *Ainda*. Você tem uma chance de não sobrecarregá-la com isso.

– Não posso me arriscar com esses caras. Eles já a usaram como isca uma vez.

– Existe algum parente com quem você possa deixá-la? – perguntou Hank. – Os avós, por exemplo?

Mike engasgou só de pensar nessa hipótese, depois engoliu a saliva para umedecer a garganta.

– Eles não saberiam como protegê-la.

– E quanto a Annabel? – O detetive se levantou e tirou as luvas do bolso. – Você acha que eles irão atrás dela para chegar até você?

– Sim – respondeu Shep. Ele olhou o relógio. – A troca de turno é daqui a uma hora. Tenho que voltar ao hospital.

Ele atravessou o quarto e abriu a porta, deixando entrar uma nesga de luz junto com o frio matinal.

Hank saiu ao mesmo tempo que Shep e os dois se trombaram ao passar pela porta. Hank abriu passagem primeiro e, quando chegou à calçada, se virou. Fixou o olhar em Shep, apesar de estar se dirigindo a Mike.

– Ligo para você daqui a seis horas com um nome e um endereço de delegacia.

Shep fingiu que não tinha ouvido.

– Não confie na polícia – avisou a Mike.

Depois fez um gesto gentil pedindo a passagem e Hank deu um passo para o lado a fim de deixá-lo prosseguir.

Os respectivos carros estavam nas extremidades opostas do estacionamento. Afastando-se um do outro, seguiram debaixo de tempestade. Mike ainda continuou em pé no limiar da porta por um longo tempo.

– VEJA SÓ ISTO. Venha cá.

Com os cabelos negros caindo em arco nos lados do rosto, a Dra. Cha acenou para que Shep se aproximasse. Inclinada sobre Annabel, ela esfregava os nós dos dedos com força no peito da paciente. Ainda inconsciente, Annabel se mexia na cama e fazia uma careta.

– Fricção no esterno – explicou a médica. – Os ossos ficam a menos de 1 milímetro da superfície da pele, então a pessoa recua com a pressão. Quando o paciente está reativo, acontece isso.

Como a UTI do centro cirúrgico ocupava a ala leste do térreo, a luz matinal se derramava por todo o quarto duplo. A cortina divisória estava aberta, deixando à mostra o leito desocupado e aumentando o espaço das baias apertadas.

– E veja *isto*.

Shep olhou para a médica, os dois rostos bem próximos. Examinando Annabel com toda a atenção, ela deu um beliscão no dedo dela, que puxou a mão. A doutora ficou maravilhada.

– Não é a coisa mais incrível do mundo?

– Incrível – concordou Shep.

Ela se endireitou e Shep deu um passo para trás. A Dra. Cha pigarreou e ajeitou os óculos de armação metálica, voltando à postura profissional de sempre.

– Ela já está quase conseguindo respirar totalmente sozinha. Nós ajustamos o aparelho para quatorze respirações por minuto, mas ela está em dezesseis. Se continuar aumentando, talvez possamos retirar os tubos à tarde. – Ela inclinou a cabeça para o lado. – Por que essa cara? É uma boa notícia.

– Vão vir matá-la – afirmou Shep.

– *Matá-la?* Quem vai fazer isso?

– As mesmas pessoas que a puseram aqui. Vão querer terminar o serviço.

– A segurança aqui é muito boa. Não é qualquer um que pode entrar nos quartos dos pacientes. – Ela ficou frustrada com o silêncio dele. – Você não acredita nisso.

– Não.

– Então não foi o marido dela que fez isso, como a polícia disse.

– Não.

– Como você sabe?

– Eu sei – retrucou Shep.

– É por isso que está aqui? Para deter as pessoas que acha que virão?

– É.

– Você realmente acredita...

– Podemos transferi-la para outro hospital? Um local não divulgado?

– Não. O estado dela é instável demais. A pressão sanguínea está variando muito. Além disso, o talho na artéria está fechando bem, mas qualquer solavanco no veículo pode abri-lo de novo.

– O marido dela pode forçar uma transferência? Ele não tem poder legal para isso?

– Você é um amigo fiel – observou a médica. – Mas não, não vou autorizar a transferência. Não até que ela fique estável.

– Tipo hoje à tarde, quando vocês tirarem os tubos?

– Tipo daqui a uma semana.

Antes que a Dra. Cha pudesse continuar, a porta se abriu e Elzey e Markovic entraram no quarto com a irmã de Annabel, uma mulher bonita e ligeiramente acima do peso. Com uma bolsa pesada a tiracolo, June parou a alguns passos do leito, trêmula, para olhar Annabel. Então ela se recompôs e todas as devidas apresentações foram feitas.

June voltou a atenção para Shep.

– Quem é ele? Quem é você?

– Shep – respondeu ele.

Ela olhou para a Dra. Cha e observou:

– Ele não é da família.

A médica olhou para o prontuário em sua mão.

– Fui informada de que ele é parente do marido...

– O marido de Annabel não tem parentes.

– Somos irmãos adotivos – atalhou Shep.

– Pensei que os privilégios familiares se estendessem apenas a parentes *de verdade* – replicou June.

– Parentes de verdade – repetiu a Dra. Cha. – De acordo com nossa política, os parentes adotivos...

– Considerando o que aconteceu, por que seria permitido que *qualquer pessoa* envolvida com Mike tivesse acesso à minha irmã?

– O que está acontecendo aqui? – questionou a médica. Ela esperou, mas o silêncio só aumentou. – Eu não sabia que havia uma acusação formal.

June fitou Shep e pediu:

– Você se incomodaria de me deixar um instante sozinha com minha irmã?

– O quê? – retrucou Shep.

Ela repetiu a pergunta pausadamente.

Shep saiu para o corredor, com os detetives cercando-o.

– Então – falou Markovic –, você é muito próximo da Sra. Andrews?

– De quem? – indagou Shep.

– De Annabel – respondeu Elzey. – É o nome de solteira dela. O que você deve saber, é claro, dado seu parentesco.

– Ah, sim – disse Shep. – É claro.

A alguns passos de distância deles, a Dra. Cha rabiscou algo no prontuário e o pendurou no suporte de acrílico preso à parede. Os detetives não fizeram nenhum esforço para abaixar o tom de voz.

– Shepherd White. Arrombamento de cofre. Roubo. Invasão de domicílio. Você é uma celebridade e tanto. – Markovic deu um sorriso irônico. – Está em todos os bancos de dados.

– Mas não estou sendo procurado por nada – replicou Shep.

– No momento – retrucou Elzey.

– Se importa se eu revistá-lo? – disse Markovic.

Shep esticou os braços. Markovic o virou, encostou-o na parede e começou a tatear seus tornozelos, depois subiu pelas pernas e pelas laterais do corpo.

– Você por acaso não saberia onde seu querido irmão adotivo está, saberia?

Shep se virou, ajeitou as roupas e acenou com a cabeça para a Dra. Cha por cima do ombro do detetive, despedindo-se dela.

– Não.

– Se falar com ele, diga-lhe o seguinte: se ele não se apresentar logo, será acusado pelo assassinato de Hanley Burrell e pela tentativa de assassinato de Annabel Wingate. O pai dela já está tomando as providências necessárias para que seu amigo deixe de ser o representante legal dela junto ao plano de saúde. Nenhum juiz vai negar o pedido em benefício de um fugitivo quando a vida da mulher que ele pôs em coma está em risco.

– Não foi Mike que a colocou aqui. E ele não é um fugitivo.

– Amanhã de manhã ele será – garantiu Markovic.

34

Encoberta por um amontoado de lençóis, Kat assistia a desenhos animados na TV com os olhos vidrados. Distraída, ela acariciava o ursinho de pelúcia que o pai lhe comprara. Mike tinha feito o melhor rabo de cavalo que conseguiu, mas o penteado ficou todo torto e cheio de mechas soltas. Isso era algo que ele nunca aprenderia.

– Estou com saudade da escola.

– Eu sei.

Ele estava sentado em uma cadeira perto dela, com os cotovelos apoiados nos joelhos e o olhar fixo no telefone.

– Estou com saudade do *sol*.

– Eu também.

– Estou com saudade da minha cama.

– Eu sei.

– Estou com saudade da minha mãe.

Mike abriu a boca, mas não emitiu nenhum som.

Kat estava com a mesma expressão vazia da última vez em que olhara para ela. O telefone tocou, forçando-o a prestar atenção em outra coisa.

– Vamos passar longe do escritório central da delegacia da cidade, já que foram eles que o colocaram sob vigilância – disse Hank quando ele atendeu. – Mas encontrei uma pessoa no Departamento de Polícia de Los Angeles. O caso está ficando bastante visado e imagino que eles vão querer manter a investigação sob sua jurisdição se você procurá-los diretamente. Eles estão acima dos delegados na hierarquia.

– Quem eu procuro lá?

– Jason Cayanne, segundo-capitão da delegacia de North Hollywood.

– Posso confiar nele?

– Mike, ele vai ouvir você. No momento, é o melhor que podemos conseguir. Deixe esse caso rolar mais 24 horas e o máximo que vai poder esperar é uma cela limpa na prisão.

– Preciso ter certeza que Kat vai ficar em segurança.

– O Departamento de Polícia de Los Angeles vai protegê-la melhor do que você.

Mike desligou e pressionou a mão fechada na beirada da mesa até suas juntas doerem. Depois pegou o "batfone" e telefonou para Shep.

– Como ela está?

– Um pouco melhor. Alguns movimentos, reação à dor. A médica parece animada com isso.

– Movimentos. Ótimo. Reação à dor também é bom.

Mike percebeu que estava tagarelando e roendo as unhas.

– Mas ela ainda não está consciente – continuou Shep. – As coisas ainda podem piorar de uma hora para outra.

Mike engoliu em seco.

– E quanto à segurança dela?

– Estou com ela agora – disse Shep. – Eles me deixaram ficar, mas o horário de visita acaba às oito.

– O que você vai fazer?

– Vou pensar em algo.

– Está bem. – Mike respirou fundo. Parecia-lhe inconcebível que ele não pudesse estar ao lado da mulher para enfrentar aquele problema. – Podemos transferi-la?

– A médica não vai autorizar. Ela me explicou que o estado de Annabel ainda é instável demais. Markovic e Elzey apareceram aqui e falaram que se você não se entregar até amanhã de manhã, vai ser acusado de assassinato.

– *Assass*... – Mike se controlou e baixou o tom de voz. – Assassinato? Por causa daquele merda que deu uma facada na minha mulher?

– E por tentativa de assassinato contra Annabel – completou Shep. Mike sentiu a raiva lhe subir à cabeça, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Shep já estava falando de novo. – Eles também informaram que o pai dela está tentando assumir as decisões médicas relacionadas a ela. Algo a ver com retirar seus poderes de representação. Ele vai pegar um voo para cá.

– Então o poder de decisão sobre uma cirurgia será dele? – retrucou Mike. – Ou sobre desligar os aparelhos? Ele não pode fazer isso. Ele *não pode* fazer isso.

– Mas é isso que ele está tentando.

Mike olhou para a filha, totalmente concentrada na TV. Ela estava com uma mancha vermelha no queixo por causa do suco de frutas e chupava o dedo coberto pela manga da blusa, um hábito que havia deixado para trás fazia quatro anos. Ele mal conseguia cuidar dela agora. Como poderia tomar conta da própria filha se fosse *realmente* um foragido?

Como se estivesse lendo seus pensamentos, Shep falou:

– Não faça isso.

– As coisas só estão piorando.

– Você vai ser preso – prosseguiu Shep. – Aí não vai poder fazer nada. E Rick Graham, William Burrell e Roger Drake continuarão soltos.

– Sinto muito, Shep.

Então desligou. O amigo retornou a ligação no mesmo instante, mas Mike deixou o aparelho no silencioso. Depois se levantou e começou a arrumar as coisas para ir embora.

– Vamos para algum lugar? – indagou Kat.

– Ainda não sei.

Levaram as coisas para a caminhonete e ficaram no estacionamento com o motor ligado. Mike

fitava o nada e o para-brisa empoeirado abafava os sons do início da tarde. Sentada no banco de trás, Kat o observava. Ele podia sentir o olhar astuto dela às suas costas. A mochila cheia de dinheiro repousava aos pés da menina. Bola de Neve II, pendurado em sua mão, espreitava-o com os olhos semicerrados, aguardando o próximo movimento. O pânico lhe subiu à garganta em forma de bile, mas ele continuou completamente imóvel e engoliu em seco. Finalmente, os tons cinzentos da tarde tomaram conta dele, esvaziando-o de qualquer emoção. Agora Mike não estava mais em pânico, sentindo apenas a melancolia no ar que respirava.

Depois de alguns instantes, Kat perguntou:

– O que a gente faz quando está apavorado?

Levou um tempo até que ele percebesse que ela estava começando o Jogo do Péssimo Pai. Mas não conseguia achar forças para brincar.

– Não sei, Kat.

– *O que a gente faz quando está apavorado?* – repetiu ela, agora com mais veemência.

Mike pensou em Annabel naquela cama de hospital, com o ferimento em suas costelas parecendo uma queimadura de charuto. E ali estava a filha a seu lado, precisando voltar para a vida que ele era incapaz de restituir.

– Nos enrolamos como uma bolinha e nos entregamos – disse ele.

Engatou a marcha e pegou o caminho da delegacia.

Mike não conseguia se acalmar. No instante em que pisou na delegacia de North Hollywood, ficou convencido de que tinha cometido um erro terrível. Mas era tarde demais.

Uma lâmpada fluorescente piscando no teto parecia conferir um tom agourento ao lugar, lançando tons alternados de amarelo-claro em um canto da recepção. Assim que o oficial no balcão pôs os olhos nele e em Kat, uma porta se abriu e surgiu um policial uniformizado para revistar Mike. Ele não ia encontrar nada: Mike tinha deixado o 357 junto com o dinheiro dentro da caminhonete, do outro lado da rua. Shep poderia resgatar a mochila caso precisasse de dinheiro para Annabel.

Com as mãos no balcão e as pernas afastadas, Mike murmurava sem parar para Kat:

– Não se preocupe, querida. Vamos ficar bem. Vamos ficar bem.

Ela estava agarrada com o pequeno urso-polar como se ele fosse um amigo inseparável.

Antes que o policial acabasse de revistá-lo, o capitão Jason Cayanne – um sujeito forte, musculoso e com um bigode espesso – apareceu para se desculpar. Ele até se agachou para ficar na altura dos olhos de Kat e lhe dizer como estava feliz em vê-la.

Cayanne os conduziu ao andar de cima, passando por uma fileira de corredores e salas. Ele se movimentava com leveza, como um dançarino ou um boxeador. A forma como ele se virava indicava que era um ex-militar. Quanto mais adentravam na delegacia, mais a apreensão de Mike crescia. Precisava se lembrar de não apertar demais a mão de Kat, para não machucá-la. Ela deslizava ao lado dele, silenciosa e confiante. Será que, indo ali, ele não estava quebrando sua

promessa a Annabel de fugir com a menina?

Cayanne continuou em frente, sem dar nenhuma indicação de que percebia as gotas de suor na testa de Mike, até que chegaram à sua sala, onde havia uma grande mesa de madeira com duas poltronas na frente, placas do Rotary Club e um peixe empalhado preso a uma peça de madeira.

Dois policiais entraram no escritório e Mike ficou olhando assustado de um para o outro, buscando sinais de traição. Sentou-se em uma das poltronas e puxou Kat para seu colo, cruzando os braços de forma protetora na frente da barriga dela.

– Quer um café? – ofereceu Cayanne.

Mike recusou, balançando a cabeça.

– Talvez seja melhor Katherine ir com o oficial Maxwell.

– Nem pensar – decretou Mike.

Cayanne ficou alisando os fios de seu bigode louro com as pontas dos dedos, pensativamente.

– Precisamos falar sobre a cena do crime, e acho que seria melhor se ela não fosse envolvida nos detalhes. E se ela ficasse ali – sugeriu ele, apontando para a sala ao lado, que dava para ser vista através de uma porta de vidro –, onde você poderá vê-la o tempo todo?

Kat começou a descer do colo de Mike, mas ele não relaxou os braços.

– Está tudo bem, pai – garantiu ela, libertando-se de suas mãos.

A menina se sentou em uma cadeira na sala ao lado e acenou com a mãozinha para ele. Cayanne esperava-o atrás da mesa, a imagem da paciência.

– Você fez uma baita retirada lá – comentou ele. – Passou por todas as viaturas sem ser percebido.

– Nós estamos sendo perseguidos por dois ex-presidiários – afirmou Mike. – Roger Drake e William Burrell, o irmão do homem que esfaqueou minha mulher.

Cayanne anotou os nomes num bloco.

– O irmão do homem que você matou.

– Isso – confirmou Mike.

– Não entendi. Por que eles estão perseguindo vocês?

– Não sei.

O detetive ergueu os olhos azul-claros do bloco, fitou o rosto de Mike por um instante e então os baixou de novo.

– E pelo menos uma das pessoas que estão atrás de mim é policial: Rick Graham – completou Mike.

– Parece que tem muita gente da polícia procurando você.

– Não procurando. *Perseguindo*. Esse sujeito está trabalhando com os criminosos para me pegar.

Cayanne parou de escrever.

– Trabalhando com ex-presidiários?

– Isso.

– Criminosos e policiais corruptos armaram uma conspiração contra sua família e você não faz ideia de por que estão na mira deles?

– Veja bem, sei que isso parece loucura, mas é a verdade. Não sei por que eles estão atrás de mim, mas vou cooperar com você e fazer de tudo para entender o que está acontecendo.

Cayanne largou o bloco na mesa e cruzou as mãos sobre ela.

– Em troca do quê?

– Preciso proteger minha filha. Quero ter o poder de tomar decisões médicas referentes à minha esposa. É só isso que quero, que elas fiquem em segurança. Nada mais. Está me entendendo?

– Estou.

Mike relaxou um pouco ao ouvir isso, como se tivesse acabado de se livrar de uma gravata apertada.

– Minha família está sob sua guarda. Você vai protegê-la, não importa o que aconteça comigo?

– É claro que tomaremos todas as providências para mantê-las fora de perigo.

Os músculos de Mike se soltaram completamente. Ele relaxou os ombros e alongou o pescoço, e a queimação que sentiu de alguma forma ressaltou seu alívio. O oficial Maxwell entrou de novo na sala.

– Sr. Wingate, ligação para o senhor.

– Ligação? Como é que alguém sabe que estou aqui?

– Avisamos ao hospital que o senhor estava vindo para cá. Imagino que sejam eles. É sobre sua mulher. Eles disseram... eles disseram que é urgente.

Ele foi tomado pelo pavor em sua forma mais pura e simples.

Na sala ao lado, Kat acariciava Bola de Neve II, com os pés balançando a poucos centímetros do chão. Mike viu que ela estava falando alguma coisa e demorou um instante para entender que a filha sussurrava para o ursinho:

– *Vamos ficar bem. Vamos ficar bem.*

Quando Mike conseguiu falar, só saiu um grunhido de sua boca:

– Está bem.

– Pode atender na minha mesa – falou Maxwell com o braço estendido, apontando para a outra extremidade da sala.

Mike atravessou o escritório com as pernas bambas. O aparelho tinha cerca de cinco linhas, mas apenas um botão piscava. Ele pegou o fone e respirou fundo. Virou-se para a janela, a fim de evitar que Kat visse sua expressão quando recebesse a notícia.

– Mike Wingate falando.

Pela janela, ele conseguia ver o estacionamento lateral da delegacia, cheio de carros da polícia. A visão de um Mercury Grand Marquis preto o deixou paralisado, a respiração embaçando o vidro. A porta do motorista estava aberta. Mike percorreu o estacionamento com os olhos e

visualizou um policial negro e um pouco acima do peso de costas, bloqueando a visão da pessoa com quem estava falando.

Ele levou um instante para registrar que era a voz de Hank no telefone.

– Mike. Mike. *Mike*.

– *Hank?* O que aconteceu com Annabel?

O policial no estacionamento continuava na mesma posição. Estava com uma postura submissa de quem havia acabado de levar uma reprimenda.

Mike sentiu um arrepio na espinha.

– Não aconteceu nada – respondeu Hank. – Tive que dizer que era do hospital para me deixarem falar com você. Escute, sabe o alerta relacionado a seu nome? O alcance é *estadual*. É de uma agência de combate ao terrorismo. Esses caras têm autoridade sobre delegados, sobre o escritório central da delegacia de Los Angeles, sobre o Departamento de Polícia de Los Angeles, sobre *todo mundo*. Eles podem ficar com você e sua filha sob custódia e os remanejar para onde quiserem. E adivinhe quem é um dos diretores.

Lá embaixo, o policial negro deu um passo para o lado e Rick Graham começou a se encaminhar depressa para a entrada.

Quando Mike abaixou a mão trêmula para colocar o fone no gancho, registrou ao longe o estalido metálico da voz de Hank dizendo:

– Você tem que dar o fora daí.

35

Mike se esforçou para não correr até Cayanne. Talvez ele tivesse uns quatro minutos até que Graham atravessasse a recepção, subisse o lance de escada e chegasse até eles. Mike manteve um passo regular e assentiu com a cabeça para Kat, a fim de lhe transmitir confiança.

– Está tudo bem com sua mulher? – perguntou Cayanne.

– Ela piorou. Está bem mal. – Mike pensou que estava bastante abalado e que devia ter soado verossímil. Que plano conseguiria bolar nos próximos trinta segundos para ficar sozinho com Kat? – Posso ir ao banheiro? Preciso de um minuto antes de falar com minha filha.

– É claro. Depois que dobrar ali, é a segunda porta à esquerda.

Mike apressou o passo e começou a procurar freneticamente uma saída. Salas levavam a outras salas, corredores davam em novos corredores e havia uma profusão de janelas internas que conferiam ao andar inteiro uma espécie de transparência. No banheiro, verificou embaixo da pia, atrás da porta... Nada. Abriu um armário de madeira apodrecida, tirou alguns rolos de papel higiênico lá de dentro e enfim avistou um kit de primeiros socorros no fundo. Tirou a tampa e começou a jogar para os lados rolos de gaze e embalagens de remédios. Depois pegou uma seringa de irrigação de ferimentos. Correu para a pia, escorregando nos objetos espalhados no chão, e encheu a seringa com água. Seria arriscado, mas, se não houvesse outro jeito, então que fosse esse.

Lutando contra o tempo, posicionou o êmbolo no lugar e enfiou a seringa no cinto. Antes de virar no corredor de volta, desacelerou os passos e tentou recuperar o fôlego. Cayanne estava de pé na porta, com uma expressão preocupada.

Mike se aproximou dele de cabeça baixa.

– Posso ficar um instante a sós com Kat? Para contar a ela?

– É claro, pode usar minha sala.

Esse era o medo de Mike. Ele precisava tirar Kat da sala dos detetives para conseguir se dirigir à saída. Graham a essa altura já devia estar muito perto.

Mike decidiu que agora a única saída seria fazer tudo correndo.

Ele se aproximou de Kat, se agachou diante dela e deslizou a seringa para o bolso da menina. Eles o revistariam, mas não a ela. Kat olhou para baixo e franziu a testa, perplexa.

– *Meu Deus*, querida – disse ele bem alto. – Você está pálida. Não lhe dei a injeção de insulina de manhã?

– O que...?

– Kat, sei que você detesta agulhas, mas não temos outra opção.

Ele apertou os ombros da filha e sua expressão dizia: *Por favor, entre na farsa*.

Um vislumbre familiar irrompeu nos olhos vidrados da menina e ela assentiu.

Ele encostou a mão na testa dela, fingindo que checava a temperatura, depois se virou, com medo de que Graham despontasse no corredor, mas só Cayanne e outros policiais se aproximaram,

preocupados.

– Você precisa tomar a injeção *agora* – disse ele, então apalpou os bolsos dela. – Onde está a insulina? Está com você?

Kat tirou a seringa e Mike a pegou rapidamente, envolvendo-a com a mão e fazendo o máximo para ocultar a agulha enorme, própria para a irrigação de ferimentos. Ela ficou com as pernas um pouco bambas pelo esforço da encenação, mas Mike agarrou seu braço e a firmou no chão. Ouvindo que Graham se aproximava, não teve a menor dificuldade em agir com preocupação.

– Tenho que aplicar esta injeção na coxa dela. Posso levá-la ao banheiro, para termos alguma privacidade?

– Claro – concordou Maxwell. – Minha sogra é diabética. Sei como é isso.

Mike fez um gesto com a cabeça em agradecimento, então conduziu a filha por entre os policiais e virou o corredor em direção ao banheiro. Kat segurava o urso-polar.

– Pai, o que foi *aquil*...?

Agora eles corriam pelo corredor, passando direto pelo banheiro.

– Preciso que você siga minhas deixas para conseguirmos dar o fora daqui. – Ele jogou a seringa na lata de lixo do lado de dentro da porta. – Depois eu respondo a todas as suas perguntas. Combinado?

Mike viu, através da janela de uma sala interna, Graham em alta velocidade pelo corredor paralelo, do outro lado do andar.

– Mas... – tentou argumentar ela.

Ele tapou a boca da filha com a mão e recuou, encostando-se na parede. Os policiais procuravam nas salas do outro lado. Em algum momento, alguém iria vê-los ali.

Ele ouviu a voz de Graham, alta:

– ... terrorista famoso sob sua custódia. Talvez você possa me explicar por que o funcionário do hospital conseguiu me informar a localização dele antes de você achar...

E depois escutou a resposta, cheia de uma agressividade contida:

– Ele foi por aqui, senhor.

Ao ouvir a voz de Graham se aproximando da sala de Cayanne, Mike empurrou Kat ainda mais na direção oposta. Parecia que o movimento deles estava ligado ao de Graham, dois pontos em uma roldana, deslizando em sentidos contrários.

Os dois deram a volta no andar e passaram por dentro de um escritório, deslizando por trás das mesas de dois detetives com as caras enfiadas em sanduíches. Nenhum deles levantou a cabeça. Com Kat em seu encalço, Mike avançou por portas e corredores, a todo momento esperando que luzes vermelhas espocassem, que alarmes fossem acionados e que barreiras de segurança fossem levantadas.

Finalmente, um lance de escadas. Eles desceram e saíram em uma garagem aberta, na qual uma fileira de viaturas estavam estacionadas para manutenção ou lavagem. À direita, havia uma rampa larga que subia em direção ao estacionamento lateral onde Mike vira Graham momentos antes.

De repente, ouviram um som de campainha vindo dali, mas era baixo demais para ser um alarme.

O policial acima do peso que Graham tinha repreendido vinha caminhando na direção deles, com uma arma na mão e um colete à prova de balas.

Mike ficou paralisado, com a mão na nuca de Kat.

– Perdido? – perguntou o agente.

Mike expirou aos poucos.

– Não, estou fazendo um trabalho.

– É mesmo? – O sorriso *pareceu* amigável. – Que tipo de trabalho?

A campainha continuava a soar, parecendo um pássaro bicando as costas de Mike. No intervalo do som, a impressão era de que vários minutos tinham se passado.

– Aquela luz piscando no corredor – soltou Kat.

Mike coçou a testa com o polegar e agarrou a corda que sua filha jogara para salvar sua vida.

– É. Talvez seja só um fio solto, mas há sempre o risco de um curto-circuito, não é? Então, viemos aqui para verificar os fusíveis – disse ele, apontando vagamente para a rampa.

O homem fez um gesto com o queixo em direção a Kat.

– Ela é sua assistente?

Mike olhou para o lance de escadas de onde tinham vindo.

– É, hoje é o dia de trazer os filhos para o trabalho.

– Achei que fosse em abril.

Ele *já tinha ouvido* falar nisso?

– Mudaram a data – argumentou Mike. – Estava caindo no Dia Internacional de Falar como um Pirata.

O homem o avaliou com a cabeça erguida e depois a expressão séria se modificou, dando lugar a uma bela gargalhada. Ele deu um passo para o lado e indicou a rampa com o braço.

Mike relaxou e se encaminhou para a luz do dia. A campainha ficou mais alta conforme ele apressava Kat em direção ao alto da rampa. Finalmente eles alcançaram o estacionamento lateral e viram os raios do sol baterem na fileira de carros idênticos, alinhados com esmero, como se estivessem à venda. Parado no meio dos outros veículos com a porta ainda escancarada e emitindo aquele som que dava nos nervos estava o Mercury Grand Marquis de Graham. Uma cerca com arame farpado no alto rodeava todo o estacionamento. A um passo da saída, no chão, havia um sensor grosso e preto que abria o pesado portão eletrônico sempre que um automóvel passava por cima.

Mike ouviu, vindo do alto, uma batida raivosa.

Quando olhou para cima, viu Graham esmurrando a janela com uma expressão furiosa. Ele estava no mesmo lugar que Mike minutos antes. Os dois tinham trocado de posição, na verdade. Graham gritava alguma coisa, com suas gotas de cuspe manchando o vidro, mas foi impossível

ouvir. De pé ao lado dele, parecendo não totalmente insatisfeito, estava Cayanne.

Mike olhou de Graham para o portão eletrônico e de lá para o Mercury preto. O alarme do veículo significava que a chave estava na ignição.

– Venha – disse a Kat.

Antes que Kat conseguisse fechar a porta do carona depois de entrar no carro, Mike já acelerava para chegar ao portão. Enquanto a porta aberta chacoalhava, ele puxou as chaves da caminhonete do bolso. Com apenas uma das mãos no volante, ele se antecipou demais ao fazer a curva para passar e a lateral do carro saiu raspando na extremidade do portão, soltando faíscas. O veículo saiu guinchando descontroladamente em direção ao estacionamento principal e os pneus se arrastaram sobre os pregos de segurança. A borracha se rasgou e o carro de Graham derrapou de lado, fazendo um barulho estridente, até parar. Mike e Kat pularam do automóvel e entraram na caminhonete. Um instante depois estavam fugindo, com os olhos dele se alternando entre o espelho retrovisor interno e o lateral. A mochila cheia de dinheiro e os sacos plásticos com os pertences deles rolaram para os pés de Kat. A poeira que subia enquanto ele dirigia cortava a visibilidade e ele começou a se sentir cada vez mais seguro. Ultrapassou um sinal vermelho, entrou em uma rua transversal, chegou ao começo da avenida com a picape deslizando para o lado e continuou seguindo pelo asfalto. Os olhos de Kat brilhavam e Mike percebeu que isso era, de certa maneira, uma aventura para ela.

De volta às ruas residenciais, ele saiu espreitando os carros como na época da adolescência. Passou direto pelos modelos de fabricação alemã – ouvira falar que tinham sistemas de segurança de última geração, freios ABS e uma coluna de direção que travava antes mesmo que se conseguisse sair da vaga. E, mesmo que alguém pudesse arrombar o porta-luvas e encontrasse uma chave reserva, ainda havia o sistema automático de GPS. Ele precisava de algo da sua época.

De repente viu um Honda Civic marrom com carroceria do final dos anos 1980 parado no meio-fio ao lado de uma cerca viva alta. Da casa mais próxima, bastante recuada, não vinha som algum. Mike estacionou ao lado do carro e desceu. Ocorreu-lhe que cada veículo que ele roubava era um passo atrás no tempo.

– Pegue suas coisas – disse a Kat.

A menina, porém, estava fascinada demais para obedecer. Enquanto ele colocava a cabeça embaixo do volante para pegar a caixa de ferramentas, ela observava da calçada, mordendo a bochecha por dentro e mexendo uma das pernas sem parar. Mike não achou um pé de cabra, mas encontrou um pedaço de fio elétrico duro, que dobrou formando um gancho em uma das extremidades. Ele moldava o fio de forma inconsciente, como se suas mãos tivessem vida própria, o renascimento de memórias passadas.

Segurando o fio entre os dentes, enfiou um martelo no bolso de trás da calça e levou duas chaves de fenda para o Honda. Do lado do motorista, introduziu as duas chaves de fenda entre o topo da janela e a borracha do vidro, separadas por 2 centímetros, e forçou uma abertura.

– Pai?

Ele deslizou o fio pela fenda, prendeu o gancho na tranca e pronto, o carro estava aberto.

– Pai?

Mike bateu com o martelo três vezes no orifício plástico da ignição para quebrá-lo e enfiou a chave de fenda mais larga no buraco. Girou a ferramenta para o lado e o motor ganhou vida.

– Pai?

Finalmente ele registrou a voz de Kat e olhou para ela. A menina estava em pé a poucos centímetros da janela do motorista, com os braços cruzados e a boca levemente aberta, em uma expressão maravilhada.

– *Onde* você aprendeu a fazer isso?

36

SHEP SE SENTOU AO lado de Annabel com as costas retas e fitando a porta atentamente. O peito dela subia e descia ao ritmo de sua respiração longa e sonora, e havia bolsas ao redor de seus olhos. O monitor traçava montes e vales, fazendo um ruído característico.

A maçaneta girou e a Dra. Cha entrou no quarto. Apenas os olhos dele se moveram. Era tarde e os corredores estavam silenciosos.

– Sinto muito, Shep, mas o horário de visita acabou há quase uma hora. Você tem que ir agora.

– Não posso.

– Não há nada que eu possa fazer. Os quartos são só para pacientes.

Shep deu um pulo, alcançou uma caixa de vidro cheia de materiais médicos do balcão e a quebrou com a mão. Bolas de algodão e pedaços de gaze caíram a seus pés. Ele pegou um caco do chão e fez um corte pequeno e fundo no braço. Filetes de sangue começaram a escorrer do machucado, indo parar no piso de cerâmica.

Ele puxou a cortina divisória, andou até o leito vazio na frente de Annabel e se sentou.

– Preciso levar pontos.

– Seu idiota. Eu devia chamar os seguranças.

– Pelo que vi deles, pode ir em frente.

Ela fechou a porta do quarto e olhou para ele com uma expressão brava.

– Você não é fácil, não é?

– Como assim?

– Ora, você sabe muito bem o que eu quis dizer.

– Vou pagar pelo quarto – respondeu Shep. – Em dinheiro, nada dessa palhaçada de plano de saúde. Mas quero esta cama.

– Isto aqui é um hospital, não um hotel. – Ela puxou o telefone da parede e apertou um botão. – Segurança, por favor.

Shep apontou para Annabel com um dedo sujo de sangue.

– Sua paciente está em perigo.

Uma expressão de incerteza perpassou o rosto da médica. Logo depois, foi substituída por raiva.

– Você não sabe disso. A polícia disse que está tudo bem. O criminoso aqui é *você*.

– Tudo bem, eu *sou* um criminoso. Mas não quero acordar amanhã de manhã e descobrir que eles a mataram.

Ela mantinha o telefone na orelha.

– Mesmo que eu *pudesse* deixar homens e mulheres juntos no mesmo quarto, uns poucos pontos não querem dizer que você vai ser internado na UTI. A única garantia é que você vai passar dez

minutos com um estagiário do primeiro ano na emergência.

Shep ouviu uma voz fraca do outro lado da linha escapando pelo fone.

– *Segurança. Segurança. Algum problema?*

Ele levantou o caco reluzente até o rosto.

– Onde tenho que cortar, então?

Mike seguia para o interior do país com um Honda Civic, sua filha de 8 anos, um revólver sem documentação de porte e uma mochila com quase 250 mil dólares dentro. O céu do crepúsculo era uma visão magnífica. Um outdoor eletrônico veiculava um alerta de sequestro infantil, mas eles já estavam longe quando Mike se deu conta de que se tratava de Kat. Ele trocara as placas dos carros, mantendo a do Mazda da namorada de Jimmy, para que o carro roubado não levantasse suspeitas. Placas da rodovia piscavam no alto, indicações de caminho para lugar nenhum. Passou a toda a velocidade por campos de alcachofras e um enxame bíblico de gafanhotos veio voando das plantações, se esborrachando no para-brisa. Kat dava um sorriso cruel ao contar cada ruído de inseto batendo no carro.

Mike lhe explicara o melhor que pudera de quem estavam fugindo, mas o que ela queria mesmo era comentar sobre a fuga alucinada.

– E então você, tipo... *pou!*... com o martelo, e aí o carro simplesmente *ligou*. Depois você trocou as placas como um *assaltante de banco*. Foi muito legal!

Ele pensou que a empolgação dela com alguns aspectos da provação pela qual estavam passando era um tipo de defesa, então a deixou falar. A menina parecia um brinquedo cuja corda não tinha fim. Mike deu um tapa no rádio antigo. Mexeu no botão da frequência e as vozes venceram a estática, soando dos alto-falantes enquanto as estações passavam uma após a outra. Parou em uma música de Amy Winehouse em que ela se nega a ir para a reabilitação, ao mesmo tempo em que Kat futucava o porta-luvas, encantada com o batom, as balas de menta, o maço de cigarros mentolados pela metade. Ela fez uma pose com um cigarro nos lábios para ver se ele diria alguma coisa, mas Mike mal notou até que a menina começou a fingir que soltava baforadas. Kat estava doida para provocar uma briga, querendo uma desculpa para relaxar e chorar. Mas nesse momento ele não estava nem aí para isso, então ela continuou a soprar sua fumaça imaginária até se entediar com a brincadeira.

Mike parou o carro em uma lanchonete de beira de estrada, desceu, pegou a mochila e se encaminhou para um orelhão.

– Fique por perto – disse ele à filha.

Levando Bola de Neve II com ela, Kat foi se sentar em uma mesa de piquenique bamba próxima. Mike usou o cartão de telefone para ligar para Hank no celular.

– Hank...

Mas o detetive particular cortou Mike antes que ele pudesse dizer mais qualquer coisa.

– Estou acampado ao lado de um orelhão. Ligue de volta para este número – orientou ele,

repetindo o telefone duas vezes.

Mike discou a nova combinação e, quando Hank atendeu, a voz dele estava trêmula.

– Você está bem? Conseguiu fugir?

– Foi por pouco. Você está sendo monitorado?

– Não sei. Mas sou um ex-policial paranoico em essência. Com todo mundo atrás de você...

– *Quem* diabo é esse sujeito, o tal de Rick Graham? – perguntou Mike.

– Um dos diretores do STTAC, a célula de combate ao terrorismo da Califórnia.

– Então agora eu sou um *terrorista*? – retrucou Mike. – Essa história fica cada vez melhor.

Sentada no banco, Kat olhou para ele.

– Foi por *isso* que não consegui acessar aquele alerta que puseram em você – continuou Hank. – A solicitação de rastreamento era enroladíssima: é tudo sigiloso, coisa de peixe grande. Mas finalmente consegui a ajuda de um ex-colega, um promotor público, que quebrou o código para mim.

– O que é essa célula? Por que nunca ouvi falar nela?

– É um desses centros que reúnem várias agências. Graham veio do núcleo principal, em Sacramento. É chamado de "centro de fusão", para dar imponência.

– Parece *bem* imponente.

– Eles têm acesso direto à Polícia Rodoviária da Califórnia, ao Departamento de Justiça da Califórnia, ao gabinete do governador... Todas as autoridades do estado estão na palma da mão deles. O delegado é um agente do estado, o que explica por que esses caras foram os primeiros a entrar na roda.

Cada inspiração de Hank era pontuada por um resfôlego nada saudável. E a gravidade do que Mike estava enfrentando o deixava sufocado também. Graham tinha ido pessoalmente a Los Angeles para levá-lo em custódia.

Uma risada amarga escapou da boca de Mike.

– Casas sustentáveis. – Ele pressionou a parede com o punho fechado, sentindo as farpas da madeira. – Quando toda essa história começou, achei que tivesse a ver com isso, com casas sustentáveis falsas.

Do outro lado do estacionamento, uma família desceu de uma caminhonete, esticou as pernas e jogou seus copos e embalagens de comida vazios em uma lata de lixo. Um cachorro da raça Golden Retriever pulou do banco de trás e fez xixi em um círculo de grama, com o alívio estampado na cara. A filha adolescente emergiu do transe causado por seu iPod e deu um empurrão no irmão. Mike teve a impressão de estar vendo aquela cena tão corriqueira através de um olho mágico para um mundo de sonhos.

Hank estava falando de novo:

– Graham veio de Sacramento e o último paradeiro conhecido de Burrell foi em Redding. Essas cidades ficam o quê? A duas horas de distância uma da outra? Essa região do norte da Califórnia

parece interessante, mas, para ser sincero, não sei o que fazer com isso.

Mike estava perdido em pensamentos.

– Então, se é uma agência *estadual*, posso pedir ajuda à polícia federal?

– Nem pensar – disse Hank. – Esses caras são muito próximos dos agentes especiais do FBI e do Departamento de Segurança Interna. Devem ser a única agência estadual com esse tipo de influência federal.

– Isso é ridículo. – Mike se esforçou para baixar o tom de voz. – Não é *possível* que Graham acredite que eu seja um maldito terrorista.

Ele ouviu um barulho de porta se batendo e viu que Kat tinha voltado para o carro. Ela estava sentada no banco do motorista, aborrecida, com as mãos no volante.

– Não – disse Hank. – Mas rotulá-lo dessa forma significa que ele pode persegui-lo como se você fosse um. Seu histórico cheio de lacunas contribui para isso, porque faz com que você se encaixe no padrão. E agora, com essas suspeitas de assassinato e tentativa de assassinato, não é exatamente difícil construir um caso contra você. Ou forjar um acidente.

– Então ele está procurando um bode expiatório para alguma coisa?

– Talvez. Mas, considerando o seu histórico familiar, minha intuição diz que ele está limpando uma grande sujeira.

– Que sujeira? Não é possível que meu pai tenha sido um inimigo do Estado. Naquela época nem *existia* terrorista. E, mesmo que ele tenha sido, eu tinha *4 anos* quando perdemos contato. O que eu poderia saber?

– Do modo como Graham está mandando Roger Drake e os irmãos Burrell fazerem o trabalho sujo, isso claramente não é assunto oficial de Estado. Executar o jogo do terrorista é a forma mais eficaz de acabar com você.

– Então ele é o pau-mandado de alguém – sugeriu Mike.

– Levando em conta o porte da comunidade policial envolvida, é alguém poderoso.

– Mas ele não tem *provas* contra mim. Como está conseguindo colocar todo mundo no jogo? Digo, Elzey e Markovic. Primeiro esses caras estavam atrás de mim, agora existem vários outros espalhados pelo hospital todo. *Eles* são corruptos também? Foram subornados?

– Você não está entendendo, Mike. Depois que você se torna um suspeito, já era. A delegacia de Lost Hills cobre o quê? Quinhentos quilômetros quadrados? O que não falta é gente cheia da grana fazendo merda em Calabasas, Hidden Hills, Malibu, Westlake... Isso sem contar os traficantes de coca, viciados em crack e valentões de Chatsworth. Aí eles recebem o aviso de uma agência estadual de que você faz parte de uma lista de suspeitos de terrorismo e acha que eles vão fazer o quê? Tentar provar que você é um cara legal? Não. Vão querer colocar as mãos em você, chutar o caso para o estado e voltar tranquilos para a pilha de queixas de pessoas que o prefeito precisa que votem nele na próxima eleição. Não vão participar de uma merda claramente ilegal, mas vão suspeitar de quem devem suspeitar e alertar quem devem alertar. Não é uma conspiração: é uma questão de delegação de poder e gestão de recursos.

– Tem que haver alguém a quem eu possa contar minha história.

– Que história, Mike? Que você é inocente? – Hank estava mais chateado do que com raiva. – Acho que volta e meia eles têm que lidar com situações como a sua.

Mike olhou para Kat sentada dentro do automóvel roubado. As luzes dos faróis dos carros que passavam tornavam as janelas indistintas, fazendo com que a menina entrasse e saísse de vista a todo momento. Essa visão da filha tornou o nó na garganta dele maior – todos os seus medos mais profundos e obscuros, que ele engolira ao longo dos anos, se personificavam naquela imagem. Pensou na manhã em que ficara sentado na caminhonete observando-a escalar o trepa-trepa na escola, alcançando a barra mais alta com o punhozinho fechado.

Sentiu-se como se fosse outra pessoa ouvindo o som da própria voz.

– O que eu faço então?

O movimento dos carros atravessando a estrada era hipnótico, exaustivo. Quando tinha sido a última vez que ele dormira? Umedeceu os lábios e esperou.

– Hank, *o que eu faço então*?

– Não sei o que lhe dizer, Mike.

A família entrou de novo na caminhonete, brigando, e foi embora com sua semifelicidade. Inspirando gases de carros e cheiro de alcatrão quente, Mike os observou seguirem pela rodovia e não tirou os olhos deles até que as luzes de freio foram absorvidas pelo tráfego.

– Mike? Mike? Você está aí?

– Uma voz ecoou dentro da cabeça dele, a resposta de Shep quando Mike mencionara que eles precisavam de perseverança: *Porque não tínhamos mais nada*.

– Sim. Estou aqui. – Sua voz era monocórdia, robótica. – Já falei com o Shep. – Mas o amigo não tinha dito grande coisa. Só dera notícias de Annabel. – Ele acha que a melhor jogada é Kiki Dupleshney.

– Mike, você não pode...

– Ele entende disso, é o mundo dele, então ele acionou sua rede de contatos dizendo que precisa de uma mulher para um roubo que está armando. Vai tentar atraí-la para o serviço.

– *Mike*. Esses caras querem *matar* você. Você não pode arrastar Kat junto.

– Que escolha eu tenho?

Hank ficou em silêncio e Mike só ouviu o som da chuva que tinha começado a cair sem que ele tivesse percebido.

– Tchau, Hank – despediu-se ele, e depois colocou o telefone delicadamente de volta no gancho.

Foi na direção do carro. Kat tinha trancado a porta do motorista. Ele bateu, mas ela se recusou a abrir. Estava com o olhar fixo à frente, fitando as gotas de chuva que batiam no vidro. Ele deu a volta no automóvel, subiu no banco do carona, pôs a mochila molhada no colo e ficaram ambos encarando o nada, sentados em um veículo roubado estacionado em uma lanchonete na beira de uma rodovia cujo nome Mike nem sabia.

Quando Kat abriu a boca, a intensidade da sua voz o surpreendeu.

– Qual é o lance com o Vale Verde?

Ele abaixou a cabeça e se inclinou para a frente. Gotas de água pingavam de sua testa nas coxas.

– Casas sustentáveis falsas – continuou ela. Kat secou uma lágrima que teimava em cair, mas sua voz não se alterou nem um pouco. – Você disse *casas sustentáveis falsas*. Era sobre isso que você e a mamãe estavam sussurrando aquele dia na delegacia.

– Diante de tudo o que está acontecendo, isso não importa agora.

– Importa para *mim*. Agora.

Ele percebeu que esse era o fim da linha. Não tinha opção a não ser contar a verdade de forma rápida e brutal, mas ainda assim tentou duas vezes antes de enfim conseguir falar:

– As casas não eram realmente ecológicas. Um cara pôs a tubulação errada. E eu acobertei a situação.

Ela estava tremendo, pálida.

– E o seu prêmio?

– Eu não o mereci.

A voz dela agora estava fraca, digna de pena.

– Você mentiu para mim?

As mãos dele ficaram trêmulas e o rosto, entorpecido.

– Menti.

Ela começou a chorar, abriu a porta e desapareceu na chuva. Mike saiu correndo atrás, pisando em um monte de poças. Ela era mais rápida do que ele imaginava, um espectro em meio aos pingos que caíam do céu. Kat subiu o monte coberto de grama atrás dos banheiros e saiu em disparada para o outro lado, mas ele a pegou e a abraçou com força para que ela não caísse e rolasse no declive.

Ela se sacudiu para se libertar e gritou para ele:

– Quais foram as *outras* mentiras que você me contou? O que mais?

A menina continuou a se debater violentamente e Mike acabou perdendo o equilíbrio e caindo sentado no chão.

– Eu *odeio* você! – gritou ela. – Você não pode me prender em hotéis de beira de estrada e carros pelo resto da minha vida. Só quero ir para a escola, e ter meu quarto e minha *mãe* de volta.

Ele segurou seu corpinho frágil com firmeza até que ela relaxou com a cabeça em seu peito, soluçando.

Mike afundou o rosto no cabelo ensopado dela e disse:

– Nunca mais vou mentir para você. Nunca mais.

Ela murmurou uma espécie de mantra misturado com gemidos:

– *Quero minha mãe quero minha mãe quero minha mãe*.

Ele ficou amparando-a na chuva.

Passos lentos e pesados atravessaram o corredor do hospital. De repente, pararam. Duas sombras de pernas irromperam na claridade que passava por baixo da porta. A fechadura sem tranca cedeu em silêncio. As dobradiças nem rangeram.

Um feixe de luz vindo do corredor iluminado penetrou no quarto escuro, alargando-se como um leque conforme a porta ia se abrindo.

Uma silhueta masculina, enorme e distorcida, se esgueirou pela porta, um recorte preto emoldurado por um retângulo amarelo. Do lado de dentro, Annabel repousava, os membros relaxados sobre um cobertor de hospital, a boca entreaberta. As mãos da silhueta se contorceram com impaciência. Depois, fecharam a porta do quarto, fazendo a luz se extinguir. Botas sujas começaram a se mover pelo piso branco esterilizado.

Iluminado pela linha do eletrocardiograma que brilhava no monitor, Dodge encarava o rosto tranquilo de Annabel.

37

Dodge contorceu as mãos de novo. Levou uma delas ao emaranhado de tubos no carrinho ao lado de Annabel e a outra ao bolso da frente de sua calça cargo.

De repente, ouviu o barulho estridente da cortina divisória correndo pelo trilho. Dodge quase não teve tempo de se virar quando Shep o golpeou na lateral do pescoço, fazendo-o cambalear. Dodge se apoiou em um joelho e, com a boca aberta, buscou o ar com desespero. Segurou-se com uma das mãos na cama de Annabel, agarrando o cobertor enquanto quase perdia os sentidos. Mesmo com o corpo abaixado, ainda era muito maior do que Shep, que perto dele parecia um homem de estatura média, por mais improvável que isso fosse.

Antes que Dodge pudesse se recuperar, Shep o agarrou pelo colarinho e pelo braço e o jogou na direção da porta fechada como se fosse uma tora de madeira. O gigante girou e caiu, mas tentou atingir Shep com o martelo magicamente empunhado. O golpe passou rente pela têmpora de Shep, não o alcançando por pouco. Era um confronto de titãs. A porta rangeu com o impacto do corpo de Dodge. Com a força da pancada, ficou balançando, aberta, com a fechadura quebrada.

A respiração do gigante era um guincho ininterrupto que soava cada vez que o fluxo estreito de ar passava por sua garganta. Seu pomo de adão oscilava. Mesmo sem oxigênio, ele tentava se aprumar, com o martelo frouxo na lateral de seu corpo parecendo um elemento da mitologia nórdica. Finalmente ele conseguiu se levantar, ficando muito mais alto do que Shep.

Shep juntou todas as suas energias e partiu com tudo para cima de Dodge. Nesse momento, o grandalhão recuou um pouco, passando pelo batente.

Shep, então, aproveitou para fechar a porta com toda a força, jogando todo o seu peso contra ela. De repente o batente se sacudiu como se um caminhão tivesse se chocado contra ele do outro lado. Shep continuou empurrando a porta para mantê-la fechada, chegando a ficar na ponta dos pés. A porta foi sacudida outra vez, chegou a se abrir um pouco, depois se fechou de novo com um estrondo.

Seguiu-se um momento de silêncio. Shep arquejava, encostado na madeira, esperando. O ferimento em seu braço tinha se esgarçado em volta dos pontos.

De repente ele ouviu um barulho próximo, um som de pancada. Depois, um grito vindo do final do corredor. Em seguida, outra batida, mais longe. Finalmente, passos e vozes em pânico.

Então alguém girou a maçaneta e tentou abrir a porta. Depois do que ele tinha passado com Dodge, parecia mais um bichinho de estimação querendo entrar.

Shep recuou e seguranças e enfermeiras se espalharam pelo quarto, correndo em direção a Annabel. Dois guardas se moveram para agarrar Shep, mas a Dra. Cha gritou:

– Não, não, tirem as mãos de cima dele!

Shep passou por todos eles e atravessou a soleira da porta. Os traços deixados por Dodge contavam a história de sua fuga: um paciente jogado no chão com o suporte do soro e a camisola toda embolada, depois uma senhora idosa sangrando agarrada a uma maca, em seguida um

segurança com a rótula aparente, gemendo de dor. E então, no fim do corredor, a porta da escada oscilando até fechar, deixando para trás o rastro de maldade.

A Dra. Cha se sentou na quietude do quarto de Annabel e começou a cuidar dos pontos abertos de Shep. Uma linha de sangue escorria do corte e ia até o cotovelo, pingando no chão depois. Os dedos dela se moviam com uma agilidade enorme. Havia dois seguranças de guarda do lado de fora. O silêncio que pairava, embora tivesse demorado a chegar, era bem-vindo.

– Refazer pontos não é um bom uso do tempo de um cirurgião – comentou ela.

– Sinto muito não ter me machucado mais – respondeu Shep.

– Eu também – retrucou a médica com um sorriso forçado, depois reposicionou o braço dele como se fosse um pedaço de carne numa grelha.

Eles recontaram a versão oficial várias vezes. A Dra. Cha disse aos policiais – como tinha combinado com Shep – que permitira que ele voltasse ao quarto para pegar sua medalha da sorte, que tinha esquecido lá. Felizmente ele estava presente justo na hora em que o agressor invadira o cômodo.

De repente, Annabel se agitou na cama e seu rosto se contorceu em uma careta. Progresso.

Depois que terminou o trabalho, a doutora limpou o sangue do braço de Shep com uma gaze umedecida.

Passando os olhos pelo quarto, Shep viu, no chão, um pequeno pedaço de fio de eletricidade parcialmente escondido atrás das rodas do carrinho ao lado do leito de Annabel. Ele o pegou e o segurou contra a luz. Percebeu que a doutora tinha se aproximado para ver o que era.

– Um cabo de sinal – explicou ele. – Para um transmissor digital. Um interceptador.

– Por quê?

– Para eles saberem quando Mike vier aqui. É o único lugar em que acham que ele vai aparecer. Aí poderão encurralá-lo entre quatro paredes.

A Dra. Cha estalou os dedos e alongou o pescoço. Ficou calada por um instante e depois disse:

– Ela não está segura aqui.

– Não – concordou Shep.

– Falei com o pai de Annabel hoje, depois que ele desembarcou. Acho que a primeira coisa que ele vai fazer de manhã é participar da audiência para obter os direitos de representação médica da filha. Eles só são transferidos muito raramente, em geral após uma exaustiva batalha na justiça, mas já vi casos em que isso aconteceu.

Shep a encarava pacientemente.

– Então, se Mike Wingate quiser fazer um pedido de transferência de sua mulher – continuou ela –, precisará me trazer um documento assinado por ele nas próximas seis horas.

– Pensei que ela não pudesse ser removida – disse Shep.

O sorrisinho da Dra. Cha dessa vez tinha algo de sagaz.

– E não pode.

38

O "BATFONE", QUE MIKE TINHA deixado carregando na mesa de cabeceira, acordou-o com seu toque alto, um eco das pontadas em sua cabeça. Sentia as pálpebras pegajosas e a boca seca. Fez um esforço para abrir os olhos e se desvincular de Kat, deitada a seu lado. Aos poucos, foi retomando a consciência de onde estava: um hotel de beira de estrada em algum lugar em Glendale.

Ele atendeu com uma voz áspera de ressaca.

– Dodge tentou pegar Annabel – disse Shep.

Mike sentiu a temperatura baixar bruscamente e um vento ártico passar pelo quarto barato.

– E...?

– Ele não conseguiu.

– Ele ia...

– Talvez. Ele deixou cair um fio de eletricidade. Talvez tenha ido plantar um transmissor para conseguir emboscar você quando fosse visitá-la. De qualquer forma, ela está sendo vigiada.

Mike se sentou e viu que Kat continuava dormindo. Bola de Neve II espiava por sobre o ombro da menina, e seus olhos esbugalhados eram um verdadeiro retrato da preocupação.

– Ela está bem?

– Está. Quer dizer, ainda bem que estava inconsciente.

– Então eles queriam usá-la para colocar as mãos em mim quando eu surgisse? – perguntou Mike. – Você acha que isso significa que não vão matá-la?

– Bem, eles sempre podem ter a esperança de que você apareça no enterro dela – retrucou Shep.

A linha zumbiu um pouco.

– Vai haver uma audiência dessa história do plano de saúde de manhã – continuou Shep. – Temos que transferi-la antes disso, enquanto o poder ainda está com você. Você precisa mandar um fax para a Dra. Cha fazendo essa solicitação. Pegue uma caneta e anote o que vou dizer.

Mike saiu da cama cambaleando, tropeçando nos sapatos, até que achou um lápis e uma sacola de supermercado de papel.

– Está bem, mas como vou achar um lugar para transferir...

– Deixe comigo. Só mande o fax. Agora.

Mike fez o que pôde para acordar Kat, mas a menina estava completamente apagada. Ele a balançou com delicadeza, levantou os braços dela e até suspendeu seus cílios com os polegares. Por fim, depois de pegar as sacolas, a mochila e uma página rasgada do catálogo telefônico, carregou-a para o carro e a colocou no banco de trás. A poucos quarteirões de uma filial da FedEx, ela acordou irritada.

– Que dia é hoje?

A manhã estava cinzenta, havia poucos automóveis na rua e apenas algumas pessoas fumando

em pontos de ônibus. Motoristas bebericavam café em copos da Starbucks.

– Sexta – disse Mike. – Acho que é sexta.

– Onde nós *estamos*?

– Tenho que mandar um fax.

– Então para onde estamos indo?

Mike piscou com força, lutando contra a imagem do próprio pai atrás de um volante dando respostas evasivas enquanto o olhava, nervoso, pelo retrovisor. Uma nova onda de hostilidade surgiu em seu peito. Em três décadas, ele conseguira apenas se mudar do banco de trás para o da frente.

Kat estava perguntando outra coisa:

– Quando vamos para casa?

– Não sei.

A voz dele estava meio estrangulada, derrotada.

Ela encostou a cabeça na janela e deu um suspiro de desespero. Ocorreu a Mike, com uma urgência renovada, que não poderiam continuar com essa rotina nômade. Que o tempo estava se esgotando. Assim como a paciência. E a sorte.

Na loja da FedEx, ele redigiu o fax em um computador. Kat estava jogada em uma cadeira ao lado da dele, girando-a com a cabeça inclinada para trás, olhando o teto. Antes de pressionar o botão de impressão, ele posicionou o cursor em cima do ícone Internet Explorer. Hesitante, fitou a filha, rodando e resmungando. Sentiu uma angústia no peito e desviou os olhos rapidamente para que ela não pudesse ver que eles estavam cheios de lágrimas.

No site da American Airlines, ele reservou um bilhete só de ida para Kat, com destino a St. Louis, de lá partindo às cinco e meia da tarde. O irmão de Annabel, o parente dela de que ele mais gostava, tinha acabado de se casar e comprar uma casa nos subúrbios de lá. Quando a opção de compra do bilhete de acompanhante surgiu na tela, ele teve que fazer um grande esforço para clicar no NÃO. Usou a conta de Annabel no PayPal para concluir a compra, em seguida adquiriu outra passagem para a filha no mesmo trecho, com partida às 23h45, e imprimiu os dois cartões de embarque.

Estendeu o fax à senhora no balcão – *Eu, Michael Wingate, solicito através deste documento que minha esposa, Annabel Wingate, seja transferida para ser tratada por uma equipe de gestão especializada que escolhi com base em sua capacidade de prestar-lhe um tratamento do mais alto nível* – e saiu.

Quando chegaram à entrada mais próxima da estrada, ele enfiou o pé no acelerador, querendo se afastar ao máximo do telefone da loja, que estaria gravado no pedido de transferência quando o papel saísse quentinho da máquina de fax do Los Robles Medical Center.

– Mamãe me leva para tomar sorvete toda sexta depois da escola – disse Kat.

Mike pegou a entrada para a faixa de alta velocidade, mas, ao fazer a curva, foi saudado por um monte de carros parados. O primeiro sinal da hora do rush. Olhou por cima do ombro, avaliando a

distância até a próxima saída.

– Hoje é sexta – insistiu ela. – Sei que mamãe não... ela não pode... mas talvez você e eu pudéssemos...

– Agora não.

Ele lutava para esconder a apreensão. Seu tom de voz saiu mais irritado do que gostaria.

– Por que não?

– Porque *não*. – Ele a olhou pelo retrovisor. – Ah, meu Deus. O que é agora?

– Você gritou comigo.

– Eu não *gritei* com você.

Os carros se amontoavam na saída. Mais dois ou três sinais de trânsito e eles conseguiriam sair da estrada e escapar para ruas residenciais. Depois ele poderia ficar dando voltas até encontrar outro hotel e esperar até... até *o quê*?

Arriscou dar mais uma olhada nela. O rosto de Kat estava vermelho, como acontecia quando ela ia cair no choro. O que ele podia fazer? Na maior parte do tempo, a filha era mais madura do que ele, mas agora ela tinha 8 anos, estava com saudade da mãe e queria tomar sorvete.

Quinze minutos e vinte quarteirões congestionados depois, ele viu um lugar onde poderiam parar. Kat se sentou em uma cadeira no balcão de sorvetes e tomou sua casquinha olhando fixamente para ela.

Ele não estava perdoado.

Observando-a dar lambidas em volta da bola gelada, saboreando cada uma delas com uma concentração quase sombria, ele percebeu que a cena se parecia com uma última refeição.

De volta ao carro, a raiva de Kat desapareceu, afogada em açúcar. Ela estava sentada com o cinto de segurança e cantava:

– *Miiiss Suzy era uma criiiança, uma criiiança, uma criiiança, e isso era o que ela dizia...*

Mike segurava o volante desajeitadamente, com o celular preso entre a orelha e o ombro.

– A médica recebeu o fax? – perguntou ele assim que Shep atendeu.

– Acabou de receber.

– *Uaa uaa, chupa meu dedão, me dá um pedaço de chiclete...*

– E agora?

– Não sei – respondeu Shep. – Mas, para onde quer que Annabel vá, não poderemos mais ficar de olho nela. Vamos ter que cortar o contato totalmente. É a única forma de mantê-la segura.

– E se ela...

– Você tem que aceitar isso.

– *... era uma adolescente, uma adolescente, uma adolescente, Miss Suzy era uma adolescente, e isso é o que...*

– Não *posso*. Annabel é minha mulher. Preciso saber como ela está passando.

– Mesmo que isso a mate?

Mike lutou para se recompor. Respirou fundo algumas vezes.

– Alguma coisa sobre Kiki Dupleshney? – perguntou.

– Mandei o aviso só faz doze horas.

– *... pedaço de chiclete, vá para seu quarto, oooo aah, perdi meu sutiã...*

– Eu sei, Shep, mas...

Ele olhou para Kat através do retrovisor, concluindo a frase em sua cabeça: *Mas não sei quanto tempo minha filha ainda aguenta*.

Kat colocou Bola de Neve II na brincadeira, balançando as pernas de pelúcia do bichinho e fazendo-o dançar.

– Brincar de gato e rato toma muito tempo, Mike. Você sabe disso – disse Shep.

O trânsito havia melhorado; Mike estava com o tanque cheio de gasolina e não tinha nenhum lugar para ir.

– *... para o cé-éééu, para o cé-éééu, Miss Suzy foi para o cé-*ééé, *e isso era o que ela dizia* – continuou Kat.

Ele pousou o telefone no colo e ficou olhando a movimentação da rua. Todas aquelas pessoas nas calçadas, fazendo compras e empurrando carrinhos de bebê, levando uma vida normal.

Faltavam sete horas para a partida do primeiro avião com destino a St. Louis.

– *oooo aah, perdi meu sutiã, socorro, choque choque choque, tra-lá-lá!*

Um nanossegundo de silêncio.

Mike suspirou de alívio.

– *Miiiiiiiiiiss Suzy era uma abelha, uma abelha, uma abelha...*

Eles passaram por um parque com colinas cheias de grama, mesas de piquenique e trepa-trepas. Interrompendo a cantoria, Mike parou o carro e eles foram ao banheiro. Ele ficou esperando nervosamente do lado de fora da cabine feminina até que Kat reaparecesse. Ocuparam uma das mesas e Mike, com a mochila nas costas, procurou alguma coisa de comer nas sacolas de supermercado. Pegou-se verificando o estacionamento, as árvores ao redor, o cara passeando com o cachorro na sombra. Kat só beliscou a comida. Ele não podia culpá-la: era a quinta vez seguida que comiam sanduíche de manteiga de amendoim e o pão estava dormido.

– Esse sanduíche não vai desaparecer se você não comê-lo – disse ele.

– Mas, se isso acontecesse – retrucou Kat –, ia ser *muito* legal.

– Quer que eu compre uma comida quentinha para você em algum lugar?

– Não. Sério. Tudo bem.

Kat deu mais uma mordida, fazendo questão de demonstrar que era uma tarefa inglória. Ele se distraiu olhando para a expressão teatral dela.

De repente algumas nuvens encobriram o parque, escurecendo-o um pouco. Mike pensou no bilhete sem acompanhante para St. Louis. Cinco e meia da tarde. Os cartões de embarque

estalavam no bolso de trás da calça dele. Mike colocou a mão neles. Pigarreou.

– Sua mãe e eu, quando nos casamos... Nossa, como ela queria um bebê. Ela desejava você mais do que *tudo*. Você sabe disso, não sabe?

Kat assentiu, impaciente, com os olhos grudados nos brinquedos do parque atrás da cerca.

– Posso ir brincar?

Mike se esforçou para falar com a voz firme:

– É claro, querida.

Ela saiu da mesa, deixando o sanduíche para trás. Ele jogou os restos no lixo, foi atrás dela e ficou observando-a do lado de fora da cerca. Mergulhou em uma pequena fantasia: ela brincando num balanço de pneu no jardim enorme de uma casa em St. Louis, o irmão de Annabel esperando na varanda com sua jovem esposa e copos de limonada.

Depois pensou no parque da própria infância, no barulho daquela campainha distante e no modo como ele saíra do túnel amarelo e não havia ninguém esperando por ele. *Pode me dizer quem é seu pai?*

Seu coração se acelerou. Sentindo a necessidade de se aproximar, deu a volta na cerca e começou a empurrar Kat no balanço. Naquele momento, não havia nada a não ser a areia sob seus pés, uma brisa agradável e a filha balançando para a frente e para trás, para a frente e para trás. Seu cabelo cacheado soltava-se do elástico e batia em seu rosto, cheirando a suco de frutas. A cena, aquela cena, nunca mudaria. Ela poderia ter 2 ou 5 anos. Ele, 29 ou 33.

Mike continuou empurrando-a, as mãos leves em suas costas, deixando-a ir, segurando-a e deixando-a ir de novo.

39

COM A ORDEM DE transferência enviada por Mike nas mãos, a Dra. Cha entrou agitada no quarto de Annabel, onde deixara Shep.

– Preciso ter uma conversa com o médico que vai recebê-la. Depois vou precisar de uma assinatura da equipe da UTI móvel.

– Hein? – disse Shep.

– Você acha que poderia providenciar isso para mim? – perguntou a Dra. Cha.

– O quê? – perguntou Shep.

– Excelente – concluiu a médica, e então desapareceu.

Shep se virou para Annabel a fim de ver se ela estava melhor, mas a mulher permanecia imóvel no colchão, com o cabelo sem brilho e os olhos fechados.

O telefone na cabeceira tocou. Mais uma vez. E outra.

Shep foi até lá e atendeu:

– Pronto.

– Aqui é a Dra. Cha. Com quem falo...?

Uma pausa muito longa.

– Com o Dr. Dubronski – respondeu Shep.

– Dr. Dubronski, os riscos da transferência foram explicados ao responsável pela paciente?

Shep limpou os dentes com a unha.

– Foram, sim.

– O senhor está familiarizado com o caso de Annabel Wingate?

– Estou.

– Gostaria de discutir o plano de tratamento agora ou depois que a transferência tiver sido concluída?

– Depois que tiver sido concluída.

– Ótimo. O senhor vai mandar a própria equipe de UTI móvel?

– Não? – Ficou um momento em silêncio. – Vou.

Ele ouviu o clique do telefone sendo desligado. Depois, passos leves no corredor e uma breve batida na porta. Então a Dra. Cha reapareceu animada com um formulário numa prancheta.

– Preciso de uma assinatura aqui – disse, batendo com a caneta no papel.

Shep rabiscou alguma coisa.

Ela olhou para o documento, em seguida pisou em um pedal verde e soltou a maca de Annabel da parede. Entregou-a a Shep e conduziu-o pelo corredor empurrando o carrinho anexo e o suporte do soro. Quando os colocou dentro do elevador, se inclinou e apertou o botão do terceiro andar.

Um funcionário apareceu correndo na direção deles.

– Dra. Cha? Tem um advogado querendo falar com a senhora na linha 3. É sobre Annabel Wingate, e ele disse que é urgente.

A médica deu uma piscadela para Shep enquanto as portas do elevador se fechavam com ele lá dentro e a tiravam de vista. Antes que ele tivesse tempo de falar qualquer coisa, já estava subindo. Olhou para Annabel. Os líquidos fluíam pelos tubos e o equipamento fazia os ruídos característicos enquanto ela respirava. A pele translúcida de seu pescoço mostrava veias azul-claras por baixo. Ele se perguntou que diabo aconteceria em seguida.

O elevador parou, as portas se abriram e uma equipe uniformizada com jalecos já estava à espera, com uma jovem de olhar sério à frente.

– Sou a Dra. Bhatnagar. Essa é a paciente que o Dr. Dubronski pediu que fosse transferida para cá?

As portas se fecharam e imprensaram Shep enquanto ele empurrava a maca para fora do elevador a fim de passá-la às mãos deles.

Ele esfregou o ombro.

– É.

A mulher pegou a prancheta de baixo da perna de Annabel, onde a Dra. Cha a deixara. As informações pessoais tinham sido apagadas do prontuário médico como em um documento da CIA.

– Temos um nome para a paciente?

Um senhor idoso em uma cadeira de rodas obrigou Shep a dar um passo para o lado e apertou o botão do elevador com impaciência. Shep respondeu que não.

Ela rabiscou "MBNI 2" na diagonal do prontuário. Diante do olhar de incompreensão de Shep, explicou:

– Mulher Branca Não Identificada número 2. Sim, nós já temos uma aqui. Elas estão caindo do céu hoje. – Balançou a cabeça olhando para Annabel. – Deve ter sido vítima de abuso doméstico.

– Possivelmente – respondeu Shep.

– Vamos escondê-la na UTI pediátrica, então. Muito obrigada. Daqui em diante é por nossa conta.

Ela fez um gesto com a cabeça dispensando-o. Shep entrou de volta no elevador, quase tropeçando no homem da cadeira de rodas. As portas se fecharam e eles desceram direto para a recepção. Todo o episódio durara menos de um minuto.

Shep pigarreou e disse:

– Nunca vou entender mulheres inteligentes.

Kat estava se esbaldando na banheira que Mike tinha limpado com cuidado antes de encher com água. O hotel, uma variação dos outros em que tinham ficado, localizava-se em uma parte pobre de Van Nuys, perto do parque onde um dia, havia tantos anos, ele tinha amassado o Saab verde-escuro com o taco de beisebol.

Ele estava sentado na cama, com um telefone antigo no colo, sentindo dor e queimação no

estômago. A poeira que se levantou quando ele se sentou na colcha cor de ferrugem pairava no ar, indiferente à força da gravidade. Os fragmentos dançavam em um feixe de luz que atravessava a janela única, que dava para a viela na qual se via uma cerca de metal cheia de invólucros plásticos pendurados. A poeira entrava em alta velocidade, enquanto o feixe de luz diminuía e Mike observava.

Já falara com Shep várias vezes. Tinha dado tudo certo com a transferência de Annabel. Quando o amigo a vira pela última vez, seu estado era estável, apesar de ela não dar sinais de melhora. Shep deixara claro que manter contato com os novos médicos poderia colocar tanto a ela quanto a Mike – e, por extensão, Kat – em apuros. Seria um risco desnecessário, e, apesar de ter sentido um grande aperto no peito, Mike concordou.

A vantagem era que Shep ficara livre para ir atrás de Kiki Dupleshney.

No entanto, não era nada disso que estava deixando Mike perturbado, mas os dois cartões de embarque em nome de Kat, que ele tinha tirado do bolso e deixado dobrados a seu lado na cama, um para o voo das cinco e meia da tarde e o outro para as 23h45.

O relógio na mesa de cabeceira mostrava 17h01.

Com as mãos suando, ele fez uma ligação, passando pela central telefônica de cartões pré-pagos.

– American Airlines, Aeroporto Internacional de Los Angeles.

– Por favor, pode me transferir para o portão do voo 768? – pediu ele. – Tenho uma mensagem muito urgente para um passageiro.

A resposta foi uma música de espera. Daniel Powter era melhor que a média, mas Mike não precisava ser lembrado de que tivera um dia péssimo. A letra que falava de um céu azul em um dia de folga foi interrompida abruptamente por uma melodiosa voz masculina que perguntou como podia ajudá-lo.

– Tenho um recado importante para uma passageira desse voo, Katherine Wingate – disse Mike.

Uma pausa.

– Tudo bem – respondeu a voz. Mike ouviu um farfalhar enquanto o fone era tapado e depois: – Vou passar para uma pessoa que poderá ajudá-lo. Um momentinho.

Então, ele escutou uma voz feminina neutra:

– Alô?

Espertos: tinham colocado uma policial mulher na linha.

– Alô – respondeu Mike, com cautela.

– Estou com Katherine Wingate – afirmou a mulher. – Fui informada de que você tem um recado para ela.

Mike desligou. Abaixou a cabeça. Se tinham verificado a conta de Annabel no PayPal e procurado bilhetes em nome de Kat, isso queria dizer que estavam monitorando trens, fronteiras e parentes mais distantes. O que, por sua vez, significava que ele não fazia ideia de onde a filha poderia estar segura a não ser naquele quarto de hotel de merda.

Kat divertia-se no banho. Ela cantava baixinho, a mesma ternura desafinada da voz de Annabel quando Mike a ouviu cantando através da babá eletrônica.

– *Nana, neném, com rosas para adornar*. Pai? O que é adornar? Pai?

A voz dele saiu rouca:

– Decorar.

– Ah. Adornar. *Nana, neném, e boa noite...*

Ele rasgou o cartão de embarque para o voo das cinco e meia em centenas de pedacinhos, que caíram no tapete flutuando como neve. O nó na garganta dificultava sua respiração.

– *Nana, neném, e boa noite, deleite da mamãe*. Deleite da mamãe?

– É você, querida – conseguiu responder ele. – É você.

Mike rasgou também o cartão de embarque do segundo voo, o que ela pegaria se o teste para o das cinco e meia tivesse dado certo, depois ficou olhando os pedacinhos de papel no piso.

E agora?

– *Anjos brilhantes ao lado do meu bem. Eles a guardarão em seu sono*.

Mike inclinou a cabeça para trás, pigarreou e assoou o nariz. Kat tinha saído da banheira e estava se secando. Havia bolhas formadas pela infiltração de água na bancada de compensado da pia e as torneiras cheias de ferrugem eram difíceis de abrir. *Isto não é lugar para ela*, ele pensou.

Lembrou-se do pedido que Annabel lhe fizera enquanto se esvaía em sangue no chão da casa deles. Que ele protegesse Kat daquilo tudo. Que a mantivesse a salvo. Então, pensou na dura realidade do que talvez tivesse que fazer para cumprir essa promessa.

Catou os fragmentos de papel picado, jogou-os na lata de lixo e foi até Kat. As pontas da toalha, jogada por cima dos ombros dela, contornavam a discreta barriguinha. Ela secara o cabelo com força e os cachos haviam se embolado todos. É claro que ele não tinha um creme desembaraçante, que Annabel teria pensado em comprar. Ele começou a pentear o cabelo da filha com toda a paciência, avançando um centímetro de cada vez, até que a dor aguda que Kat estava sentindo a fez gemer.

– Fique parada, querida, tenho que...

– Ai. *Ai.*

Ela colocou as mãos no cabelo. Ele pegou as mãos dela, abaixou-as e começou de novo. Estava quase terminando, esforçando-se ao máximo para conseguir fazer um rabo de cavalo e prendê-lo com um elástico. Os olhos dela lacrimejavam pelo incômodo e Mike se sentia cada vez mais frustrado, tentando se forçar a fazer direito.

– Ai. *Assim não*, pai.

Finalmente ela se afastou e se encostou na bancada da pia. Então começou a coçar o couro cabeludo com força suficiente para machucá-lo.

O receio tomou conta dele.

– Deixe-me dar uma olhada.

– *Não* estou com piolho.

– Deixe-me ver.

– Não.

– *Kat.*

Ele a pegou pelo braço fino, virou-a de costas e abaixou sua cabeça para examinar.

Pontinhos brancos na nuca.

Lêndeas.

Quando ela levantou a cabeça, viu a expressão dele refletida no espelho, entendeu o que queria dizer e se desvencilhou.

– *Não.* De novo, não. Chega de maionese na minha cabeça. Não aguento mais isso. Não aguento mais. Não aguento mais.

– *Não temos escolha!* – gritou ele.

Ela se encolheu, de costas para a bancada agora, tentando evitá-lo.

– Não temos *nenhuma* opção – continuou ele. – E a maionese não está funcionando. – Seus dentes estavam cerrados. – O método suave não é eficaz, Kat. Para resolver o problema, temos que considerar soluções mais drásticas. O xampu antipiolho faz coçar e pode *parecer* que não é bom para você, mas às vezes é o que... o que é preciso... se vai livrar você de...

Percebeu, para seu espanto, que estava prestes a cair no choro.

Kat estava tão branca quanto a toalha caída a seus pés. A menina ficou com a boca entreaberta e os lábios trêmulos. Seus braços estavam meio levantados à sua frente.

Ele colocou a mão na parede e se inclinou um pouco para a frente, tentando recuperar o fôlego. Kat esperava, com o corpo tenso. Ele estendeu o braço para ela, mas a menina recuou violentamente.

– Desculpe. Também estou com saudades da sua mãe. Ela é muito melhor... – Sua voz falhou. – Também estou com saudades dela.

Kat relaxou um pouco, afrouxando primeiro os ombros e depois os braços. Ela se agachou, pegou a toalha e a enrolou no corpo. Estava com a cabeça baixa e suas lágrimas pingavam no piso desgastado. Mike se aproximou dela, inseguro, mas a menina não se afastou, então ele a puxou para si e a envolveu enquanto ela se agarrava a seu braço.

Ficaram assistindo a programas bobos na televisão por um tempo e jantaram mais tarde.

– Que delícia, pai! Manteiga de amendoim e suco de frutas! *Hummm.*

Ele fez o possível para sorrir e manter o clima leve, mas sentia o rosto rígido como uma pedra e só conseguia pensar que os minutos que passavam eram uma contagem regressiva para algum acontecimento definitivo. Tomou uma longa chuveirada e fez a barba com um aparelho descartável. *A última vez que me barbeei foi no meu próprio banheiro, lembrando que precisava comprar mais lâminas. Annabel folheava uma revista na cama e desafinava uma música de Nina Simone.*

Jogou água fria no rosto para tirar os resíduos de sabão, depois se virou para ver o final de um

episódio dos *Simpsons*. Por fim, fechou o zíper do saco de dormir azul, verificou as pilhas da babá eletrônica e a enfiou entre Kat e Bola de Neve II. Ele e a filha fingiam não perceber que ela continuava a coçar a cabeça.

As cortinas mal se encontravam no meio da janela, de modo que Mike arrastou uma cadeira para mantê-las fechadas. Quando se virou, Kat o encarava com um olhar fixo e profundo, então ele percebeu que um instante antes, ao levantar os braços, sua camisa havia subido um pouco nas costas e a arma tinha ficado aparente.

– Estou com medo – disse ela. – De morrer.

Ele atravessou o quarto, sentou-se a seu lado e passou o nó de um dedo pela curva do nariz dela.

– Todo mundo tem medo de morrer.

– Você também?

Uma pergunta presciente, considerando o que ele estava pensando em fazer.

– Um pouco, claro – falou.

– Do que você tem mais medo? De morrer ou de nunca mais ver a mim e a mamãe?

– Qual é a diferença? – respondeu ele com delicadeza.

Depois de um instante, o rosto dela mudou de expressão e a menina fez que sim com a cabeça. Ele a beijou na bochecha e sentiu seu cheiro. Kat se aconchegou no travesseiro e Mike lhe fez cafuné até que ela dormisse.

Ele enfiou o "batfone" no bolso, prendeu o receptor da babá eletrônica no cinto e trancou a filha no quarto. Depois se afastou um pouco pelo corredor e se agachou com as costas na parede. Para além da fileira de vagas no estacionamento, viu os carros passando rápido. O ar estava cheio de vapor de diesel e gordura de fast-food. No chão, várias formigas corriam em direção ao miolo de uma maçã. O monitor da babá eletrônica chiou um pouco e ele andou de lado, feito um caranguejo, até estar próximo o suficiente da porta para que o aparelho silenciasse.

Uma faxineira varria o corredor na direção dele, com a cabeça baixa. Ela tinha os ombros caídos, já era uma senhora e usava um uniforme preto. Seria um verdadeiro estereótipo não fossem os fones de ouvido do iPod que passavam pelos fios grisalhos de seu cabelo. A vassoura abria caminho acumulando um monte de poeira à frente. Ela não cumprimentou Mike, nem mesmo quando se inclinou com dificuldade para catar os restos da maçã com a pá de lixo. Continuou seu caminho em direção ao estacionamento, os pelos da vassoura se arrastando lentamente pelo chão de concreto.

Shep atendeu o telefone no primeiro toque.

– Estou quase conseguindo localizar Kiki Dupleshney – informou ele. – Todos sabem que quero contratar uma mulher com as características dela para um trabalho. Mais cedo ou mais tarde ela vai dar as caras.

– Annabel está se recuperando, né? – quis saber Mike.

Shep não respondeu.

– Você pode cuidar de Kat até que Annabel se recupere? – perguntou Mike.

A faxineira contornou o estacionamento.

– O que você vai fazer, Mike?

– Eles estão atrás de mim. Não de Kat. *De mim*.

– E se Annabel *não* melhorar e você não estiver por perto? Você quer que eu explique para sua filha que o pai dela desistiu e que é por isso que ela está sendo criada de qualquer maneira por um arrombador de cofres?

– Não estou desistindo. Vou enfrentá-los. Talvez eu consiga me antecipar a eles. E, se eles vencerem...

– Eu *vi* Dodge – disse Shep. – Ele vai vencer.

O monitor da babá eletrônica chiou e Mike baixou o volume.

– Então eles vão ter o que querem. E Kat não terá nenhuma serventia para eles. Ela ficará a salvo.

– Vou descobrir onde Kiki Dupleshney está – retrucou Shep. – Em breve. Ela vai nos levar até eles. Então vamos achá-los, em vez de eles encontrarem você.

– E Kat? Vamos dar uma arma a ela?

Ele estava andando pelo corredor e a faxineira ainda não tinha terminado de varrê-lo, o barulho da vassoura cada vez mais alto, dando-lhe nos nervos. Ele se virou e quase tropeçou na mulher, mas a cabeça dela continuava abaixada enquanto ela tentava recolher a sujeira com a pá. Era possível ouvir, dos fones enfiados em suas orelhas enrugadas, uma música soando ao longe, uma orquestra de *mariachis* com violinos e trompetes. Mike olhou para além do ombro dela e viu, misturadas a grãos de poeira e guimbas de cigarro que ela varrera do estacionamento, várias cascas de sementes de girassol, ainda brilhando de cuspe.

Ele deixou o telefone cair de sua mão e viu, em câmera lenta, o aparelho girar no ar até se espatifar no concreto.

Da babá eletrônica na cintura, Mike escutou o grito de Kat se transformando em algo como o zumbido de uma vespa.

Começou a correr os 10 metros que o separavam do quarto, com o barulho da estática que saía do monitor, agora no último volume, refletindo seu pânico – ouviu uma pancada, depois um barulho de metal contra metal, rouco, abafado.

Ele escancarou a porta até as dobradiças baratas guincharem.

A cama estava vazia.

Kat e seu saco de dormir tinham sumido.

40

A COLCHA EM CIMA DA cama estava toda amarfanhada no lado mais próximo da janela, as cortinas esvoaçavam ao sabor da brisa e havia uma pegada de um sapato pesado em cima da almofada da cadeira.

Mike experimentou uma sensação primitiva se apossar de todos os seus ossos e células, incendiar seus nervos e fazer sua pele arder.

O monitor preso à sua cintura transmitiu o grito agudo de Kat, o estrondo de um motor, os ruídos de uma luta violenta. Esses sons chegavam a seus ouvidos tanto pela janela aberta quanto pelo aparelho. Mike correu para a janela a tempo de ver a traseira de uma van branca alcançando o final da viela e depois fazendo a curva.

Como? Como Dodge e William tinham achado os dois ali?

Mesmo àquela distância, os berros de Kat continuavam soando pelo monitor em sua cintura como em um pesadelo. Levou um tempo até que ele entendesse o que tinha acontecido: eles haviam-na carregado ainda dentro do saco de dormir e a babá eletrônica acabara indo junto sem que percebessem.

Mike começou a gritar em direção à van até que ela saiu de vista. Quando isso aconteceu, ele pulou pela janela e chegou a dar meia dúzia de passos frenéticos em direção à viela antes que uma estratégia se delineasse em sua mente. Então ele voltou atrás e correu para pegar o Honda roubado. Saiu da vaga cantando pneu e deixando marcas de borracha no chão, depois seguiu guinchando até entrar na viela.

O monitor começou a produzir um ronco constante de estática: a van estava fora do raio de alcance e a conexão tinha sido interrompida. Mike fez uma curva fechada na extremidade da viela, chegando a uma tranquila rua residencial, mas a van já tinha desaparecido. A conexão se restabeleceu por um momento – Kat gritando por ele – e se perdeu outra vez. Ele acelerou, chegou a um cruzamento e dobrou à direita. Apenas estática.

Fez uma curva em forma de U, chocando-se com um Bimmer estacionado, e seguiu pelo outro lado. Ouviu diversos estalos e por fim uma pontinha de recepção ressurgiu, interrompendo o zumbido ininteligível. É *melhor ficar quieta, senão...* Era a voz de William.

Estática de novo e então silêncio total.

Mike enfiou o pé no freio e em seguida deu meia-volta, obrigando o motorista da caminhonete atrás dele a jogar o veículo no gramado de uma casa para evitar uma colisão. O barulho da buzina se dissipou enquanto Mike corria em zigue-zague para pegar uma rua transversal. Assim que chegou a ela, o monitor voltou à vida aos poucos até funcionar em sua capacidade máxima.

Os gritos de Kat iam ficando mais discerníveis conforme Mike acelerava, até que avistou a van em uma rua paralela àquela em que estava. Ele virava a cabeça para a pista à sua frente e para o lado, tentando não perder o carro de vista. A van dobrou à direita, afastando-se dele, e o som do monitor desapareceu de novo. Mike passou com o automóvel por cima de uma calçada, derrapou

ao longo de um gramado, arrancou uma cerca lateral e saiu patinando por um quintal. Um cara que fazia churrasco levantou os olhos da carne enquanto pedaços do gramado voavam para cima dele e seu Dobermann saltava para o lado a fim de se proteger. Mike avançou através de uma cerca, passou por um trecho aterrado e seguiu para o norte atravessando duas faixas de tráfego e deixando vários carros derrapando no caminho, enquanto a babá eletrônica só emitia ruídos de estática. De repente um grito se tornou audível ao longe, em seguida desapareceu e depois se elevou de novo. Ele retornou de forma brusca ao ponto em que o barulho se elevara, tentando desesperadamente não perder o rastro que o levaria a sua filha.

A recepção foi ficando mais clara. Mike resolveu virar à esquerda e os ruídos se tornaram ainda mais inteligíveis. Levantando uma onda de fumaça atrás de si, atravessou um posto de gasolina inteiro com o carro seguindo praticamente na diagonal, sob os protestos do sobrecarregado motor japonês. Jogou o veículo na direção da rua principal e, enquanto as rodas se alinhavam e ele chegava a uma faixa de estacionamento de um centro comercial, não viu nenhuma van branca.

Os gritos de Kat estavam agora torturantemente distintos, levando-o a um desespero extremo, mas podiam vir de qualquer direção. Mike achou que sua cabeça fosse explodir de fúria e terror quando viu de relance, através das ripas de uma cerca, uma van branca no fim do estacionamento.

Enfiou o pé no acelerador e jogou o carro com tudo para cima da cerca, chocando-se com as ripas e com a van de forma quase simultânea, fazendo-a rodar até parar sob uma chuva de estilhaços. Mike saltou do veículo com a arma em punho e correu em direção à van enquanto William, sentado no banco amassado, tossia e piscava sem parar por causa da poeira que entrara em seus olhos.

A porta lateral da van, amassada por causa do impacto, oscilava aberta. Lá dentro, Dodge agarrava o saco de dormir com uma mão e empunhava um martelo com a outra. Mike não o tinha totalmente na mira, mas enfiou o Smith & Wesson pela janela do motorista e o apontou para o queixo de William.

Dodge ficou paralisado com o martelo erguido. Kat começou a se contorcer dentro do saco de dormir azul e William levantou as mãos para o alto.

– Calma aí, cara – disse ele.

Dodge largou o saco de dormir no chão e a cabeça de Kat apareceu. Ela chorava e se lamuriava. O martelo de Dodge continuava empunhado.

Apesar de Mike ainda não tê-lo na mira, quando os olhos dos dois se encontraram por cima do encosto do banco o grandalhão deve ter respeitado o que viu, porque falou apenas:

– No três.

Kat tossia e cuspia. O guincho de uma sirene policial soou acompanhado de outros, ladrando como predadores.

Mike assentiu levemente e sua voz saiu mais firme do que nunca.

– Um... dois... três.

Ainda com as mãos para cima, William começou a deslizar para o banco do carona desajeitadamente, enquanto Dodge abaixava o martelo bem devagar. À medida que as sirenes se aproximavam, os transeuntes foram surgindo dentro do campo de visão de Mike, amontoados atrás de carros e na porta de um mercado em frente. William saiu da van pela porta do carona e pulou no chão, com Mike se inclinando para manter a cabeça do bandido dentro da área de alcance do revólver.

– Celular da Annabel. Duas horas – disse Mike.

Dodge lançou o saco de dormir com Kat dentro na direção de Mike. Ele teve que se jogar para a frente a fim de pegá-la e, quando olhou para cima de novo, os dois bandidos já estavam virando a esquina do mercado a toda a velocidade.

Mike tirou a filha do saco de dormir e segurou seu rosto enrubescido com as duas mãos, saboreando a bendita visão. Ela estava com as pernas bambas e ele ficou segurando-a até que ela conseguisse ficar em pé sozinha. Estava intacta.

– Vamos – falou ele. – Vamos embora daqui agora.

A menina pegou Bola de Neve II do chão e, apertando-o contra o peito, seguiu cambaleando atrás do pai. Quando Mike passou pela janela do motorista da van, seu olhar foi atraído por uma grossa pasta de cor parda caída ao lado da presilha do cinto de segurança, com "Mike Wingate" escrito em forma de garranchos em uma etiqueta vermelha brilhante. Esticou a mão pela janela e pegou-a.

Mais adiante, Dodge tinha voltado à esquina do mercado e se encontrava de novo à vista. Mike olhou para a pasta em suas mãos – era por causa dela que Dodge tinha retornado. Mike agarrou Kat e deu um passo para trás. O grandalhão fez menção de que ia avançar para cima deles.

As sirenes soavam alto, cada vez mais perto.

Dodge desistiu e desapareceu mais uma vez. Mike e Kat começaram a correr na direção contrária. Ao passarem pelo meio de uma fileira de arbustos, Mike notou tons de azul e vermelho vindo do cruzamento a 400 metros de distância.

Os dois passaram por quintais, ruelas, ruas. Correram por uma eternidade, diminuindo a velocidade apenas quando atraíam olhares. Quando chegaram ao hotel, o gerente e a faxineira estavam estupefatos com a visão da porta arrombada, calculando o prejuízo. Mike passou a toda por eles, agarrou a mochila com o dinheiro que estava no canto do quarto e fugiu.

Kat se movia rapidamente ao lado dele, pálida e em silêncio. Quatro ruas depois do hotel, ele encontrou um Camry antigo estacionado em uma entrada de automóveis estreita. A casa estava às escuras. Mike pegou um paralelepípedo da calçada da frente e quebrou a janela do motorista. Depois, enfiou a mão pelo vidro quebrado e alcançou o controle remoto da garagem, preso no para-brisa. Pediu a Kat que o esperasse ali e se enfiou por baixo do portão da garagem que se elevava. A porta interna que dava para a cozinha estava destrancada, e as chaves do veículo, penduradas em um gancho ao lado do interruptor de luz.

Ao passar com o Camry pelo bairro, Mike viu os resquícios da caçada – carros batidos, gramados estragados, viaturas circulando em todas as direções. Na quarta saída depois de ter

pegado a estrada, ele ainda tinha que lembrar a si mesmo de respirar. Quando percebeu que a babá eletrônica continuava presa à sua cintura, rapidamente a retirou e a jogou no chão.

Depois de pararem o carro roubado nos fundos de um terreno quatro quarteirões depois, entraram em um hotel escondido embaixo de um viaduto em Panorama City. Mike tentou conversar com Kat, mas ela continuava muda e ofegante. Ele ficou com a filha no colo por 45 minutos, até que a respiração normalizasse e os lamentos cessassem. A menina permaneceu aninhada nele com os olhos fechados durante todo esse tempo. Mesmo depois de ela ter conseguido dormir, Mike continuou segurando-a, ninando-a, maravilhado com o calor dela e com o fato de ter conseguido recuperá-la.

Por fim, ele a acomodou com cuidado embaixo das cobertas e olhou para o relógio. Faltava meia hora para a ligação que tinha combinado com William e Dodge.

Mike abriu a mochila e pegou um cartão de telefone não usado e a pasta que afanara da van e colocado ali. Posicionou-os lado a lado em uma mesa bamba no canto do quarto e ligou a luminária.

Ao abrir a pasta e ver a primeira página, ele teve a sensação de que levara um soco na cara. Ficou olhando para aquilo em silêncio por alguns minutos, perplexo. Era um relatório sobre os pais de Annabel que continha dados como números de telefone, endereços, detalhes de veículos, informações sobre documentos, amigos, ex-sócios e lugares para onde haviam viajado.

Essa era a primeira folha. Existiam centenas de outras.

Cada vez mais alarmado, Mike folheou o restante. Dados sobre irmãos e primos de Annabel, funcionários de Mike, subempreiteiros que ele tinha contratado, médicos, vizinhos, pais dos amigos de Kat, ex-cônjuges dos colegas de turma de Annabel na faculdade. A página 95 elucidava a charada de como William e Dodge tinham achado Mike e Kat. Embaixo de uma foto da namorada de Jimmy, Shelly, estava o número das placas que Mike tinha pegado do Mazda 626 dela, a mesma combinação que ele colocara em todas as fichas de hotel a fim de evitar que o carro fosse rebocado do estacionamento. De posse dessa informação, eles só tinham precisado checar o número da placa em um banco de dados da polícia e ligar para o gerente do hotel para conseguirem sequestrar Kat no meio da noite.

O arquivo também trazia extratos de cartões de crédito de anos antes, com os hotéis em que Mike e Annabel tinham se hospedado, as cidades que haviam visitado, as lojas em que costumavam fazer compras, os restaurantes onde haviam comido, tudo isso marcado com um círculo vermelho.

Havia contas de telefones de amigos e até transcrições de ligações que Mike imaginou terem sido feitas de linhas grampeadas, que diziam, entre outras coisas, *O imbecil do Wingate está perdendo a cabeça. Me fez parar em um cemitério na volta da pedreira e ficou lá andando feito um fantasma*.

Retrocedendo ainda mais, existiam dados de empregados de empregados, assim como de seus conhecidos. Era um mapa da existência dos Wingates, uma imagem de satélite da rede em que eles estavam inseridos.

Havia informações que eram novidade até para Mike: os pais da professora do primeiro ano de Kat possuíam um chalé em Mammoth; o primo do cunhado de Annabel dividia o aluguel de uma casa em Jackson Hole; os Martins, vizinhos de frente dos Wingates, eram proprietários de outro imóvel na Carolina do Norte.

Todos os lugares por onde Mike passara e todas as pessoas com quem tinha topado estavam ali.

Ele percebeu, para seu espanto, que era assim que Rick Graham e sua agência fechavam o cerco sobre terroristas procurados.

Fechou a pasta e ficou olhando para baixo, perplexo. A mesa coberta de poeira agora tinha as marcas de seus cotovelos e de suas mãos. A brutal consciência de sua vulnerabilidade o atingiu em cheio, deixando seus nervos em frangalhos. Ele tinha uma mochila cheia de dinheiro e sabia arrombar carros, mas as pessoas que estavam atrás dele possuíam o software de busca de dados mais poderoso dos Estados Unidos.

Ele olhou para o relógio. Estava na hora.

Ligou para o celular de Annabel, passando pelo centro de chamadas pré-pagas. Com suor escorrendo pelo corpo, esperou que o telefonema se completasse.

– Mike Doe – disse William assim que atendeu.

– William Burrell – respondeu Mike. – E Roger Drake.

– Parece que você fez seu dever de casa.

Mike olhou para a pasta.

– Vocês também. – Silêncio. – Foram atrás da minha mulher para chegar até mim.

– Fomos.

– Posso descobrir tudo sobre a sua família também. Onde eles moram, por exemplo.

– Família? – William deu uma risada. – Minha noção de família é um pouco diferente da sua. Meus parentes não significam nada para mim. A única exceção era Hanley, e... ele já não está mais aqui. Não é?

– Você só ficam fazendo esse monte de joguinhos, mas nunca disseram o que querem.

– Matar você.

Um arrepio percorreu a espinha de Mike.

– Então é isso? – Ele estava incrédulo. – Não querem informações? Ou dinheiro? Só querem me matar?

– É – concordou William com um suspiro. – Nós somos soldados de infantaria, sabe? Temos uma missão a cumprir, e você é o alvo. É uma situação ruim, eu entendo. Gostaria que as coisas fossem diferentes, mas existem dois tipos de canalha: os que têm um código e os que não têm. Dodge e eu somos do primeiro tipo. Nunca quebramos uma promessa. Jamais menti para você, e não vou começar agora.

– O que meu pai fez para o seu pessoal? – perguntou Mike.

– Nada. Ele não tinha a menor importância.

– Vocês estão atrás de mim por alguma coisa que ele fez.

– Talvez antes de matá-lo eu lhe conte – retrucou William.

Mike deu uma olhada em Kat, o peito dela subindo e descendo com a respiração regular.

– Então podemos resolver a questão cara a cara. Vou até vocês. Mas deixem minha filha fora disso. Ela não sabe de nada. Não é testemunha de nada.

William deu uma risadinha que não teve nada de divertido.

– Você ainda não entendeu, não é?

Outro arrepio percorreu a espinha de Mike.

– Ainda não entendi *o quê*?

– Katherine não é apenas uma observadora nisso tudo. Ela é o outro alvo.

Então o telefone ficou mudo.

41

MIKE E KAT JÁ esperavam em frente à porta principal do centro de minigolfe quando o gerente – um homem cheio de espinhas no rosto – chegou para abrir o estabelecimento. Mike tinha parado o Camry no fundo do estacionamento. Limpara os cacos de vidro da janela quebrada e trocara as placas com as de um Jetta.

Na galeria de video games, ele trocou 40 dólares por moedas de 25 centavos e se dirigiu com elas a um orelhão nos fundos enquanto Kat brincava em uma máquina ao alcance da vista dele. A escuridão e as luzes piscantes do lugar eram desorientadoras: pareciam uma extensão da noite interminável que haviam tido. Era mesmo de manhã do lado de fora?

Sem tirar os olhos da filha, Mike fez uma ligação depois da outra, começando por números 0800, coletando orientações e, depois, orientações sobre as orientações. Por serem serviços de emergência, a maioria dos lugares estava funcionando apesar de ser sábado. Kat mergulhou em um jogo atrás do outro, sem parar de coçar a cabeça, com sua expressão apática iluminada pelas telas brilhantes. A galeria se encheu de crianças até que nenhuma máquina ficou desocupada. Todas aquelas cores, balas e risadas ao redor de Kat eram uma espécie de cópia dos fins de semana do passado. Mike tinha que lutar para manter a concentração. Enfiando uma moeda após a outra no orelhão, ele descartou cinquenta opções e avaliou outras cinquenta, tentando chegar a apenas uma escolha viável.

Quando terminou, o telefone público ficou todo manchado com o suor de seus dedos. E se alguém o tivesse seguido e pegasse suas digitais? Será que Graham, Dodge ou William poderiam levantar alguma pista que levasse até Kat a partir da lista telefônica? Em um momento de paranoia, Mike afanou o catálogo e o queimou em uma caçamba de lixo que ficava atrás do estabelecimento. Enquanto ele fazia isso, Kat ficou no carro, assistindo a tudo como se fosse um filme. Agachado no ar frio da manhã, aquecendo as mãos na fogueira em miniatura, Mike percebeu que estava a ponto de soluçar de pavor pelo que estava prestes a fazer.

Dirigiu no sentido leste a tarde toda, com Kat de rosto colado na janela do carona, observando o deserto passar. Do lado de fora, juníperos balançavam ao sabor da brisa, lavandas soltavam fragmentos lilases e iúcas dançavam, fadadas ao esquecimento.

Por que uma menina de 8 anos estaria na mira de matadores de aluguel? Na semana anterior, William e Dodge tinham deixado Mike apavorado e ele fora pegar a filha às pressas na escola a fim de levá-la para casa. Lembrou-se dos dedos de Hanley mexendo no elástico do sutiã de Annabel. *Que merda, que merda. Nós tínhamos apenas que esperar.* Esperar não apenas Mike, mas Kat também.

Naquela manhã de décadas atrás, dentro da caminhonete, o pavor na voz do pai de Mike fora palpável. Talvez ele tivesse temido pela vida do filho como o próprio Mike temia agora pela de Kat. Mas *por quê*? Seu pai era o responsável pela confusão em que suas vidas tinham se transformado, pelo menos de acordo com aquela mancha de sangue no punho da camisa. Uma imagem similar surgiu na cabeça de Mike: ele na garagem da própria casa usando um velho pano

de chão para limpar o sangue de Annabel do braço. E se Mike não tivesse sido abandonado, mas *salvo*? E se despachá-lo para uma nova vida fosse a única opção que restara a seu pai para protegê-lo?

Mas Mike não acreditava – *não podia* acreditar – nessa explicação. Ela se parecia demais com a realização de um sonho, uma história como a do Super-homem sendo lançado em um foguete para longe de Krypton. Pior ainda: era uma versão alimentada de esperança, de *desejo*, e quando se tratava de sua infância, Mike decidira que esperança e desejo não levavam a lugar nenhum.

E, ainda assim, como ele podia se apegar a tudo o que tinha sofrido na vida considerando o que estava prestes a fazer?

– Arizona – disse Kat com uma expressão sonhadora quando eles passaram pela placa na estrada. – Eu sempre quis vir aqui.

Ao chegarem à cidade de Parker, Mike levou a filha a uma lanchonete. Ela pediu uma pilha de queijos-quentes, batata frita e milk-shake de chocolate.

– Você não vai comer? – perguntou a menina com a boca cheia, e ele só balançou a cabeça em uma negativa.

Kat saiu correndo na frente enquanto ele pagava a conta. Quando Mike foi atrás dela às pressas, tentando conter o pânico, encontrou-a diante da vitrine de uma loja, com as mãos no vidro, olhando encantada para um vestido amarelo de algodão, pendurado em um gancho na frente de um fundo decorado. Um vestido sem uma menina. Ele entrou na loja com ela e o comprou, assim como um par de sapatos novos e algumas camisetas.

Em seguida, foram ao cinema. Como sempre, Kat esticou o braço para tocar na luminária da Pixar que pula na tela nos créditos iniciais. Durante duas horas, recostado na poltrona, Mike ficou observando a filha em vez de olhar para a tela. Viu seus sorrisos boquiabertos, seus ataques de riso, sua boca cheia de balas. Por um momento, era como se tivessem voltado no tempo e tudo estivesse normal de novo.

Depois ele conseguiu achar um hotelzinho charmoso que aceitava dinheiro vivo como depósito. A decoração em estilo campestre tinha babados em excesso, mas sem dúvida era muito melhor do que as espeluncas em que tinham se hospedado até então.

Ele deu um banho completo em Kat, inclinando a cabeça dela para trás embaixo do chuveiro para lavar seu cabelo. Os piolhos ainda estavam lá, é claro, mas ele não teve coragem de terminar a noite com um xampu antipiolhos.

Já enfiada na cama, com a pele limpa e rosada, a menina pediu:

– Conte uma história?

Mike percebeu que puxou a poltrona com estampa floral para perto da cama como uma enfermeira à beira de um leito de morte.

– Sobre o quê?

– Sobre o mês que vem. Sobre a gente voltando para casa. – Ela começou a piscar mais devagar. – Mamãe cozinhando o dia inteiro. Você sabe como ela fica no Dia de Ação de Graças.

Peru, torta de abóbora e aquelas laranjas que a gente espeta com cravos... E a gente sentando para comer, todo mundo junto, e...

Ela adormeceu.

Mike se lembrou da primeira vez que a pegara no colo, no hospital, uma bolinha macia com um rosto cor-de-rosa. Ele tinha olhado para ela e pensado: *Aqui está algo de que você precisará para sempre*. Encostou a cabeça no peito da filha, ouviu a leve batida de seu coração e começou a respirar no ritmo dela.

Ele saiu para a varanda. Uma névoa tinha escondido as estrelas. Perguntou a Annabel, em pensamento, se ela um dia o perdoaria pelo que estava prestes a fazer, mas o firmamento não lhe ofereceu nenhuma resposta.

De manhã, Kat devorou uma montanha de panquecas, parando apenas para coçar a cabeça. Quando voltaram ao quarto, no andar de cima, Mike guardou as poucas coisas da filha na mochila, deixando de lado a arma e um maço de notas. Na frente do espelho do banheiro, penteou o cabelo dela devagar, meticulosamente, e enfim conseguiu prendê-lo em um rabo de cavalo perfeito. Ela sorriu e piscou para ele.

– Ótimo, pai!

Mike deixou-a sozinha no banheiro para que terminasse de se arrumar e, quando ela saiu, estava usando o vestido amarelo novo. Pegou os lados da saia e os levantou com as pontas dos dedos.

– E aí?

Ele engoliu em seco.

– Ficou perfeito em você.

Ao saírem do hotel, ele fez o caminho que tinham lhe informado pelo telefone no dia anterior enquanto estava na galeria de video games. A rede de orientações que culminara naquele endereço era muito confusa para que ele lembrasse – uma assistente social o encaminhara a outra assistente social, que lhe dera um nome –, mas o mais importante era que, de alguma forma, entre mentiras, elogios e súplicas, ele tinha conseguido chegar ao nome da pessoa em quem pensava que poderia confiar.

Ele olhou para a frente pelo para-brisa, segurando o volante de forma automática e fitando a linha tracejada central no chão, as listras amarelas pintadas no asfalto. Estava insensível e objetivo, frio como aço. Sentiu os olhos de Kat pousarem nele uma, duas vezes, e depois não se desviarem mais. Sua determinação começou a se desmanchar. Mas então lá estavam eles, parados do outro lado da rua, e quando ela olhou pela janela viu a casa simples com o quintal cheio de brinquedos de parque e meninas espalhadas.

Ela respirou fundo.

– Por que estamos aqui? – falou.

Ele não conseguia responder. Mal podia respirar. *Não existe perdão para um pai que abandona um filho.*

– Por que estamos aqui? – repetiu ela.

Ele fez um esforço descomunal para pronunciar as palavras.

– Preciso da sua ajuda, querida.

– Pai?

– A mamãe está em perigo e eu tenho que... tenho que ir com Shep para ajudá-la. – Ele não conseguia olhar para ela. – Não posso fazer isso e manter você em segurança ao mesmo tempo.

– Não, pai. *Não, não, não*. Você não pode fazer isso.

– Preciso me certificar que você está a salvo primeiro. Antes de fazer *qualquer outra coisa*.

Ela estava chorando, e era um choro de menininha.

– O que foi que eu fiz? Não foi culpa minha ter pegado piolho.

– Não, querida, você não tem culpa de *nada*. Lembre-se disso. Nada...

– Me desculpe. Me *desculpe* por estar com piolho. – Ela esfregava as mãos uma na outra sem parar. – Por favor, pai. *Por favor*. Você pode raspar minha cabeça, como o Shep disse. Eu não me importo. – Ela estava de joelhos no banco, com os olhos arregalados, implorando. – Você consegue me proteger.

– É isso que estou fazendo agora.

– Você *sempre* me protegeu. Estou segura com você. Você vai tomar conta de mim.

Ele segurou o volante com força.

– *Não posso*. – Suas palavras ressoaram dentro do carro. Suas mãos latejavam. Reprimindo o pânico, Mike procurou as palavras mais suaves de que conseguia se lembrar. Deus, como era difícil explicar de uma forma que ela conseguisse entender... – Isso... isso é o que você pode fazer para ajudar a mamãe neste momento.

Kat se largou no banco.

– Por quanto tempo?

Ele tirou as mãos do volante, esticou os dedos, segurou-o de novo.

– O que quer que aconteça, você ficará bem. Agora pode não parecer, mas você vai ficar bem.

– Como assim, *o que quer que aconteça*? Se a mamãe... se a mamãe *morrer* e eles pegarem você, então... eu... eu...? – Ela estremeceu e depois ficou parada por um instante, com os ombros curvados e os braços em volta do corpo. – Eu tenho 8 anos – disse ela. – Só 8 anos.

Mike se esforçou ao máximo para não começar a soluçar. Seu maxilar estava travado, mas ele podia sentir o músculo pulsando nos cantos. Não conseguia olhar para ela. O silêncio que se seguiu pode ter durado dez segundos ou dez minutos.

– Se isso acontecer – falou ele, com os dedos apertados em volta do volante ficando brancos –, você poderá achar que eu não tenho como saber que você vai se dar bem na vida, que construirá uma linda família e que se tornará uma mulher maravilhosa. Mas eu sei. Eu já sei.

– Não. Não, não, não, não, *não*.

Ele tinha que falar tudo de uma vez, antes que sua força de vontade o abandonasse.

– Não importa quanto tempo você passe aqui, não poderá contar seu sobrenome a *ninguém*. –

Um eco de sua infância o rasgou por dentro como uma navalha afiada. – Você se chama Katherine *Smith*. Ouça com atenção, Kat. Agora seu nome é Katherine Smith, entendeu? Nunca fale meu sobrenome, nem o de sua mãe. Jamais diga de onde você realmente é. Você tem que juntar essas informações, memorizá-las e nunca mais esquecê-las.

Cada palavra passava por sua garganta como um caco de vidro. Ela tinha enterrado a cabeça nos braços e se sacudia violentamente.

Sou um filho da mãe por dizer isso a ela, pensou ele. *Vou para o inferno. Meu coração vai se desintegrar em uma nuvem de cinzas dentro do meu peito*.

– Você precisa ser forte. Sua vida está em jogo. Ninguém pode saber nada sobre você.

Essas coisas eram tudo o que ele não queria ensinar a ela, tudo o que o Péssimo Pai do jogo diria. Mas ele deixou as emoções de lado e fez o que tinha que fazer.

– Prometa isso para mim, Kat.

– Não.

– Você tem que prometer. Eles vão encontrá-la.

– Não vou prometer.

– Não existe *outra opção*, Kat.

Ela olhou para ele com raiva, o rosto cheio de marcas de lágrimas, e disse aos soluços:

– Então prometa uma coisa *para mim*: se eu ficar aqui e não contar a ninguém quem eu sou, você vai *ter* que sobreviver e voltar para me buscar. Vai ter que fazer isso. *Prometa*. Ou então eu não vou. Não vou. – Ela esticou a mão. – Estamos combinados?

Ele olhou para os dedos trêmulos da filha com o sangue pulsando tão rápido que encobria sua visão. Será que podia prometer aquilo? Será que tinha escolha?

Kat continuava com a mão estendida e o olhar fixo no rosto dele.

Mike suspirou profundamente, fechou bem os olhos e esticou a mão.

– Estamos combinados.

A mão da menina estava quente e trêmula.

– Você vai voltar para me buscar.

– Eu vou voltar para buscá-la.

– Você prometeu – continuou ela. – Você *jurou*.

Mike pegou a mochila no banco de trás e eles se dirigiram para a casa.

Uma mulher rechonchuda abriu a porta enquanto secava as mãos em um avental. Atrás dela, quatro garotas maiores que Kat estavam com os olhos grudados em um desenho animado, enquanto uma menor se divertia com uma Barbie de uma perna só. O som das crianças brincando do lado de fora chegava até eles através de uma janela aberta: risadas, o barulho de uma pancada e então alguém chorando. Mike foi atingido em cheio por uma reação visceral. Olhou em volta para avaliar o lugar, mas o passado e o presente se fundiram em sua mente. Lá estava a Mamãe do Sofá sentada, se abanando com o guia da TV. Lá estava a almofada amarela com cheiro de xixi de gato.

Claro, seu merdinha. Minha mamãezinha também. Todos *os nossos pais vão voltar*.

Mike sentiu uma ardência nos olhos e piscou para voltar ao presente. Não existia nenhuma Mamãe do Sofá ali, nenhum fedor de xixi de gato, mas havia uma janela enorme que servia para incitar as crianças a ficarem olhando e esperando. Os braços das poltronas estavam se desfazendo e as paredes eram descascadas e esburacadas, mas as meninas do lar adotivo pareciam saudáveis e a casa tinha um cheiro delicioso de sopa de tomate.

– Como posso ajudá-lo? – perguntou a mulher.

Mike não soube dizer quanto tempo fazia que estava parado ali.

– Seu nome é Jocelyn Wilder?

Ela levantou os cachos grisalhos para o alto da cabeça e deu um nó.

– Isso mesmo.

Podemos conversar a sós um instante?

Kat passou a manga da blusa no nariz escorrendo. Ela estava olhando para baixo. Jocelyn fitou a menina, depois encarou Mike.

– Quer ir brincar lá fora, meu bem?

Ainda com a cabeça baixa, Kat atravessou a porta dos fundos e ficou sentada em silêncio em um banco. Com toda a cautela, Jocelyn fez um gesto em direção à cozinha e Mike a seguiu. Os dois passaram por uma porta de vaivém e ficaram se encarando parados no piso de linóleo gasto. O belo rosto de Jocelyn deixava claro que ela já tinha lidado com aquele tipo de situação algumas vezes na vida.

– Estamos com problemas. Preciso resolver uma situação – começou ele.

– Senhor, isso aqui não é um...

– Eu sei, eu sei. Mas, se o nome dela entrar no sistema, minha filha ficará em perigo.

– Muitas crianças estão em perigo.

– Não como ela.

Jocelyn piscou.

– Como assim? Está querendo dizer que ela pode ser *morta*? – Apesar de ela mesma ter falado, a palavra causou uma impressão forte. – Por que alguém iria querer matá-la? Ela é uma criança.

– Não sei – admitiu Mike. – É isso que tenho que descobrir. Agora preciso ir. Já devia ter ido. Meu carro não pode ficar parado lá fora, porque, se o virem, saberão que ela está aqui.

Jocelyn encarou-o com olhos céticos, mas ele podia ver a preocupação brotando neles.

– Me desculpe por colocar isso nas suas costas – continuou Mike.

Ela emitiu um som que era a mistura de uma bufada e uma risada.

– O senhor não vai colocar nada nas minhas costas, Sr...?

Ela afastou as pernas uma da outra e cruzou os braços enormes, uma fortaleza humana. Jocelyn era o tipo de mãe adotiva que pega os filhos pela orelha e os arrasta até a Valley Liquors para devolver garrafinhas roubadas de Jack Daniel's. Mike conhecia o tipo, assim como tinha

conhecido a Mamãe do Sofá, o que significava que sabia o que ela estava pensando. Os olhos azul-claros. A doçura oculta em cada centímetro de seu rosto respeitável.

– Não acredite em nada que ouvir no noticiário – disse ele. – E não confie em ninguém, não importa quem a pessoa diga que é. Se você entregá-la à polícia ou ao Juizado de Menores, ela será perseguida.

– Bem, estamos falando de algo bem grave, hein?

Ela engoliu a saliva com raiva e olhou para longe.

– Você sabe lidar com crianças. Converse com minha filha e ela lhe dirá que estou falando a verdade.

– Como você me encontrou?

Ele tirou a mochila do ombro e a deixou cair no chão.

– Aqui tem 200 mil dólares. Não é dinheiro sujo. É parte da poupança que já tínhamos antes de tudo acontecer. Você pode declarar o valor como uma doação anônima, pagar impostos, o que quiser. É seu para fazer o que bem entender. Gaste com as outras crianças também, para elas não ficarem com ciúmes.

– Não é assim que as doações funcionam. Não quero seu dinheiro, não importa o que diga.

– Aceite-o para o caso de uma necessidade.

– Acho que você não me ouviu.

– Pode pelo menos guardá-lo para mim, então?

– Como uma caução? – Ela praticamente cuspiu as palavras.

– Eu *vou* voltar.

– Quando?

– Em breve.

– Não vou fazer isso – disse ela com firmeza.

– Vai, sim – objetou ele com suavidade. – Tenho certeza que vai.

– Duzentos mil dólares. – Ela pôs as mãos na cintura e as carnes de seus braços balançaram com o movimento. – Por que tanto dinheiro se você vai voltar?

O rosto de Mike virou uma máscara de pedra, algo desconectado do restante de seu corpo. Inconscientemente ele emitiu um som que fez a postura de Jocelyn se suavizar. Ela abaixou os braços e pareceu sentir pena enquanto ele lutava para não desmoronar.

– Para que ela possa ter tudo o que precisar até lá. – Ele fez um gesto em direção à mochila. – As roupas dela estão aí também. São *dela*. Compre o que quiser para as outras...

– *Todas* as minhas meninas têm as próprias roupas – retrucou ela indignada.

– E ela está com piolho – sussurrou ele.

– Que ótimo.

– Tentei maionese.

– Não adianta nada. Tem que ser remédio mesmo.

Ele olhou para o chão. Não tinha mais o direito de objetar.

– Está bem.

– Outros problemas? Tuberculose resistente a medicamentos, talvez?

– Não.

– Não posso fazer isso... não *vou* fazer isso... por muito tempo – disse ela. – É ilegal, o que coloca toda a família em risco. Não tenho a certidão de nascimento dela. O que devo fazer se...

– Você não dirigiu um abrigo para mulheres vítimas de agressão e crianças abandonadas por dezessete anos sem saber como dar uma vida nova a elas.

Jocelyn o encarou com um olhar firme.

– Parece que você fez seu dever de casa. – Ela respirou fundo. – Isso foi há muito tempo.

– Não o bastante para você não saber mais para onde ligar e com quem falar no caso de as coisas chegarem a esse ponto.

– Se chegarem a esse ponto – repetiu ela com rispidez.

Jocelyn deixou escapar uma risada raivosa e ele mais uma vez notou o olhar de aço que deixava claro que ela era o tipo de mulher que conseguiria achar um jeito de resolver o que achasse necessário.

– E por que eu deveria acreditar que você vai voltar? – perguntou ela.

– Porque eu disse a ela que iria.

– Então é melhor você fazer isso, certo?

– Sim, senhora.

Virando-se para o fogão, ela o dispensou com um gesto da mão.

Ele passou pela porta de vaivém e chegou ao saguão. As meninas estavam todas nos mesmos lugares: as maiores fixadas na TV, a pequena torcendo os membros restantes da Barbie e sua filha sentada no banco em frente à porta dos fundos, com os cadarços desamarrados se arrastando no chão de concreto. Ela remexia os dedos de forma autista no colo. Seus lábios estavam trêmulos, mas Kat fazia de tudo para não chorar. Mike ficou embaixo da soleira da porta. Não queria nem piscar, porque só tinha um instante para vê-la, memorizar sua imagem, e depois tudo se acabaria. Por um momento, pensou que poderia se desintegrar ali, como um efeito de filme de terror.

Finalmente, Kat olhou para cima e o encarou.

– Por favor, papai.

Ele se esforçou para desviar os olhos dela e se virar.

Mike saiu aos tropeços pela porta da frente e entrou no Camry roubado. Bola de Neve II permanecia no painel, onde Kat o tinha colocado. Ele pegou o bichinho e olhou para a casa, mas não conseguiu voltar para entregá-lo a ela. Acomodou-o no banco do carona e deu a partida. Poucos quilômetros depois, na estrada, notou o receptor da babá eletrônica a seus pés, onde o tinha jogado após a caçada.

Atirou-o pela janela.

42

MIKE ACORDOU EM UM quarto de hotel de beira de estrada com uma vaga lembrança de ter dirigido durante horas para abrir a maior distância possível entre ele e o lar adotivo de Jocelyn Wilder. Esperava que o fato de estar longe diminuísse a tentação de voltar. Com uma das mãos ele segurava Bola de Neve II bem apertado, e entre suas pernas havia uma garrafa de Jack Daniel's dentro de um saco de papel, apesar de ele não se lembrar de ter tomado a decisão de ficar bêbado. Sentou-se na cama e as luzes da TV piscaram em seu rosto. Levou a garrafa à boca com o intuito de permanecer anestesiado, mas depois de dois goles vomitou no canto. Quando estava ali jogado no chão com um pé descalço e o cinto aberto, imaginou Annabel se ajoelhando a seu lado, colocando a mão em seu ombro e dizendo: *Pode contar comigo para enfrentar essa situação*. Quando rolou para o lado, porém, a única coisa que viu foi um feixe de luz vindo da janela alta.

O frio que sentia chegava até seus ossos, onde os raios solares não podiam atingir. Pensou que deveria tomar um banho, mas então viu que já estava fazendo isso. A água escaldante deixava marcas vermelhas em seu peito e em seus braços, mas ainda assim ele não conseguia parar de tremer.

Fechou os olhos e se concentrou em imagens da mãe, falhadas pelo passar do tempo. A cozinha de azulejos amarelos. Ele olhando para cima enquanto ela lhe dava banho, com os cabelos castanho-escuros caindo pelos braços bronzeados. Aroma de patchuli e sálvia, o cheiro fresco de canela. A mancha de sangue – sangue dela – no punho da camisa do pai.

Então, depois de um espaço de tempo em branco ele viu a si mesmo de volta ao presente, naquele quarto escuro, tremendo embaixo de um jato gelado – a água quente já tinha acabado fazia tempo.

Em seguida ele estava jogado no chão, com o corpo molhado embrulhado em uma colcha, agarrado à sacola que continha sua arma e o restante do dinheiro. O quarto estava uma bagunça – manchas de vômito, cadeiras reviradas, lençóis amontoados no chão para formar um ninho.

Viu a porta se abrir e sentiu um feixe de luz atingi-lo no rosto, cegando-o. Depois a porta se fechou e um homem passou por cima dele com passos pesados, obscurecendo sua visão.

Eles estavam ali, finalmente, para matá-lo.

– Levante-se – disse Shep, estendendo-lhe a mão.

Mike ficou confuso e aturdido.

– Como você me encontrou? – perguntou com a voz rouca pela falta de uso.

– Você me ligou e me contou o que teve que fazer. Agora levante-se.

Mike pegou na mão do amigo, que o ergueu até que ele ficasse de pé.

Shep atravessou o quarto e colocou um saco de papel pardo usado em cima do balcão nojento da cozinha. Tirou lá de dentro um celular preto que substituiria o "batfone" e o jogou para Mike. Depois pegou um Colt calibre 45 e um rádio scanner da polícia, que ligou na tomada ao lado do micro-ondas.

– *... 1.080, você está no local?*

– *Afirmativo. Elwood, 1.601. A janela dos fundos parece estar quebrada. Quantas unidades temos por perto?*

Shep diminuiu um pouco o volume, deixando-o alto o suficiente para acompanhar a conversa, depois tirou vários potes de macarrão instantâneo do saco e os arrumou em uma fileira na bancada da pia.

– Que... que dia é hoje? – perguntou Mike.

– Segunda-feira, 20h17. Você está de volta à Califórnia, em Redlands.

Tinha sido realmente no dia anterior que ele deixara Kat?

– Os óculos dela – murmurou Mike. Ele pressionou a testa com o punho fechado. – Esqueci. Ela precisa de óculos novos para ler...

Shep preparou dois potes de macarrão instantâneo no micro-ondas e entregou um deles a Mike.

– Coma. Temos um monte de coisas para fazer amanhã de manhã e você não vai conseguir ir a lugar nenhum assim, todo pálido e se tremendo.

– Annabel pode estar morta neste instante – disse Mike.

– Coma.

– Me diga o nome do hospital. Tenho que telefonar...

– Você não pode...

– ... só para saber.

– Então você quer que a matem. E a nós dois. E a Kat – retrucou Shep.

Ele tirou o telefone de cima da mesa de cabeceira e o entregou a Mike, desafiando-o. Mike encarou o aparelho cheio de ódio, mas não o pegou. Shep, então, o recolocou no gancho e estendeu de novo a mão com o pote de macarrão para o amigo.

Mike dessa vez aceitou-o e fez um esforço para comer. *Mastigar. Engolir. Mastigar. Engolir. Várias vezes.*

Olhou em volta e imaginou o que Shep estaria pensando daquela bagunça. O quarto estava tomado pela tristeza, como se tivesse sido mergulhado em tons de cinza. O macarrão tinha virado uma pasta amarga em sua boca. Ele se forçou a engolir e limpou a boca com raiva.

– Por que você está aqui?

– O quê? – disse Shep.

– Você podia ter me dispensado quando liguei pela primeira vez. Pelo modo como as coisas ficaram entre nós. Mas eu sabia que você não ia fazer isso. Tinha certeza que, se precisasse de você, você viria na mesma hora. – O sentimento transbordava de Mike de um modo bizarro, em forma de raiva, um ressentimento que nem ele sabia que existia. – Talvez você *quisesse* que eu virasse um criminoso de novo. Talvez se sentisse sozinho.

Shep terminou de mastigar sua comida, enfiou o garfo de novo no pote de macarrão e fez uma pausa.

– *Talvez* – respondeu.

– Você não me deve nada – retrucou Mike – por eu ter passado três meses no reformatório no seu lugar.

– Você acha que é por isso que estou aqui? – Shep estava enervantemente calmo. – Porque eu devo algo a você?

– Por que mais? – Mike atirou o pote de comida na TV e uma mancha vermelha de molho espirrou em seu braço como sangue. Havia um certo alívio em se deixar levar pela raiva, em usar os músculos como nos velhos tempos. Ele precisava desabafar, xingar e gritar na frente de alguém. – *Por que mais?*

Shep enfiou outra garfada na boca e raspou o fundo do pote.

– Nunca pensei muito nisso – falou ele ainda mastigando.

– É claro que não. – Mike sentiu seu lábio superior se franzir. – Isso estaria abaixo de você. Porque você é guiado por instintos infalíveis...

– Essa é uma das palavras difíceis que você aprendeu para entrar na faculdade?

– Você é puro demais para *pensar*. Você sempre soube exatamente quem era. Ao contrário de mim.

– Eu não tenho um passado – replicou Shep.

– Mas eu *tenho*. E nunca consegui deixá-lo para trás. A mentira me seguiu até quando eu achava que tinha me livrado dela. A história dos tubos de PVC, aquela premiação de araque... Eu sabia que estava tudo errado, mas continuei mesmo assim. E agora estou aqui. – Mike deixou um rosnado escapar por entre seus dentes cerrados. – Não sei como você aguenta olhar para mim.

– Foi isso que você nunca aprendeu – disse Shep.

– O quê?

– Aceitação. – Shep deu de ombros. – As coisas são como são.

– Que coisas?

– Tudo.

– Como assim?

– Veja o seu pai. Há quantos anos você sente rancor dele? Qual é o significado disso na sua vida? – questionou Shep enquanto preparava outro pote de macarrão com um apetite insaciável. – A traição dele norteou todos os seus passos. E agora que teve que abandonar sua filha, você está vendo que nem sempre as coisas são o que parecem. Talvez seja tudo uma grande confusão e só possamos nos esforçar para fazer o melhor que pudermos.

– E foi isso que você fez? O melhor que pôde?

– Menos uma vez, quando levei uma surra e não conseguia me levantar. Aí você me socorreu. Me ajudou a me erguer. Naquele momento eu prometi a mim mesmo: *Nunca mais vou ficar no chão*.

Shep limpou a boca com as costas da mão e encarou o outro em uma postura de desafio.

Toda a raiva de Mike se escoou. Ele deu um passo vacilante para trás e desabou na cama. Apoiou o rosto nas palmas das mãos e ficou ali sentado.

– Estou me lembrando de uma vez que fomos a Ventura Harbor para brincar no carrossel – disse ele. – Kat tinha 3 anos e queria andar na galinha, mas as outras crianças sempre chegavam antes dela. Quero dizer, *tinha* que ser a maldita galinha. E quem é o idiota que coloca uma galinha em um carrossel? Enfim, ficamos esperando um tempão, mas ainda assim não consegui que ela andasse na galinha.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou Shep.

– Fico imaginando Kat naquele lar adotivo e o que vai acontecer com ela se eu falhar – respondeu Mike. – E eu acho que posso morrer.

Ele não conseguia olhar para cima, mas ouviu Shep pousar o pote de macarrão, pegar uma cadeira, colocá-la próxima a ele e suspirar profundamente ao se sentar.

– Nunca fui responsável por ninguém na vida – disse Shep. – É preciso coragem para fazer isso. Mas você não pode ser responsável por ninguém agora. Não considerando o que vamos fazer.

Ele se inclinou para a frente e ficou na mesma posição de Mike, os dois olhando fixamente para o tapete puído. Então Shep encostou a cabeça na do amigo em um gesto de consideração.

– Você a quer de volta – afirmou ele.

– Quero – concordou Mike.

– Em segurança.

– É.

– Então você precisa agir com frieza. Não vai conseguir recuperá-las se estiver vulnerável. Neste momento, você não é um marido. Não é um pai. É um homem com uma missão. Entendeu?

– Entendi.

– Agora vá dormir um pouco. Vamos acordar cedo amanhã.

Mike fez uma limpeza rápida no quarto e se deitou no colchão. Ao lado dele, Shep estava com os olhos fechados e a respiração regular, mas Mike não sabia se ele tinha dormido ou não.

O teto cheio de rachaduras formava desenhos infinitos, um emaranhado de raízes de árvores.

– Nunca mais vou virar as costas para você – falou Mike.

Silêncio. Mike achou que Shep tivesse caído no sono, mas então ele respondeu:

– Você ainda está pensando com a consciência? Porque isso vai nos atrapalhar.

Os dois ficaram deitados no escuro. Mike adormeceu sem sentir e, quando acordou com o barulho do chuveiro, o relógio marcava 4h14. Shep saiu do banheiro alguns minutos depois, com a toalha enrolada na cintura. Tinha deixado a torneira aberta como nos tempos em que seis ou sete garotos tinham que tomar banho de uma vez antes que a água quente acabasse.

– É melhor eu jogar o carro que roubei em alguma vala – ponderou Mike.

Shep jogou um molho de chaves para ele, depois atravessou o quarto e abriu as cortinas. Reluzindo na vaga em frente ao hotel havia um Saab verde-escuro.

Com relutância, Mike retribuiu o sorrisinho malicioso de Shep. Depois foi ao banheiro para desligar o chuveiro e limpar o vapor do espelho. A nécessaire de Shep estava lá, com o barbeador elétrico aparecendo pela abertura. Mike o levantou e o virou de um lado para outro, como se estivesse revendo uma fotografia antiga. As lâminas estavam soltas dentro da bolsinha. Ele encontrou a que queria e a encaixou na máquina.

Shep o chamou do lado de fora.

– Pronto?

O barbeador pesava na mão de Mike feito uma arma. O espelho tinha embaçado de novo, então ele o limpou com uma toalha e estudou seu reflexo.

Depois ligou o barbeador e raspou o cabelo como fazia na época em que morava no lar adotivo. Em seguida limpou a cabeça com uma toalha e saiu do banheiro.

– Pronto.

Os dois rumaram para o estacionamento lado a lado.

43

MIKE SEGUIU AS INSTRUÇÕES de Shep sem fazer perguntas. Ele gostava de dirigir para desanuviar os pensamentos e afastar as preocupações até que a mente ficasse tão inabalável e uniforme quanto a estrada à sua frente. O Saab passou por Grapevine, por Bakersfield e pela longa extensão de terreno plano ao sul da baía de São Francisco, deixando para trás campos de plantação de cebola e paradas de caminhão, com aviões pulverizadores voando tão perto deles que pareciam saídos do filme *Intriga internacional*, de Alfred Hitchcock. Ao contornar San Jose, seguiram para o norte por Sacramento, em direção a Redding. *Aquela região do norte da Califórnia é muito interessante*, dissera Hank, e Mike tinha a sensação de que Shep a tornaria mais interessante ainda, não importava para onde o estivesse levando. A cordilheira das Cascatas surgiu à vista, com o pico Lassen a leste e o monte Shasta à frente, ambos com o cume coberto de neve.

Após cerca de nove horas de viagem, Shep disse:

– Pegue a próxima saída.

Mike entrou em Red Bluff e obedeceu às orientações de Shep ao passar pelo centro antigo:

– Esquerda. Direita. Eu falei *direita*. Agora esquerda. Estacione aqui.

Diante deles, o cartório da cidade ocupava uma construção de adobe de um andar. O estacionamento em formato de L era longo e estreito, com saídas nas duas extremidades, o que poderia ser bastante útil dependendo do que fosse acontecer. A seu redor havia prédios residenciais protegidos por paredes de blocos de concreto. Mike levantou uma sobrancelha e Shep explicou:

– Um cartório é um bom lugar para uma estelionatária trabalhar, porque ela pode forjar alvarás e escrituras com carimbos oficiais.

O ponto morto do Saab era tão silencioso que parecia que o carro tinha sido desligado. Do banco do carona, Shep tinha uma visão melhor da porta de vidro principal. Mike sentia o 357 frio enfiado no cós da calça em suas costas. Eles ficaram sentados esperando: 17h03, 17h07...

De repente, Shep apontou para fora. Como era de se esperar, Mike viu a mulher que conhecera como Dana Riverton. Ela estava com a mesma aparência de quando se encontraram no café: óculos de bibliotecária, uma blusa de manga curta, cabelos crespos descendo pelos ombros sem corte definido. Ele se perguntou se ela cobria a tatuagem da prisão com pó compacto todos os dias antes de ir trabalhar.

Quando Mike desceu do carro, Shep ficou esperando dentro do veículo. Mike sentiu o ar frio em contato com sua cabeça quase careca. Ele a alcançou a poucos passos da porta do cartório.

– Kiki Dupleshney? – chamou.

Ela se virou imediatamente e levou meio segundo para reconhecê-lo. Alguns de seus colegas passaram a seu lado e ela lhes lançou um sorriso nervoso, ao mesmo tempo em que os olhos brilharam de raiva.

– Você deve ter me confundido com alguém.

Outras pessoas passaram por eles a distância, fora do campo de audição. Ela puxou um cigarro da bolsa e o acendeu.

– Que diabo você quer?

– Quem a contratou? – perguntou Mike.

Ela deu um riso forçado e soprou a fumaça do cigarro na cara de Mike, após deixar uma marca de batom rosa no filtro. Então disse pausadamente, acostumada a lidar com imbecis:

– Não sei do que você está falando.

– Por que eles querem matar a mim e a minha filha?

– Não faço a menor ideia.

– Minha mulher está na UTI – continuou Mike. – Minha filha e eu estamos fugindo. Você contribuiu para isso.

Kiki tocou um violino imaginário e respondeu simplesmente:

– É assim que o jogo de Darwin funciona. Lamento.

– Vou encontrar os homens que estão nos ameaçando – garantiu Mike. – Vou acabar com isso. E você vai me ajudar.

Ela começou a se afastar, mas ele a agarrou pelo braço com força.

– Não importa o que eu tenha que fazer, vou recuperar minha família. Está me entendendo? – continuou ele.

Kiki puxou o braço para se livrar dele.

– Não dou a mínima para sua mulher. E não dou a mínima se matarem mesmo sua filha. Mas prometo uma coisa: se não der o fora daqui agora, vou começar a gritar pela polícia.

Ela se agachou e começou a recolher suas coisas do chão.

Mike voltou para o carro e pôs as mãos no volante. Sua respiração estava acelerada e ele podia sentir o olhar de Shep queimando a lateral de seu rosto.

Kiki acabou de enfiar os pertences na bolsa e percorreu o estacionamento até chegar a um Sebring marrom conversível. Jogou a bolsa no banco de trás e deu um peteleco na guimba do cigarro, que foi parar em uma fileira de latas de lixo próxima ao fim do prédio. Depois, entrou no carro e retocou o batom no retrovisor, com os cabelos ao vento.

Mike dirigiu até a frente do Sebring, apertou um botão e o teto solar do Saab se abriu.

– Saia do carro – ordenou Mike a Shep.

– O quê? – disse Shep.

– Você ouviu muito bem.

Shep deu de ombros e obedeceu.

Mike enfiou o pé no acelerador, deixando dois traços de borracha no asfalto. A traseira do Saab rabeou, mas o veículo continuou sob controle. Kiki estava saindo da vaga, mas viu o carro voltando em sua direção, então se encolheu. Mike atingiu o Sebring bem no meio, em uma perpendicular exata, amassando-o e arrastando-o até o muro de contenção. O impacto acionou o

air bag do Saab e começou a sair fumaça do capô.

Mike empurrou o air bag para o lado. Como a porta do motorista fora empenada, ele saiu pelo teto solar. Os dois carros haviam sido fundidos e Kiki estava caída por cima do volante do Sebring, pressionando a buzina, com o cinto de segurança ainda desafivelado. Um fio de sangue escorria por cima de seus lábios.

Mike foi até ela, segurou-a por baixo do queixo e a puxou para fora do banco. Em seguida, colocou-a deitada no chão. Inclinou-se por cima dela, agarrou-a pelos cabelos e a forçou a olhar para ele. Ela estava perplexa, com o batom borrado, as meias rasgadas e os joelhos ensanguentados, a mão em concha tapando o nariz que escorria. Mike sentiu nojo de si mesmo pelo que estava fazendo, mas não o suficiente para se deter. Puxou a arma das costas e pressionou o cano no ombro dela.

– Olhe para mim – exigiu ele. – Olhe para mim.

Ela obedeceu.

– Agora você se importa?

– Hein? – sussurrou ela sem forças.

– Agora você se importa?

Ela assentiu sob sua ameaça.

– Meu Deus, sim. Por favor, pare com isso.

Algumas pessoas tinham saído do cartório e moradores dos prédios estavam nas janelas. O que mais surpreendeu Mike foi a coragem que ele sentia.

– Pode desembuchar – ordenou.

– Não sei quem eles são, eu juro. Tem um cara grandão e um aleijado, mas nunca me deram um telefone de contato nem nada. Simplesmente surgiram feito fantasmas. Chegaram até mim pela minha fama. Sou a melhor no que eu faço. Tenho alguns processos nas costas e eles disseram que podiam limpar minha barra. Ai, meu Deus, meu nariz...

– *E*...?

– Depois me deram uma pasta com informações e um plano armado para entrar em contato com você como executora do testamento de seus pais. Eles só queriam que eu confirmasse quem você era, porque não tinham certeza. – Ela estava ofegante, com sangue escorrendo dos lábios. – A pasta está na mala do carro, pode pegar e ficar com tudo. *Juro* que não sei de mais nada. – Ela deixou a mão ensanguentada tombar e cair no asfalto. – Preciso de um médico.

A mala do carro tinha se escancarado com o impacto e a caixa cheia de pastas estava lá dentro virada de cabeça para baixo. Mike encontrou rapidamente o arquivo com a etiqueta vermelha. Havia uma combinação de letras e números rabiscada na frente: 4YCH429.

Ele voltou até Kiki, que agora estava de quatro, tossindo, e apontou para a pasta.

– O que significa esse código?

– Eu queria alguma garantia para o caso de me sacanearem, então, quando foram embora, eu anotei a placa da caminhonete deles, mas isso foi antes de saber como eram.

– Era uma caminhonete, não uma van?

– Era uma caminhonete, mas você não pode falar nada. Eles vão me matar.

Shep tinha desaparecido. Uma pequena multidão havia se formado na porta do cartório. Alguns dos funcionários mais jovens sussurravam entre si, parecendo estar juntando coragem. Uma mulher em uma das janelas do prédio residencial falava ao telefone e recuou quando Mike olhou para ela, deixando o aparelho cair. Era só uma questão de tempo até os policiais surgirem.

– Acho que você tem muito com que se preocupar, então – disse ele. Ficou de pé ao lado dela. – Se você avisar que estou indo atrás deles, vou lhe fazer outra visitinha.

– Está bem. – Ela passou a mão no nariz cheio de sangue. – Está bem, está bem, está bem.

Com a pasta na mão, Mike passou pelos carros entulhados em direção a uma das saídas do estacionamento e começou a correr ao longo do prédio residencial. Quando chegou à rua, no quarteirão seguinte, um Ford Pinto em frangalhos, com o capô enferrujado, surgiu a seu lado bem a tempo. Shep ocupava o banco do motorista, parecendo um elefante em um triciclo. Mike entrou no lado do carona e viu a sacola com suas coisas no chão do carro.

– Não sabia que essas coisas ainda estavam em circulação.

– Depois do que você aprontou com o Saab, isso foi tudo o que restou – retrucou Shep.

A parte de trás do braço de Mike tinha uma listra vermelha e, ao passar a mão para limpá-la, percebeu que o sangue não era dele. Podia senti-lo secar, deixando sua pele áspera.

Shep lançou um olhar para ele e falou:

– Não esquenta. Você vai acabar se acostumando com isso.

44

– EM QUE PONTO ESTAMOS?

A voz do chefe ao telefone soava com tanta clareza que era como se ele estivesse sentado na varanda da casa de ripas de madeira ao lado de William. Um odor de óleo quente vinha do ferro-velho. Quando o avô de William e Hanley construíra a casa, não levara em conta o padrão dos ventos, então, em certos dias, as próprias paredes pareciam exalar o cheiro de pneus derretidos e ácido sulfúrico. A tarde luminosa deixava o monte Shasta à vista, elevando-se a distância, salpicado de flocos de neve prematuros.

– Wingate é um foragido agora – disse William. – A polícia está toda em alerta. Onde quer que ele apareça, vai ser mandado direto para Graham.

Atrás dele, a frágil porta de tela se fechou e passos pesados se seguiram, fazendo as tábuas do chão rangerem. Dodge apareceu recendendo ao odor do porão, os ombros largos arqueados. Ele desceu os degraus da varanda e dispôs alguma coisa no mato seco em frente à casa. Depois se dirigiu à lateral da construção e suas ferramentas ficaram à vista de William, arrumadas no gramado. Um martelo, um alicate, algemas de metal.

– Mesmo na posição dele, Graham não pode fazer muita coisa – falou o chefe. – Quanto mais visado o caso se torna, mais difícil fica para ele encobrir o que quer que seja.

– Bem, é por isso que ele tem a mim e a Dodge, não é? Assim que ele localizar Wingate e a garota, nós vamos fazer com que eles desapareçam imediatamente.

Dodge voltou da lateral da casa em direção ao gramado puxando uma mangueira preta. Depois a encaixou na bica e girou a torneira.

– Vocês abandonaram a van amassada – disse o chefe. – É possível chegar a vocês através dela?

– Não – afirmou William. – As placas são antigas, sem registro, e o número do chassi foi arrancado. Se há uma coisa que sabemos fazer é depenar carros.

– Mas não foi *apenas* para isso que contratei vocês.

Apertando o buraco de saída da água com o dedão, Dodge lavava as ferramentas com a mangueira.

– Não, senhor. – William umedeceu os lábios com a ponta da língua. – Wingate vai aparecer de novo em breve. Não vai conseguir se esconder com uma criança por muito tempo. Ele já tentou embarcá-la em um voo para...

– Você devia ter matado a garota quando ela estava em suas mãos – interrompeu o chefe.

– Pretendíamos usá-la como isca primeiro. No Iraque, nossos rapazes conseguiram muitas informações dessa forma. Você tortura uma pessoa até ela gritar tão alto que todos os que ouvirem vão dizer qualquer coisa que...

– Seu tio devia ter lidado com eles na hora – continuou o chefe.

William mordeu os lábios. A barba já crescida fazia seu rosto coçar em vários pontos. Ele sentia a pulsação do sangue no pescoço, fazendo a pele latejar. Seu braço direito se sacudia um pouco em movimentos espasmódicos.

– Talvez, se o velho tivesse sido mais astucioso, pudesse ter dado a tacada inicial em Palm Springs, em vez de ir assar no fogo do inferno.

Só que o chefe não estava interessado em histórias de família.

– E a esposa? – quis saber ele. – Ela é o melhor caminho para chegar a ele e à garota.

– Ela foi transferida.

Uma pausa descontente.

– Para onde?

– Já procuramos por toda parte e nada. Graham está fazendo uma busca em todos os bancos de dados disponíveis, começando por Los Angeles e indo até...

– O estado de saúde dela estava crítico. Não pode ter sido removida para muito longe. Cheque todos os hospitais próximos. Cada um deles. Entendeu?

– Sim, senhor.

Aparentemente satisfeito, Dodge terminou de lavar as ferramentas e deixou-as no chão para secar. Depois, sentou-se na varanda a alguns passos de William e continuou a ler a revista em quadrinhos que tinha deixado virada para baixo. O hematoma em forma de pera na lateral de seu pescoço estava mudando de cor, de azul para roxo.

– Onde vocês estão? – perguntou o chefe.

– Voltamos à base para arrumar algumas coisas, mas estamos prontos para agir assim que for necessário – informou William.

– Sugiro que você descubra sozinho o momento de agir.

Então a ligação foi interrompida.

William colocou o aparelho de lado e cuspiu um bolo de restos de sementes nos degraus da varanda. O vento aumentou, enchendo as tábuas irregulares de folhas mortas. Fora isso, porém, o silêncio era completo. A casa não era a mesma sem Hanley.

Ainda mergulhado em seus quadrinhos, Dodge virou a página e um raro sorriso tomou conta de seus lábios. William deu uma olhada na página em que ele estava, na qual um cara esquelético com olhos de criança abandonada usando uma regata colada no corpo exclamava *Faca no olho!*.

William pensou no que tinha acabado de dizer ao chefe: *não é possível se esconder com uma criança por muito tempo*. Apoiando-se no corrimão, conseguiu ficar de pé com o estalo de algum osso.

– Wingate ficou com a pasta. Ele sabe que estamos vigiando todas as pessoas com quem tem qualquer ligação. Acho que deixou a garota em algum lugar seguro. Vamos dar uma olhada nos arquivos do Juizado de Menores.

Dodge piscou duas vezes e virou a cabeça de volta para a revista.

William continuou o raciocínio:

– Não, espere aí. Óbvio demais. E ele vai querer ficar com ela sob seu radar.

Atrás deles, as folhas continuavam a encher as tábuas da varanda.

Dodge deixou os quadrinhos de lado, desceu os degraus e começou a secar as ferramentas com um lenço gigantesco que guardava no bolso. Sua atenção era afetuosa e absoluta.

Algumas nuvens pequenas, quase insignificantes, tinham se materializado de repente no monte Shasta, formando um halo em volta do magnífico pico.

– Ele foi adotado – prosseguiu William. – Vai voltar às origens. – Cuspiu restos de sementes no mato e se virou para entrar na casa. – Vamos começar a checar os lares adotivos.

45

HAVIAM PERCORRIDO APENAS POUCOS quilômetros desde o estacionamento em que Mike deixara Kiki Dupleshney, mas seus pensamentos já tinham voltado à expressão triste de Kat sentada naquele banco. A culpa tomou seu corpo todo como uma doença contagiosa.

Você não é um marido. Não é um pai. É *um homem com uma missão.*

A pasta com a etiqueta vermelha estava em seu colo, com a combinação *4YCH429* encarando-o.

– Como podemos verificar essa placa? – perguntou ele.

Os dois continuavam a rodar, com Shep parecendo ridículo espremido atrás do volante do carro minúsculo.

– Hank Danville. Placas de carro são café-pequeno para detetives particulares.

– Eles estão de olho nele. Linhas grampeadas.

– Ligue para o celular e ele pode lhe dar algum número seguro de telefone fixo.

Mike obedeceu. Quando o detetive atendeu, ele falou:

– Olá.

– Maurice – respondeu Hank. – Você está querendo o número daquela loja, não é? – Em seguida ele disse uma combinação de dez dígitos. – Acho que eles abrem em cinco minutos.

Mike enfiou o telefone de volta no bolso. O arquivo no colo dele agora parecia tão pesado quanto sua importância potencial. O vento que escapava das saídas de ar cheirava a spray de cabelo. Carros passavam por eles, velozes. Ele olhou para baixo.

– Abra, não vai morder você – disse Shep.

Mike assentiu. A primeira foto, aquela que Dana/Kiki lhe mostrara no café, era uma imagem da casa de sua infância. E havia muitas outras embaixo dela, tiradas de vários ângulos. Sentiu o impulso de virar uma delas para checar o verso, como se verificasse o selo de origem de um prato de porcelana. Ali estava uma etiqueta desgastada e desbotada pelo tempo, mas ainda preservada o suficiente para que ele conseguisse ler o nome de um local: Chico.

Mike era proveniente da cidade de Chico, o que representava uma noite inteira de viagem – cerca de sete horas na caminhonete da família – até o parque em Los Angeles onde fora abandonado aos 4 anos. Lembrou que tinha acordado vestindo roupas comuns, não um pijama.

Shep o fitou com um olhar interrogativo.

Mike abriu o porta-luvas e começou a remexer lá dentro, até que encontrou um mapa embaixo de um monte de fitas cassete. Estendeu-o com alguma dificuldade sobre o painel.

– A casa onde eu cresci. Fica a cerca de 80 quilômetros daqui.

– Em que direção?

– Sudoeste. Pegando a 99.

Shep fez uma curva fechada à esquerda e Mike quase bateu com a cabeça no vidro. Quando olhou para a frente, viu a placa da estrada ficar para trás na entrada do viaduto. Em uma hora,

estaria na frente da varanda de sua ex-casa. Não parecia possível.

Quando suas têmporas começaram a latejar, ele notou que estava prendendo a respiração. Abriu o para-sol e, no espelhinho, viu os próprios olhos, um de cada cor, em um rosto pálido. Respirou fundo algumas vezes até que as bochechas ficassem mais coradas.

Achou uma caneta vermelha no porta-luvas e fez um círculo nas cidades cujos nomes tinham surgido desde que Dodge e William haviam começado a persegui-lo. Sacramento, onde ficava o órgão de combate ao terrorismo de Rick Graham; Redding, último endereço conhecido de William Burrell; Red Bluff, onde Kiki Dupleshney passava a maior parte do tempo; Chico, onde se localizava a antiga casa dos pais de Mike – tudo em um raio de cerca de 240 quilômetros no norte da Califórnia.

Shep continuava a dirigir em silêncio e Mike ficou profundamente agradecido por isso.

Pôs o mapa de lado e mergulhou mais fundo no arquivo. A velha foto polaroide de seu pai, o rosto desbotado pelo sol tão parecido com o seu. E inúmeros dados sobre Mike e seus amigos e conhecidos, quase as mesmas informações que havia na pasta que pegara na van amassada.

A última página continha um bilhete datilografado simples. Papel comum, sem assinatura, sem marca-d'água.

Nomes dos pais: John e Danielle Trenley. Seu nome falso: Dana Gage, filha dos antigos vizinhos de porta dos Trenleys. Você é a executora do testamento da família. Tem bens valiosos sob sua guarda, mas só pode transmiti-los depois que confirmar a identidade e o histórico familiar de Michael Wingate. Se ele for nosso alvo, provavelmente se mostrará emotivo e imprevisível em relação aos pais. Foi abandonado por eles aos 4 anos.

Não tente entrar em contato conosco.

Nós a encontraremos.

Mike segurava a folha com muita força, quase rasgando-a. Relaxou a mão e releu a nota.

Estava muito bem escrita para ter sido elaborada por William ou Dodge. Mike imaginou que fosse de autoria de Rick Graham. Quanto ao sobrenome Trenley, Hank não tinha encontrado nenhum John ou Danielle que o tivesse. Será que Graham tinha informado um nome falso a Kiki, para frustrar quaisquer buscas potenciais?

Shep acabara de dizer alguma coisa.

– O quê? – perguntou Mike.

– Já faz dez minutos que você tinha que ter ligado para o Hank.

Mike digitou o número e o detetive particular atendeu em meio a um ataque de tosse.

– Você está bem? – quis saber Mike.

– Os analgésicos me fazem cagar feito um coelho, mas pelo menos não sou um terrorista em fuga.

Mike falou rapidamente sobre seus últimos passos, inclusive sobre ter deixado Kat para trás,

tentando dar ao fato um caráter corriqueiro.

– Meu Deus – disse Hank.

– Eles ainda estão vigiando você? – perguntou Mike.

– Chequei o telefone do escritório ontem e percebi que tinha uma corrente pulsada de alta voltagem extra na linha. Eles devem ter posto alguma coisa na caixa de conexões. O que é notável.

– Por quê?

Uma radiopatrulha passou por eles na direção oposta e Mike se virou para olhar até que ela sumisse de vista.

– Porque, se for mesmo isso – explicou Hank –, quer dizer que eles grampearam a linha do comutador da empresa telefônica ou usaram um interceptador eletrônico, sendo que ambos são impossíveis de ser detectados. Então Graham está fazendo isso sem mandado. Se vocês forem capazes de reunir provas concretas de corrupção nessa investigação sobre sua vida ou da ligação dele com William e Dodge...

– Estamos fazendo o possível. Falando nisso, conseguimos o número da placa da caminhonete que Dodge e William dirigiam quando contrataram Kiki Dupleshney. Pode fazer uma busca para mim?

– Claro. Vou ver se consigo acessar os bancos de dados com o login de um colega, para não levantar suspeitas. Qual é o número?

Mike leu a combinação para ele.

– Como posso falar com você depois? Não se preocupe, vou ligar de um orelhão.

Mike deu o número do celular novo para Hank, que o repetiu duas vezes, guardando-o na memória.

– Mike, outra coisa: com minhas despesas médicas e as... providências, estou ficando meio duro. E você não vai poder me mandar um cheque pelo correio...

– Hank, me desculpe. – Mike bateu com a mão na cabeça. – Tenho dinheiro. Muito. Minha cabeça está completamente...

– É claro. Não tem problema.

Mike abriu a sacola a seus pés e contou o valor por alto.

– Vinte mil está bom?

– É muito.

– Não é, não – retrucou Mike.

– Eu estava mesmo pensando em deixar a cidade para ficar longe dos olhares curiosos. E... bem, todos os caminhos levam ao norte, não é?

A imagem do mapa estava refletida no para-brisa, com os círculos vermelhos que Mike fizera se destacando em um só ponto, como um enxame de abelhas. Não podia negar que também sentia que uma força o puxava naquela direção, como se as últimas três décadas tivessem funcionado como um funil para aqueles poucos centímetros de mapa.

– É – concordou ele. – Acho que sim.

– Vou seguir o mesmo sentido que o seu e podemos nos encontrar pessoalmente. Quem sabe eu possa servir para alguma coisa. Ligo para você quando tiver alguma informação sobre a placa da caminhonete. Como não depende só de mim, pode ser que demore um pouco.

Passaram por uma placa escrito CHICO – 75 QUILÔMETROS.

– Tudo bem – concordou Mike. – Também preciso de um tempo.

A calçada seguia à frente de Mike como uma seta de concreto apontando para a porta da frente. De pé no meio-fio, com as mãos enfiadas nos bolsos, o vento frio batendo nos tornozelos e no pescoço, ele encarou a casa.

Sua casa.

Muita coisa havia mudado, mas ele reconheceu a varanda, as telhas de cimento e o formato da entrada de veículos. Notou que tinha reproduzido, inconscientemente, o mesmo tipo de veneziana nas janelas das casas de sonhos do Vale Verde. A lembrança daquele lugar ressurgia dos recônditos mais profundos de sua mente, como uma âncora se elevando e trazendo consigo mais detalhes das profundezas. Ele sabia que o pinheiro retorcido no pátio lateral tinha cheiro de Natal quando chovia, que o quintal dos fundos tinha um declive no lado esquerdo, que a calha acima da janela virada para o leste fazia desenhos na vidraça quando pingos de água escorriam por ela. Lembrou-se das grandes pedras vulcânicas que enfeitavam a calçada da frente e de como ele um dia tentara levantar uma delas para pegar um lagarto e, quando olhou para as palmas das mãos depois, elas estavam cheias de sangue. Sua mãe na cozinha balançando uma revista no ar para afugentar uma mosca-varejeira que voava em círculos – *Vamos espantá-la daqui, querido. Esse bichinho significa um mau presságio*. Ele quase esperou ver seu pai sentado no degrau da varanda, com as mangas arregaçadas, fumando um charuto. Se ele estivesse vivo, como seria sua aparência agora?

Do lado de dentro, uma jovem família estava sentada à mesa da cozinha, e a cena se destacava na rua escura como um acontecimento festivo. Mike viu que não havia mais azulejos amarelos nem incenso de sálvia e que a mãe lavava os pratos do jantar rindo e brincando – *a pele dela sempre bronzeada, cheirando a canela*. Uma minivan estava estacionada na entrada da garagem – *Gostou da nossa caminhonete nova, campeão? Ela tem painel de madeira, venha ver, mas não é madeira de verdade. Passe a mão aqui* –, e ele virou o rosto na direção da brisa, os olhos se movendo para a casa dos Gages – *plantas aparadas, o Dobermann do vizinho mordendo o vendedor da loja de departamentos* –, e havia uma senhora no balanço da varanda, paciente como o próprio tempo. Ele fitou um dos lados da rua do bairro planejado e seus olhos encontraram um lago cercado. Sim, havia um lago – *ele escorregando nas pedras cheias de limo e seu pai segurando-o pelos ombros, com mãos firmes e protetoras, impedindo-o de cair na água* –, e o cheiro de algas era levado até ele pela brisa. Na outra direção, uma colina rodeada de densas fileiras de árvores tinha uma placa amarela no topo, enferrujada e desgastada pelo tempo, com a inscrição CERVO X-ALGUMA COISA, com a letra xis grande e preta acionando alguma lembrança na mente de Mike – *Ei, Joe,*

você conhece algum nome de rua que comece com X?

Shep estava parado a seu lado, esquecido havia muito. Ele cuspiu na sarjeta e saltitou no meio-fio. As pernas de Mike formigaram. Por quanto tempo tinha ficado ali em pé?

A senhora sentada na varanda dos Gages pôs seu tricô de lado e se levantou com uma careta de esforço. Mike se adiantou na direção dela.

– Senhora, com licença. Peço desculpas por incomodá-la, mas a senhora mora aqui há muito tempo?

A mulher parou, com a boca murcha, na porta de tela. Apesar das veias saltadas, as mãos dela pareciam jovens e fortes, e o xale de crochê jogado nos ombros recendia a café e fumaça de cigarro.

– Muito tempo – respondeu ela.

– Então a senhora...?

– Geraldine Gage.

Sentiu a garganta seca.

– Sou jornalista e estou procurando...

A Sra. Gage passou pela porta de tela, que bateu atrás dela, e fez um gesto na direção da casa ao lado.

– Vi você olhando para lá. Já faz anos que ninguém aparece para fazer perguntas.

– Sobre o... incidente? – perguntou Mike com cautela.

– É assim que estão chamando agora?

– Como a senhora descreveria o que aconteceu?

– Diria que foi justamente um *não incidente*. Uma família inteira sumindo da noite para o dia? Sem deixar vestígio? Depois de um tempo o banco se apossou da casa e apareceu outra família para morar aí, e depois outra. A vida continua. Imagino que deva ser assim.

O balanço da varanda oscilou com o vento e suas correntes rangeram baixinho.

– A senhora acha...? Eles pareciam pessoas que se meteriam em alguma encrenca?

– Você está pensando se não foram eles mesmos que provocaram isso? – disse ela, e deu um risinho seco. – Se existe uma coisa que a vida me ensinou é que nunca se sabe de nada. Mas não, eles não pareciam pessoas que brincavam com fogo. Se tinham inimigos? Nunca saberemos. Isso é que foi o mais chocante da história toda: eles não pareciam pessoas com quem esse tipo de coisa poderia acontecer. – Ela balançou a cabeça, parecendo irritada consigo mesma. – O que quer que *esse tipo de coisa* queira dizer.

– Qual era meu... – começou ele, então se refreou. Deu um pigarro. – Qual era o sobrenome deles?

– Você não deveria saber disso, já que está escrevendo uma matéria? – questionou ela.

– Estou escrevendo uma retrospectiva de alguns casos como este. Às vezes as informações se misturam na minha cabeça.

– O sobrenome deles era Trainor – retrucou ela.

Trainor.

Ele percebeu que tinha pronunciado o nome em voz alta, só para ver como soava em sua boca.

John e Danielle Trainor.

Michael Trainor.

Depois de todos aqueles anos, dos interrogatórios na infância, dos raios X e avaliações nos dentes para determinar sua idade, depois de todas as faturas do detetive particular, das buscas em bancos de dados, dos passeios pelo cemitério, depois de tudo aquilo, por fim, um sobrenome.

O dele.

O sobrenome falso que Kiki dissera, "Trenley", era semelhante o bastante a "Trainor" para fazer com que algo ressoasse em sua memória. Mas o nome verdadeiro era tão estranho a ele quanto o outro, e Mike ficou desanimado por sua incapacidade de se lembrar dele.

– Como eles eram? – perguntou ele, abruptamente.

– Gente normal, como eu disse – respondeu a Sra. Gage. – Eram bastante apaixonados. Andavam de mãos dadas pelas ruas, como se estivessem em lua de mel. Gostávamos muito deles. Ela era uma graça, meio hippie... acho que hoje se diria *alternativa*. Um cabelão preto muito bonito. E ele era um sujeito simpático. Costumava dar uma ajuda a Glen para... você sabe... arrastar um sofá, levantar uma escada, esse tipo de coisa. Um tipo bonito. Parecia um pouco... um pouco com *você*, se não me falha a memória. – O olhar dela ficou mais penetrante. – Eles tinham um filho.

Mike só assentiu com a cabeça, não confiando na própria voz.

– Ele teria mais ou menos a sua idade agora – continuou ela. – Michael, não é isso?

– Acho que sim.

O vento fez com que um galho pesado roçasse musicalmente nas ripas da varanda.

– Bem – disse ela –, agora preciso entrar.

A voz dele soou como se pertencesse a outra pessoa:

– E ele? O que aconteceu com o garoto? – Seu rosto enrubesceu. – Os dois pareciam próximos a ele? Quero dizer, independentemente do que tenha acontecido, é estranho abrir mão de um filho daquela forma.

Ela refletiu por um instante, com as costas levemente encurvadas. Aos olhos de Mike, ela pareceu entender o que estava acontecendo ali, ou talvez ele estivesse só imaginando coisas.

– Ele era muito amado – afirmou ela.

Então a senhora sumiu dentro da casa.

Ele ficou em pé ali um instante, estático, ouvindo os grilos.

Shep tinha ido esperá-lo no carro. Mike parou ao lado da porta do carona e olhou atentamente para sua antiga casa mais uma vez. A menina estava sentada em um banco na frente da pia do banheiro, penteando o cabelo antes de ir se deitar. Seus movimentos eram descoordenados ao

passar a escova pelos nós. Devia ter no máximo 6 anos.

Ele sentiu o telefone vibrar no bolso, mas só saiu de seu transe depois que o aparelho tocou alto algumas vezes.

– O número da placa é de uma picape GMC Sierra 1500. – A voz de Hank estava animada enquanto ele dirigia. – O carro está registrado no nome de uma empresa chamada Cassino Deer Creek.

– Um *cassino*? – repetiu Mike.

– E adivinha onde fica? – disse Hank.

– Onde?

– Você está em Chico, não é? Olhe na direção nordeste. Está vendo uma montanha?

– Está escuro.

– Sei... Bem, é o monte Lassen. É lá que fica o cassino. Você deve ter passado por algum outdoor de propaganda no caminho para aí.

– Meu sobrenome é Trainor – falou Mike.

Seguiu-se um longo silêncio. Dentro da casa, a menina tinha conseguido desembaraçar quase todo o cabelo. As mechas cor de mel pareciam macias e sedosas. Quando ela estava prestes a sair do banheiro, olhou pela janela e percebeu a presença de Mike parado ao lado do carro estacionado no meio-fio.

– Trainor – repetiu Hank.

– Isso mesmo.

– Ainda vou continuar na estrada por mais um tempo, mas vou ver o que consigo descobrir.

A menina levantou a mão e acenou para ele. Mike acenou de volta.

– Eu também.

46

O RIO DEER CREEK SE desvelou na lateral da estrada, surgindo e desaparecendo em piscadelas intervaladas de acordo com o curso da rodovia. Diferentes tipos de paisagem se sucediam ao longo do caminho, mas os faróis fracos do carro quase não conseguiam acompanhar o ritmo da topografia mutante. Primeiro viram pomares cheios de nogueiras e oliveiras. Depois passaram por terrenos acidentados onde carvalhos surgiam aqui e ali. Finalmente, o monte Lassen se agigantou à frente deles, com sua abundância de arbustos de sálvia, abetos e pinheiros fincados no chão de terra vermelha e seus diversos planaltos rochosos. A brisa noturna que entrava pela janela de Mike limpava seus pulmões e clareava seus pensamentos.

As placas de sinalização começaram a ficar mais frequentes e o trânsito, mais intenso, conforme foram se aproximando do Cassino Deer Creek. Então, finalmente, a construção parecida com um shopping surgiu à vista. O estacionamento estava lotado e havia uma fila de carros do lado de fora esperando para entrar, enquanto idosos desciam de ônibus de centros comunitários e funcionários no intervalo do trabalho se aglomeravam nas saídas, procurando os melhores pontos de recepção para celulares. Um cliente cadeirante após o outro desembarcava, através de um elevador mecânico, de uma van do Centro de Vida Ativa e Novos Começos, que exibia na lateral a logo de um sol dando uma piscadela. Alguns manifestantes formavam um círculo na frente do prédio, fumando e ignorando o fluxo contínuo de apostadores, que por sua vez também os ignoravam. O cassino não tinha a iluminação de Las Vegas nem cantoras seminuas circulando. Parecia mais um supermercado Walmart.

Shep vistoriou os arredores e viu que, na lateral do prédio, ao lado das diversas vagas para deficientes físicos, ficava a área reservada aos veículos dos funcionários. Cada um dos espaços continha, à frente, um bloco de concreto pintado com o nome da pessoa e o cargo. Depois que Shep parou na vaga do diretor financeiro, eles desceram do carro e olharam, um por um, os para-choques traseiros dos outros veículos. Quase todos exibiam placas de repartições policiais e vários adesivos brilhantes: Fundação da Polícia Rodoviária da Califórnia, Associação dos Delegados, Amigos do Departamento de Polícia de Sacramento.

Mike poderia apostar que a administração do cassino tinha algum aliado no Centro de Combate ao Terrorismo da Califórnia.

Ele parou diante de uma picape Sierra preta e apontou para a placa, que ficava entre um adesivo do D.A.R.E., o Programa de Educação de Resistência às Drogas do país, e um decalque brilhante do Corpo de Bombeiros. O número era o mesmo que Kiki Dupleshney tinha anotado na pasta com informações sobre Mike. Ali estava a caminhonete que William e Dodge usaram quando a contrataram.

Mike deu a volta ao redor do automóvel, passando o dedo ao longo da pintura. Havia um cartão de estacionamento pendurado em um cordão no espelho retrovisor. Nele, uma foto de 5x5 centímetros mostrava William com os traços suavizados por um sorriso afável. Funcionário modelo.

– A gente devia... – começou a dizer Mike.

Mas Shep já estava dentro da caminhonete, guardando uma das peças de seu kit de arrombamento no bolso da frente da camisa.

Mike se agachou para ler as informações pintadas no bloco de concreto – WILLIAM BURRELL, TÉCNICO EM SEGURANÇA. Shep vasculhou o porta-luvas e encontrou um contracheque. Mostrou o documento a Mike, apontando para o cargo que o amigo acabara de ler fora do carro. Um eufemismo para o que William realmente fazia.

– Sem retenção de impostos – observou Mike dando uma olhada no contracheque. – Freelancers são mais difíceis de rastrear. Foi por isso que Hank não conseguiu encontrá-lo.

O barulho de uma máquina caça-níqueis indicando que alguém ganhara o prêmio acumulado percorreu o estacionamento e chegou até eles, seguido de gritos animados.

– Então quer dizer que aqui é o final da estrada – disse Shep. – O lugar que sustenta os assassinos que estão atrás de você e de sua família.

Não uma pessoa, pensou Mike, *mas um maldito cassino.*

– A única pergunta que resta é: *por quê*? – continuou Shep.

As letras amarelas e turquesa do letreiro do cassino provocaram em Mike uma sensação que ele não conseguiu definir. Um dos manifestantes entendeu mal seu olhar e levantou a placa de modo que ele pudesse ver melhor o que estava escrito nela: *POR QUE NÓS TEMOS QUE PAGAR IMPOSTOS E OS CASSINOS NÃO?* Mike fez um gesto de concordância com a mão – *Obrigado, entendi* –, depois virou a cabeça em direção à entrada.

– Será que devemos dar uma volta por aí?

– Não posso entrar – disse Shep, mexendo no porta-luvas. – Os cassinos têm um software de reconhecimento facial, então...

– E eles usam essa tecnologia toda?

– É claro. Eles estão sempre atentos a jogadores profissionais, golpistas, assaltantes armados... – respondeu ele. Então fez uma pausa significativa. – E arrombadores de cofres. – Tirou do porta-luvas um boné de beisebol da famosa marca John Deere e meio saco de sementes de girassol. – Já *você*... – prosseguiu Shep, enfiando o boné na cabeça de Mike e colocando um punhado de sementes em sua mão. – Você não consta dos bancos de dados dos cassinos. De qualquer forma, para o caso de terem incorporado as listas de alertas policiais, encha a boca com essas sementes, armazenando-as por dentro das bochechas, e coloque algumas cascas nos lábios. Isso vai ser o suficiente para mudar o formato de seu rosto e enganar o programa de reconhecimento.

Mascar comida que iria para a boca de William causou uma sensação de repulsa em Mike, mas ele fez o que Shep tinha mandado, sem tirar os olhos da entrada do cassino.

– É melhor você saber onde Kat está – falou ele para Shep. – Caso William e Dodge consigam colocar as mãos em mim.

– Não.

– Não?

– Não quero saber – disse Shep. – A probabilidade de me pegarem aqui fora é a mesma de capturarem você lá dentro. E todo homem tem um limite de resistência à dor.

– E o meu é mais alto que o seu? – questionou Mike.

– Não sou o pai dela – concluiu Shep.

Mike assentiu e saiu andando em direção ao prédio.

Lá dentro, luzes piscantes, máquinas de jogo barulhentas, fumaça rançosa, ar refrigerado, gosto salgado de sementes de girassol – toda a adrenalina inerente à situação em que se encontrava deixou Mike totalmente desorientado.

Grupos de idosos disputavam um lugar nas mesas de apostas de 5 dólares. Cadeiras de rodas retiniam ao esbarrar em cinzeiros de pé cheios de guimbas de cigarro. Garçonetes usavam vestidos de motivos indígenas com longas fendas nas coxas. Circulavam com bandejas repletas de drinques como vodca com energético e uísque com Coca-Cola, com um sorriso sensual estampado no rosto, como se fossem versões pervertidas da Pocahontas. Nas paredes, pinturas a óleo de águias planando.

Funcionários da equipe responsável por recolher o dinheiro das máquinas tiravam latas de moedas dos caça-níqueis e as alinhavam em carrinhos com rodinhas, que empurravam ao longo do salão. Mike percebeu que esses empregados eram os únicos que não usavam uniformes chamativos. De calça preta e polo branca com a logo do cassino, estavam vestidos de forma a se misturarem à multidão e a não atrair a atenção dos clientes para o fato de que todo aquele espetáculo estava sendo alimentado com o dinheiro deles, que ia sendo transportado para a caixa-forte pelos carrinhos.

As passagens de um salão a outro tinham nomes de inspiração indígena, assim como as placas de sinalização e diversos outros elementos do cassino.

Um homem obeso dirigia uma cadeira de rodas motorizada, acompanhado pela esposa, que caminhava ao seu lado com um apanhador de sonhos comprado em uma loja de presentes pendurado no dedo. O olhar do homem foi atraído por um garçom que usava um cocar e servia drinques coloridos em uma festa de despedida de solteira.

– Meu Deus! – disse ele, espantado. – Isso não incomoda os índios?

– Que índios? – respondeu a mulher dando um riso abafado. – Ainda não vi nenhum funcionário que não fosse mexicano.

Distraído tentando achar William ou Dodge, Mike quase tropeçou em um andador abandonado no caminho. Dada a sua exaustão, toda aquela movimentação no salão o deixou com os nervos à flor da pele. Ele não fazia ideia do que estava procurando.

Encostou-se em uma parede e abaixou a aba do boné para cobrir os olhos. Um cassino parecia um ótimo lugar para passar despercebido, mas ele tinha total consciência das câmeras de segurança escondidas nos domos do teto.

De repente, esbarrou com o cotovelo em uma vidraça, produzindo um som seco, e quando se virou deu de cara com Rick Graham encarando-o fixamente de uma foto dentro de um quadro de

vidro na parede.

Com a respiração acelerada, ele fitou aquele rosto, que continuava olhando-o.

Graham estava com o braço esticado na direção de uma fileira de computadores, exibindo-os como se fossem um prêmio de programa de auditório. Os cabelos escuros e espessos, a prega nos lábios, a constituição física robusta. Mike se lembrou dele na porta da frente de sua casa enquanto Annabel se esvaía em sangue largada no chão. *Recebi um chamado por rádio e era quem estava mais próximo*. Com amargura, recordou o alívio que sentiu quando Graham tinha surgido – socorro, enfim.

A matéria do *Sacramento Bee* que vinha com a foto de Graham alardeava que o Cassino Deer Creek doara seu software de reconhecimento facial e vários computadores para o Centro de Combate ao Terrorismo. Graham, habitante de Granite Bay, na Califórnia, era considerado um herói local.

Estupefato, Mike olhou para o alto do quadro, onde um título alegre proclamava DEER CREEK NA COMUNIDADE!. Então deu um passo para trás, chocado com o restante das manchetes de jornal: FUNDO DE VIÚVAS DE POLICIAIS TIRA A SORTE GRANDE COM DOAÇÃO DE CASSINO; TRIBO APOIA LEI QUE OBRIGA A DIVULGAÇÃO DE NOMES DE CRIMINOSOS SEXUAIS; CASSINO DEER CREEK OFERECE AO ESTADO SEIS NOVOS OUTDOORS ELETRÔNICOS PARA ALERTAR SOBRE CRIANÇAS SEQUESTRADAS. Havia fotos de doações de capacetes de motocicleta para a Polícia Rodoviária da Califórnia, de armários de armas para delegacias, de coletes à prova de balas para os departamentos de Polícia de Sacramento, São Francisco e Los Angeles. Outra foto mostrava um homem sorridente, com um terno caro e um chapéu de caubói, apertando a mão do próprio governador, que estava com o braço em seus ombros. Em cima da imagem havia os seguintes dizeres, escritos com pincel atômico: *A todos os funcionários do Cassino Deer Creek, amigos meus e da Califórnia*. Abaixo, a assinatura do governador.

Desde o início, as forças policiais tinham fechado o cerco contra Mike e sua família. As palavras de Hank ecoaram em sua cabeça: *Vão suspeitar de quem devem suspeitar e alertar quem devem alertar*.

O Cassino Deer Creek era bem relacionado e tinha o poder de fazer o que quisesse contra Mike. Mas por quê? Por que queriam matar a ele e sua filha? Essas perguntas tomaram conta de sua mente.

De repente, uma garçonete surgiu perto dele após passar por uma porta sem sinalização. Mike viu que a passagem dava em um corredor que levava aos escritórios. A bandeja da mulher estava vazia.

– Com licença, onde posso obter informações sobre a tribo? – perguntou ele.

Ele ficou com medo de estar próximo demais e que ela percebesse as sementes de girassol socadas em sua boca.

Ela sorriu por baixo de um cocar de princesa indígena que se contrapunha a seus cachos ruivos. Sua pele era clara e sardenta – devia ser irlandesa.

– No Santuário Tribal. Vá por aquela escada.

Mike subiu as escadas com ar sonhador, passou por um arco com uma placa que dizia A HISTÓRIA DA TRIBO DEER CREEK e entrou no que parecia ser uma espécie de exposição. A iluminação era suave e painéis de veludo preto exibiam fotos desgastadas pelo tempo com legendas embaixo, como em um museu. Alguns turistas percorriam o salão sem entusiasmo, como se estivessem cumprindo uma obrigação escolar. De alto-falantes ocultos soavam cânticos crepitantes, sons que Mike associou a ritos indígenas. O salão, assim como o restante do cassino, tinha um ar de atração de parque temático.

De uma TV de tela plana presa à parede, um índio com pele cor de cobre saudava os visitantes. A imagem era uma simulação gerada por computador e o homem parecia um típico nativo americano – maçãs salientes, boca larga, nariz grande e porte ereto. O rosto de traços lineares e expressão estoica denotava a sabedoria de quem vive da terra. Mike se pegou olhando para o cabelo preto escorrido com descrença e uma terrível sensação de reconhecimento. Todos aqueles elementos e alusões se enfileiravam em sua mente de uma forma chocante.

Bem-vindos, amigos. Sigam a trilha e vou lhes contar a lenda da tribo Deer Creek.

Mike seguiu em frente com dificuldade, a cabeça pesada e confusa, como se estivesse acordando de uma anestesia geral. As fotos e os recortes nos painéis contavam a lenda anunciada.

O povo Deer Creek, dizia o índio na TV, *habita o norte da Califórnia há cerca de quatrocentos anos*. Conforme a voz ritmada continuava, Mike fazia um esforço imenso para prestar atenção às imagens que se seguiam. Várias delas mostravam índios caçando com arco e flecha, construindo armadilhas, usando arpões e redes de pescar. As mulheres eram retratadas em grupo, tecendo com plantas e fazendo tranças nos longuíssimos cabelos.

Mike andava em um ritmo normal, mas seu sangue pulsava acelerado em suas veias.

A parte seguinte da exposição tratava das crenças dos membros da tribo. Pica-paus simbolizam riqueza e boa sorte. Dormir com o rosto voltado para a lua atrai doenças. *E uma mosca-varejeira voando dentro da tenda quer dizer que o mal está rondando sua família*, informava o índio virtual.

Mike ficou todo arrepiado.

De repente uma lufada de incenso alcançou suas narinas. Sálvia. O cheiro de sua infância.

Suas pernas ficaram paralisadas, mas o guia continuava: *Em seu apogeu, esse orgulhoso povo falante da língua hokan, parente distante da tribo Yana, chegou a cerca de dois mil componentes. Muitos dos índios desta região tiveram que desocupar seu território em marchas forçadas. Doenças como sarampo, febre tifoide, varíola, tuberculose e disenteria reduziram ainda mais a população. Nos anos 1860, houve diversas batalhas entre os nativos e os colonizadores brancos, durante as quais muitas tribos foram exterminadas. Felizmente, porém, um grupo remanescente da tribo Deer Creek sobreviveu para ver o alvorecer do século seguinte*.

Mais imagens se seguiram: índios de luto, com os cabelos cortados e as cabeças cobertas de piche; mortos sendo cremados; rostos aflitos. Mike queria que o índio parasse de falar tão pausadamente e pronunciasse as palavras em ritmo normal, mas isso não parecia possível. *Os sobreviventes conseguiram obter a própria pequena reserva, de 8 quilômetros quadrados de*

terra, sendo o governo o beneficiário do fideicomisso. Depois vieram os flagelos modernos: suicídio, diabetes, alcoolismo. Com o passar das décadas, a terra foi sendo dividida em lotes, até que poucos espaços valorizados restaram. Por volta dos anos 1950, muitas pessoas chegaram a acreditar que a tribo Deer Creek estava totalmente extinta.

A seção histórica era composta por mapas empoeirados e tratados governamentais caprichosamente organizados em pastas. Acordos entre nações indígenas soberanas e os Estados Unidos são considerados pertencentes ao domínio público, e aqueles referentes à tribo Deer Creek estavam orgulhosamente expostos ali. De repente Mike bateu os olhos em um contrato de acordo fiduciário estabelecido entre a Deer Creek Tribal Enterprises e o governo federal. O cassino e a empresa subordinada a ele estavam sendo colocados em fideicomisso, assim como o que restava da reserva também tinha sido e era agora administrado pelo governo.

Ele leu o documento, cheio de termos jurídicos, e confirmou o que já percebera. A administração do cassino tinha sido nomeada como a beneficiária do fideicomisso, "com todos os poderes correspondentes" em relação a bens e terrenos. A administração permaneceria no comando enquanto não houvesse "nenhum membro da tribo pronto e capaz" de atuar. No caso de quaisquer membros da tribo se materializarem, se tornariam os únicos beneficiários e gozariam de "plenos poderes e total autoridade" para gerir o negócio.

A boca de Mike estava seca e com um gosto amargo devido ao resíduo de sementes de girassol.

Com as mãos trêmulas, folheou algumas páginas, procurando a definição dos termos. "'Membro da tribo' refere-se a uma pessoa, conforme definido nos regulamentos tribais, com no mínimo um oitavo (1/8) de sangue da tribo Deer Creek."

As entranhas de Mike gelaram.

Ele percebeu que o índio virtual continuava falando sem parar. *Em uma manhã fria de abril de 1977, um andarilho descobriu uma mulher vivendo sozinha em uma cabana de madeira. O nome dela era Sue Windbird. Ela era a última integrante do povo Deer Creek.*

Ano de 1977 – pouco tempo antes de Mike ser abandonado no parque. Com a cabeça zumbindo de expectativa, ele deu a volta em uma pequena divisória. Quando viu um retrato que mostrava a imagem de uma índia idosa, ficou sem fôlego.

Ela aparecia sentada com um cobertor no colo, com as mãos de dedos curvados como garras apoiadas em cima dele. Seu rosto queimado de sol expressava uma vivacidade travessa e seus dentes estavam mais bem conservados do que se poderia esperar. Mas foram seus olhos que fizeram Mike ficar sem ar.

Um era castanho. O outro, cor de âmbar.

47

MIKE SAIU DA EXPOSIÇÃO andando com dificuldade e, ao pisar no patamar da escada, ficou aliviado ao receber uma lufada revigorante de ar refrigerado no rosto quente. Encostou-se na parede para recuperar o fôlego e secou a testa encharcada de suor com a manga da camisa.

A imagem de Sue Windbird continuava em sua mente. Abaixo deste retrato havia uma plaqueta de bronze com o nome dela, um ponto de interrogação no lugar da data de nascimento e o dia de seu falecimento: 10 de agosto de 1982.

Sue Windbird, porém, obviamente não era a última de seu povo.

Apesar de já ter morrido fazia décadas, aqueles olhos inconfundíveis eram como uma seta apontando para ele e Kat. Qual tinha sido o termo que William tinha usado? *Olhos de gato*.

Mike não conseguia lembrar se sua mãe também tinha heterocromia, mas se recordava claramente de seus longos cabelos negros escorrendo pelos ombros. As maçãs do rosto salientes. Aquela pele sempre bronzeada, inclusive no inverno. Ele fazia parte de uma linhagem enterrada, pertencente a uma cultura da qual só conhecia os maias e os holandeses da Pensilvânia. Mas lá estava o sangue indígena correndo por suas veias. E pelas de Kat.

As consequências desse fato se desenrolavam em sua mente, deixando-o desorientado. Como não havia membros vivos da tribo Deer Creek, era a administração do cassino quem comandava o lugar, ficando com todo o lucro.

Aquelas pessoas estavam dispostas a matar gerações de uma família para garantir que a tribo continuasse extinta.

Alguns universitários passaram por Mike fazendo uma grande bagunça, divertindo-se com seus drinques em punho e arrancando-o de seus pensamentos. Ele se esforçou para agir com naturalidade, para se reintegrar ao ambiente que o cercava. Agarrou o corrimão e desceu em direção à confusão do salão de jogos. Quando chegou lá embaixo, foi tomado de assalto por luzes piscantes e rostos suados, mas manteve-se no canto, colocando um pé diante do outro, com o olhar fixo na saída, sem olhar para mais nada.

Foi por isso que não viu o ombro parado à sua frente até colidir com ele. Era um homem usando um casaco de couro preto com a logo vermelha da Ducati, uma marca de motocicletas de corrida.

Mike sentiu uma mão afastá-lo para o lado.

– Preste atenção por onde anda.

O sujeito poderia parecer bem mais jovem a distância, mas, como Mike estava praticamente em cima dele, notou a pele esticada como resultado de um lifting facial e os cabelos brilhosos tingidos de preto. Devia ter cerca de 65 anos. Seus dentes eram perfeitos, de uma brancura impressionante, e sua postura era a de uma pessoa segura de sua posição no mundo. Ele olhou para Mike apenas de relance, porque estava focado nas mesas de vinte e um do outro lado do salão.

Assim como William e Dodge, parados logo atrás do homem. Os três estavam reunidos perto da porta por onde a garçonete surgira antes. Mike ficou paralisado. Abaixou a cabeça, escondendo o

rosto por baixo da aba do boné, e conseguiu se virar para o outro lado.

Enquanto se afastava, ele ouviu o homem de casaco de couro exigir:

– Quero resultados, rapazes. Rápido.

Depois escutou a voz rouca de William, como se fosse uma unha arranhando a espinha de Mike de alto a baixo:

– Vamos pegá-los, chefe.

Ainda abalado, Mike começou a correr pelas vagas de funcionários, com Shep em seu encalço.

– Como assim? Tipo... um índio de verdade? – perguntou Shep.

Mike cuspiu a pasta formada por sementes de girassol no chão.

– É.

– Mas um índio mesmo? Cachimbo da paz, dança da chuva, essas coisas?

– É, Shep. Isso aí.

– *Você?*

Lá estava, na frente do estacionamento, uma Ducati combinando com o casaco de couro do homem do cassino. Elegante e robusta, a motocicleta parecia tanto um avião de caça quanto um brinquedo de ação blindado. Mike se agachou e leu as informações no bloco de concreto: BRIAN MCAVOY, DIRETOR EXECUTIVO.

Brian McAvoy.

O chefe.

– Para onde vamos agora, Touro Sentado? – perguntou Shep.

– Rick Graham. – Mike pensou na matéria de jornal que descrevia o herói local de Granite Bay. – Vamos ver se o nome do nosso garoto está na lista telefônica?

48

A ROUPA DE CAMA BRANCA, à luz prateada da lua, parecia uma cobertura de glacê. O casarão decorado em estilo colonial tinha candelabros de chifres de veado e um telhado triangular, o que conferia uma altura livre maior no segundo andar. O imóvel parecia caro demais para ter sido adquirido com o salário de um policial, ainda que o agente em questão fosse o rei do contra-terrorismo na Califórnia. O condomínio de casas particulares, meia hora ao norte de Sacramento, combinava mais com sócios de escritórios de advocacia e donos de vinhedos.

Uma brisa fria entrou pela porta aberta em direção à varanda às escuras. O vento bateu nos cabelos de Rick Graham, que dormia com a cabeça apoiada em um travesseiro. Ele emitiu um ruído incompreensível e esticou a mão para ligar o abajur na mesinha de cabeceira. Quando a luz se acendeu, o policial teve um sobressalto.

Mike estava sentado em uma poltrona rústica ao lado da cama, com o 357 pousado casualmente no colo, o cano apontado para o peito de Graham. As luvas de couro preto que usava deixavam suas mãos invisíveis na escuridão.

– Você tem alguma ideia de a quem esta casa perten... – começou a dizer Graham, então levou um susto ao reconhecer Mike. Ele usava um pijama de flanela com o botão de cima aberto, revelando um tufo de pelos no peito. – Deixe-me adivinhar: você veio aqui para acabar com meus pneus de novo.

Mike segurou a arma com um pouco mais de firmeza.

– Como você passou pelo portão? – perguntou Graham. Uma de suas mãos continuava embaixo do travesseiro, formando um montinho a seu lado. – Esta casa tem um sistema de segurança muito sofisticado. Tudo isto está sendo gravado.

Mike apontou para a câmera instalada acima da porta aberta, virada para eles. E disse:

– E as imagens são salvas automaticamente no HD do Dell em seu escritório.

Graham engoliu em seco.

– Você parece ter uma ligação de longa data com o Deer Creek – continuou Mike.

Graham tirou rapidamente a mão de baixo do travesseiro empunhando um 38 Special, que mirou na cabeça de Mike antes que ele tivesse tempo de levantar a arma do colo.

Os lábios de Graham formaram um meio sorriso enquanto ele engatilhava o revólver.

Mike fez um gesto com a cabeça na direção da parte de cima do pijama de Graham.

– Dê uma olhada em seu bolso.

Ainda segurando a arma com firmeza, Graham levou a outra mão até o bolso da camisa e tateou. Ouviu um barulho metálico e então um dos projéteis escorregou para cima dos lençóis enquanto ele olhava sem ter o que fazer.

Mike pôs um calcanhar na beirada da cadeira e apoiou o braço com a arma em cima do joelho levantado.

Graham engoliu em seco de novo e baixou o revólver descarregado, que sumiu em meio aos lençóis.

– Se você não me matar, eu lhe conto tudo – disse ele.

Mike assentiu ligeiramente.

– Promete? – insistiu Graham.

– Prometo.

Isso pareceu deixá-lo um pouco mais calmo.

– Se você conhece o perfil de alguém, conhece o máximo possível dessa pessoa. E, pelo seu perfil, posso dizer que você não é um mentiroso.

Mike levantou um pouco a arma e Graham arregalou os olhos.

– Em geral, não – respondeu Mike.

– O que quer saber?

– Qual é sua ligação com o Deer Creek.

Graham umedeceu os lábios.

– Vamos começar do início. Eu e Brian McAvoy. Ele havia acabado de se formar em administração hoteleira na Universidade de Nevada, em Los Angeles. Tinha o dinheiro da família e vitalidade de sobra, e estava doido para usar os dois. Eu era um policial em início de carreira, louco para subir na hierarquia. Achamos que um poderia ser útil ao outro. Então ele criou um comitê de pesquisa de mercado com a função de procurar oportunidades de expansão no setor de jogos de azar fora de Las Vegas.

– Daí ele conheceu Sue Windbird.

– Isso. Ela era um bilhete de loteria premiado. As tribos costumam gastar fortunas com petições, lobistas, advogados, especialistas em acordos legais, historiadores e genealogistas só para conseguir o que Sue Windbird já tinha.

– E o que era isso?

– Você não faz a menor ideia do alcance disso tudo, não é? – Graham deu um risinho para ganhar tempo. Ele estava tenso, isso era claro, mas também tinha prazer em fazer esse jogo. – A Secretaria de Assuntos Indígenas achou que a tribo a que ela pertencia já estivesse extinta. Então, nos anos 1970, a Deer Creek passou batido pela rigidez das regulamentações de reconhecimento indígena. Mas só porque uma tribo tem um membro sobrevivente, isso não quer dizer necessariamente que ele retenha todos os direitos relacionados a ela. A menos que – nesse ponto seus olhos brilharam de excitação – o território nunca tenha sido abandonado. E adivinhe só: durante todo o tempo em que a terra foi escavada, repartida e dividida em lotes, a velha Sue permaneceu sentada na sua cabana de merda localizada no meio de centenas de quilômetros quadrados de reserva designada como original. Uma tribo reconhecida em nível federal em terra soberana com um membro moribundo restante. Sabe o que isso significa?

– Diga-me.

– Aquele território – continuou Graham fazendo um gesto amplo com as mãos –, aquelas

centenas de quilômetros quadrados, constitui uma nação soberana minúscula no meio da Califórnia. Ou seja, não está sujeita às leis dos Estados Unidos da América. – Ele fez uma pausa dramática. – Não estamos falando só de ter o monopólio sobre algo que é ilegal em qualquer outra parte do estado, como os jogos de azar. Estamos falando de não precisar seguir leis de zoneamento e regulamentações federais. Apesar de poderem perseguir criminosos em terras indígenas, os Estados Unidos possuem uma *jurisdição criminal* instável sobre esses territórios. E sabe o que é melhor? Cada centavo de lucro tem cem por cento de isenção de imposto.

Mike pensou nos manifestantes do lado de fora do cassino: POR QUE NÓS TEMOS QUE PAGAR IMPOSTOS E OS CASSINOS NÃO?

– Isso sem falar na localização! – prosseguiu Graham. – Existe um bairro planejado de aposentados a poucos quilômetros do paraíso fiscal. Estamos falando de sete mil casas, um índice de 1,8 pessoa por lote. Todos aqueles velhos babões podem descontar o dinheiro que recebem do governo e ir direto torrá-lo no cassino.

Mike pensou em todos os aposentados que tinha visto no Deer Creek, enfiando moedas nos caça-níqueis e jogando fichas nas mesas de jogo.

– O setor indígena de jogos de azar ultrapassa os 25 *bilhões* de dólares anualmente, mais do que as receitas do mesmo tipo de Las Vegas e Atlantic City juntas – afirmou Graham com uma expressão de satisfação e orgulho.

Os dentes trincados de Mike faziam seu maxilar doer.

– O que significa uma influência gigantesca.

– Você nem imagina. Foram os cassinos indígenas que mais contribuíram para o caixa dois das campanhas nas últimas eleições do estado. Praticamente colocaram o governador no cargo. Porra, *só* o Deer Creek comprou 35 mil dólares em ingressos para a posse do Obama. – Graham fez uma pausa e umedeceu os lábios. – McAvoy começou com um bingo. Então passou para loterias, cartões perfurados e caça-níqueis não fiscalizados. Os lucros não eram os mesmos de agora, porque ele ainda tinha que responder a muitos processos. Então, em 1987, a Suprema Corte acabou com todas as restrições a jogos de azar em territórios indígenas. Uma nova era teve início. Lembra quando o orçamento da Califórnia ficou no vermelho há alguns anos, um déficit de cem milhões de dólares?

Mike assentiu.

– O Deer Creek cobriu. Apesar de o valor ser uma *ninharia* comparado ao que o cassino pagaria em impostos reais ao longo de todos esses anos, eles foram muito espertos. Fizeram alguns acordos e acabaram gastando menos, mas com as pessoas certas.

– Como...? – Havia mais perguntas na cabeça de Mike do que ele conseguia verbalizar. – Como eles conseguiram se dar bem usando uma senhora de 90 anos à beira da morte?

– Como é que se dá bem em qualquer coisa no mundo? – disse Graham. – Com consultoria jurídica especializada. McAvoy desencavou um dispositivo legal antigo que dizia que todas as vendas realizadas em território indígena não tinham nenhum valor, a menos que tivessem sido pré-aprovadas pelo governo federal. Só que quando a reserva do povo Deer Creek foi loteada e

vendida, ninguém sabia como obter a aprovação federal. Então McAvoy ameaçou questionar centenas de vendas de imóveis e títulos de propriedade. Estamos falando de 8 mil metros quadrados de terras no norte da Califórnia. Os advogados dos grandes proprietários começaram a ter que lhes dizer que eles talvez não fossem mais donos de suas casas e de seus negócios. Projetos imobiliários foram cancelados. Os bancos pararam de aprovar financiamentos. Não demorou muito para que McAvoy conseguisse dar a Sue Windbird o que era dela por direito.

– E ele garantiu os próprios interesses prometendo criar um fundo e administrá-lo em nome da tribo – completou Mike. – Então, depois que Sue Windbird morreu, ele pôde ter o próprio caixa automático sem pagar nenhum imposto por isso.

– Isso mesmo, e com toda a razão. Ou você acha que sua bisavó teria alguma capacidade de construir um negócio de bilhões de dólares sozinha? Quando a encontramos, ela ainda estava catando frutinhas no mato e cagando num banheiro improvisado do lado de fora da casa. Aquela mulher viveu seus últimos dias feito uma *rainha*. Eles a produziam toda com roupas indígenas ridículas para ir às inaugurações cortar as fitas. Ela bebia uísque envelhecido em barris de carvalho e só comia do bom e do melhor.

– Quando McAvoy descobriu que ela tinha um filho?

– *Todo mundo* sabia disso. Era um índio bêbado. Morreu em um acidente de carro em 1959. O que *ninguém* sabia era que ele tinha engravidado uma mulher branca.

– Vocês descobriram isso quando fizeram a árvore genealógica para provar o direito de Windbird sobre a terra?

Graham pareceu impressionado.

– É. Achamos que estávamos seguros e então... *bum*! Uma menina tinha nascido em 1951. Levou algum tempo, mas nós conseguimos encontrá-la.

– *Nós* – falou Mike. – Você continua a falar na primeira pessoal do plural.

– Como eu disse, estou associado ao Deer Creek desde o início. Além disso, quem você acha que banca metade da nossa agência? McAvoy doou cinquenta por cento do equipamento policial ao estado. Não vamos nos enganar dizendo que existe uma separação clara entre o que é público e o que é privado.

– É assim que mantêm toda a polícia comendo na mão de vocês.

– Sou diretor da maior agência de combate ao terrorismo do estado. Não *preciso* de policiais corruptos. O que eu faço é simplesmente apontar "suspeitos". Se os policiais me ajudam, não é corrupção. Eles estão apenas fazendo seu trabalho, cumprindo as ordens dos superiores. Eu levanto a suspeita e eles fazem a investigação.

– Qual era o nome da garota? – indagou Mike, forçando-o a voltar ao assunto.

– Danielle Trainor.

– Minha mãe.

– Isso mesmo.

Se a mãe de Mike era metade índia, então Mike tinha um quarto de sangue indígena. E Kat, um

oitavo.

Graham passou a mão pelo rosto, que estava um pouco abatido. Por um instante, Mike percebeu um lampejo de remorso em seus olhos. No entanto, Graham continuou seu discurso com rispidez, assumindo uma atitude defensiva e lançando mão de um argumento que parecia defender havia anos:

– Com o dinheiro que McAvoy tinha investido, ele não podia deixar nenhuma ponta solta: ninguém poderia saber da existência da sua mãe. Da mesma forma, agora não pode deixar que você apareça e ponha as mãos no império que ele construiu. Nem que sua filha cresça e abra um processo reivindicando os direitos sobre a operação toda. Seja sincero: você não faria a mesma coisa?

Mike se limitou a encará-lo, sem responder.

– É claro que, na sua posição, vai me dizer que não. Mas você precisa entender que existe muita coisa em jogo.

– Um cassino indígena sem um só índio.

– Isso mesmo – respondeu Graham em um tom dissimulado. – Estamos apenas gerenciando o cassino em fideicomisso.

– Em nome de uma tribo extinta – complementou Mike.

– Nem tão extinta assim, não é mesmo?

Mike se inclinou para a frente e os olhos de Graham se fixaram no cano do 357. O suor começou a escorrer pelo rosto dele, que levantou as mãos e disse:

– Veja bem, posso ser bacana com você nessa questão. Provar o seu direito vai ser muito difícil...

– Meu *direito*?

– Você não vai conseguir porra nenhuma sem aquele documento genealógico. É por isso que McAvoy o deixa escondido em seu cofre particular, atrás da pintura de um curandeiro indígena, na parede do escritório dele. Além dele mesmo e de mim, ninguém sabe sobre isso. – Ele interpretou o atordoamento de Mike como descrença. – Eu não sei a senha do cofre, mas posso levá-lo escondido até lá e você o arromba. Com esse documento, você poderá reivindicar a posse do cassino e de todos os bens a que você tem direito. Posso ajudá-lo no...

A voz de Mike saiu tão fria e rígida quanto as balas que havia retirado da arma de Graham.

– Não dou a mínima para o cassino.

Pela porta aberta da varanda entrou o som estridente de cigarras cantando.

Graham umedeceu os lábios.

– Então por que você está aqui?

– Você é o especialista em perfis. Olhe bem para mim e me diga por que estou aqui.

Graham remexeu as mãos nos lençóis nervosamente.

– Por causa de seus pais.

– Eles estão mortos. – Era uma pergunta, mas Mike não conseguiu lhe conferir uma entonação interrogativa.

Graham olhou para longe com uma expressão penetrante.

– Vamos lá – falou Mike. – Me diga tudo o que sabe sobre eles. Porque é isso que eu quero.

Graham pigarreou, ainda agarrado aos lençóis.

– Eles eram namorados desde os tempos de escola. Sua mãe era do grupo de música e ganhou o prêmio de Sorriso mais Bonito do colégio no último ano, acho que pelo contraste dos dentes brancos com a cor de sua pele. Seu pai foi eleito o Aluno mais Otimista. A família dele tinha mais dinheiro que a dela. O pai dele era contador, então eles não eram ricos, mas a mãe de Danielle a criava sozinha em um conjugado e as duas só usavam roupas de segunda mão compradas em brechós. Danielle ajudava a mãe fazendo faxina para fora nos fins de semana. Identificava-se muito com o pai, apesar de só tê-lo visto algumas vezes antes dos 8 anos. Ela tinha orgulho de sua herança indígena, o que combina com a idealização...

– Que instrumento? – perguntou Mike. Graham olhou para ele sem entender, então Mike esclareceu: – Ela participava de um grupo de música. Que instrumento ela tocava?

– Flauta, eu acho.

Mike estava com a garganta seca, então fez um gesto com a arma para que Graham continuasse a falar.

– Eles se casaram quando terminaram o ensino médio. John era diretor de um centro de distribuição de tecidos. O salário era bom, mas ele não gostava do que fazia. Adorava beisebol, filmes de faroeste e comida mexicana. Danielle trabalhou como gerente de uma loja de roupas até que John começou a ganhar o suficiente para sustentar os dois, então ela virou dona de casa. Os dois prezavam a família. Faziam piqueniques nos fins de semana, tinham um Dasher e uma caminhonete Ford, daquelas com um painel imitando madeira.

Mike podia ver o carro, sentir o cheiro de poeira do banco traseiro.

Graham ainda estava falando:

– Danielle gostava de jardinagem, de enfiar as mãos na terra. Adorava velas, Cat Stevens e incenso.

– Sálvia – disse Mike baixinho. – Incenso de sálvia.

Graham pareceu agitado de repente.

– O que mais quer saber? – perguntou.

– Você os matou – disse Mike.

Graham encarou-o com olhos firmes, apesar de ainda estar agarrado à roupa de cama. A bala que tinha caído de seu bolso emergiu da dobra do lençol, ficando à vista.

– Você me deu a sua palavra.

Mike levantou o revólver e mirou-o na testa de Graham.

– É claro que não fui eu quem os matou. Sou um policial.

– Então vocês contrataram outras pessoas para fazer isso, tipo Roger Drake e William Burrell?

Graham levantou as sobrancelhas em sinal de surpresa.

– Tipo *Lenny* Burrell.

Mike pousou o revólver no braço da poltrona, mantendo o cano virado para a cama.

– O pai de William?

– Tio. – A bala caída rolou para perto dos dedos de Graham. – Primeiro ele se livrou da sua mãe.

– *Como?*

– Acho que com um tiro, enquanto ela estava no banho. Foi rápido, indolor. Você estava dormindo no quarto ao lado, mas seu pai viu Lenny quando ele estava a caminho de lá para pegar você. Os dois lutaram e seu pai conseguiu colocá-lo para correr. John tinha a raiva a favor dele. De alguma forma, ele entendeu o que estava acontecendo, que você também estava marcado para morrer. Então ele fugiu com você na mesma noite, antes que Len voltasse com reforços. Mas Len conseguiu colocar as mãos nele uma semana depois, perto de Dallas. Ele precisava saber onde seu pai tinha deixado você. As coisas não eram como hoje, com bancos de dados, alertas e comunicação entre as agências. – Graham esfregou os olhos demonstrando cansaço e continuou, com a voz pesarosa: – Foi impossível fazê-lo falar. Leonard Burrell era experiente, mas seu pai tinha uma perseverança impressionante. Apesar de tudo o que passou, não abriu a boca para dizer onde você estava.

Mike olhou para cima, para as vigas que reforçavam o teto escuro, com os pensamentos enevoados. Então disse bem devagar:

– Eu odiei o meu pai por 31 anos.

– E é um alívio? – O rosto moreno de Graham pareceu quase paternal. – Não ter que odiar mais?

Você não faz ideia, Mike pensou.

Graham pigarreou.

– Sinto muito pelo que fiz. Há noites em que... Bem, isso não é da sua conta.

Mike estava vagamente atento à tensão no braço de Graham, as mãos fechadas agarrando o lençol, a bala escura no fundo claro do tecido.

– Por que ninguém nunca conseguiu encontrá-los? Meus pais?

– Len era especialista em muitas coisas, e uma delas era fazer cadáveres desaparecerem. Foi mais fácil assim. Não existe investigação de assassinato se não houver um corpo. Dessa forma as coisas deram muito menos trabalho. Nada de relatórios de desaparecimento nos arquivos policiais. As pessoas se metem em todo tipo de problema e depois pegam suas coisas e somem do mapa. Todo mundo pensou que os Trainors tinham se mudado. Sem enterro, sem óbito, muito menos repercussão. Eles não tinham parentes para sentir falta deles.

– Eu senti falta deles – retrucou Mike.

– O que você quer que eu diga?

Mike viu a culpa de Graham se transformando em raiva e sentiu uma vontade imensa de pegar o revólver do braço da poltrona e dar um tiro entre os olhos dele. Em vez disso, disse:

– Onde eles estão enterrados?

Graham enfiou a mão por baixo de uma das dobras do lençol, fazendo-a desaparecer.

– Não vou lhe contar – respondeu ele –, mas posso lhe mostrar.

– Tudo bem, então.

Mike se levantou.

Graham colocou as pernas para fora da cama, mas então, de repente, em um movimento rápido, seus braços viraram um borrão enquanto ele enfiava a bala que tinha caído nos lençóis no tambor do 38 Special em um piscar de olhos. Antes que Mike pudesse pegar o 357 do braço da poltrona, o revólver estava empunhado e apontado para seu rosto.

Graham fez um gesto para que ele se afastasse da cadeira, e Mike assentiu.

– Vou fazer um favor para você – disse Graham. – Se William e Dodge o pegarem... – Ele balançou a cabeça, dando um assobio agonizante. – E *vão* pegar. Aquela equipe... Bem, às vezes o todo é mais do que a soma das partes. Aqueles caras juntos têm um efeito mágico. Mas estou disposto a acabar com isso aqui mesmo. Vamos deixar Katherine onde quer que ela esteja. O que me diz? Não é um acordo justo? – O polegar dele se levantou para o cão do 38.

– Eu não faria isso – preveniu Mike.

Graham ergueu o revólver e um estampido soou no quarto.

Um feixe de luz vindo da varanda iluminou o rosto impassível de Shep por trás de sua arma, fora do alcance da câmera de segurança. Antes que Mike piscasse, Shep tinha desaparecido de novo na escuridão.

O pescoço de Graham ficou vermelho na lateral e um borbotão de sangue jorrou dele feito xarope. Depois o policial desabou no chão e continuou sangrando aos borbotões. A visão da arma estava gravada nas retinas de Mike e por um instante ele ficou paralisado, sentindo o cheiro de pólvora, com os tímpanos vibrando. Quando olhou para baixo, para o osso e a carne expostos, não sentiu nada. Lembrou-se de um jantar ocorrido havia pouco tempo, com os pais de alguns amigos de Kat, em que foram servidos frango assado e vinho chileno – todos conversavam, mastigavam e em seguida limpavam a boca com o guardanapo, certos de que eram pessoas decentes e civilizadas.

O que seu pai teria passado para protegê-lo... O medo exalava de seus poros naquela manhã na caminhonete. Como devia ter sofrido por perder a mulher e ter que abandonar o filho...

Só John. Só John.

Mike piscou para voltar à realidade e voltou ao escritório de Graham. Lá, copiou o arquivo da gravação da câmera de segurança do quarto para um CD. Então, assistiu ao vídeo inteiro para verificar se a cópia tinha mesmo sido feita. O rosto de Graham estava claro como água: *Com o dinheiro que McAvoy tinha investido, ele não podia deixar nenhuma ponta solta.*

Depois disso, Mike apagou os arquivos de segurança do disco rígido. Quando estava se virando

para ir embora, viu um cartão de visitas na bandeja de metal na ponta da mesa. BRIAN MCAVOY, DIRETOR EXECUTIVO. No verso, ele tinha escrito *celular novo* e um número com o código de área de Sacramento.

Mike ficou olhando para o número por um instante, depois pegou seu telefone descartável e teclou os algarismos. Sua mão enluvada segurava o aparelho com firmeza enquanto a ligação chamava uma vez após outra.

Um bocejo.

– Hum?

– Estou com você na palma da minha mão – disse Mike.

– Como conseguiu este número?

– Essa é a menor de suas preocupações.

– Quem... quem está falando?

– O dono do seu cassino. Tenho uma gravação que vai acabar com sua vida.

– Gravação? – Ele engoliu em seco. – Quanto você quer?

– Não estou à venda.

– Então por que...?

– Você vai deixar minha família em paz ou vou acabar com você. Está me entendendo?

– Sua *família*? – falou ele, dando um suspiro. – Tem certeza que sabe com quem está falando, filho?

Agora, pensando melhor, Mike constatou que a voz parecia mais rude do que ele tinha esperado.

– Brian McAvoy – falou.

– McAvoy? – Ele deu uma risada retumbante, com um ranço de fumo e velhice. – Pelo seu tom, você deve ser a única pessoa que odeia aquele filho da mãe mais do que eu. – O homem riu mais um pouco, depois disse: – Espere um instante. Seu nome é... Michael Trainor?

Mike ficou em silêncio por um longo tempo. Uma saída de ar no teto lançou uma lufada de vento frio no pescoço dele.

– Bisneto de Sue Windbird? – questionou o homem com um profundo alívio na voz. – Não acredito que esteja vivo.

Mike agarrava o aparelho com toda a força. Inclinou-se para a frente e franziu a testa.

– Quem está falando?

– Sou o chefe Andrew Dois Falcões, da tribo Shasta Springs Band, de Miwok. Sou diretor executivo de um cassino, mas não do que você está pensando. Nós precisamos conversar, filho.

– Por que deveríamos fazer isso?

– Porque temos interesses em comum.

49

Andrew dois falcões tinha uma barriga flácida, uma boca de peixe e um cavanhaque que disfarçava seu queixo fino. Encontrou-se com Mike na porta dos fundos do cassino, com um sorriso largo estampado no rosto e um aperto de mão firme. Usava um colete de couro por cima de uma camisa social estampada com o colarinho aberto – só faltava uma gravata caubói para completar a produção. Dois Falcões estava acompanhado de um cara quase tão alto quanto uma porta, um índio com cara de poucos amigos. Tinha a pele gasta pelo tempo, vestia um terno preto impecavelmente passado e usava a cabeça raspada. Ele começou a revistar Mike, que o afastou antes que suas mãos alcançassem o 357 enfiado às suas costas, no cós da calça.

Dois Falcões avaliou o rosto de Mike com uma expressão mais suave e dispensou o guarda-costas com um meneio de cabeça.

– Ele é do nosso time.

O gigante fez uma careta e recuou, mantendo seu olhar de cão farejador em Mike.

– Desculpe o Negão aqui – disse Dois Falcões para Mike. – O cara é tão burro que seria capaz de entrar em uma banheira cheia de mulheres com os peitos de fora e começar a chupar o dedo. Venha comigo – disse ele com um gesto de mão.

O comportamento de Dois Falcões, que agia como se eles fossem velhos amigos, e sua aparência de dono de poços de petróleo do Texas com dinheiro suficiente para se vestir melhor mas que não dava a mínima para isso surpreenderam Mike. Mas o que ele estava esperando? Um chefe de tribo batendo tambor?

Seguiram por um corredor atapetado com janelas à prova de som que permitiam ver o movimento do cassino, mas não ouvi-lo. O lugar, um pouco decadente, era consideravelmente menor do que o Cassino Deer Creek.

Mike se pegou lançando olhares curiosos para o homem.

– O que foi? – perguntou Dois Falcões.

– Nada, é que você parece...

– Tão branco quanto *você*? – retrucou ele.

Mike tinha contado a ele pelo telefone, por alto, tudo o que estava passando – a desintegração de sua família, os riscos que sua mulher e sua filha corriam –, e Dois Falcões escutara tudo com a maior paciência, demonstrando empatia através dos sons que emitia de tempos em tempos.

– A primeira coisa que você precisa saber – disse ele, fazendo um gesto para que Mike virasse no corredor – é que a Deer Creek Tribal Enterprises apresentou um documento fraudulento reivindicando a terra que é da minha tribo por direito. – Ele apontou para o tapete no chão. – *Esta* terra aqui.

– E eles podem fazer isso?

– Não, mas fizeram. E, pelos recursos que Brian McAvoy – ele fez uma careta ao pronunciar esse nome – aperfeiçoou, eles estão a caminho de transformar essa reivindicação em lei.

– Como?

– Veja bem: toda tribo tem que ser formalmente reconhecida pelo governo federal para gozar de certos direitos e proteções básicos. Alguns políticos bastante influentes, apoiados, é claro, por McAvoy, estão alegando que nossa posição foi obtida de forma ilegítima por representantes de Jimmy Carter quando os procedimentos eram menos formais. Estão questionando nosso reconhecimento como tribo, e os argumentos oficiais vão começar a ser ouvidos no início do ano que vem. Se perdermos, quem ficará com nosso território?

– E, se McAvoy ficar com o território, leva o cassino junto.

– Exatamente.

– Era por isso que você queria me achar. Se encontrasse outro herdeiro vivo da Deer Creek, poderia usá-lo para conter a investida de McAvoy.

– Com você, temos a chance de cortar o mal pela raiz. – Um lampejo de repulsa passou por seus olhos escuros e vivazes. – McAvoy e eu somos inimigos mortais. Tenho alguns desse tipo nos dias de hoje. Isso lhe deixa nervoso?

– Não confio em ninguém que não tenha inimigos – respondeu Mike.

Dois Falcões abriu um grande sorriso.

– Então você vai me *adorar*.

Eles chegaram a um confortável escritório e Dois Falcões apontou para um grande sofá de couro atrás de uma mesinha de centro de tampo de vidro.

– Sente-se. Fique à vontade. Acho que nossa conversa vai ser longa.

Porém, Mike continuou de pé, de braços cruzados. Algumas relíquias tristes decoravam as paredes: uma cesta de cipó velha, uma saia de penas usada em espetáculos de dança e um par de mocassins minúsculos. Mike pensou se ali estaria tudo o que sobrara da história da tribo Shasta Springs. Era bastante diferente da abundância de elementos que a exposição do Deer Creek exibia em vitrines polidas.

Dois Falcões colocou o celular em cima da mesa, sobre o bloco de notas, e ficou encarando o aparelho.

– Esse telefone é novo, e o número também. Comprei depois que descobri que o cachorro de estimação deles, Rick Graham, tinha grampeado o meu antigo. Não dei o número para ninguém, mas foi para ele que você ligou. Onde o conseguiu?

– Com Graham. McAvoy tinha dado para ele.

Dois Falcões levantou um abajur pesado de metal e, sem demonstrar raiva, esmagou o celular. Colocou o abajur de volta no lugar e varreu os restos do aparelho com a mão para uma lata de lixo.

– Vamos dar uma olhada na gravação de que você me falou.

Mike pegara um laptop e alguns CDs da casa de Graham. Ele e Shep tinham parado o carro em uma rua escura e copiado em um CD as partes mais importantes, em termos jurídicos, da conversa com Graham. Depois guardaram o pen drive que continha o episódio completo, junto com o

dinheiro que ainda lhes restava, em um buraco na parede do quarto do hotel, deixando Bola de Neve II como guardião.

Agora, Mike tirou o CD do bolso de trás da calça e o entregou a Dois Falcões, que o inseriu em seu computador de mesa. A gravação em preto e branco surgiu no monitor e Dois Falcões soltou um grunhido quando viu Mike sentado na poltrona ao lado da cama de Graham, com a arma no colo. Juntos, assistiram a Graham contando toda a história sangrenta de sua ligação com o Deer Creek. A gravação acabou bem antes que ele conseguisse recarregar sua arma e levasse o tiro que pôs fim à sua vida.

Quando a tela ficou preta, Dois Falcões se inclinou na cadeira e ficou olhando para ela.

– Um início promissor – falou.

– *Início*? – retrucou Mike.

– São só palavras, não provas concretas.

– Você está me dizendo que isso não basta para ameaçar McAvoy? Uma confissão de vários assassinatos cometidos em nome de uma empresa?

– Feita por um homem com uma arma apontada para a cabeça durante uma invasão de domicílio – atalhou Dois Falcões. – Um homem sob coação, que teria dito qualquer coisa para salvar a própria vida. Além do mais, isso é prova testemunhal indireta, que não serve para colocarmos as mãos em McAvoy. É só ele negar tud...

– Então eu uso a gravação para chamar a atenção para ele – interrompeu Mike, frustrado. – Posso conseguir *alguém* na polícia que seja honesto. Eles podem intimar a apresentação de registros, transações que mostrem pagamentos aos capangas dele...

– A Deer Creek Tribal Enterprises é uma nação soberana, assim como a *minha*. Você não pode intimá-los a fazer porra nenhuma. Não existe agência policial neste país que seja capaz de obrigá-los a apresentar registros. Eles têm o poder de operar os negócios como quiserem, porque *não há fiscalização*. Além disso, existem juízes, policiais e promotores de justiça da *sua* nação que simpatizam com a causa deles.

Um sentimento de repulsa cresceu no peito de Mike.

– Eles simplesmente pegam a máquina do governo e a usam como se pertencesse a eles.

– É isso que você não está entendendo – disse Dois Falcões. – *Pertence* a eles. Havia dois irmãos que não queriam vender as terras perto do loteamento do povo Deer Creek. Eles desapareceram e não conseguiram pagar o título de propriedade. Havia algumas provas no local, mas *puf!*, todas elas sumiram nos arquivos da polícia. Todo mundo sabe que as autoridades têm o rabo preso com McAvoy, mas como é possível provar algo quando não se tem acesso a registros e não se encontram os corpos? Vou lhe dizer como. – Dois Falcões se inclinou para a frente na cadeira. – Com provas irrefutáveis contra eles *na mão*.

– Isso eu não tenho – reconheceu Mike.

– Pois é – replicou Dois Falcões. – Mas *nós* temos.

Mike ficou confuso. Entreabriu a boca em uma expressão de total descrença.

– Então por que você precisa de *mim*?

Dois Falcões se levantou da cadeira, que rangeu e ficou balançando sozinha. Pressionou os nós dos dedos no bloco de notas.

– Porque o Deer Creek tem algo de que *nós* precisamos.

O maxilar de Mike ficou tenso e ele sentiu seus dentes trincarem.

– Destruição mútua assegurada – falou Mike. – Se você usar o que tem contra eles, eles podem acabar com você também.

– É por aí.

– Então você tem informações que eu poderia usar para salvar minha filha, mas não vai me dar porque quer algo em troca?

– Sinto muito, sinceramente, mas é isso.

Mike fitou-o por um longo tempo, sentindo o metal gelado da arma em contato com suas costas. Dois Falcões se empertigou um pouco e olhou nervosamente em direção à porta.

– Talvez você possa me explicar melhor – sugeriu Mike.

– As informações que conseguimos são nossa única arma contra uma empresa que está tentando privar meu povo de seus direitos civis e seus privilégios. Se não tivéssemos tanto a perder, eu lhe daria tudo agora mesmo para proteger sua família.

Mike se sentou.

– Então qual é sua proposta?

– Você tem o direito de reivindicar a posse do Deer Creek. Use essa vantagem para conseguir o que precisamos e ficaremos livres para lhe dar tudo o que temos contra *eles*.

Mike pesou os prós e contras por um momento.

– Preciso conversar com meu sócio.

– Um sócio – disse Dois Falcões, impressionado.

Mike pegou o "batfone" e ligou para Shep, que estava esperando em algum lugar fora da área iluminada do estacionamento.

– É seguro – falou.

– Tem certeza? – questionou Shep.

– Quase absoluta.

Shep desligou.

Dois Falcões também estava ao telefone.

– Fique aí – ordenou ele, depois colocou o telefone no gancho. Estalou os dedos para Mike e disse: – Vamos lá.

Eles percorreram outro corredor e chegaram a uma sala de vigilância. A parede da frente era composta de cerca de cinquenta monitores, cada um deles mostrando um ângulo diferente. Havia três homens com cara de tédio e uma mulher sentados a uma mesa que percorria toda a extensão da sala, olhando distraidamente para as telas. Latas de energético e copos de refrigerante vazios

estavam amontoados em cima da mesa e um forte cheiro de fumo de mascar pairava no ar.

– Alguém passou uma ficha falsa na mesa nove – falou a mulher.

– Rode o programa – ordenou Dois Falcões.

Ela pressionou um botão em um teclado e uma tela grande na parede lateral ganhou vida. Um programa de reconhecimento facial começou a mapear linhas de contorno por cima das cabeças dos clientes do cassino, movendo-se de mesa em mesa. De vez em quando soava um alarme duplo e a imagem de um cliente específico era transferida para uma tela menor, onde era comparada com uma foto de registro policial e uma ficha criminal. Ao lado apareciam listas combinadas que enumeravam alcunhas e sócios.

– Não achei ninguém que já tenha passado fichas falsas, mas apareceram alguns casos de trapaça nas máquinas caça-níqueis – anunciou a mulher.

– É claro que apareceram. – Dois Falcões se dirigiu a Mike. – Manipular uma máquina caça-níqueis é crime em Nevada, mas na Califórnia não passa de uma contravenção, então todos vêm para cá com o intuito de treinar.

– Como é uma ficha falsa? – perguntou Mike.

– Um cilindro oco com um contrapeso e, por cima, uma ficha de pôquer verdadeira – explicou Dois Falcões. – Os lados são pintados da mesma cor das beiradas da ficha. Como os crupiês não separam as fichas que vêm em conjuntos de cinco, você pode passar uma única ficha como sendo cinco. – Ele voltou a atenção de novo para a mulher. – Me avise imediatamente se outra ficha falsa aparecer e, enquanto isso, fique de olho nos trapaceadores dos caça-níqueis.

Um dos homens mexeu em um joystick e quatro telas mostraram os suspeitos em foco. A visão de Mike se tornou um borrão e ele teve a impressão de estar vendo ao mesmo tempo cada parte do cassino – mesas de vinte e um, caixas-fortes, caça-níqueis, o estacionamento – em ângulos diferentes nas telas à sua frente.

– Vocês podem ver cada centímetro do local – observou.

– Menos os banheiros. – Dois Falcões sorriu. – São o único lugar em um cassino em que se pode esperar alguma privacidade. E, se alguma coisa séria acontece, é claro que a primeira preocupação é...

– *O que está acontecendo na caixa-forte* – completaram os quatro funcionários, em uníssono.

– Temos 55 câmeras só na caixa-forte, cobrindo todos os seus ângulos – disse Dois Falcões orgulhosamente.

As costas da mulher se enrijeceram e ela se virou para um monitor lateral.

– Espere aí – disse ela. – Temos um arrombador de cofres aqui.

Mike se inclinou por cima dela para ver quem o software de reconhecimento facial tinha escolhido na multidão.

– Ah. Ele está comigo – explicou Mike.

Dois Falcões deu uma sonora gargalhada.

– Entre em contato com o Negão e peça que ele traga... – uma olhada nos dados na tela –

Shepherd White até aqui.

A mulher assentiu e pegou o telefone. Ela era magra e tinha traços élficos, e o bolo de fumo em sua bochecha conferia mais um toque fantástico à sua aparência.

Um minuto depois, Negão e Shep passaram pela porta acolchoada. Os dois pareciam meio insatisfeitos, apesar de Mike duvidar que tivessem trocado uma só palavra no caminho até ali.

– Você é um arrombador de cofres? – perguntou Dois Falcões

– O quê? – respondeu Shep.

– Arrombador de cofres – repetiu Dois Falcões. – Você consegue abrir cofres?

Shep deu de ombros e olhou para o outro lado, desinteressado. Deu alguns passos na direção da parede de monitores e os encarou como uma raposa no galinheiro. Depois inclinou a cabeça um pouco para trás, com os lábios entreabertos, e a luz dos monitores lançou uma faísca em seus olhos inexpressivos. Ele parecia estar se alimentando de todo aquele movimento piscante.

Os funcionários trocaram olhares com Negão. Por fim, ele disse:

– Não vai responder à pergunta?

– O grandão na terceira mesa de vinte e um está usando um objeto reflexivo para ver as cartas dos outros jogadores – afirmou Shep. – Duas mesas depois, o sujeito negro está usando um aplicativo no celular para contar as cartas. Tem um cara trapaceando com um dispositivo eletrônico nos caça-níqueis logo ali. E seu crupiê na mesa 7 pagou uma mão errada sem querer ou então está comprado.

Uma longa pausa se seguiu.

A única mulher na sala cuspiu o bolo de fumo dentro de um copo do McDonald's.

– Você está vendo alguém usando fichas falsas? – perguntou.

– A gorda branquela de chapéu desengonçado na roleta seis – falou Shep. – Observe as mãos dela quando ela pega as fichas.

As mãos dos quatro funcionários voaram para os joysticks e em seguida havia um quadrante inteiro de telas focadas na mulher, em vários ângulos. Todas as imagens provavam que Shep estava certo.

Dois Falcões assentiu com a cabeça para Negão, que saiu da sala para cuidar da situação. Então se virou para Shep e disse:

– Quer trabalhar aqui?

Shep desviou os olhos dos monitores pela primeira vez e respondeu simplesmente:

– Você não poderia confiar em mim.

Dois Falcões engoliu em seco, achando graça e aturdido ao mesmo tempo.

– Posso falar com vocês dois em particular? – pediu.

Eles saíram da sala e foram para o escritório. Mike e Shep se acomodaram no sofá de couro enquanto Dois Falcões puxava a cadeira de trás de sua mesa e a posicionava de frente para os dois.

– Dois Falcões sabe de uns podres do nosso amigo McAvoy – falou Mike, dirigindo-se a Shep. – Mas ele não vai nos entregar a menos que a gente consiga os podres que McAvoy tem contra *ele*.

– E esses podres que você tem contra ele são quentes? – quis saber Shep.

– Muito – garantiu Dois Falcões. – Há pouco tempo, consegui fazer um acordo com um dos homens envolvidos na operação do Deer Creek. Alguém com acesso a diversas informações.

– Como você conseguiu fazer isso? – O tom de Shep era cético. – O Deer Creek tem mais grana do que você. E mais força bruta também.

– Nosso cara foi contratado para fazer um trabalho de consultoria freelancer para o cassino deles. É um apostador, como em geral são esses caras. A linha de crédito dele já estava mais do que estourada, então ele resolveu me procurar para fazer uma proposta, porque, ao contrário de McAvoy, a gente não mutila as pessoas por causa disso.

– Só as extorquem – observou Shep.

– Foi um acordo entre adultos, benéfico para ambos os lados. – Um lampejo de tristeza passou pelos olhos de Dois Falcões, mas ele logo recuperou sua expressão impassível. – Ele contrabandeou alguns documentos para mim. E foi ele que nos contou sobre você – completou, meneando a cabeça para Mike. – Ele viu seu nome no relatório genealógico.

– Mas não era atrás disso que vocês estavam inicialmente – retrucou Shep. – Então que outras informações ele conseguiu para vocês?

– Algumas provas irrefutáveis.

– De quê?

– Você não é nem um pouco surdo quando lhe convém, não é? – comentou Dois Falcões.

– Provas de quê? – repetiu Shep.

– Prometo que vocês não ficarão desapontados.

– E o que exatamente eu vou trazer para vocês?

– Você não precisa saber os detalhes agora.

– Se sou eu que vou trazer, preciso, sim. Não vou lhe dar algo que pode arruinar a vida de alguém.

– Não é nada do tipo. É só o que posso dizer agora.

Mike se lembrou de seu encontro com Bill Garner, o chefe de gabinete do governador, quando ele fora falar sobre a descoberta dos canos de PVC nas tubulações das casas do Vale Verde. Na época Mike tinha cedido porque, afinal, eram só uma premiação e algumas fotos.

Ele se levantou para ir embora.

– Pense na sua filha – disse Dois Falcões.

Mike já estava na porta, com Shep a seu lado.

– Tudo bem, *espere*. – O homem tinha se levantado. – São só negativos de fotografias. Mas são essenciais para mantermos nosso status... e nosso cassino. Eu não queria explicar antes porque... bem, no meu ramo nós vemos de perto como as pessoas podem ser afetadas pela ganância. E

entregar esses negativos a um cassino concorrente, considerando que você consiga colocar as mãos neles, seria contra seus interesses financeiros futuros como o herdeiro do Deer Creek.

– O senhor tem filhos, Sr. Dois Falcões? – perguntou Mike.

– Cinco. – Ele deu um suspiro. – Tudo bem, talvez eu esteja nesse meio há tanto tempo que me tornei cético demais. – Ele fez um gesto em direção ao sofá. – Por favor, sentem-se. Vou explicar.

Mike e Shep voltaram e se acomodaram de novo. Shep apoiou as botas em cima da mesa de centro.

– A menos que eu consiga operar um milagre nos próximos meses, antes da revisão formal de posse do território, nós vamos perder nosso reconhecimento federal – falou Dois Falcões. – Atualmente os requisitos para o reconhecimento de um pedaço de terra como território indígena são muito mais rígidos, e até agora não conseguimos produzir nenhuma prova física adicional que ligue nossos ancestrais a esta terra. Sempre tivemos uma tradição oral, então as provas são muito escassas, principalmente em relação à primeira metade do século. Existem pouquíssimos sobreviventes da nossa tribo.

Mike olhou para aquelas poucas relíquias que decoravam as paredes do escritório.

– Há alguns meses fiquei sabendo que existem negativos de fotos antigas tiradas por membros de uma expedição botânica, ou algo do tipo, financiada pela Universidade de Stanford nos anos 1930. As imagens mostram nosso povo vivendo nesta terra. Também me disseram que o pico Lassen ao fundo, assim como a nítida confluência dos rios atrás dos acampamentos, torna a localização bem precisa.

Ele atravessou a sala e abriu as cortinas da janela. Lá, atrás do estacionamento mas ainda brilhando sob as luzes externas, estava um rio estreito, dividido em dois riachos, rodeando uma montanha alta.

O simpático homem de negócios tinha sumido. A indignação tinha elevado o tom de voz de Dois Falcões e afetado sua postura. Agora, com o corpo totalmente ereto e os olhos em chamas, ele parecia um autêntico chefe indígena em cada centímetro do corpo. Largou as cortinas, que voltaram a se fechar.

– É claro que na mesma hora eu fiz um acordo para comprar os negativos. Só que em algum momento entre o instante em que coloquei o telefone no gancho e minha chegada para pegar o material, McAvoy interveio e triplicou minha oferta. Assim, conseguiu ficar com os negativos. Agora eu preciso deles. Se eu os apresentar como prova de nossa ligação com esta terra, a Secretaria de Reconhecimento e Pesquisa será forçada a confirmar nossa posição.

– E vocês conseguirão manter o cassino – concluiu Shep.

– Por mais difícil que seja para o senhor reconhecer, Sr. White, não se trata apenas de dinheiro. O objetivo de McAvoy é dissolver nossa tribo e roubar nossa terra. E já sofremos bastante com isso em nossa época.

Shep olhava fixamente para a parede do fundo. Ele não parecia nem um pouco impressionado.

Dois Falcões se virou para Mike, um ouvinte mais receptivo.

– Preciso de algo para proteger minha tribo. McAvoy descobriu os documentos que tirei dele, então nós estamos em um impasse. *Por enquanto*. A revisão do reconhecimento indígena, no ano que vem, é o prazo final para nosso empate, de um jeito ou de outro. Mas, considerando o que tenho contra ele, não sou burro a ponto de achar que McAvoy vai esperar muito mais tempo. – Dois Falcões deu um chute na lata de lixo e ela virou, espalhando os pedaços de seu celular espatifado por todos os lados. – Eles estão intensificando os esforços para recuperar o que está comigo. Já até tirei minha família do estado. – Seus olhos encontraram os de Mike. – Meus cinco filhos.

– Por que você não dá o primeiro passo? – indagou Mike.

– McAvoy já deixou bem claro que queimará os negativos se qualquer uma das provas que tenho contra ele vier a público. Isso acabaria com nossa tribo. Além disso, só de pensar naqueles negativos se desfazendo no fogo... – À luz amarelada do escritório, a tristeza perpassou seu rosto e Mike pôde ver, nas rugas do homem, os traços esmaecidos de sua herança genética. – São as nossas origens que forjam quem somos.

Ao ouvir isso, Shep riu com desdém.

Dois Falcões prosseguiu, sem lhe dar atenção:

– Aquelas são as *únicas* imagens de meus ancestrais mais antigos. Consegui achar todos os membros restantes da tribo, um a um, ao percorrer o estado inteiro em um Pontiac caindo aos pedaços. Muitos deles eram sem-teto. Muitos eram miseráveis. Mas construímos algo para nós mesmos. Todos que estamos vivos hoje nunca vimos os rostos de nossos antepassados. Para nós, poder ver de onde viemos, poder validar nosso lugar na terra... – Ele balançou a cabeça. – Isso não tem preço.

Mike ficou olhando para as mãos.

Shep só parecia irritado.

– E então, qual é a jogada? – questionou ele.

– Se McAvoy fosse confrontado com a possibilidade de perder a empresa toda para sua... linhagem, talvez vocês dois pudessem chegar a um acordo – explicou Dois Falcões. – Você o convence a entregar os negativos em troca de algum acordo financeiro, então me dá os negativos e eu lhe dou o que tenho contra ele. Aí depois você o processa.

– Se ele concordar em me dar os negativos, não vai poder se defender do que você tem contra ele – raciocinou Mike. – McAvoy não vai fazer isso.

Dois Falcões deu um suspiro de desânimo.

– Então o que *você* propõe?

Mike e Shep estavam ambos inclinados para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Olharam um para o outro ao mesmo tempo e Shep assentiu.

– Acho que sei onde seus negativos estão escondidos – disse Mike. – McAvoy tem um cofre em que guarda todos os objetos valiosos.

– Um cofre. Então você está pensando em... o quê?

Shep levantou as mãos. *Tchã tchã tchã tchã!*

Dois Falcões soltou uma gargalhada.

– Ora, por favor. Um cofre de *cassino*?

– Está escondido no escritório dele.

– No *escritório* dele? – questionou Dois Falcões. – Por que não na caixa-forte?

– Pense um pouco – respondeu Mike.

Dois Falcões riu, exultante.

– É *claro*! A caixa-forte está cheia de câmeras. Não é exatamente o melhor lugar para esconder objetos de origem duvidosa. – Ele se levantou e se inclinou no encosto da cadeira. – É ousado da parte dele, tenho que admitir. Mas faz sentido, também. Acho que manter bens valiosos dentro de um cofre secreto, em uma sala trancada de um cassino localizado em território soberano, vigiado 24 horas por dia, me torna arrogante também.

– É bom ser arrogante – comentou Shep.

– Mas, ainda assim, vocês teriam que passar por todas as câmeras do andar. – Dois Falcões ainda estava pensando alto. – E vai ser impossível arrombar o cofre lá por causa da falta de tempo e do barulho.

– Sim – concordou Shep. – Não dá. Qual é seu grau de influência com a polícia?

– No caso de vocês serem pegos? – indagou Dois Falcões. – É boa. Mas com a Deer Creek Enterprises no meio? – Ele deu um suspiro de desânimo. – McAvoy tem uma coisa que não temos: Rick Graham.

Mike umedeceu os lábios.

– Não precisamos mais nos preocupar com Graham – afirmou.

Dois Falcões afundou na cadeira, pensativo, e ficou olhando para o teto. Depois fitou o CD em cima da mesa e pigarreou duas vezes.

– Não quero saber de mais nada sobre esse assunto.

– Tudo bem – atalhou Mike.

– Temos relações bem próximas com um capitão de polícia das redondezas – falou Dois Falcões. – E com alguns promotores de justiça também. É claro que não vou conseguir livrar a cara de vocês se forem pegos em flagrante. Mas, se Graham não é mais um problema, posso garantir que, se forem colocados sob custódia temporária aqui nas redondezas, não vão parar nas mãos dos capangas de McAvoy. Só temos um grande problema: se vocês forem capturados *dentro* do Deer Creek, que fica em um território indígena, as autoridades vão ter dificuldade em resgatá-los e garantir que a questão seja resolvida de forma transparente. Isso os deixaria nas mãos de McAvoy e de seus capangas. Nesse caso, é melhor torcer para os policiais chegarem antes que eles coloquem as mãos em vocês.

Mike estreitou os olhos, lembrando-se das palavras de Graham: *Apesar de poderem perseguir criminosos em terras indígenas, os Estados Unidos possuem uma jurisdição criminal instável sobre esses territórios.*

– Os policiais podem ir atrás de Shep – afirmou Mike.

Dois Falcões demorou um minuto para entender.

– Você tem ficha na polícia?

Shep lançou-lhe um olhar mal-humorado, sentindo-se insultado.

– É claro que tenho.

Mike assentiu com a cabeça para Dois Falcões.

– Entraremos em contato para falar do plano.

Então ele e Shep se levantaram para ir embora.

– E vou precisar de um advogado – completou Shep.

– Por quê? – quis saber Dois Falcões.

Shep fez uma pausa a meio caminho da porta.

– Porque estou planejando ser preso.

50

VOCÊ VAI VOLTAR PARA me buscar.

Eu vou voltar para buscá-la.

Você prometeu. Você jurou.

Mike acordou com a cabeça latejando e os lençóis enrolados nas pernas. Estava pingando de suor. Jogou as cobertas para o lado, passou a mão pela cabeça raspada e se esforçou ao máximo para esquecer o sonho. Bola de Neve II estava enfiado debaixo do travesseiro ao lado dele, com os olhos arregalados como se tivesse sido estrangulado. Shep estava sentado na outra cama, com as costas apoiadas na cabeceira, comendo um pote de macarrão instantâneo já frio, tão calmo e atento como sempre. Na mesa localizada na outra extremidade do quarto, o rádio scanner da polícia despejava um fluxo contínuo de conversas entre agentes.

Eles tinham voltado para o hotel à primeira luz da manhã. Agora eram 15h27 e o roubo estava previsto para o pôr do sol, pouco mais de três horas depois. Nesse horário, a escuridão lhes proporcionaria alguma discrição do lado de fora do prédio e os escritórios do Deer Creek já estariam vazios, inclusive o de McAvoy, pelo menos de acordo com o que os seguranças de Dois Falcões tinham observado ao longo das últimas semanas. No entanto, entre aquele instante e o momento fatídico, Mike e Shep ainda tinham muito que fazer.

– Você acredita em Deus? – perguntou Shep enfiando a colher na boca.

Mike notou que o amigo tinha pensado que ele estava rezando.

– Quando é conveniente, sim – respondeu.

– E é conveniente agora?

Mike se lembrou da facada em Annabel, do jorro de sangue vazando do ferimento. Lembrou-se da mão enorme de Dodge puxando a cabeça de Kat de dentro do saco de dormir, o martelo erguido para desferir o golpe mortal. Lembrou-se da janela em que costumava esperar quando era criança, uma janela igual àquela em que Kat deveria estar naquele exato momento.

– É, é sim – disse enfim.

Deslocando-se lentamente em um triciclo elétrico para idosos, Mike usava um boné da 101ª Divisão dos Veteranos de Guerra, enormes óculos de sol espelhados e um cobertor de lã nas pernas exibindo uma águia-calva olhando por cima de uma montanha escarpada. Shep ia ao lado dele, sem nenhum disfarce, enquanto percorriam o lado de fora do estacionamento do Cassino Deer Creek.

Exatamente às 18h40, uma minivan saiu da estrada e estacionou em uma vaga na fileira mais distante do cassino. Um casal saudável, tipicamente americano, desceu do carro. O homem, um sujeito robusto usando uma camisa havaiana, deu um sorriso largo. A mulher ajeitou a gola de seu vestido de cintura marcada e saia rodada. Seus cachos em camadas e sua franja curta pareciam saídos de uma gravura de Patrick Nagel.

Ao vê-los, Mike soltou o acelerador e acionou o freio de mão, fazendo o pequeno triciclo parar com um ruído agudo.

– São eles? – perguntou. – São *eles* os seus cúmplices implacáveis?

– Os próprios – confirmou Shep. – Bob e Molly.

Mike sentiu um gosto amargo na boca, de medo e pessimismo. Pelo menos tinha conseguido entregar o dinheiro a Hank mais cedo naquele dia – menos uma coisa com que se preocupar no além, se fosse morto aquela noite. Hank tinha lhe dado um forte aperto de mão ao se despedir e prometido que não sairia do lado do telefone esperando a ligação dele. Considerando que Mike sobrevivesse para entrar em contato.

Mike ajeitou as luvas de couro mais uma vez, nervoso. O casal acenou e se dirigiu a eles. O rosto de Bob era brilhoso e bronzeado. Molly brincava com um colar de contas em seu pescoço.

Quando os dois chegaram perto deles, Shep perguntou:

– Vocês pegaram meu equipamento no depósito?

Molly abriu um enorme sorriso ao responder:

– Com certeza.

Bob jogou as chaves da van para Mike, depois fez um gesto amplo com os braços em direção às portas do cassino.

– Vamos lá?

– Positivo e operante – disse Molly.

Mike engoliu em seco e assentiu. Eles se dividiram para entrar por portas diferentes e então rumaram para o prédio.

Mike ficou empacado na porta do lado sul junto com outras pessoas que também dirigiam triciclos elétricos. Todos ficaram muito estressados, ou porque eram velhos e mal-humorados, ou porque Mike não conhecia as regras de etiqueta na condução de veículos daquele tipo, mas ele enfim conseguiu entrar. Uma vez lá dentro, ele passou rápido pela recepção, certificando-se de que os carrinhos metálicos de recolhimento de moedas estavam parados onde os tinha visto da última vez. Havia três deles aguardando a próxima troca de turno, quando seriam levados a cada uma das máquinas caça-níqueis e receberiam os baldes cheios de moedas.

Ao atravessar o amplo piso do cassino, Mike se esforçou para não pensar em todas as câmeras instaladas no teto. Ele era o elo mais fraco do grupo, o único amador. Se alguém o reconhecesse, seria um homem morto. E Kat ficaria perdida para sempre.

Seguiu para o banheiro, onde um idoso segurou a porta para ele passar, e entrou na enorme cabine de deficientes físicos, trancando a porta atrás de si. Lá dentro, deixou o cobertor deslizar para o chão, revelando a sacola esportiva da Nike que tinha apoiado na larga plataforma de apoio para os pés, atrás de suas pernas. Arrancou o boné e os óculos e os enfiou, junto com o cobertor, na cestinha da frente do triciclo. Usando uma calça preta larga e uma polo branca com a logo do cassino, ele parecia um funcionário comum do lugar.

Como Dois Falcões tinha dito, o banheiro era o único lugar, em um cassino, sem câmeras de

vigilância.

Sem contar, como esperava Mike, o escritório do diretor executivo.

Seu relógio de pulso mostrava 18h53. Sete minutos para o início da operação.

Jogou quatro chicletes na boca, mastigou-os rapidamente e acomodou o bolo formado por eles nas bochechas e por dentro dos lábios. Era o melhor que podia fazer para enfrentar o programa de reconhecimento facial, agora que não podia mais contar com a aba do boné para esconder o rosto.

18h54.

Ainda com a porta trancada, ele empurrou a pesada sacola da Nike por baixo da divisória do banheiro para a cabine ao lado, depois se arrastou atrás dela. Alguém deu descarga em um dos reservados e então ele ouviu uma torneira ser aberta na pia. Com a sacola na mão, ficou parado no ambiente relativamente silencioso e tentou respirar com normalidade.

18h56.

Hora de ir.

Saiu pela porta do banheiro e esbarrou em alguns caras que estavam entrando, fazendo com que seus drinques grátis se derramassem de seus copos. Acenou para eles com a cabeça e seguiu em frente. Enquanto passava por fileiras de caça-níqueis e mesas de feltro verde, Mike fez o possível para parecer descontraído. Andando na ponta dos pés, olhou nervosamente para a outra extremidade do salão, onde ficava a porta que levava ao corredor dos escritórios. Os informantes de Dois Falcões tinham previsto que eles estariam vazios naquele horário. Previsões eram úteis, é claro, mas não eram perfeitas.

Mike parou perto da recepção e se encostou na parede, com a respiração acelerada. O peso do equipamento na sacola esportiva o tranquilizava, mas, ainda assim, havia mais variáveis do que todos os equipamentos do mundo poderiam dar conta. Os carrinhos coletores permaneciam no mesmo lugar, tão próximos que ele poderia esticar o braço e tocar neles. Seu nervosismo aumentou até as raias do pânico.

Você não é um marido, disse a si mesmo. *Não é um pai.*

É um homem com uma missão.

18h59.

Fechou os olhos.

Foi aí que ouviu o grito.

Bob deu um grito sufocado, então um balde plástico gigante cheio de moedas de 25 centavos escorregou de sua mão e caiu no tapete, espalhando-as por toda parte. Com o rosto esbaforido e vermelho, ele agarrou o próprio braço esquerdo e saiu tropeçando em uma mesa de jogo, arrastando uma corda de veludo vermelho e o crupiê espantado junto com ele. Soltou um resmungo abafado, em seguida desabou sobre uma mesa auxiliar, virando-a e derrubando todas as bandejas cheias de fichas de jogo no chão.

Molly agarrou seus cachos louros e soltou outro grito estridente.

– *Meu marido! Ai, meu Deus, o coração, o coração! Alguém ajude!*

Todos em volta ficaram paralisados imediatamente, como que por encanto. O único movimento era o de moedas e fichas de jogo rolando, passando entre tornozelos e pés de cadeira e por baixo das máquinas caça-níqueis, pouco mais de 40 mil dólares correndo pelo tapete como uma ninhada de ratos. Um velho de boné surrado se agachou para pegar uma ficha preta e verde de 100 dólares e o rangido de seus joelhos quebrou a magia – o jardim de estátuas voltou à vida e começou a se empurrar e se acotovelar, colocando as mãos em tudo o que fosse possível. Muitos conseguiram encher os bolsos. Outros carregavam, felizes, baldes de moedas embaixo do braço. Pés calçados em mocassins e sapatos de salto alto esbarravam em mãos e chutavam moedas. O crupiê tentava se desvencilhar de Bob, que resfolegava e guinchava, ainda agarrando o próprio braço esquerdo. Então os seguranças invadiram o salão, caçando fichas, empurrando clientes, berrando em rádios. Os gritos de Molly ficaram tão estridentes que algumas pessoas taparam os ouvidos.

Parado no meio do caos, o chefe da segurança apertou o fone de ouvido com o dedo e virou o rosto para o lado a fim de falar:

– Equipe de segurança, acho bom que vocês consigam dominar esta situação.

A sala da vigilância estava um verdadeiro caos, com monitores piscando e pessoas agarrando joysticks em ritmo frenético. Metade das telas estava exibindo o salão principal, gravando a confusão de todos os ângulos.

O diretor gritava com a voz estridente:

– Pode ser uma artimanha! Rodem o programa de reconhecimento facial!

– Já está rodando! – berrou um dos supervisores.

– O que temos até agora?

– Nada que seja... – começou a dizer ele, então um alerta soou pelas caixas de som de seu computador. Ele passou uma das mãos pelo cabelo negro todo espetado para cima, deixando aparente uma mancha de suor embaixo do braço em sua camisa. – O cara que está tendo o ataque cardíaco é um ator que já foi condenado duas vezes.

– E a mulher? – berrou o diretor.

Lá estava ela, listada como uma das parceiras do vigarista.

– Quem mais? – continuou o homem a plenos pulmões. – Quero uma varredura completa no salão! *Agora!*

Outro alerta soou.

– Muito bem – falou o supervisor –, achamos outro comparsa. – O programa mostrou um terceiro rosto na multidão. Era Shepherd White, posicionado perto do caixa que levava à caixa-forte. – Esse aí é arrombador de cofres.

– Girem todas as câmeras disponíveis na direção da caixa-forte – ordenou o diretor. – Quero todos os ângulos cobertos. Mandem os seguranças para lá imediatamente e reúnam a equipe. Coloquem o chefe na linha. Ele vai querer ouvir isso.

Mike empurrou o carrinho coletor com pressa pelo salão. A pesada sacola esportiva dentro dele o fez estrepitar quando as rodas se deslocaram do chão liso para cima do tapete. Ele viu, à esquerda, um garçom de pé em cima de uma banqueta para ver melhor o que acontecia ao redor.

Mike chegou à porta que dava no corredor em que ficavam os escritórios e abriu o zíper da sacola. O spray lubrificante estava por cima de tudo, com o canudo vermelho fino já inserido no bocal. Ele o passou no buraco da fechadura, depois jogou a lata no carrinho e tirou da sacola o kit para abrir fechaduras. Enfiou a ponta fina do grampo específico para esse fim no orifício já lubrificado e então seguiu todos os passos que havia aprendido com Shep. Com um clique, a tranca cedeu e ele entrou.

Empurrou o carrinho para dentro e fechou a porta atrás de si.

No final do corredor havia uma porta entreaberta, deixando que um feixe de luz se derramasse no carpete.

O coração de Mike parou por um segundo. Então ele respirou fundo e começou a empurrar o carrinho para a frente. Ao passar pela porta entreaberta, uma mulher com óculos de armação metálica, sentada a uma mesa, levantou os olhos para ele.

Diminuindo o passo, mas sem parar de andar, Mike falou:

– Está uma confusão lá no salão. McAvoy ligou dizendo que todos os funcionários que não sejam essenciais para a segurança devem sair de lá antes que a situação piore.

A voz dele estava ligeiramente distorcida por causa do bolo de chiclete em sua boca, mas ela não pareceu notar.

– Está todo mundo bem? – indagou a mulher.

– Não sei – respondeu ele. – Ouvi dizer que uns caras deram uns tiros.

Ela agarrou a própria bolsa e saiu correndo, enquanto Mike continuou se dirigindo ao final do corredor. A última sala tinha o nome de McAvoy gravado em uma placa de bronze na porta. A fechadura era uma Medeco robusta, complexa demais para ser arrombada com um kit comum. Mas felizmente Shep tinha um plano para vencer essa dificuldade também. Mike enfiou a mão na sacola e pegou uma furadeira elétrica, já montada com a broca certa. Posicionou a ponta no núcleo do cilindro, firmou a mão e pressionou. A broca zuniu e lançou chispas em seus braços, mas ele continuou o trabalho até que a tranca mestra cedesse e a porta girasse para dentro antes mesmo que ele tivesse que forçar.

Empurrando o carrinho na sua frente, Mike entrou no escritório. Os móveis eram de ótima qualidade – havia uma mesa de nogueira, uma escultura de cavalo em cristal Baccarat, um porta-retratos dourado que mostrava McAvoy com sua bela esposa, muito mais nova que ele, e os filhos gêmeos.

E lá estava a pintura, exatamente como Graham descrevera. Um curandeiro índio, pintado a óleo, encarando Mike do outro lado da sala. O olhar do homem era atemporal e suas mãos estavam levantadas mostrando as palmas, um gesto que parecia pacífico e, ao mesmo tempo, uma demonstração de poder. Mike atravessou o escritório, encostou na moldura de madeira, fez uma oração silenciosa e tirou o quadro da parede.

Soltou o ar por entre os dentes. Graham não mentira. Mike colocou uma mão espalmada sobre o cofre, sentindo a fachada fria do aço impenetrável.

Tirou um martelo da sacola esportiva e bateu com ele em diversos pontos em volta do cofre, abrindo vários buracos na parede de compensado, depois a arrancou fora, usando luvas de couro para proteger as mãos. O último item dentro da bolsa era uma serra de vaivém sem fio, com uma lâmina reta de cerca de 15 centímetros. Ele a conectou a uma bateria portátil e a ligou. Em vez de usá-la direto no cofre, enfiou-a nas estruturas que o sustentavam, evitando os parafusos grossos. A madeira não resistiria muito tempo à força dos dentes serrados. O suor escorria para dentro dos olhos de Mike. A qualquer momento, Dodge poderia entrar pela porta do escritório com a fechadura destruída. Ele fazia um esforço imenso para não olhar o relógio a cada instante. Levaria o tempo que fosse necessário.

Com o cofre já solto na parte de cima, Mike posicionou o carrinho sob ele e serrou a viga que o apoiava até que ela se partisse. O recipiente de metal despencou dentro do carrinho com um estrondo, amassando o fundo.

Grande parte da última estrutura de sustentação do cofre tinha se soltado junto com ele, então Mike cortou a ponta que restava, serrando o mais próximo possível do aço. Então abriu a sacola esportiva vazia e a estendeu sobre o cofre, escondendo-o. Deixou as ferramentas espalhadas em cima do elegante tapete persa de McAvoy e começou a empurrar o carrinho de volta. Com um fraco queixume das rodas, iniciou seu caminho em direção à porta.

Parecia que todos estavam atentos ao que tinha restado da confusão nas mesas de pôquer. Um novo ímpeto de excitação percorria o salão e Mike surgiu ainda a tempo de ver Shep fugindo, correndo entre as mesas de jogos de dados, com quatro ou cinco seguranças em seu encalço. Shep deslizou por cima de uma mesa de roleta, colocou-se de pé em um pulo – derrubando uma garçonete que usava um vestido com motivos indígenas – e disparou para o salão de bingo. Depois que os reforços na segurança surgiram, ele não conseguiu ir muito longe.

Com o carrinho coletor à sua frente, Mike queria sair em disparada para o banheiro, mas se controlou e manteve o passo. Quando finalmente chegou lá, empurrou a porta com a extremidade do carrinho. Então praticamente voou com ele pelo piso de porcelanato, jogando-o contra a parede do fundo, ao lado do reservado de deficientes físicos. O lugar estava vazio – ninguém faria uma pausa para ir ao banheiro enquanto o espetáculo armado pela segurança estava a pleno vapor no salão principal.

Mike deslizou por baixo da porta da cabine, destrancou-a e puxou o carrinho para dentro, posicionando-o ao lado do triciclo elétrico, ainda parado no mesmo lugar em que o deixara. Fazendo um esforço sobre-humano para levantar o peso, ele conseguiu transferir o cofre do carrinho para a plataforma do triciclo. Depois de colocar os óculos escuros e o boné, montou no veículo e estendeu o cobertor de lã por cima das pernas, cobrindo o cofre. O objeto era mais largo do que ele imaginava, então seus pés ficaram um pouco para fora dos dois lados, mas ele rezou para que ninguém notasse.

Mike saiu do banheiro dirigindo o triciclo e passou com ele pelo centro do salão na direção da

saída mais próxima. Os restos pontudos das estruturas de sustentação do cofre machucavam suas pernas.

Pela visão periférica, Mike viu cinco seguranças tirando Shep do salão de bingo. Ele resistia o máximo possível para dificultar o trabalho deles.

– Eu não fiz nada! – urrava ele, reforçando sua dicção de surdo. – Me larguem! Vocês estão me machucando!

Vários clientes observavam a cena com consternação e empatia.

Mike manteve a cabeça virada para a frente e a mão no acelerador, mas, devido ao motor fraco e ao peso do cofre, o triciclo parecia andar à velocidade de uma tartaruga. Ele percebeu, preocupado, que o grupo de seguranças em volta de Shep estava seguindo na direção dele. Sua mão doía de tanto apertar o acelerador, mas não conseguia fazer o triciclo andar mais rápido. Por um breve momento, os caminhos deles se cruzaram e Mike virou o veículo para que não colidissem. A cabeça de Shep ficou à vista por um instante, tempo suficiente para que seus olhares se cruzassem antes que os seguranças o arrastassem para longe.

Mike virou de volta para a passagem e direcionou o triciclo para as portas de vidro, quase 20 metros à frente. O cofre se moveu ligeiramente e ele apertou as pernas à sua volta, fazendo o cobertor de lã começar a escorregar. Mais à frente, avistou Dodge e William passarem correndo pela entrada, com McAvoy no meio. Eles seguiam na direção de Mike e, por um instante, ele ficou apavorado. Com a cabeça baixa para que a aba do boné tapasse seu rosto, Mike tirou um pedaço de chiclete da bochecha com a língua e começou a mascá-lo ansiosamente. O motor sobrecarregado deu um guincho. Sua perna estava começando a ter cãibra de tanto tentar conter o peso do cofre, que escorregava. Ele rezou para que suas pernas não estivessem ultrapassando muito o limite do apoio para pés do triciclo, que o cobertor com a águia estampada permanecesse no lugar e que ele não tivesse sido visto.

Não ousava olhar, mas sentiu uma lufada de ar atingi-lo quando os três passaram por ele. Todo o corpo de Mike estremeceu enquanto o triciclo seguia em frente com dificuldade, em uma lentidão cômica. Por fim, as portas automáticas se abriram e ele saiu, com a brisa noturna gelando o suor em seu rosto.

Vários guardas tinham conseguido encurralar Shep, Bob e Molly perto da mesa virada, junto com a maior parte das fichas de jogo. Apesar dos esforços da administração, muitos curiosos permaneciam no local, parados a uma distância segura, apontando para a cena e puxando uma moeda ou outra com a ponta do pé.

Com o capacete de sua motocicleta Ducati enfiado casualmente embaixo do braço, McAvoy se aproximou da multidão e fez um gesto com a cabeça na direção de Shep.

– Cadê seu amigo?

– Sei lá – respondeu ele.

– Pensei que vocês, índios, caçassem juntos.

O olho esquerdo de McAvoy estremeceu um pouco. Ele se virou com toda a calma para um dos

seguranças e perguntou:

– Por que você não o levou, como eu mandei?

– Nós acabamos de cercá-los – respondeu o chefe dos seguranças.

Bob acenou para um grupinho de senhoras preocupadas.

– Estou me sentindo bem melhor agora, graças a Deus. – Ele segurava uma garrafa de suco de laranja. – Já tomei meu remédio.

– Leve-o – ordenou McAvoy, apontando para Shep.

Dodge deu um passo à frente, ficando à vista, e Shep o cumprimentou com a cabeça.

– Como está o pescoço?

A cabeça de Dodge se mexeu levemente, mas seus olhos, focados em Shep, não demonstraram nem reconhecimento nem confirmação.

– Podemos falar sobre isso aqui em um instante – disse William. – Em particular.

Os seguranças agarraram Shep pelos braços e o levaram em frente. A multidão se agitou e então vários policiais uniformizados passaram pela entrada.

McAvoy se adiantou.

– Não os autorizei a entrar em minha propriedade.

Um tenente tomou a frente e mostrou seu distintivo.

– O senhor está lidando com três criminosos, Sr. McAvoy – disse ele. – Devemos prendê-los agora.

Um confronto parecia iminente, mas McAvoy não deixou que chegasse a esse ponto. Levantando as mãos para o alto em um gesto de rendição, deu um passo para o lado e sorriu com cordialidade.

– Fiquem à vontade, senhores.

Os policiais seguraram Shep, Bob e Molly pelo braço e começaram a levá-los em direção à saída, em meio à multidão.

William passou por McAvoy e colocou uma mão no peito de Shep, detendo a procissão.

– Não se preocupe – sussurrou ele. – Graham vai devolver vocês para nós rapidinho.

– Claro – disse Shep. – Pode contar com isso.

Dodge os seguiu a alguns passos de distância em direção à saída, depois parou e continuou encarando as costas deles com olhos insensíveis e inexpressivos.

Quando Mike chegou à van de Bob e Molly, na extremidade do estacionamento, o cofre e o triciclo quase não estavam mais se aguentando. Ele apertou um botão no chaveiro e a porta lateral do veículo se abriu automaticamente. Depois de pressionar outro botão, o elevador para cadeira de rodas se desdobrou. Mike posicionou o triciclo moribundo perto do elevador abaixado, desceu do veículo com as pernas trêmulas e o inclinou para o lado, fazendo o cofre pender e cair no chão do elevador com um estrondo. Com outro toque do botão, o elevador subiu, transportando o cofre para o interior da van.

Mike abandonou o triciclo caído de lado no asfalto, depois pulou para o banco do motorista e deu partida no motor, passando por uma segunda onda de viaturas que se aproximava.

Ao virar na rua principal, baixou a janela e cuspiu o chiclete na rua.

A sala da vigilância cheirava a café e suor. McAvoy ordenou que o diretor passasse a gravação uma terceira vez. A filmagem mostrava Shep encostado na parede perto da caixa-forte, totalmente relaxado, olhando para cima como se estivesse pegando sol.

– Só isso? – questionou McAvoy. – Ele só ficou lá *parado* assim?

– É – confirmou o diretor. – Não fez nenhum movimento na direção da caixa-forte, nada. Talvez tudo tenha acontecido rápido demais para ele.

– E ele não tinha nenhum equipamento.

– Isso mesmo.

McAvoy olhou fixamente para a imagem. Shep virava o rosto para o teto. Ou melhor: para as câmeras ocultas. Como se *quisesse* que o programa de reconhecimento facial acusasse a presença dele ali.

– Espere um instante – falou McAvoy. – Passe essa gravação na tela 27 de novo.

O diretor assentiu e obedeceu. Cinco seguranças arrastavam Shep da sala de bingo em direção ao salão do cassino.

– Espere, dê uma pausa – mandou McAvoy. – Não, volte. Agora. *Agora*. Aí. Pare.

A tela mostrou uma imagem congelada da cabeça de Shep esticada por cima dos seguranças, encarando alguma coisa.

– Para onde você está olhando? – murmurou McAvoy. Ele deu um passo à frente e traçou, com o dedo, uma linha na tela desde os olhos de Shep até a lateral do monitor. – Me mostre a câmera 28, no mesmo horário.

O diretor seguiu as ordens e um veterano velho surgiu no monitor, usando um boné surrado e óculos escuros, e dirigindo um triciclo elétrico. Suas pernas ultrapassavam os limites das laterais do apoio para os pés, como se estivessem quebradas. A mão no acelerador estava coberta por uma luva.

McAvoy empalideceu.

– Chefe – disse o diretor –, o que houv...

McAvoy se virou para a porta, com o capacete da motocicleta ainda debaixo do braço.

Saiu correndo em direção ao salão do cassino, então entrou no corredor da administração pela porta arrombada e seguiu direto para seu escritório, no fundo, que estava completamente escancarado. Entrou na sala e parou na beira do tapete.

O capacete Ducati escorregou de seu braço e bateu no chão com toda a força.

51

QUANDO A PORTA DO depósito abandonado se abriu, Mike levantou um braço para proteger os olhos da luz. Ele estava dentro do depósito escuro havia dezessete horas, tentando não se entregar à paranoia de pensar nas inúmeras formas possíveis de o plano ter dado errado.

Shep entrou no lugar com o sol já baixo batendo às suas costas.

– Já não era sem tempo – disse Mike.

Passar todas aquelas horas sozinho tinha sido uma tortura. O cheiro do concreto úmido se alojara em suas vias respiratórias e potes vazios de macarrão instantâneo rolavam a seus pés. O depósito deserto parecia uma caverna ressoante, viva, gótica. Havia morcegos nas vigas do teto, teias de aranha por toda parte e uma torneira enferrujada pingava em uma pia larga e manchada de tinta.

O estrado com as pesadas caixas que Bob e Molly tinham deixado lá no dia anterior continuava largado no chão rachado. Mike só tinha dado uma espiada dentro de uma delas – achou melhor não mexer em nada, já que Shep entendia muito mais do assunto do que ele.

Ele se levantou e pôs um pé em cima do cofre de McAvoy, o troféu do vencedor da caçada.

– Os policiais me encheram o saco o dia inteiro – falou Shep.

– O que você disse?

– O quê? – respondeu Shep com um sorriso levemente pretensioso. – Falei que não fiz nada de errado, que estava no cassino cuidando da minha vida quando me prenderam. A maior preocupação deles era minha relação com Mike Wingate, mas eu garanti que há *anos* não falo pessoalmente com você. Agora não ando mais com gente da sua laia.

– Foi só isso? Eles deixaram você ir embora numa boa?

– Como prometido, Dois Falcões mandou um ótimo advogado para mim. – Shep pegou um cartão de visita cinza-claro e o agitou no ar, exibindo o material sofisticado. – E parece que o cassino dele comprou algumas viaturas para a polícia de Susanville ano passado. Pela primeira vez em nossas vidas, estamos do lado certo. Sem Graham para atrapalhar, eles tiveram que me soltar rapidinho.

– E Bob e Molly?

– Tudo certo. Já devem estar em Reno a essa hora. – Shep deu a volta no estrado, avaliando as caixas. – Não é que não nos achem suspeitos, mas não tinham um motivo concreto para nos segurar. Já você é um homem procurado.

Ele começou a abrir as caixas e desempacotar equipamentos, a maioria embalada em cobertores para mudança. Entre eles havia carreiras de pequenos refletores pendurados em suportes em formato de T, que Shep ligou a um gerador de energia. Quando acendeu as luzinhas, o depósito ficou claro como o dia. Então ele posicionou os suportes em torno do cofre, para iluminá-lo como se ele fosse uma escultura. Andando de um lado para outro como um meticuloso diretor de cinema, Shep ajustou as luzes para reduzir o brilho. Ao observar o amigo trabalhando, Mike se

lembrou daquele dia, muito tempo antes, em que ele estava aprendendo palavras difíceis para usar na universidade enquanto Shep martelava o cofre roubado da Valley Liquors e a voz da Mamãe do Sofá vinha do fundo do corredor. Não era uma lembrança familiar tradicional, mas ainda assim lhe reconfortou.

Shep enfim se sentou na frente do cofre com as pernas cruzadas.

– Não podemos usar explosivos, já que há negativos de fotos lá dentro, não moedas ou barras de ouro – raciocinou ele, depois fechou os olhos. – O conteúdo acabaria sendo queimado.

– Certo – concordou Mike.

Shep se deitou de bruços e apoiou o queixo nas mãos entrelaçadas à sua frente, olhando para o cofre como um menino assistindo à TV.

– Você não sabe arrombar essa marca de cofre? – perguntou Mike.

– Foi feito sob encomenda – falou Shep.

– O que isso significa para nós?

Shep engatinhou para perto do cofre e encostou o ouvido na porta de metal.

– Significa que temos que escutar o que ele tem a dizer.

Ele encostou no botão da combinação. Acariciou o grosso puxador da porta. Bateu nos lados, inclinando a cabeça para ouvir melhor o toque seco.

Mike só observava, tentando não atrapalhar e não ficar perturbado com a agitação de Shep e sua expressão preocupada.

Após cerca de vinte minutos, Shep disse:

– O problema de ser um cofre sob encomenda é que ele pode ter um dispositivo de autodestruição se alguém tentar abri-lo sem a senha. Aí é que está.

– Sei...

– Ele tem pelo menos três alças de travamento. Mas não estou bem certo da localização delas. E escavar em volta da moldura para descobrir pode ser arriscado. Poderia acionar o sistema de autodestruição.

– Então o que vamos fazer?

– Vamos ter que tentar nos desviar dessas alças.

– Como?

Mas Shep já estava de pé, pronto para agir sob a iluminação das pequenas lâmpadas. Retirou, de uma maleta, um par de óculos protetores e uma ferramenta de aparência futurista que continha um cabo, o motor de uma serra elétrica e uma lâmina circular prateada que emergia de um anteparo que parecia uma boca.

– Parece um instrumento de tortura – comentou Mike.

Shep colocou os óculos e segurou a ferramenta com as duas mãos. Ele parecia ligeiramente perturbado, o que contribuía para a imagem de torturador.

– É uma serra usada pelos bombeiros em missões de resgate. A lâmina é talhada com diamantes

industriais em vez de aço.

– Pensei que você tivesse dito que era muito arriscado cortar o cofre.

– Eu disse que era muito arriscado escavar em volta da moldura para procurar as alças. Mas, se conseguirmos girar o puxador, a ação da alavanca de ressalto retrairá as alças automaticamente.

Mike tentou esconder a impaciência.

– Então, como fazemos o puxador girar?

– A combinação tem três números, certo? Cada um deles corresponde a um disco dentro do conjunto de volteadores. Cada disco tem uma ranhura. Essas ranhuras têm que se alinhar para liberar o bloco de travas e permitir que o puxador da porta gire. O que eu vou fazer – falou, acionando o motor por um instante, fazendo a lâmina girar, e depois desligando-o de novo – é cortar o bloco de travas, pulando todo o restante do processo.

– Como você sabe onde deve cortar?

– Experiência. Sensibilidade. Instinto. É como saber para que lado o goleiro vai pular na hora do pênalti e chutar a bola para o outro.

– E se não der certo?

– Então eu deformo o conjunto de volteadores e a gente não consegue mais abrir o cofre.

Depois de mais alguns ajustes nas luzes, Shep se curvou e se inclinou para a frente com a serra ligada. A lâmina percorreu o aço com um guincho que fez até as obturações dos dentes de Mike doerem. No espaço entre o botão da combinação e o puxador da porta, Shep fez três cortes equidistantes de no máximo 2,5 centímetros de profundidade. Mike estava andando de um lado para outro, inquieto, com as mãos entrelaçadas na nuca.

Finalmente, Shep desligou a serra e secou o suor da testa. Então segurou o puxador com firmeza e o torceu. Ele girou totalmente, produzindo um ruído seco.

Shep suspirou aliviado. Arriscou uma olhada para Mike e depois girou o puxador de volta à posição inicial, com todo o cuidado.

– Está aberto – disse Mike.

– Não. Está *destravado*. Não queremos abri-lo ainda.

– Certo. A armadilha explosiva. – Mike deu um suspiro e estalou os dedos, completamente tenso. – Acho que, se fosse fácil, qualquer um poderia fazer.

Shep se dirigiu às caixas no estrado e voltou com uma potente furadeira elétrica equipada com uma broca grossa. Ele ajustou a ponta da broca no teto do cofre e depois apoiou todo o peso do corpo em cima da furadeira para começar a perfurá-lo. Shep ficou nessa posição por dez minutos, depois mais vinte. De vez em quando, ele parava e assoprava dentro do furo para afastar a poeira. Por fim, parou para descansar.

Os lábios dele estavam tensos e gotas de suor escorriam por todo o seu corpo.

– Não existe nada melhor que isso – falou.

Mike levantou as sobrancelhas.

– Pegar uma maravilha dessa, à prova de tudo, e conseguir abrir – explicou Shep. – Fazer com que ela revele todos os seus segredos. Não importa quanto dinheiro você ganhe, quantos seguranças você contrate, que tipo de cofre personalizado você tenha. Qualquer pé-rapado pode reduzir tudo isso a pó e chegar à terra prometida. Só precisa de foco e determinação. Perseverança, o grande equalizador. E quando as portas se abrem para mim, cara... É um momento de triunfo. – Ele balançou a cabeça e deu um assovio curto. Mike nunca o tinha visto tão empolgado, tão vivo. – Na maioria das vezes nem me importo com a recompensa. O que me interessa é o desafio, não o que tem dentro.

– Só que, hoje, os dois têm importância – retrucou Mike.

– Hoje não é nada. O que está em jogo aqui não é o cofre. É Brian McAvoy e a Deer Creek Enterprises. Dinheiro, conexões, poder... Eles são os caras sentados atrás das portas que estiveram fechadas para nós a vida inteira. Mas, se aplicarmos a pressão certa, no momento certo, se fizermos as incisões corretas – disse Shep, inclinando a cabeça para os cortes na face de aço do cofre – e puxarmos as alavancas certas, vamos conseguir destruir aqueles filhos da mãe.

Ele começou a perfurar de novo, apoiando o peso do corpo no cabo da furadeira. Trocou a broca uma vez, depois outra. Por fim, conseguiu vencer a resistência do aço e finalizar o furo no alto do cofre. Soprou dentro do buraco para tirar a poeira, depois desenrolou um fio preto com uma câmera de fibra ótica na ponta e o enfiou dentro do cofre.

– Está vendo os negativos? – perguntou Mike atabalhoadamente.

Tinha se esforçado ao máximo para esquecer que todos os riscos que tinham corrido se baseavam na suposição de que McAvoy guardara os negativos das fotos no cofre. Agora estavam a poucos centímetros de descobrir se isso era verdade.

Shep olhou para a minúscula tela acoplada ao equipamento. Abriu um pouco a boca, depois se inclinou sobre o furo, cheirou-o algumas vezes e soltou um palavrão.

Mike teve a sensação de que seu coração tinha parado de bater e que seu estômago tinha ido parar na boca, como se ele estivesse descendo uma montanha-russa.

– Eles não estão dentro do cofre – falou.

– Sim, estão – respondeu Shep.

Mas sua expressão continuou lúgubre. Mike olhou para a tela e tudo o que viu foram alguns papéis frágeis e – graças a Deus – uma pequena pilha de negativos. Depois notou a armadilha: um fio desencapado que cercava o interior do cofre. Se as paredes fossem forçadas ou se a porta fosse aberta, uma ponta do fio seria colocada em contato com a outra.

– Se essas partes expostas se tocarem... – disse Mike.

– Elas entram em ignição – completou Shep.

– Então como McAvoy consegue abrir?

– Se você fizer do jeito certo, então o peso do mecanismo de travamento age sobre o fio, tirando-o do caminho.

– Mas você destruiu o mecanismo de travamento – retrucou Mike.

Shep se sentou apoiado nos calcanhares, com as mãos pousadas na calça jeans manchada. Mike não queria aceitar a expressão de derrota do amigo.

– Então vamos ter que nos preparar para jogar água no instante em que a porta se abrir – insistiu ele.

Shep agarrou a parte de trás do colarinho de Mike e levou seu rosto até o furo.

– Cheire.

Um cheiro ácido atingiu as narinas dele.

– Nitrato de celulose – explicou Shep. – Faziam-se longas-metragens a partir dessa substância nos anos 1930 e 1940. Mas amadores costumavam usá-la em fotos instantâneas. – Ele empurrou a câmera de fibra ótica um pouco mais para dentro do cofre, posicionando-a em cima da pilha de negativos. – Está vendo as manchas horizontais a cada quatro furos dentados?

– Como você sabe disso? Quem é você, o doutor-sabe-tudo?

Shep não achou graça, o que só fez aumentar a tensão de Mike. Ele se limitou a umedecer os lábios com a língua e dizer:

– É raro encontrar isso num cofre, mas já vi uma vez. Essa merda é altamente inflamável. É só entrar em contato com uma simples faísca para pegar fogo na mesma hora.

Mike deu um suspiro e bateu a cabeça no cofre. Os negativos estavam bem ali, atrás de uma porta que ele não podia abrir. Chegar até aquele ponto para ser derrotado por duas pontas de fio desencapado...

Ele gritou um palavrão que ecoou por todo o depósito, fazendo os morcegos fugirem das vigas, depois deu uma risada amarga.

– Nunca mais vou ver minha filha de novo só porque uns botânicos de Stanford usaram um filme barato há oitenta anos.

– Eu não tinha como saber.

A voz de Shep estava alta demais, e seu problema de audição não tinha nada a ver com isso.

– Claro que não. Não estou culpando...

– Quero dizer, entre tantos materiais, nitrato de celulose...

– ... você. Sou muito grato...

– ... essa merda é tão inflamável que queima até *debaixo d'água.*

Mike ficou de pé em um pulo e Shep levantou a cabeça para olhá-lo. Mike saiu correndo pelo depósito, gritando:

– Jogue as luzes aqui!

Quando chegou à pia que tinha visto antes, abriu a torneira, que estava um pouco emperrada, e a água começou a cair em um jato contínuo. Shep direcionou um dos suportes de luz para lá e quase cegou o amigo.

– Vamos colocar o circuito embaixo d'água. Sem oxigênio, não há faíscas! – disse Mike.

Shep foi até lá e eles observaram a água cor de ferrugem ir ficando clara aos poucos.

– E se a água estragar os negativos?

Mike encontrou um pedaço de pano ressecado no chão e o usou para tapar o ralo da pia.

– Não temos outra opção. – Enquanto a água subia, ele espalhou vários cobertores pelo chão ao lado da pia e direcionou as luzes diretamente para eles. – Vamos ter que separá-los um do outro imediatamente.

Quando Mike fechou a torneira, o depósito foi tomado pelo silêncio.

Então os dois foram até o cofre e o levantaram, um de cada lado, com todo o cuidado para manter a porta bem fechada. Com algum esforço, carregaram-no até a pia e o acomodaram em sua beirada. Shep estava com os olhos brilhando de entusiasmo.

– Pronto?

Eles deixaram o cofre deslizar até atingir a água, formando uma onda que quebrou nas coxas deles. Uma ponta de madeira que ainda estava presa a um dos cantos rasgou o braço de Mike, mas ele aguentou firme, posicionando o cofre suavemente no fundo.

Depois deu um passo para trás e sacudiu os braços, respingando sangue e água no chão de concreto. Shep permaneceu quieto, inclinado sobre a pia, com os cotovelos apoiados na beirada. Depois de checar se os cobertores tinham se aquecido sob a luz, Mike foi para o lado do amigo, ficou na mesma posição que ele e olhou para baixo. Bolhas de ar começaram a sair pelo furo no alto do cofre e faziam um barulho suave ao atingir a superfície, como se fossem peixinhos se alimentando.

Mike tentou não pensar na água afogando os negativos. Tentou não pensar no que aconteceria se eles estragassem, se as pontas desencapadas do fio entrassem em ignição quando a porta se abrisse apesar da água, se não fossem os negativos que Dois Falcões queria. Suas pernas estavam bambas.

Eles esperaram, observando enquanto o cofre ia se enchendo ao poucos.

52

William e dodge estavam sentados na cozinha cheia de mofo da casa de ripas de madeira, folheando desesperadamente a lista de lares adotivos da Califórnia e dos estados vizinhos. Haviam reduzido consideravelmente a relação, mas ainda tinham centenas de endereços. O chefe não parava de pressioná-los, então os dois tinham virado a noite trabalhando. Depois do roubo do cofre, a impaciência de McAvoy tinha se transformado em fúria. William não saía do telefone, pedindo um favor atrás do outro a vários policiais em diversos departamentos para conseguir diminuir a lista. Ele tinha agentes espalhados por quatro estados verificando lares adotivos e procurando novas pistas.

A cozinha estava imunda havia tantos meses que ele e Dodge tinham desistido de qualquer pretensão de limpá-la. Havia rastros de gordura escorrendo da parede para o fogão, as janelas estavam cheias de poeira e montinhos de sal derramado no chão pareciam minipirâmides. E, ainda assim, de alguma forma eles conseguiam dar um jeito, lavando uma xícara ou um prato de cada vez antes de usar e depois devolvendo o respectivo item à pilha de louça suja na pia ou acumulada ao longo de toda a bancada. Empoleirada em cima do micro-ondas – quebrado fazia tempo – estava uma máquina de fax, com algumas moscas mortas aprisionadas no alimentador de papel.

Dodge estava sentado de frente para William, lendo uma revista em quadrinhos e bebericando uma xícara de chá quente. À luz fraca, seus traços pareciam ainda mais indistintos. De vez em quando ele esfregava distraidamente o polegar no indicador, produzindo um som de lixa. Era desse jeito que ele demonstrava impaciência.

William tinha acabado de pôr o celular para recarregar quando ele vibrou. Dodge parou de roçar os dedos um no outro.

William checou o identificador de chamadas no visor, depois atendeu e disse:

– E aí, conseguiu pegá-lo para a gente?

– Esses idiotas da polícia de Susanville não vão nos entregar Shepherd White. – A voz do chefe estava tensa e alta. – Na verdade, ele foi liberado há quase três horas.

– Liberado? – Irritado, William se sentou em uma pilha de jornais velhos que chegava à altura de sua cintura. – Dodge já tinha preparado o porão. Onde diabo estava Graham?

– Morto – informou o chefe.

– Graham está morto – repetiu William para Dodge.

O grandalhão olhou para ele, deu um gole no chá e voltou a ler os quadrinhos. Começou a esfregar os dedos um no outro de novo.

– Ele não atendia ao telefone, então mandei a polícia de Sacramento à casa dele para dar uma olhada – continuou o chefe. – Foi morto na cama, com um tiro.

William percebeu o que o havia deixado tão inquieto na voz do chefe. Era algo que nunca ouvira antes. Desespero. Ele deu um suspiro, coçou o queixo e dominou a onda de preocupação que tomou conta dele.

– Vai ficar tudo bem.

– Ah, é? E por acaso você já lidou com isso antes? Com policiais do estado batendo à sua porta? Você sabe como ter acesso à investigação do assassinato do maldito diretor de uma agência? – Ele estava ofegante. – Não me diga que vai ficar tudo bem. *Eu digo* quando vai ficar tudo bem.

– Sim, senhor.

– Bem, felizmente ainda temos muitos amigos. Estou sentado na frente de um dos superiores de Graham neste exato momento. Parece que ele nos mandou um presentinho do além. Nosso futuro parceiro aqui anda monitorando as atividades de um certo indivíduo. Quando ele soube da notícia da morte de Graham, veio até aqui pessoalmente para me contar o que descobriu. – Uma pausa intensa. – Ele conseguiu rastrear uma pista.

William soltou um suspiro de alívio e depois se dirigiu a Dodge:

– Temos um endereço.

O enorme homem fechou a revista em quadrinhos, passou a mão pela capa e se levantou.

– É um nome familiar – anunciou o chefe.

William pegou um pedaço de papel e uma caneta. Sentiu os lábios se esticarem sobre os dentes e percebeu que estava sorrindo.

– Vá atrás das respostas que queremos – disse o chefe. – Custe o que custar.

53

OS NEGATIVOS DAS FOTOS – tirando o que estava no alto da pilha, que se desintegrara nas mãos de Mike – haviam emergido da água surpreendentemente intactos. Inicialmente estavam grudados uns nos outros, mas isso acabara servindo para proteger os que se encontravam no meio do bolo. Mike tinha ficado ansioso para entregá-los a Dois Falcões, mas Shep o convencera a esperar um tempo depois que eles secaram, para que as luzes pudessem dar conta de alguma umidade oculta.

Agora era pouco mais de meia-noite e Mike estava sentado sozinho com Dois Falcões em uma sala fechada localizada atrás do caixa do cassino, onde os prêmios acumulados eram pagos. A mesa entre eles era de aço inoxidável e havia um carrinho no canto, feito do mesmo material, que continha uma máquina de contar dinheiro, uma calculadora financeira, um telefone pesado e uma câmera polaroide. Aquela era uma sala que mudava a sorte das pessoas, e Mike esperava que aquela noite não fosse uma exceção.

Shep estava esperando perto dali, com o carro estacionado em uma rua escura, pronto para agir se Dois Falcões faltasse com a palavra. No caminho até o cassino, Shep e Mike tinham parado no hotel para acrescentar um item à pilha crescente de objetos escondidos no quarto: o relatório genealógico do povo Deer Creek.

Ainda no depósito, com as luzes aquecendo seus ombros, Mike tinha ficado olhando maravilhado para a folha molhada com a árvore genealógica de sua família, que tinha um selo oficial em relevo no alto. Todos aqueles nomes e datas, as ramificações e os casamentos, uma história na qual ele estava inserido. Quando viu o lugar reservado a seu nome, *Michael Trainor*, em meio à vasta e interligada linhagem, ficou emocionado demais para falar. No entanto, horas mais tarde, depois que as páginas tinham secado e o papel havia ficado rígido, ocorreu-lhe que as palavras eram apenas tinta, que ele já tinha um lugar no mundo. E o único caminho para conseguilo de volta era o homem sentado à sua frente agora.

Dois Falcões levantava cada negativo contra a luz e os fitava com olhos semicerrados e úmidos, evidenciando as rugas em seu rosto. Sua tribo iria manter a posição oficial, mas estava claro que as imagens significavam muito mais para ele. Ele explorava um negativo de cada vez, e a paciência de Mike já estava se esgotando.

– Obrigado – disse Dois Falcões. – São incríveis. Desde menino eu sonhava com o povoado. Veja só.

Ofereceu um negativo frágil a Mike do outro lado da mesa, mas ele ficou só encarando-o.

A expressão de deslumbramento de Dois Falcões foi substituída pelo acanhamento. Ele deslizou sua cadeira de rodinhas até o carrinho e murmurou algo ao telefone. Poucos minutos depois, Negão entrou e depositou uma caixa de cofre de banco em cima da mesa, na frente de Mike.

Apesar de a sala estar fresca, Mike sentia o suor escorrer pelas laterais do corpo. Quando ele abriu a caixa, ficou espantado ao constatar que estava quase vazia, com apenas alguns papéis preenchendo o longo compartimento de metal.

A primeira coisa que viu foram fotografias de câmeras de segurança – Brian McAvoy com Dodge e William. Era o registro de vários encontros, com cada foto exibindo uma data e um horário diferentes. Mike fitou Dois Falcões, nada impressionado.

– O material que meu informante contrabandeou está embaixo disso – falou Dois Falcões.

Mike tirou o restante das fotos da caixa e viu uma pilha de fotocópias – várias páginas de papel pautado preenchidas à mão.

Cópias tiradas de livro-razão.

O coração dele se acelerou.

Dois Falcões se esticou por cima da mesa e bateu com um dedo de unha manicurada em cima dos papéis.

– Esses papéis contêm o registro de pagamentos de suborno realizados através da conta pessoal de McAvoy. Sim, essa é a letra dele. Provavelmente ele não queria arquivos digitais, já que são muito fáceis de copiar – disse ele com uma nota de ironia.

– Você tinha dito que seu informante era contador? – perguntou Mike.

Dois Falcões assentiu.

– Ted Rogers. Um especialista em escrituração contábil e proteção de regulamentação fiscal. McAvoy o contratou para agilizar o fluxo de caixa entre empresas não sujeitas à regulamentação dos Estados Unidos. No processo, o Sr. Rogers precisou pôr em ordem algumas transferências eletrônicas erradas entre contas. Então, ele teve acesso limitado a esse livro-razão. Os beneficiários das transferências estão identificados por número de conta bancária, está vendo? Imagino que você seja capaz de adivinhar quem são as presenças mais frequentes da lista.

– Rick Graham – disse Mike baixinho. – Roger Drake. William Burrell.

– E, se olhar mais atentamente, Leonard Burrell. Acho que ele é...

– Tio de William.

Mike começou a folhear as páginas, com o machucado em seu braço latejando. As datas remontavam a décadas antes. Ao lado de algumas transferências havia números enormes, sem vírgulas ou hífens. Mike contou e recontou – cada um deles tinha nove dígitos.

– Eles são o que eu estou pensando? – perguntou Mike.

– Números do Seguro Social.

Mike tentou engolir, mas sua boca estava seca demais.

– De quem?

– De sua mãe e de seu pai. Das pessoas que se recusaram a vender suas terras. De uma vereadora que criou obstáculos a uma lei de zoneamento. De um viciado em jogo que não podia pagar uma dívida milionária. Depois que as transferências eram efetuadas, as pessoas com os números do Seguro Social correspondentes desapareciam em um ou dois dias. Sem deixar rastro.

Ver isso assim, registrado de forma tão descarada, dava nojo. Dólares e centavos, vidas humanas.

– Quais... – Mike umedeceu os lábios. – Quais pertenciam a meus pais?

Dois Falcões apontou para as transações. Mike passou o dedo pelas datas. Ficou olhando para os números do Seguro Social. Só John. Danielle Trainor. Dois Falcões pigarreou e Mike percebeu que tinha se desligado por um instante.

Ele folheou as fotocópias até o final, mas as datas acabavam cerca de uma semana antes de Dodge e William terem saído do nada para atormentar a vida dele. Pensar que o livro-razão verdadeiro ainda estava lá, depositado em algum cofre ou uma gaveta trancada, o deixou paralisado. Ele sabia o que estaria escrito lá agora com aquela caligrafia apertada – o número de seu próprio Seguro Social e o de sua filha.

O último pagamento generoso chamou sua atenção. Não tinha o número do Seguro Social correspondente.

– O que você acha que foi isso?

Dois Falcões abaixou os olhos para a mesa.

– Uma das últimas atribuições de Ted Rogers foi transferir o dinheiro para pagar o próprio assassinato. – Voltou uma página e apontou para outro lançamento não identificado. – E o da mulher dele.

A informação pairou no ar por alguns instantes.

– Passaram-se alguns dias sem nenhum sinal deles, até que alguém chamou a polícia e encontraram a casa vazia. Nenhuma pista além do desaparecimento de uma almofada do sofá do escritório de Ted. Dodge e William nunca deixam um corpo para trás. – Dois Falcões esfregou os olhos. – É claro que McAvoy desconfiou de alguma coisa. Por razões óbvias, ele deixou os números do Seguro Social fora do livro-razão, já que Ted iria reconhecê-los...

Ele se recostou na cadeira com os dentes trincados e os olhos úmidos. Agora Mike entendia por que Dois Falcões não quisera entrar em detalhes quando Shep lhe perguntara o que o informante dele tinha conseguido.

O cenário na casa dos Rogers era bem parecido com o dos pesadelos que vinham se desenrolando na cabeça de Mike nas últimas duas semanas. Desviou o olhar para o fundo da caixa e viu uma última pilha de documentos xerocados. Ele os pegou.

As primeiras páginas exibiam marcas sombreadas nos locais em que os originais tinham sido dobrados como cartas. Cada uma delas continha uma data escrita à mão, um dos números de Seguro Social especificados no livro-razão e uma espécie de código. No meio da pilha, as páginas mudavam para o formato de fax, com os códigos aparecendo embaralhados no meio das folhas e o registro de horário impresso nitidamente no alto.

Grato pela mudança de assunto, Dois Falcões disse:

– Imagino que essas páginas estivessem enfiadas no final do livro-razão. Cada data corresponde a um pagamento e ao desaparecimento de alguém. Acredito que seja uma confirmação de que o trabalho foi... concluído. Nesses últimos, o número de fax do destinatário especificado no cabeçalho é a linha pessoal de McAvoy. Só não conseguimos descobrir o que significam os

códigos.

Mike deu uma olhada em alguns deles. *FRVRYNG. MSTHNG. LALADY.*

Seriam mensagens de texto? Apelidos?

A sala fechada começou a lhe dar claustrofobia. Estava louco para sair dali e começar a formular um plano com Shep e Hank para acabar com McAvoy e seus homens. Recolheu os documentos e os colocou em um grande envelope cinzento que Dois Falcões lhe dera.

Levantou-se e apoiou uma das mãos na mesa para se aprumar. Dois Falcões segurou seu braço para ajudá-lo. Seguiram em direção ao corredor dos fundos, agora com Mike já andando por conta própria.

Quando ele chegou à porta e a abriu, o ar noturno soprou por entre suas roupas, deixando sua pele arrepiada. Olhou para trás e viu Dois Falcões ainda de pé no corredor, observando-o. Ele levantou o braço, mostrando a palma da mão como o índio da pintura.

Mike saiu andando no frio.

– Você precisa de um corpo. – A voz de Hank do outro lado da linha soava rouca e fraca.

Com o celular no ouvido, Mike se sentou no banco do carona do Ford Pinto, tremendo de frio, sob o olhar atento de Shep. Tinham parado no estacionamento de uma lanchonete 24 horas ao pé da colina em que ficava o cassino de Dois Falcões. O envelope cinza pesava no colo de Mike.

– *O quê?* – disse ele.

– Por que você acha que McAvoy faz com que essas pessoas *desapareçam*? – continuou Hank. – Sem um corpo, é impossível abrir uma investigação de assassinato. Toda essa merda que você conseguiu, por pior que pareça, continua a ser circunstancial. Mas um corpo... Um corpo abre uma investigação.

Mike estava aos gritos.

– Você está me dizendo que *tudo isso*...

– Veja só, não há dúvida de que essas provas viram o jogo. Agora a situação ficou séria demais para McAvoy conseguir encobrir. Só com os pagamentos para Graham, o nome dele já fica manchado. Quando isso vier a público, vai criar uma distância entre McAvoy e a comunidade policial. Todos os departamentos vão querer ficar o mais longe possível do cara. Tudo pelas aparências. E com esse relatório genealógico, você pode reivindicar a posse do cassino e tirar o filho da mãe do negócio. Dodge e William serão investigados e postos sob vigilância, e duvido que a polícia não encontre algo que feda. Mas você me perguntou se isso põe McAvoy *na cadeia* e estou dizendo que não. Um *corpo* teria esse poder.

Exasperado, Mike pressionou a face direita contra o vidro gelado do carro. Um jovem casal estacionou um Mercedes duas portas antigo do lado deles e desceu do carro, fazendo com que Mike resistisse à vontade de gritar de novo.

– E o que eu faço, então? – perguntou em voz baixa.

– Você já fez o bastante – retrucou Hank. – Vamos arrumar um advogado, vazar algumas provas,

negociar a quem você vai se entregar. Estou pensando no FBI. Você tem muito o que explicar também, a começar pelo corpo de Rick Graham. Mas podemos recorrer ao sistema agora, fazer tudo dentro da lei. Você vai poder ver como Annabel está e recuperar sua filha, em segurança.

A cabeça de Mike pendeu para a frente e ele pressionou os olhos com os dedos.

– Você está escondido há muito tempo – prosseguiu Hank. – Está na hora de reaparecer.

Lágrimas caíam por entre os dedos de Mike e pingavam no envelope cinza. Com algum esforço, ele conseguiu dizer:

– Quanto tempo? Até eu pegar Kat de volta?

– Vamos agir o mais rápido possível. Alguns dias?

– Não. Até amanhã à noite.

– Então vamos começar agora.

Mike engoliu com dificuldade.

– Tudo bem. Vou até aí. Vamos fazer cópias de todos os documentos e guardá-las em lugares diferentes. Bolar um plano, devagar e com inteligência.

Hank concordou e eles se despediram.

Mike jogou a cabeça para trás e deu um longo suspiro.

– Tudo bem – falou para si mesmo. – Tudo bem. – Respirou fundo de novo, dessa vez mais calmo. – Vamos ao hotel para pegar a grana, o pen drive e o relatório genealógico.

– O hotel é para o outro lado – retrucou Shep. – Eu vou sozinho e encontro você lá.

– Mas nós só temos um carro – atalhou Mike.

Shep o olhou com o rabo do olho, desapontado com a falta de imaginação do amigo. Então desceu do carro e bateu a porta atrás de si. Em dez segundos ele estava dentro do Mercedes antigo; em quarenta, o motor ganhou vida.

Fez um gesto de paz e amor para Mike ao seguir em frente.

Mike passou para o banco do motorista e foi embora do estacionamento.

Àquela hora a estrada estava tranquila. Vários quilômetros depois, quando já se aproximava do hotel onde Hank se hospedara, um lampejo de esperança atingiu Mike, fazendo-o quase perder o fôlego. Ele desviou para o acostamento, passando por cima de algumas plantas, então parou, desceu do veículo e se inclinou para a frente, colocando as mãos nos joelhos, para normalizar a respiração. Fazia tanto tempo que não ousava ter esperanças que o sentimento invadiu seu fluxo sanguíneo como uma droga à qual tivesse perdido a tolerância. Afastou os pensamentos do toque de Annabel, das mãos dela entrelaçadas às dele. Do corpo de Kat em seu colo, a bochecha macia encostando na dele.

Você não é um marido. Não é um pai. Ainda não.

O ar estava frio e cheirava a artemísia. O barro molhado grudava nas solas de seus sapatos. Ele teve ânsia de vômito duas vezes, mas nada aconteceu, então voltou para o carro. Tinha deixado a porta aberta e a luz suave do firmamento se derramava sobre os encostos dos bancos. Entrou no

Ford Pinto, pôs as mãos no volante e deu a partida para ir ao encontro de Hank.

Ao voltar à estrada, o “batfone” vibrou em seu bolso. Pegou o aparelho e atendeu:

– E aí?

– Vou passar a ligação para outra pessoa – disse Shep com uma voz estranha.

– O quê? Para quem?

Ouviu um barulho ao fundo e depois um clique.

– Alô? – falou Annabel.

54

O PRIMEIRO PENSAMENTO QUE PASSOU pela cabeça de Mike depois da primeira onda de alívio ao ouvir a voz de Annabel foi que Dodge e William tinham conseguido encontrá-la e a haviam forçado a ligar. Ele mal sabia o que estava falando, mas entre o fluxo descontrolado de palavras que saíam de sua boca e a confusão de sua mente, registrou as respostas da esposa:

– Sim, estou viva. Estou viva. Estou bem aqui, querido.

Em seguida:

– ... preciso de você. Preciso de você aqui. Estou tão assustada...

E depois:

– ... Não, ninguém me pegou. Estou a salvo. Só fico deitada, meu corpo inteiro dói e estou cheirando a hospital, mas a salvo.

O cérebro de Mike finalmente captou o que estava acontecendo: *Annabel está viva*.

Ela soluçava e sua voz soava falhada e angustiada.

– ... em pânico quando acordei ontem. Pensei que você estivesse...

Annabel está viva.

– ... quase 24 horas para minha voz funcionar. Eu tinha o telephone de Shep, aquele que você me deu...

Viva.

– Não liguei para ninguém. Me disseram que meu pai está fazendo o impossível para me achar, mas eu sabia que tinha que esperar para falar com você. Shep me contou uma história maluca sobre uma tribo indígena e disse que ninguém pode saber onde estou. Que vocês estão fugindo.

A pergunta seguinte dela o tirou de seu transe de um só golpe, provocando-lhe um tipo de choque às avessas e fazendo seus sentidos se aguçarem com uma clareza absoluta.

– Como está meu bebê? – indagou ela.

Ele experimentou uma sensação de surpresa pura e bruta e percebeu que estava agarrando o volante com toda a força. O para-brisa embaçado deixava as extremidades da placa amarela do hotel de Hank, mais à frente, borradas.

Mike pigarreou.

– Shep... Shep não lhe contou?

– Contou o quê?

Sua voz não estava mais calorosa.

Ele se esforçou para pronunciar as palavras.

– Tive que deixá-la.

– Deixá-la? *Deixá-la*? Há quanto tempo?

Cinco dias, quatorze horas e dezessete minutos.

– Alguns dias – respondeu ele bruscamente.

– *Dias*? Você disse...

– Annabel, eu lhe prometi...

– Você verificou se ela está bem?

– Eu... não pude. Não posso. Houve...

– Quer dizer que ela ficou todo esse tempo sozinha? Sem você? – Era possível ouvir a respiração ofegante dela do outro lado da linha. – Mas você *sabe* se ela está bem? Neste momento?

Ele sentiu que hesitou por tempo demais.

– Sei.

– Não. – A voz dela agora era um lamento. – Não! Onde ela está?

– Não posso... Não posso dizer – retrucou ele.

Annabel respirava com dificuldade – talvez estivesse hiperventilando. Ele ouviu, ao fundo, o bipe de um monitor cardíaco.

– Como assim, não *pode*? – questionou ela.

– Eles ainda estão procurando a gente. Aqueles caras já foram atrás de você uma vez para chegar a mim e a Kat. Não podemos correr mais nenhum risco.

– *Onde está minha filha?*

– Annabel...

– Shep sabe onde ela está?

– Ninguém sabe.

– Só você.

– Vou buscá-la amanhã, Annabel. Esse inferno já está quase acabando. Estamos muito próximos de pegá-los e voltar à nossa vida normal. Faltam poucas horas, querida. *Horas*.

Ela estava chorando de novo, desamparada. Ele a imaginou, ferida e presa à cama em um quarto estranho, sem poder fazer nada.

Sem nem se dar conta, ele tinha estacionado na vaga em frente ao hotel de Hank e desligado o motor.

– Vou buscá-la amanhã – garantiu Mike – e levá-la para você.

– Por favor, só me diga onde ela... que ela está...

Ele juntou todas as forças para endurecer o coração.

Você não é um marido.

– Amanhã – disse ele. Vai ficar tudo bem.

– Eu preciso saber – implorou ela entre soluços. – Só preciso ouvir a voz do meu bebê.

– Não dá, me desculpe – respondeu ele. – Eu te amo.

Então Mike desligou. *Me desculpe*, falou para si mesmo. *Me desculpe, me desculpe*. Sentiu um

calor subir até seu rosto e deu um murro no volante, depois outro e mais outro. Os nós de seus dedos começaram a doer.

Então ele ficou ali sentado, ofegante. *Faltam poucas horas*, lembrou a si mesmo. *Horas*.

Annabel estava viva. No entanto, inacreditavelmente, ainda havia algo mais importante em jogo naquele momento.

Mike pegou o envelope cinza e saiu correndo até o quarto de Hank. Quando bateu à porta, o detetive gritou lá de dentro:

– Pode entrar.

A porta estava destrancada. Mike a empurrou e entrou em uma pequena saleta escura, iluminada apenas por um laptop aberto sobre uma mesinha. O computador portátil mostrava um redemoinho lilás como descanso de tela. Hank estava sentado na cama, olhando para o nada, com os ombros caídos.

– Pode entrar – repetiu ele.

Mike parou no limite entre a saleta e o quarto propriamente dito.

– Conseguimos, Hank.

Ele ouviu um miado e em seguida o gato gordo de Hank apareceu para se esfregar em suas pernas. O animal se sentou em cima do pé de Mike e começou a lamber a pata da frente.

Ele levantou o envelope.

– Está tudo aqui.

O redemoinho lilás continuava a girar na tela, iluminando vagamente a parede em frente, o abajur, os sapatos de Mike. Ele olhou para baixo e conseguiu ver, no assoalho de tacos, uma trilha de patinhas. As manchas escuras iam do lado da cama até o gato sentado em seu pé.

Um frio horripilante percorreu sua espinha, então ele deixou o envelope cair e pegou o 357 enfiado na calça. Assim que o envelope chegou ao chão, o gato saiu correndo, deixando marcas frescas de sangue no caminho.

Mike empunhou o revólver e começou a mirar e girar em torno de si mesmo para se acostumar à escuridão quase total. Do outro lado do quarto, Hank continuava sentado como uma estátua, encarando o vazio. Só então Mike viu o gravador de microcassete na mesinha de cabeceira ao lado dele. A voz do detetive saía dos minialto-falantes: *Pode entrar*.

Mike encostou-se na parede, mal conseguindo raciocinar. Escutou um leve farfalhar vindo do banheiro escuro, entre ele e a porta da frente. Então deu mais alguns passos para dentro do quarto e iniciou uma marcha trêmula em direção a um canto. O redemoinho na tela continuava a girar, lançando reflexos nas paredes e no teto. Agora com os olhos mais habituados à escuridão, Mike percebeu o cabo da internet saindo dos fundos do laptop e entrando na tomada embaixo da mesa e foi invadido pela certeza cruel de que eles tinham rastreado Hank até ali quando ele acessara a rede.

O gato voltou à vista, seus passos um sussurro no chão empoeirado. Mike recomeçou a andar e sentiu um movimento rápido no espaço perto das cortinas. Ajustou a arma e puxou o gatilho, e o

clarão que saiu do cano do revólver iluminou o espelho estilhaçado na parede.

Mike ouviu algo zunindo no ar atrás dele e depois viu o chão se aproximar rapidamente de seu rosto até atingi-lo.

55

JANINE, A MAIS VELHA, mantinha um casulo em um galhinho dentro de um vidro de picles gigante. A Sra. Wilder tinha colocado o pote em uma prateleira acima do aquecedor da cozinha, na esperança de esquentar a crisálida até que ela se rompesse. Antes de cada refeição, as meninas iam ver se havia algum sinal de vida lá dentro. As tradições, apesar de poucas e simples, eram seguidas à risca.

Kat dormia no quarto cômodo, em um colchão arrumado entre dois beliches. Ela tinha o sono irregular e, quando conseguia adormecer profundamente, era acordada de manhã pelas meninas pisando nela em direção ao banheiro. As outras meninas não eram nem simpáticas nem cruéis, mas de certa forma a indiferença delas era ainda pior. Era como se Kat fosse apenas mais uma entre os inúmeros corpos indistintos que entravam e saíam de baixo daquele teto, como se não houvesse diferença entre ela e as diversas outras que a antecederam ou aquelas que viriam a ocupar seu lugar. Ela dormia encolhida como um bichinho e alisava o lençol que cobria seu colchão todo dia antes do café da manhã, em um arremedo de cama feita. Ela percebeu que se esforçava ao máximo para não deixar nenhum vestígio quando fosse embora.

A maioria das meninas frequentava a escola, e Kat apreciava a relativa calma proporcionada pelo correr dos dias. Ela se sentava na sala e ficava observando a Sra. Wilder pela porta da cozinha, mudando de lugar para mantê-la à vista sempre que ela ia do fogão para a escrivaninha a fim de organizar a correspondência. Por fim, a Sra. Wilder olhava para ela e dizia:

– Querida, é melhor achar alguma coisa para fazer antes que seus olhos caiam do seu rosto.

Kat então ia até a janela e se sentava para observar a rua, lembrando-se das últimas palavras de seu pai, repassando-as na mente para procurar significados ocultos.

Você poderá achar que eu não tenho como saber que você vai se dar bem na vida.

Havia muitas lacunas, mas era tarde demais para pedir que ele as preenchesse.

Você precisa ser forte. Sua vida está em jogo. Ninguém pode saber nada sobre você.

Agora ela era Katherine Smith, de San Diego – Mike, Annabel e ela tinham ido lá algumas vezes, no Sea World e na Legoland, e Kat poderia descrever o cheiro da maresia que vinha do oceano. Mas até o momento ninguém tinha perguntado nada, nem a Sra. Wilder.

Eu vou voltar para buscá-la.

Não havia nenhuma dúvida sobre isso. Certo?

Olhando para os carros que passavam, Kat pensava se seu pai tinha dito quando viria, mas não conseguia se lembrar. Duas semanas? Dois anos? Quando ela chegasse à adolescência?

Kerry Ann, a menina de 3 anos, não parava de bater no joelho de Kat com uma pequena baqueta. Kat tinha levado a baqueta até um xilofone quebrado para tentar tocar a canção da órfã Annie que ela aprendera havia muito tempo com seu professor de piano, mas não conseguia acertar e, além disso, Kerry Ann estava distraída olhando para o gato.

Quando as meninas voltavam da escola, Kat tentava se tornar invisível. Ficava na janela

enquanto as outras irrompiam na casa com suas mochilas, seus cachos desarrumados e suas histórias do colégio. Sua cabeça não parava de coçar por causa do produto químico contra piolhos. Ela ficara agradavelmente surpresa por ninguém ter gozado de sua cara quando a Sra. Wilder aplicou o remédio nela na primeira noite. Todas as meninas já tinham passado por aquilo.

Janine notou Kat olhando para a rua e parou. Ela era bonita, apesar de seus olhos arregalados.

– Não perca seu tempo – disse ela.

– Ele vai vir – retrucou Kat. – Ele me prometeu.

– Janine passou uma camada brilhante de batom em seu lábio inferior.

– Você vai ver – falou, então foi se juntar ao grupo amontoado em volta do pote de vidro.

A conversa delas chegava a seus ouvidos, mas ela quase não prestava atenção.

– Talvez seja uma borboleta laranja.

– A Sra. Wilder disse que não estamos na época desse tipo de borboleta.

– Ah, e a Sra. Wilder sabe de tudo?

– Sabe mais do que você.

– Há vários tipos de borboletas. Além disso, elas são da época do outono. Tomara que seja amarela em vez de laranja.

– Desde que não seja uma *mariposa*...

As vozes chegavam a Kat distorcidas e distantes, como se ela estivesse debaixo d'água. A menina encostou o nariz no vidro, rezando em silêncio para que seu pai aparecesse com um carro roubado e um sorriso no rosto.

Durante o jantar, Kat fazia de tudo para não chorar. Mastigava e engolia, forçando a comida goela abaixo. Tentava não cruzar olhares com ninguém, porque sabia que se fizesse isso ia cair em prantos e ficaria conhecida como Katherine Smith, a Garota que Chorou no Jantar. Então fitou o galhinho com o casulo. Quando as meninas se levantaram para tirar a mesa – a tarefa dela era secar os talheres –, ela o viu pulsar uma vez.

Kat ficou com esse pequeno segredo na cabeça durante todo o tempo que elas levaram para arrumar a cozinha e escovar os dentes. Quando estava se preparando para se deitar, viu que uma das meninas tinha pisado bem no meio do travesseiro dela com o pé sujo, deixando uma mancha escura nele. Ela atravessou o corredor de volta e foi falar com a Sra. Wilder, que estava na sala assistindo a uma reprise de *Hannah Montana*. Ela despejava o cereal da caixa direto na boca e metade caía para fora.

– Desculpe incomodar a senhora – disse Kat –, mas posso pegar uma...? Minha fronha está suja. Posso pegar outra?

Algumas meninas deram um risinho abafado e o rosto de Kat ficou vermelho.

– Querida, não temos fronhas extras – respondeu a Sra. Wilder.

Então todas voltaram a prestar atenção à TV e Kat ficou lá em pé se sentindo uma idiota.

– Mais alguma coisa? – perguntou a mulher.

– Eu... quando eu vou para a escola?

– Estou vendo isso.

– Se eu fosse você, não reclamaria – implicou Janine. – Não por causa da *escola.*

Quando Kat passou pela cozinha, deu uma espiada no casulo e viu uma rachadura nele. Voltou para o colchão com o coração aos pulos e virou a parte suja do travesseiro para baixo.

Depois, deitada ali, ficou olhando para os beliches dos dois lados. As meninas mais novas já estavam dormindo — Emilia até roncava um pouco —, mas Kat não conseguia pegar no sono. Mais tarde, ouviu a TV sendo desligada, depois os passos no piso, fazendo-o ranger, em seguida o barulho de portas batendo e por último o ruído solitário do aquecedor.

Kat ficou deitada o máximo que pôde, então se esgueirou para fora do colchão e foi, pé ante pé, até a cozinha. O casulo estava aberto, enroscado no galhinho como uma folha morta, mas ela não conseguia ver a borboleta em lugar algum. Aos poucos, percebeu que não havia borboleta, que o que tinham achado ser uma protuberância no galho era na verdade uma mariposa recém-nascida.

Era marrom, fosca e comum.

Kat se lembrou do lagarto que quisera criar e esquecera na picape, e de como seu pai tinha levado o bichinho ao quarto dela à noite, duro dentro do pote. Sem pensar muito, pôs o vidro de picles debaixo do braço e saiu devagarzinho para o pátio. O ar frio da noite entrou em seu pijama, fazendo sua pele se arrepiar.

Viu uma viatura policial estacionada bem perto da cerca, o que a fez se sentir mais segura, apesar de o carro estar vazio. Nos fundos do terreno, atrás dos brinquedos do pátio, elevava-se uma fileira de árvores e Kat não pôde deixar de reparar que eram mais bonitas do que as de sua própria casa.

Pensou nas palavras de seu pai – *Eu vou voltar para buscá-la* –, mas não conseguiu se lembrar do rosto dele ao dizer isso e percebeu que em breve poderia se esquecer por completo até mesmo de seus traços. Aí as próprias palavras poderiam se embaralhar – o que ele realmente disse e o que ela achava lembrar –, e Kat imaginou, com horror, se um dia ela de fato *se tornaria* Katherine Smith, de San Diego.

Ele vai vir, disse a si mesma. *Ele jurou.*

Olhou para o pote de vidro, um segredinho só seu, e recordou as expressões sarcásticas das meninas: *Desde que não seja uma mariposa...*

Ela tinha aberto as asas contra o vidro e ali mesmo, à luz dos postes do outro lado da rua, Kat podia ver a pequena padronagem – marrom com detalhes em bege, como um piso em forma de mosaico.

A menina pensou no desapontamento e nas reclamações que viriam quando as meninas descobrissem que a borboleta na verdade era uma mariposa comum e passou o polegar pelas ranhuras na tampa do vidro, onde haviam sido feitos pequenos buracos com uma chave de fenda ou a ponta de uma faca, para que ela pudesse respirar.

Você vai ver.

Kat girou a tampa bruscamente e continuou segurando o vidro aberto. A mariposa hesitou lá dentro, então bateu as asas uma vez e subiu para a boca do pote. Kat observou-a voar ao redor do tronco de árvore mais próximo, subindo, subindo, e por fim se perdendo na escuridão do céu.

Então viu, a uma distância de no máximo 6 metros, entre os troncos das árvores, uma mancha laranja se iluminar.

Ficou paralisada, com os olhos fixos no ponto de luz, repentinamente ciente do silêncio à sua volta e de seu isolamento. O leve estalo de papel queimando se sobrepôs ao zumbido da noite.

Um cigarro.

Então ele sumiu.

Agora ela estava suando, em pé ali no chão sujo. Espiou o espaço embaixo da ponta do galho, mas não conseguiu discernir muita coisa no escuro. Quem quer que fosse, estava indo em sua direção. Sua respiração ficou entrecortada.

De repente a brasa voltou à vida, iluminando parte de um rosto – queixo, bochecha, têmpora – e um colarinho de uniforme. Era um policial. O homem tinha vindo da viatura. Ela não o reconheceu e não entendeu o que ele estava fazendo ali no escuro.

Ninguém pode saber nada sobre você.

A brasa se apagou de novo e o rosto desapareceu na escuridão.

Kat começou a andar rápido em direção à casa, mas sua sandália ficou presa em uma protuberância no asfalto.

– Ai. – Ela riu nervosamente, tentando parecer descontraída. – Não tinha visto que você estava aí.

A voz que respondeu era calma e baixa.

– Há mais tempo do que você pensa.

As palavras a paralisaram.

– Está tudo bem, querida. Sou da polícia e estou só patrulhando esta área, verificando se está todo mundo bem. Você é nova aqui, não é? Como se chama?

Ela se esforçou para falar.

– Katherine Smith. – Conseguiu oferecer-lhe um sorriso delicado e deu um passo para trás, depois mais um.

– Agora me dê um sorriso bonito – disse o homem, e em seguida o flash de uma máquina fotográfica a cegou.

Ela se virou e saiu correndo para a casa, com a respiração fazendo seus pulmões queimarem. Algo no ato de correr atiçou seu pavor e ela acelerou ainda mais o passo, seguindo às cegas, descontroladamente. A casa, a 15 metros, pareceu estar a mais de 1 quilômetro. Quando chegou à porta dos fundos, parou, ofegante, e arriscou dar uma olhada para trás. O pátio estava silencioso.

Um instante depois, a viatura parada no meio-fio seguiu adiante, com os faróis iluminando a cerca e lançando um feixe de luz no espaço agora vazio entre os troncos das árvores.

56

PRIMEIRO FOI UMA SENSAÇÃO. Sua cabeça pulsava, o fluxo de sangue tão intenso que parecia que ela ia explodir. Sentiu algo estranho na língua, depois percebeu que havia uma faixa de plástico em seu rosto. Em seguida, notou um cheiro podre que o invadia a cada inspiração.

Aí veio o som. Água espirrando. Botas se arrastando. A voz de William:

– Já entendi a técnica. Assisti várias vezes àquele interrogatório daquele cara do Senado que passou na TV. Por quê? O que *você* prefere?

A voz de Dodge:

– Dedos.

– Uma articulação de cada vez, como nesses filmes de ação em que os caras continuam espancando os inimigos mesmo depois que eles já estão mortos? Não, a gente devia dar uma chance a ele. Quero dizer, uma abordagem mais militar, certo?

Nada daquilo parecia ter relação com Mike. Soava como o diálogo de um filme ou algo assim. Ele se esforçou para abrir os olhos. O movimento, por menor que tenha sido, deu-lhe a sensação de que facas estavam sendo enfiadas em sua cabeça. Mas pelo menos ele constatou que podia enxergar. Era como se estivesse renascendo, readquirindo um sentido por vez.

Percebeu que o lugar à sua volta estava em um ângulo estranho e que ele tinha sido deitado de barriga para cima, com o rosto virado para um dos lados. Em mais alguns minutos seus olhos se habituaram à escuridão e focaram uma mancha meio branca a 1,5 metro dele, encarando-o fixamente. Era o rosto de Hank, branco-acinzentado. Os lábios dele estavam machucados e manchados, formando um bico como para um último beijo.

O nome de sua filha ressoou em sua cabeça: *Kat. Tenho que apagar o lugar em que ela se encontra no meu cérebro, para que eles não descubram seu paradeiro, não importa o que façam comigo*.

Quando se mexeu, seu peito e seus braços arderam em brasas. Suas mãos encontravam-se atadas às suas costas e sua cabeça doía demais. Torceu os pulsos e, em meio a seu estupor, notou que eles tinham sido amarrados com um pedaço de tecido. Seu corpo parecia estar em um ângulo de 45 graus, com a cabeça para baixo e as pernas para cima. Suas coxas queimavam e suas panturrilhas e seus pés estavam presos a uma espécie de suporte. Aos poucos, chegou à conclusão de que estava em um banco inclinado.

As vozes continuavam a soar em forma de murmúrios. Será que Dodge e William estavam atrás dele?

Com muito esforço, virou o rosto para o outro lado, o teto escuro sendo absorvido por sua visão. Ele estava em um grande porão de concreto, e a única iluminação era o facho de luz que entrava por uma porta aberta no alto dos degraus de madeira lascada.

De pé entre Mike e a escada, apenas com um pedaço do ombro, da bochecha e da testa visíveis, estava Dodge. Mike piscou mais algumas vezes e o porão foi ficando mais nítido. Ouviu a voz de

William vindo da escuridão. Ele estava ao lado do parceiro, os dois curvados, discutindo.

O olhar de Mike foi atraído para um pedaço de aniagem estendido no chão de concreto, com várias ferramentas dispostas em cima, como instrumentos de um cirurgião. Atrás do pedaço de pano ordinário havia uma grande tina de madeira, com água até a borda. O líquido parecia sujo e ameaçador.

No facho de luz lançado pela porta aberta, fragmentos de poeira flutuavam.

– Ah, você acordou – disse William, vindo em sua direção com uma jarra de plástico vazia em cada mão.

Mike virou o rosto, o único movimento que conseguia fazer, voltando a ficar de cara para Hank. O corpo esparramado estava com o pescoço em um ângulo estranho e suas pernas tinham sido embrulhadas em um forro de plástico. Um dos pés havia escapado por baixo, e a meia social preta não combinava com o contexto. A cena ressaltava a fragilidade da vida, que, apesar de todo o suor, de todo o trabalho e de todos os planos, poderia acabar em um porão sem janelas, enrolada em um pedaço de material impermeável.

Ao lado do corpo havia outro forro de plástico, que Mike imaginou estar reservado para ele.

Quando se virou, viu Dodge inclinado sobre ele, com um pedaço de pano enrolado na mão. A camisa, já ficando transparente de tão velha, estava desabotoada, com as mangas enroladas quase até os ombros. William se agachou, soltando um gemido de dor, e começou a encher as jarras com a água da tina. As bolhas faziam um som repetitivo que parecia de história em quadrinhos: *glup, glup, glup*.

Mike ainda tentava captar exatamente tudo o que estava acontecendo.

William se levantou, com uma jarra pingando em cada uma das mãos. Mike, ao fitar aqueles rostos – o de Dodge mais afastado, com os olhos brilhantes dispostos em seu crânio largo, e o de William com sua barba em tufos e os lábios franzidos –, sentiu uma quentura invadi-lo.

– Meu tio Len me falou de você há alguns anos – disse William. – Você foi o único que escapou. A missão. O chefe tinha resolvido deixar para lá. Parou de procurar. Pensou que você, onde quer que estivesse, nunca ia juntar as peças do quebra-cabeça. Mas então seu amigo Dois Falcões foi meter o nariz onde não devia e acabou achando seu nome naquele relatório genealógico. O chefe descobriu e pronto, lá estava você na mira de novo.

Ele se aproximou e pousou as jarras no chão.

– Este aqui é Ted Rogers, o cara que contrabandeou os documentos para Dois Falcões – falou ele depois de tirar algumas fotografias do bolso de trás da calça e as segurar na frente de Mike.

A imagem mostrava um homem de meia-idade com a pele rosada e macia. William então abriu um leque de fotos tiradas naquele mesmo porão. Quando as viu, Mike virou a cabeça para o outro lado, com ânsia de vômito. William se inclinou sobre ele e disse:

– Meu tio fez a mesma coisa com seu querido pai. Quer que eu fale sobre o que ele passou? Faz isto – continuou, sacudindo as fotos – parecer brincadeira de criança. Quer saber? Não sei por que tanta falação se posso demonstrar em você.

O horror o invadiu como uma faca afiada, cortando suas entranhas.

– Muito bem, então – falou William com delicadeza, então Dodge estendeu a pequena toalha sobre o rosto de Mike.

Ele inspirou instintivamente, fazendo a toalha se aderir à sua boca. Sentiu William se aproximar ainda mais e então o tecido aveludado ficou mais molhado e pesado. O líquido entrou por suas narinas, primeiro devagar e depois com força, quando a toalha já estava encharcada, cortando todo o oxigênio. O efeito foi imediato e abrangente. Mike teve um espasmo e guinchou, sacudindo a cabeça, mas a toalha estava colada a seu rosto como um filme de PVC, então seus esforços foram inúteis. Quando pensou que fosse morrer, a toalha foi retirada e ele ficou arquejando e engasgando, com Dodge encarando-o.

Ele sentiu as articulações de seus ombros rangerem e percebeu que tinha levantado o tronco, formando um ângulo de 90 graus com as pernas esticadas. E também que estava gritando. Ele se contorceu para fora do banco, os tornozelos enrolando-se nos suportes. Então seu ombro atingiu o chão enquanto seus pés continuavam presos. Seus olhos ficaram enevoados de dor.

Dodge se abaixou e o levantou como se ele fosse uma sacola de mercado. Ajeitou-o de novo no banco, manipulando suas pernas e seu tronco com extrema eficiência, totalmente concentrado na tarefa. Era como se estivesse enfiando linha em uma agulha ou amarrando os cadarços do sapato. Quando foi ajeitar os pés de Mike, ele corcoveou, tentando ficar ereto, mas Dodge o empurrou de volta para o encosto inclinado e o manteve no lugar pressionando o polegar em seu peito. O fluxo de sangue em sua cabeça aumentou e seu tórax doía com a pressão do dedo de Dodge.

O grandalhão acabou de manipular seus pés e tirou o polegar de seu peito. Ele engasgou ao tentar respirar, sentindo as costelas doloridas.

– Você tem informações que não quer nos dar, certo? – perguntou William. – Então vamos ter que arrancá-las de você. Não vai ser fácil, nem para você *nem* para nós. Mas temos que passar por isso juntos.

Mike emitiu um som indistinguível.

Os olhos de William se reviravam nas órbitas.

– Onde está Katherine?

– Não sei onde ela... – respondeu Mike.

William se aproximou da tina fazendo uma careta. *Glup, glup, glug* — o som da segunda rodada.

Mike sabia que tinha chegado ao fim. Ele só precisava pensar em um jeito de matarem-no antes que sua perseverança se esgotasse. Imaginou Kat no lar adotivo em que a deixara, sentada no banco com o cadarço do tênis desamarrado arrastando no chão. *Por favor, pai.*

– A gente sabe que você a deixou em algum lugar seguro – afirmou William. – Algum lugar escondido. Mas o chefe precisa dela, você sabe. *Vocês dois* têm que sair de cena.

– Shep conseguiu seu endereço com Graham – retrucou Mike. – Se eu não entrar em contato com ele, ele vai chamar a polícia e trazê-los para cá.

William balançou a cabeça, desapontado. Em seguida, colocou a toalha de novo sobre o rosto de Mike. Sua inspiração nervosa fez o pano se agarrar às suas narinas e boca e então a água invadiu-lhe os orifícios, afogando-o enquanto ele se contorcia. Tentou se erguer, mas a pressão firme do polegar de Dodge colou-o ao encosto do banco mais uma vez. Ele sentia uma agonia indescritível enquanto o pano continuava aderido a seu rosto como uma criatura marinha, preenchendo-o com um calmo fluxo de água e empurrando sua respiração garganta abaixo.

Finalmente, a toalha foi retirada e ele conseguiu sugar o oxigênio enquanto sentia um facho de luz atingi-lo no rosto. Seus cílios tremulavam quando William se inclinou em sua direção, o ar recendendo a seu bafo azedo.

– Puxa vida, meu amigo, me desculpe. – A expressão dele era de empatia. – Mas, veja bem, esta não é a primeira vez que eu faço isso. É minha especialidade. Muita gente já esteve em seu lugar antes. Conheço todas as histórias que elas contam, todas as mentiras. Elas são todas iguais, sabia? As respostas falsas, as promessas de dinheiro, o amigo que vai chamar a polícia...

– Tudo bem... – arquejou Mike. – Eu menti sobre Shep.

– Onde está Katherine?

– Não... não sei.

William pegou outra jarra cheia.

– Pronto para a próxima rodada?

– Não – disse Mike. – Não, não, não!

Mas ela veio mesmo assim: o influxo contínuo de água em seu nariz, os engasgos, o sufocamento, a cegueira temporária, todas as sensações que pareciam ter vindo de alguma era distante, de alguma época bárbara. Então, em algum momento entre os gritos abafados e a quase perda dos sentidos, sua capacidade de desligamento, forjada desde os primórdios de sua infância, ressurgiu.

Era como se ele tivesse saído de seu corpo e observasse os acontecimentos de fora. Tornou-se impenetrável. Uma rocha humana. Sem pensamentos. Sem sentimentos.

No momento em que Dodge puxou a toalha de seu rosto, Mike cravou os dentes nela, rasgando-a um pouco. William riu.

– Ele está mordendo? – perguntou.

Então Dodge deu-lhe um soco na testa que o fez ver estrelas e o pano se soltou de seus dentes.

– Irritadinho, hein? – comentou William.

Mike tossiu e cuspiu água misturada com saliva. Devido à inclinação do banco, ela correu por suas bochechas, pelos olhos, passou pelo cabelo e chegou ao chão de concreto.

– Onde está sua filha? – repetiu William.

– Não tenho filha – respondeu Mike, e algo em sua voz fez com que William recuasse, chocado ou apenas um pouco intimidado.

Dodge fechou a cara, com impaciência, e William balançou a cabeça. Um cheiro fétido chegou às narinas de Mike e ele pensou por um instante que tinha evacuado. Mas então percebeu que era o

odor do corpo de Hank começando a entrar em putrefação.

Eles deram início a outra rodada. E mais outra. Ele preferia morrer, mas a intenção era justamente esta: levá-lo a um grau de desespero que o faria implorar por uma bala e deixá-lo ficar lá por um tempo. E depois trazê-lo de volta à vida, e de novo, e de novo.

Em uma das vezes que ele voltou a respirar, viu William e Dodge parados lado a lado com os braços cruzados, William com uma expressão de frustração que em outras circunstâncias seria gratificante. Dodge segurava a toalha como um pano de prato e Mike ficou satisfeito ao constatar que estava rasgada em várias partes – provavelmente ele a mordera mais algumas vezes. O cheiro do corpo de Hank tinha ficado mais forte, agora misturado ao odor de suor e medo do porão. Reclinado no banco, quase de cabeça para baixo, Mike tossia e a água saía por sua boca e por seu nariz, enquanto sua garganta arranhava e seu peito doía sem parar. Seus braços estavam entorpecidos, presos às suas costas.

Dodge colocou dois cigarros ao mesmo tempo na boca e os acendeu com um isqueiro de plástico barato que tirou do bolso da camisa, colocando a mão em concha em volta por força do hábito. Passou um para o parceiro, que deu uma longa tragada, fechando os olhos.

– Isto aqui está fedendo demais – disse William passando o dorso da mão na testa para secar o suor. – Antes de passarmos ao próximo nível, temos que confirmar com o chefe. – Sua perna esquerda estava trêmula. – Vou pegar o telefone.

Subiu os degraus do porão e voltou alguns minutos depois. Seu caminhar tinha piorado por causa do esforço – um dos pés se arrastava no chão, com os dedos virados para dentro. Ele se aproximou de Mike, se abaixou e segurou o aparelho no ouvido dele.

– Ela está em um lar adotivo, não é? – indagou McAvoy com a voz suave.

– Quem? – replicou Mike. A palavra saiu como se fosse uma unha arranhando sua garganta.

McAvoy riu.

– Com toda a grana que está em jogo, nós vamos procurar até o último lar adotivo do estado. E depois vamos passar para o próximo estado. E em seguida para o próximo.

– Então tudo isso é por dinheiro? – indagou Mike.

– Você acha que existe só um cassino envolvido nessa história? – retrucou McAvoy. – Tenho um mundo de negócios. Construí um império do nada. Minha filha entalhou as iniciais dela no primeiro degrau da fundação quando a inauguramos. Sei que você acha sua vida e a de sua filha muito importantes. Mas os dois não passam de um efeito colateral na construção de um império. De modo que eu não tenho escolha. A culpa não é minha nem sua. Nem de Katherine. Então vamos lidar com a situação como homens que têm que tomar uma decisão. Eis minha proposta: você nos conta onde ela está e nós prometemos agir com humanidade. Em relação a você e, o que é mais importante, a ela.

A respiração de Mike estava fraca.

– Não – falou.

– De um jeito ou de outro, nós vamos encontrá-la. Se você nos contar agora, estará poupando-a

de uma vida terrível.

– Não.

– Então qual é seu plano? – questionou McAvoy. – Vai *cansar* meus homens mais um pouco?

– É.

– Vencê-los pela força de vontade?

– Claro – respondeu Mike.

McAvoy gargalhou. Ele pretendia que fosse uma risada de desprezo, mas havia surpresa nela também.

– E depois?

– Você vai ser o próximo – garantiu Mike.

Um longo silêncio se seguiu, então McAvoy o rompeu:

– Diga a William que quero falar com ele.

Mike virou os olhos e repetiu:

– Quer... falar... com você.

William se afastou com o aparelho, mantendo o cigarro pendurado nos lábios.

– Aham. Aham. Aham.

Em seguida desligou o telefone e o jogou para Dodge, que o guardou no bolso da frente de sua calça cargo. Eles se entreolharam e então Dodge se agachou, pegou o martelo no pedaço de aniagem e bateu-o na palma da mão.

– Por que você não se livra do nosso amigo ali primeiro? Ele está me deixando com vontade de chorar – disse William.

Dodge passou por Mike, enrolou o corpo de Hank em mais alguns metros de forro plástico, levantou-o e colocou-o no ombro. Mike olhou longamente para o outro rolo de plástico, que em breve conteria seu corpo.

– Deixe a toalha comigo – ordenou William.

Dodge a atirou para ele e William a segurou na frente do rosto. Seus olhos pequenos e sua barba falhada apareciam através dos buracos e ele soltou uma baforada por eles.

– Esta não serve mais.

Dodge jogou o corpo de Hank no chão e Mike sentiu o piso de concreto vibrar abaixo do banco. Então Dodge tirou a camisa e a mergulhou na tina de água, deixando os músculos dos braços e dos ombros à mostra. Quando foi pegar o corpo de volta, jogou a peça encharcada no rosto de Mike.

Escuridão. Mike tinha conseguido inspirar antes de ser atingido pelo pano molhado e começou a lutar com ele usando os lábios e a língua. Respirar era difícil, mas, sem água sendo derramada, ele conseguia sugar algum ar.

A voz de William chegou até ele.

– Quando tivermos acabado com você, espero que encontre meu irmão do outro lado. Diga a ele que sinto muito. Eu devia ter cuidado melhor dele, assim como ele cuidou de mim. Diga que fomos

nós que mandamos você.

Mike ouviu o barulho das pesadas botas de Dodge nos degraus quando o gigante subiu carregando o corpo. Escutou os joelhos de William rangerem quando ele se agachou e o *glup glup glup* das jarras se enchendo de água. Depois, do andar de cima, veio o toque de um telefone seguido do guincho de um fax. Um instante mais tarde a voz de Dodge chamou – "Veja só isso" – e algo leve atingiu o chão do porão. Após o som de papel sendo desamassado, William deu uma gargalhada estridente.

– Uau – falou. – Que maravilha. Vá lá cuidar do corpo enquanto eu conto ao seu amigo aqui as últimas novidades. Depois vamos tratar de negócios.

Mike ouviu passos pesados no andar de cima e uma porta de tela batendo. Ele continuava a manipular a camisa para deixá-la na posição que queria – estava quase conseguindo.

– *Tenho uma coisa para lhe mostra-ar* – cantarolou William, então deu outra risada. – Parece que um policial que me deve um favor descobriu uma menininha abandonada em um lar adotivo. Ele me mandou uma foto por fax para confirmar. Antes de... você sabe, pegarmos a estrada até o... Arizona.

Um calor invadiu o peito de Mike e se espalhou para seus membros, uma mistura de pânico e raiva. Imagens aterrorizantes se sucederam em sua mente: Dodge e William viajando na caminhonete deles e sequestrando Kat do lar adotivo. Seu corpinho minúsculo lutando, retorcido de terror.

Esforçou-se para voltar a se concentrar na camisa molhada. Algumas gotas penetraram no tecido, aumentando a pressão em seu nariz. Era William brincando com ele e despejando pequenos chuviscos por cima do pano.

– Quer ver?

William removeu a camisa molhada e Mike sugou o ar ao mesmo tempo que viu a careta dele com o cigarro na boca.

– *Tchã tchã tchã tchãã!*

Mike deu uma olhada no fax desamassado na mão de William: uma imagem de Kat na rua do lar adotivo. A foto tinha sido tirada à noite, com um flash forte, e sua filha estava encolhida, aterrorizada, pálida.

Mike respirou pelo nariz. Suas narinas ardiam enquanto ele mantinha o líquido que tinha sugado da camisa dentro da boca, queimando sua língua.

Com a fumaça do cigarro flutuando à sua volta, William olhou para baixo, na direção do objeto que tinha caído do bolso da camisa molhada.

O isqueiro de plástico barato.

Com a tampa aberta.

William levantou os olhos em choque, com o cigarro na boca, no momento em que Mike se inclinou para a frente em um esforço excruciante e deu uma cusparada de fluido de isqueiro no rosto dele.

A brasa se acendeu como um fogo de artifício, e as faíscas atingiram os olhos e a barba de William. Os tufos de pelos crepitaram, soltando um cheiro forte. William deu um grito agudo e cambaleou às cegas para a tina, largando o papel do fax no caminho.

Mike lutou para se manter inclinado e, quando William afundou a cabeça na tina, ele conseguiu virar com o banco para o lado, aterrissando nos ombros de seu torturador. Ele continuava preso ao banco por uma das pernas, enrolada no suporte.

William se sacudiu e lutou, com Mike se esforçando para manter o peso sobre ele de forma que seu rosto permanecesse submerso. No entanto, com os braços amarrados às costas, não conseguiria segurá-lo por muito mais tempo.

William conseguiu deslizar o tronco e a cabeça por debaixo dele e caiu de costas, esbravejando e gemendo ao mesmo tempo. Mike também desabou e deu um giro até o pedaço de aniagem estendido no chão, ficando de costas para ele. Com o pedaço de pano que o amarrava machucando seus pulsos, ele começou a tatear as ferramentas, tocando em hastes de metal e alças de borracha. William se debatia no chão, com as mãos nos olhos. Um dos objetos chamou a atenção de Mike e ele o pegou. Continuou segurando-o mesmo quando a lâmina fez um rasgo na ponta de seu polegar. Tentando conter a dor, ele sustentou a faca com a ponta virada para si mesmo e começou a cortar o pano às suas costas. Seu olhar aterrorizado se alternava entre William e a porta no alto dos degraus.

Silenciosamente, William deu um impulso e conseguiu sentar. Um de seus olhos estava aberto e seus dentes, à mostra. Ele lutou para ficar de pé e partiu para cima de Mike.

Mike se balançava para a frente e para trás a fim de agilizar a ação da lâmina afiada. Seus ombros ardiam, suas mãos tinham cãibra e quase não conseguiam mais sustentar a faca. William estava quase em cima dele. Não daria tempo de acabar de cortar, então Mike rolou para o lado e dobrou as pernas para tentar passar os braços amarrados por baixo dos pés. A algema de pano ficou presa na sola de um de seus sapatos e ele empurrou com força até que suas mãos conseguiram passar.

Ele mal conseguiu ficar de pé antes de William alcançá-lo com seu passo cambaleante. Mike abaixou-se para escapar do golpe, depois agarrou seu oponente com as duas mãos pela parte de trás da camisa e a puxou por cima da cabeça dele para prender seus braços, um velho truque dos tempos de escola. Em seguida, fechou as duas mãos em punho, virou-as uma para a outra e esmurrou o rosto de William. Uma mancha de sangue atingiu o concreto e William caiu de quatro no chão. Mike sacudiu os braços com violência, esforçando-se o máximo possível. O pedaço de pano que ainda o prendia finalmente cedeu justo quando William conseguiu se levantar e enfiar uma faca na lateral do corpo de Mike.

O movimento foi silencioso e calmo. Mike só sentiu a pressão indolor da lâmina penetrando-o, como um tubarão avançando na água.

Mas então William puxou a faca com força e Mike se dobrou sobre si mesmo. A corrente de dor percorreu seu lado esquerdo de baixo para cima com tanto vigor, com uma quentura tão intensa, que por um momento ele achou que seu corpo estivesse pegando fogo.

Mike recuou um passo e depois outro, com William avançando para cima dele, a mão com a faca abaixada e a respiração agitando os tufos de pelos carbonizados em volta dos lábios. William desferiu um golpe e Mike recuou, a corrente de dor voltando à vida e fazendo-o gritar. Mike tirou o cinto e enrolou a extremidade macia em torno de seu punho fechado. Quando William arremeteu de novo, ele se esquivou e brandiu o cinto como um chicote, acertando William no rosto com a fivela, fazendo-o perder o equilíbrio. Ele cambaleou e caiu de quatro. Mike passou a ponta do cinto pela fivela, formando um laço, e passou-o pela cabeça de William, apertando bem. Depois o arrastou pelo chão, soltando gritos sufocados, em direção ao pedaço de aniagem. A resistência de William, associada à dor dilacerante na lateral do corpo de Mike, fez com que este último caísse de joelhos um pouco antes de chegar lá. William levou as mãos ao pescoço, afoito, para soltar o cinto. Quando ele se virou para agarrar Mike, este alcançou a primeira ferramenta à mão, uma chave de fenda, e a enfiou na lateral do joelho esquerdo de William, esmagando o osso frágil e fazendo-o uivar de dor. As veias dos dois lados de seu pescoço latejavam e ele se encolheu no chão, tossindo e chorando.

Após alguns minutos, Mike conseguiu se forçar a levantar. Passou por cima de William e foi em direção à escada, com o cotovelo roçando no ferimento e sangue escorrendo pela perna. Deixou uma pegada vermelha no primeiro degrau. Alguns degraus acima, quase perdeu os sentidos. Apoiou-se na parede para recuperar o equilíbrio e depois se sentou.

Saiu do ar por um instante e foi assaltado por lembranças do lar adotivo. Charles Dubronski esperava no escuro, com sua cabeça grande e seu pescoço grosso, só que dessa vez ele olhava atravessado não para Shep, mas para Mike. *Não se levante, tampinha. Não se levante*.

De alguma forma Mike conseguiu chegar ao alto da escada e cambaleou pela cozinha imunda, espantado ao ver a luz do dia passar pelas janelas empoeiradas. O cheiro de graxa o sufocou. Havia frutas estragadas, embalagens vazias e uma enorme quantidade de frascos de remédio espalhados por todos os lados. Mas nada de Dodge. A casa parecia vazia e tinha um ar de que pertencera a alguma velhinha, por causa do papel de parede florido todo descascado, dos velhos retratos em molduras de louça rosa, de um buquê de flores artificiais em um vaso listrado empoeirado.

Mike começou a vasculhar a mesa, jogando papéis para cima e derrubando uma pilha de jornais velhos no chão. Seu "batfone" estava em cima dela, desmontado. Pelas perguntas que tinham lhe feito, não haviam conseguido as informações que procuravam. Olhou para todos os cantos da sala, tentando achar outro telefone. O carregador estava conectado à tomada, mas não havia nenhum aparelho ligado a ele, então Mike se lembrou de Dodge colocando-o no bolso. Ofegando, Mike se inclinou sobre a bancada e viu uma máquina de fax empoleirada em cima de um micro-ondas quebrado.

Ela não tinha função de telefone, mas a folha de papel no alimentador tinha o número do seguro social de Mike e um daqueles códigos doidos: *FST14U*. Ele pegou a folha, manchando-a de sangue, e viu que havia outra embaixo, também aguardando para ser enviada, com um número de Seguro Social, provavelmente o de Hank, e seu próprio código: *6D8BUG*. Com o pouco que lhe restava de capacidade de raciocínio, Mike pensou: *Então é isso*.

Ele ouviu os gemidos de William subindo as escadas, mas não havia jeito de ele conseguir chegar ao topo e alcançá-lo. Quando Mike se virou para ir embora, avistou entre os papéis jogados sobre a mesa o grande envelope cinza que Dois Falcões lhe dera. As folhas estavam meio para fora, com a primeira página xerocada do livro-razão à vista. Ele pensou que precisava pegar o envelope, mas seu corpo demorou um minuto inteiro para obedecer ao comando.

Ele se arrastou pelo piso de porcelanato corroído em direção à porta de entrada e ao dia claro e vívido. Havia muito mato em volta da casa e o vento da colina zumbia em seus ouvidos. Na outra extremidade do terreno, viu um ferro-velho de onde vinha uma batida constante que se sobrepunha a todos os outros ruídos.

Nos degraus da varanda, perdeu o equilíbrio e teve que se agarrar ao corrimão, com medo de que suas tripas saíssem pelo ferimento. Mas conseguiu se recuperar e seguiu com cautela, cambaleando em direção ao portão aberto do ferro-velho. Sua garganta e seu nariz ainda ardiam, com uma umidade salgada maltratando a carne desgastada. Cuspiu uma mistura de sangue e fluido de isqueiro. O peso do envelope em sua mão esquerda lhe lembrava, a todo instante, de que ele havia sido esfaqueado.

A caminhada contra o vento, que aumentava, foi interminável. Pontos roxos apareceram no céu e o brilho do sol se transformou em uma estrela de cinco pontas. A batida metálica contínua e o ronco mecânico ficaram mais altos e Mike imaginou que o barulho devia ser produzido por algum tipo de motor a diesel grande.

Ele chegou ao pátio do ferro-velho e experimentou um gosto de ferrugem no ar. Seguiu o barulho intermitente pelas fileiras de carros amassados em pilhas mais altas que a cerca e chegou a uma clareira. Sentia um dos braços entorpecido e as pernas bambas.

Um guindaste gigantesco pairava à sua frente, com o ímã circular enorme ainda balançando no alto devido a alguma atividade recente. Mas a cabine estava vazia e a porta, entreaberta. Uma caminhonete velha e enferrujada aguardava sob o ímã, uma formiga abaixo de uma bota levantada. A placa antiga, preta e amarela, estava quase caindo do veículo, mas Mike viu que o registro – *FST14U* – correspondia ao número de seu Seguro Social, escrito no fax que ele vira na cozinha. Encarando aquela placa, Mike saiu do ar enquanto o calor que subia da terra passava pelas solas de seus sapatos. Uma nova batida o tirou do transe.

Ele seguiu a direção do som, que vinha de um antigo compactador de carros – uma mistura de caçamba de lixo gigantesca e armadilha de urso. Um cabo grosso estava esticado no chão, ligando o compactador ao guindaste de forma que um só homem pudesse operá-los ao mesmo tempo, sentado na cabine deste último. Dodge estava dentro do compactador junto com um fusca, seu tronco largo bem visível. Ele usava o martelo para tentar tirar uma lasca de metal que tinha ficado presa nas garras da máquina.

Mike ficou paralisado a uma distância de menos de 10 metros. No entanto, devido ao barulho do motor do guindaste, Dodge não ouvia nada. O grandalhão parou por um instante, evidentemente satisfeito com seu progresso, e se abaixou. Um instante depois, levantou-se segurando o corpo embrulhado de Hank e o ajeitou dentro do fusca. Em seguida ficou de pé, com as mãos nos quadris,

recuperando o fôlego e admirando sua obra.

Mike jogou o envelope cinza dentro da caminhonete, pela janela de trás, para mantê-lo em segurança. Deu a volta na porta traseira, cambaleando, e seguiu em direção ao guindaste. A lateral de seu corpo ardia em brasa e ele se controlou para não gritar ao subir na cabine. Seu ferimento se abriu um pouco mais por causa do esforço e o sacolejar da cabine era pura agonia.

De dentro do compartimento, podia ver o compactador de cima e entender o que tinha acontecido. Dodge tinha içado o fusca com o guindaste para colocá-lo dentro do compactador, mas a máquina tinha falhado e descido o automóvel inclinado em vez de numa linha reta, fazendo com que metade do corpo de Hank saísse por uma janela estilhaçada. Dodge tinha entrado na máquina para tirar a lasca de metal presa e ajeitar o cadáver de novo dentro do carro.

Mike esticou a mão para alcançar o controle e tirou a tampa clara de plástico de cima do grande botão vermelho. Lá embaixo, Dodge finalmente se virou, afundado até a cintura dentro da enorme caçamba do compactador, com as pernas meio ocultas no emaranhado formado pelo compartimento da roda da frente, parcialmente amassado. Os olhos dos dois se encontraram a uma distância de menos de 20 metros.

Mike pressionou o botão.

Os cilindros esmagadores hidráulicos gemeram, voltando à vida, e a geringonça começou a se fechar. Com toda a sua estupidez, Dodge se moveu cuidadosamente, devagar, para a extremidade da máquina, a fim de sair dela. Mas aí se retesou e Mike entendeu que ele tinha ficado preso. Com o olhar inexpressivo fixado na cabine, Dodge começou sua descida sem se queixar ou lamentar, afundando na caçamba até que só uma de suas mãos ficasse visível, levantada como se para agarrar uma boia salva-vidas. A máquina estremeceu uma vez e ele desapareceu lentamente na prensa metálica.

Pressionando o ferimento com uma mão, Mike se inclinou para a frente por cima do painel de controle, com a visão falhando. Ocorreu-lhe que dormir um pouco seria muito bom. A cada piscada seus olhos demoravam mais a se abrir.

Pela janela da cabine, ele registrou a sombra de um movimento na mancha enevoada diante de seus olhos e piscou várias vezes para entender o que era.

William.

Ele se arrastava pelo chão apoiado apenas nos cotovelos, com a chave de fenda ainda enfiada na lateral de seu joelho esquerdo, a perna morta sendo puxada atrás de si. Ele avançava bem devagar, como uma animação em *slow motion*, o rosto arranhado, a boca e o nariz sujos de terra.

Mike ficou assistindo àquela cena, incrédulo, por um minuto. William de bruços, colocando um braço à frente do outro, passando pelas fileiras de carros esmagados, chegando até a clareira, depois parando por um instante para recuperar o fôlego, com a cabeça pendendo entre os ombros.

Mike começou a mexer no painel de controle, tateando entre alavancas e botões. Pela sua experiência na construção civil, estava bastante familiarizado com tudo aquilo. O guincho magnético pendia a cerca de 12 metros de altura, dentro de seu campo de visão. Mike moveu uma alavanca e ele se deslocou na direção do compactador de carros.

Testou três botões até encontrar o servomotor. O guindaste inteiro vibrou com a carga poderosa quando o gerador lançou um fluxo de energia para o guincho. Mike movimentou a alavanca para a esquerda e o liberou, já levando em consideração a inclinação da cabine, um truque que aprendera ao longo dos anos lidando com vários tipos de escavadeira. O ímã gigantesco se prendeu ao teto do fusca amassado. Mike elevou o fardo de metal e carne do torno do compactador e começou a movê-lo ao longo da clareira.

William parou para observar, seu rosto em carne viva se virando para o sol da manhã.

A sombra retangular o cobriu e ele tentou desesperadamente avançar mais rápido, mas seus braços pareciam não ter mais energia.

Mike puxou a alavanca e fez o carro compactado se erguer em direção às nuvens. Continuou içando-o – 20 metros, depois 25 – até conseguir ver o fundo da carroceria.

William ficou parado, resfolegando e encarando Mike através de uma mecha de cabelo caída à frente dos olhos.

Seguiu-se um momento de calma total, então Mike apertou o botão que cortava a eletricidade do ímã do guincho. O carro amassado se soltou no ar sem nenhum ruído e desceu em queda livre em perfeito silêncio. William soltou um grito e só teve tempo de cobrir a cabeça.

Quando o automóvel chegou ao chão, uma nuvem de poeira se elevou, como após o lançamento de uma bomba. O aglomerado de partículas subiu até metade da altura do guindaste e depois começou a se dissipar. Os raios de sol passavam pelo vidro da cabine e mais uma vez Mike ficou tentado a baixar a cabeça no painel de controle e tirar um cochilo.

Reunindo todas as forças, ele abriu a porta e desceu cambaleando para o chão. Em seguida ficou lá deitado, resfolegando, com a mão no ferimento, sentindo a carne pegajosa e quente. Estacionada na frente dele estava a caminhonete que William e Dodge planejavam esmagar com seu corpo dentro, então sua visão foi atraída para algo em meio à névoa marrom que se dissipava. Encostada na cerca de tela que circundava o terreno havia uma pilha alta de carros compactados, claramente afastada das outras fileiras. Alguns automóveis eram mais novos, outros tão enferrujados que era impossível discernir a cor. Depois que a poeira baixou mais um pouco ele viu, presa à frente de cada carro amassado, uma placa — FRVRYNG, MSTHNG, LALADY. Caixões de metal com um cadáver dentro de cada um. Só John. Danielle Trainor. Ted Rogers.

A expiração de Mike expulsou pequenos fragmentos de poeira vermelha e estranhamente bela. Sua mão, pousada no chão a poucos centímetros de seu rosto, tinha camadas de sangue frescas e brilhantes por cima de outras secas e escuras.

Uma névoa branca embotou sua visão e em seguida, não soube como, ele estava de pé, inclinado por cima de um dos pneus enormes e quentes do guindaste. Lançou-se para a frente, jogando-se sobre a traseira da caminhonete, depois rolou para a lateral do veículo, deixando impressões digitais tingidas de sangue nas janelas empoeiradas. Então abriu a porta do motorista com um rangido e enfim suas pernas perderam toda a firmeza. Ele caiu no assento macio e sentiu as molas suspirando sob seu corpo. Não conseguiria sair daquele carro, então rezou para que aquele monte de lata estivesse funcionando. Ele sentia braços pesados, moles. Esticou a mão para a frente

uma vez, depois outra, e de alguma forma seus dedos alcançaram a chave, mas ele não acreditou que tivesse conseguido até que a girou na ignição e o motor do carro pegou.

Ele tinha sido levado para aquela confusão em uma caminhonete. Agora estava saindo dela em outra.

Engrenar a primeira marcha foi uma tarefa hercúlea. O carro rabeou, então deu a volta no fusca compactado caído no chão, saiu do pátio e desceu a ladeira íngreme da estrada de terra deserta. As curvas eram um suplício; os solavancos, uma agonia.

No meio da ladeira ele percebeu que provavelmente ia morrer.

57

O TEMPO TORNOU-SE UM FLUXO de movimento, uma confusa sucessão de imagens. Impressões passavam rápido por sua cabeça. Uma casa em uma rua sombria no final da estrada, um trepa-trepa, uma camisa salmão desbotada, a almofada amarela fedendo a xixi de gato, ele com os cotovelos apoiados no parapeito, esperando. Mike Doe na janela misturado com Katherine Smith na janela. *Meu pai vai voltar*.

Você prometeu. Você jurou.

Um filme se passava em sua cabeça, uma narrativa fragmentada da vida de sua filha.

... sua mãozinha fechada, poucas horas depois de ela ter nascido, segurando seu dedo, ele fazendo-a dormir com uma canção de ninar, sua linguinha se agitando, a boca com sapinho, o barulho da bomba de leite à meia-noite, a cadeira de balanço e a etiqueta vermelha presa à sua perninha, autorizando-o a pegá-la, ele olhando para...

... a luz do sol atravessava o para-brisa tão intensamente que ele teve que lutar para manter os olhos abertos...

... uma marca de mão gravada no gesso, o som de chá de mentirinha sendo servido, ela em passinhos vacilantes no corredor do mercado, ela chorando na primeira vez que vê Annabel de cabelo cortado, ela não conseguindo se sentar na cadeira do cinema sem a ajuda dele, ele tapando os ouvidos dela quando a chaleira solta um som estridente, ela andando com os tênis dele, depois com os sapatos de salto alto de Annabel, com as botas dele e...

... ele tinha saído da estrada e estava caído para a frente dentro da caminhonete, com os lábios pressionando o alto do volante. Ele olhou para baixo, para o rasgo na camiseta, e viu a estocada brilhante na sua costela, em meio ao banho de sangue. A pele em volta estava totalmente branca. Ele fechou os olhos de novo e pensou em como seria bom mantê-los assim.

Você vai voltar para me buscar.

Eu vou voltar para buscá-la.

Ele colocou as mãos no volante e se endireitou. Seu corpo inteiro tremia. Ele estendeu o braço e engatou a ré. A caminhonete passou por cima da vala de escoamento e do acostamento e então voltou à estrada. Mike rangeu os dentes, piscou para tirar o suor dos olhos, respirou fundo e...

... então ela estava com 5 anos, pulando corda, sorrindo para ele, sem os caninos superiores, a camisola lilás com a estampa brilhante da princesa da Disney que ela usa até não lhe servir mais, a primeira vez que ela consegue ler a mensagem no biscoito da sorte do restaurante chinês, os óculos de armação vermelha redonda, as férias em que ela só quer comer barras de alcaçuz e às vezes fatias de laranja, o Abominável Homem das Neves na Disneylândia, o maldito High School Musical. *Você prometeu. Você* jurou ...

... uma buzina o trouxe de volta à realidade, mas no momento em que ele levantou um braço lentamente o motorista já tinha desviado xingando e seguido em frente, deixando-o para trás na via expressa. Um lampejo de consciência lhe informou que ele estava a 20 quilômetros por hora e

Mike fez um esforço sobre-humano para pisar no acelerador. Em alguns momentos, nos últimos cinco minutos, a dor tinha se transformado em entorpecimento. Sua carne parecia tão dura e fria quanto gelo.

Vagamente consciente do envelope cinza sendo jogado de um lado para outro no banco de trás, ele virou o volante, recuperando o controle da caminhonete. A estrada parecia mais larga, uma rodovia de verdade agora. O sol tinha subido mais no céu. Ele sentia agulhadas nas pontas dos dedos e sua respiração estava curta, quase delicada, como a de um recém-nascido.

Fechou os olhos para fazer uma oração rápida, mas então, como por magia, tinha avançado no tempo. Agora ele via o futuro e ele era o presente. Ele flutuava fora de alcance, tão frágil e esquivo quanto uma borboleta e...

... lá está ela na formatura, o espírito livre com o símbolo da paz bordado no vestido, fazendo um passo de dança no palco antes de apertar a mão do diretor, o céu azul-claro cheio de chapéus de formatura, e depois seu casamento, à noite, o brinde de uma irmã ou talvez um irmão mais novo, Annabel segurando a mão dele por baixo da mesa, então as primeiras notas da música para a dança com o pai, ele se levantando, flashes disparando nas mesas ao redor, e lá está ela, sua filha, em um vestido mais branco que a neve, e aí ele pega na mão enluvada dela e...

A batida jogou-o de encontro ao painel. Com os olhos arregalados, ele notou, do lado de fora, as casinhas espaçadas no terreno inclinado, os velhinhos em suas camisas de golfe amarelas e seus sapatos bege, apontando para ele.

Através da nuvem oscilante de vapor que saía do capô batido, ele viu a coluna de estuque levemente amassada do prédio do centro de atividades e percebeu que estivera a apenas 20 quilômetros por hora. O carro tinha ido parar em alguns arbustos um pouco depois do portão dos fundos, um triste fim para uma viagem em câmera lenta.

– Socorro – disse ele em direção ao muro de vapor, quase sem mexer os lábios.

Após algum tempo ouviu apitos e passos, então o barulho de uma maca, e logo depois uma equipe de paramédicos apareceu. Eles o tiraram do banco do motorista, puxando-o pelos braços, e começaram a despejar um monte de perguntas em cima dele:

– Ferimento no lado, está vendo?

– Você levou um tiro ou uma facada? Tiro ou facada?

– Qual é o seu nome?

– Tem alergia a medicamentos?

– *¿Hablas español? ¿Te pegaron un tiro o te apuñalaron?*

– Precisamos virá-lo. Coloque os braços em volta do próprio corpo.

– ... não posso... – Ele fez um esforço para falar. – Não posso morrer... Você não entende... Minha filha... Katherine Wingate...

– Não se mexa. Deixe-nos trabalhar.

– Dor aqui? Aqui? *¿Dolor aquí?*

– Décima costela. Vamos precisar de sangue.

Os paramédicos rasgaram o que restava de sua camisa e grudaram eletrodos em seu peito. Depois colocaram-lhe um colar cervical, que o fez sentir uma pressão abaixo do queixo.

– ... em um lar adotivo... Eu preciso ficar bom...

Sua voz estava tão rouca e baixa que o som mal chegava a seus próprios ouvidos.

– Abra a boca.

– Respire fundo. De novo.

Agora ele estava sendo transportado na maca, passando por rostos idosos espantados e canteiros de flores bem cuidados. Atravessou o portão dos fundos e viu a placa que anunciava alegremente a reinauguração do Centro de Vida Ativa e Novos Começos ir ficando para trás, com o sol sorridente pintado dando uma piscadinha para ele.

– Seis de morfina.

– ... para poder ir buscá-la... Digam à mãe dela... Annabel... Jocelyn Wilder é o nome...

– Só uma picadinha, ok? Muito bem.

O ar refrigerado atingia-o no rosto e flashes de luz eram jogados em seus olhos.

– Ele está com taquicardia e pressão baixa, e existe um sangramento na cavidade abdominal. Precisa de cirurgia *imediatamente*. Quem está de plantão?

As palavras de Mike ficaram ainda mais baixas.

– Minha filha... ela está escondida... Digam à minha mulher... Annabel Win... gate...

– O Dr. Nelson já está cuidando da costela quebrada.

– Ele perdeu muito sangue. Não sei, não...

– ... não posso morrer... sem...

– Tomografia?

– Não dá tempo, ele vai sangrar até a morte dentro do aparelho.

Um enfermeiro robusto se inclinou sobre ele e colocou um dedo por dentro de sua mão esquerda sem vida.

– Aperte meu dedo. Aperte. Muito bom, muito bom.

Mike precisou se concentrar muito para mexer os lábios e formar as palavras:

– ... Jocelyn Wilder... Parker, Arizona... Diga... à minha mulher...

O enfermeiro se inclinou mais para perto ainda.

– Como, senhor? O que quer que eu diga à sua mulher?

Nossa filha está com Jocelyn Wilder, em Parker, no Arizona.

Um instante antes de o tempo parar, Mike percebeu que as palavras não tinham saído de sua cabeça.

58

A VOZ ESTAVA FALHADA, COMO se Mike estivesse debaixo d'água.

– Onde está Katherine?

– Nunca vou lhe dar essa porra de informação – respondeu ele.

Outra voz se seguiu:

– Educado, né?

Então ele mergulhou em outra onda negra.

Dessa vez, ele sentiu o colchão embaixo de seu corpo.

– ... a imprensa está em cima com tudo – dizia a voz de Shep. – O governo está pagando sua transferência para o melhor hospital do estado. E a de Annabel também. Atendimento de primeira. Os idiotas estão morrendo de medo de um processo. Estão aliviados por você estar vivo. Acho que você sofreu um corte na veia do rim. O quê? Ah, é, veia renal. Sangra rápido, mas não tão rápido quando uma artéria. Sorte sua, hein?

Mike tentou mexer a boca, mas ela não obedeceu. Shep continuou:

– A polícia federal fez uma busca no ferro-velho e achou os restos mortais dos seus pais em dois daqueles carros amassados. McAvoy foi colocado sob custódia e parece que está bem ferrado.

– Ele não consegue lhe ouvir – falou alguém.

– Consegue, sim – replicou Shep.

Agora seus olhos estavam abertos, ainda que só um pouco, e sua visão, enevoada. Ele sentia a língua grossa demais para conseguir conversar e parecia que um objeto de metal beliscava a pele da sua barriga. Viu um rosto bronzeado acima dele dizendo:

– Parabéns, Sr. Wingate. O senhor acaba de herdar um cassino.

Mike só conseguiu emitir um som engrolado.

– O senhor começará a receber, imediatamente, um salário de 3 milhões de dólares.

– Por *mês* – acrescentou a voz de Shep. – E o dividendo anual? É tanto zero que nem cabe no cheque.

Agora Mike conseguia discernir a silhueta de Shep, parado ao pé da cama.

– Adivinha só quem é especialista em legislação de cassinos? – Shep deu um peteleco em um pequeno retângulo cinza que Mike enfim conseguiu distinguir como um cartão de visita bastante conhecido seu. O rosto de Shep entrou no foco por um instante. – Se lembra do advogado caríssimo que o Dois Falcões me arranjou?

Mike registrou a presença do homem que tinha falado antes como um conjunto de partes borradas: um rosto bronzeado, uma fivela de cinto de formato oval forjada em prata de lei com

uma incrustação turquesa, um casaco de pele de veado com franjas nos ombros. O sujeitou balançou a cabeça solenemente, uma sombra de amargura perpassando seu olhar, e disse:

– O chefe Dois Falcões anseia por uma longa era de paz e prosperidade entre nossas tribos.

A cena ficou enevoada de novo e uma voz feminina bem nítida falou:

– Você não pode ficar aqui.

Prestes a apagar, Mike ouviu Shep responder:

– O quê?

Dessa vez ele despertou por completo e um único pensamento ocupava sua mente: *Katherine*.

Sentou-se abruptamente, mas sentiu uma dor lancinante atravessar suas entranhas, obrigando-o a se deitar de novo. Até mexer a cabeça era difícil, mas ele conseguiu olhar para baixo e ver seu estado. A camisola hospitalar estava aberta, revelando uma trilha de grampos hospitalares que iam desde seu baixo-ventre até o esterno. As beiradas do ferimento estavam arroxeadas. Mike levou um tempo para registrar que a marca da incisão ficaria para sempre nele. Ao lado de seu corpo, viu um curativo grande feito com gaze e esparadrapo. Com algum receio, ele conseguiu abri-lo e constatou que a ferida feita pela faca tinha sido fechada, os pequenos pontos pretos com as extremidades espetadas como bigodes de gato. A pele por baixo estava bem preta, em uma tonalidade que ele não sabia que a pele poderia assumir.

– Eles tiveram que abrir você.

A voz, vinda do outro lado do quarto, o surpreendeu. Era de um homem sentado na cadeira de visitas. Ele tirava um fiapo de sua calça vincada e estava usando uma gravata vermelha atada com um nó bem firme. Mike reconheceu o rosto barbeado, mas levou alguns minutos para juntar a pessoa ao nome Bill Garner, o chefe de gabinete do governador. Notou também que não havia mais ninguém no quarto.

– Precisavam conter o sangramento e regularizar o funcionamento de seu fígado e seus intestinos, essas coisas... – continuou Garner. – Você ficou alguns dias perdendo e recobrando a consciência. Acho que está se recuperando muito bem, mas ainda vai sentir muita...

Mike tentou se sentar de novo e deu um grito.

– ... dor!

Mike virou a cabeça para olhar para fora. A porta do quarto estava aberta e enfermeiras e pacientes passavam apressados para lá e para cá no corredor. Ainda processando o choque da cicatriz, ele tentou se lembrar da lama em que estivera imerso nos últimos dias. Shep tinha ido lá e falara algo sobre o governo temer um processo. O advogado de Dois Falcões também aparecera.

Gemendo, ele jogou as pernas para fora da cama, mas quando foi levantar ficou preso pelo tubo de oxigênio ligado a seu nariz. Puxou o acesso do braço, fazendo a solução salina pingar no chão, depois arrancou o excesso de faixas de esparadrapo.

– Você não devia fazer isso – alertou Garner. – Tem uma enfermeira nervosinha aqui doida para descontar a irritação dela em alguém.

Mike se levantou e oscilou um pouco até suas pernas se firmarem.

– O corpo de Hank foi encontrado? – perguntou, fechando a camisola e andando devagar até a porta.

Garner foi atrás dele.

– Acharam. O FBI está envolvido na batalha, assim como o Departamento de Polícia de Los Angeles; Hank era um deles. Todos estão participando do caso.

– Estou vendo.

– Hank Danville podia não parecer grande coisa, mas era muito bem-visto em todas as repartições de polícia.

Mike parou pela primeira vez e olhou para ele.

– Com toda a razão.

– E com as provas disponíveis – continuou Garner com um suspiro –, Brian McAvoy pode perfeitamente ser condenado à morte. Desde O.J. Simpson não existe um caso tão forte quanto este.

– Não consigo parar de pensar no que aconteceu a Hank.

– Você terá a oportunidade de se despedir de forma adequada. O Departamento de Polícia de Los Angeles está planejando uma cerimônia completa. Ele será enterrado como herói.

Mike não teve certeza de que sua voz sairia, então só assentiu e continuou seu caminho em direção à porta.

– Você realmente não deveria sair da cama – disse Garner.

– Estou bem. Para que lado fica o quarto da minha mulher?

– Lá no final do corredor.

– E onde está Shep?

– Por aí, com certeza. Ele não se afastou muito de você desde que foi solto.

Mike se encostou na soleira da porta, respirando com dificuldade.

– Solto?

– Ele está sob investigação – explicou Garner. – Seu advogado teve que rebater o vídeo do que aconteceu na casa de Graham, assim como todos os outros documentos. Trata-se de uma confusão monumental, mas conseguimos convencer o procurador-geral e a promotoria a lhe oferecer imunidade total, em nível nacional e estadual, em troca do seu testemunho e da sua colaboração no processo contra Brian McAvoy. Deixe-me repetir: imunidade *total*.

– Assim, eu não processaria o estado – raciocinou Mike. – E imagino que seja por isso que você está sendo tão gentil em vir aqui me fazer essa proposta. Na tranquilidade de um quarto de hospital, antes que qualquer outra pessoa tenha acesso a mim.

Garner simulou uma expressão entediada.

– Ao mesmo tempo que eles estão querendo fazer algumas concessões a você devido aos... deslizes iniciais na investigação, alguém precisa responder pelo monte de delitos graves que você e Shepherd White cometeram ao longo do caminho.

Mike franziu os lábios.

– Vocês precisam de um bode expiatório.

– Vocês infringiram a lei várias vezes: furto de automóveis, lesão corporal, roubo, assassinato de um importante policial em seu próprio quarto. Aí nós temos você, um homem de família e reconhecido líder comunitário, e temos um criminoso já condenado. *Alguém* disparou o tiro da varanda.

– Graham era um assassino desgraçado.

– Será menos complicado para todos se você não se referir a ele dessa forma.

– Menos complicado para quem?

– Vamos parar e pensar por um instante, Mike – pediu Garner colocando a mão em seu ombro para detê-lo. – Você pode acabar indo para a prisão. Isso não é brincadeira. É melhor pensar com muito cuidado no que pretende fazer.

Mike se desvencilhou da mão de Garner.

– No cassino de McAvoy existe uma foto dele com o seu chefe pendurada na parede. O governador até assinou o retrato: "A todos os funcionários do Cassino Deer Creek, amigos meus e da Califórnia." Vocês receberam inúmeras doações de dinheiro sujo de um cara que apagou os oponentes por *gerações* enquanto os policiais, promotores, juízes e *o governador* faziam de conta que não viam.

– Fale baixo, por favor.

– Não só Shep *não vai* ser preso por nenhum desses supostos crimes, como o governador tem 24 horas para limpar a ficha dele, ou então vai ter que passar as últimas semanas de sua campanha explicando por que não é responsável por sua força policial corrupta e como as centenas de milhões que McAvoy doou ao orçamento estadual não tinham nada a ver com o modo como ele se safou de tantos assassinatos durante décadas.

Mike chegou ao corredor e Garner se apressou para acompanhá-lo.

– Ainda podemos dificultar muito a sua vida – ameaçou ele.

– Vocês não fazem ideia do que é dificuldade – retrucou Mike.

Dois agentes se aproximaram deles em meio trote e Garner os mandou parar com um gesto. Eles hesitaram, mas não recuaram, então Mike lhes perguntou em alto e bom som:

– Vocês têm um mandato de prisão?

– O senhor não pode sair...

– *Vocês têm um mandato de prisão?*

Toda a ação se interrompeu por um instante. Os policiais fitaram Garner, que devolveu o olhar. Os três pareceram indecisos e então um dos agentes enfim respondeu:

– Não.

Mike seguiu seu caminho.

– Você está com a faca e o queijo na mão – falou Garner, caminhando a seu lado e fazendo o

possível para falar baixo. – Você e sua família ganharam na loteria mil vezes. – Ele apressou o passo e se postou à frente de Mike. – Está disposto a jogar tudo isso para o alto a fim de proteger um amigo que já tem ficha na polícia?

– Ele é da família.

O olhar de Garner continuou inexpressivo, mas seus lábios se esticaram um pouco, mostrando preocupação.

Mike rangeu os dentes por causa da dor.

– Agora saia do meu caminho.

Garner refletiu por um instante, então assentiu.

Mike deixou-o para trás e seguiu em frente. Ao passar por um carrinho da lavanderia, pegou um par de calças hospitalares. Ao vesti-la, sentiu mais dor do que imaginara, mas os pontos não romperam. Depois, tirou a camisola e largou-a no chão. Cada acesso de tosse, cada contração provocava uma nova onda de dor. Ele se esforçava para andar inclinado, tentando não forçar os músculos do abdômen, mas até isso fazia seus olhos lacrimejarem. Sem camisa, continuou a percorrer o corredor, observando os carrinhos nas portas, os nomes escritos nas placas e, por fim, vencido pelo sofrimento e pela exaustão, começou a gritar por Annabel, andando em círculos.

Ouviu a voz fraca dela vindo da curva do corredor e começou a correr, mas no primeiro passo uma queimação no estômago o lembrou que tinha que andar. Ao fazer a curva, viu os detetives Elzey e Markovic de pé perto de uma porta semiaberta. Elzey segurava um buquê de flores, provavelmente imaginando quanta compaixão uma dúzia de cravos suscitaria quando chegasse a hora do depoimento oficial de Annabel. Ao verem Mike cambaleando em sua direção com uma careta e o corpo todo remendado, os dois se viraram, acanhados, e se afastaram.

Mike sentiu um calor tomar conta de todo o seu corpo quando finalmente alcançou a porta do quarto. Annabel estava deitada, com a pele pálida, macilenta, e o cabelo sem vida espalhado pelo travesseiro. Ela fez menção de levantar uma mão em direção ao rosto, constrangida, mas parou no meio do caminho. O gesto instintivo e mínimo o comoveu. Ele se agarrou à soleira da porta, ofegando por causa da dor. Seus olhos se encontraram e se fortaleceram mutuamente. O pai dela se esgueirou para fora do quarto como um fantasma antes que o genro percebesse sua presença. Mike não conseguia desviar os olhos dela e também não conseguia se mexer: estava paralisado de dor e êxtase.

– Você cortou o cabelo – disse Annabel.

Ela ameaçou um sorriso, mas começou a chorar no instante seguinte. Ver isso finalmente fez Mike prosseguir. Ele enfiou o rosto nos cabelos dela e inspirou fundo – ainda podia sentir seu perfume natural por baixo do iodo e do suor seco.

De repente uma enfermeira apareceu ao lado dele e começou a tagarelar, mas Mike não conseguia processar suas palavras.

Annabel passou os dedos pelas cicatrizes dele. Mike abriu a camisola dela e olhou para sua pele machucada, notando a linha do ferimento. Sentiu-se impotente, agradecido e furioso ao mesmo tempo, as emoções girando dentro dele em um turbilhão.

Annabel virou o rosto pálido para o marido e ele secou uma lágrima que escorria pela bochecha dela.

– Vamos buscar nossa filha – disse Annabel.

A enfermeira interferiu falando bem alto:

– A senhora não vai a *lugar nenhum* com essa artéria seccionada, Sra. Wingate. – Depois se virou para Mike. – Nem o senhor. O melhor a fazer agora é voltar a seu quarto e se deitar. Está na hora dos seus analgésicos.

– Não posso – retrucou Mike. – Tenho que sair deste hospital agora.

– *Sair deste hospital?*

– Vá – disse Annabel.

Ele a beijou na boca com doçura e se virou.

Shep o esperava no corredor, encostado na parede como um autêntico gângster.

– Você pode me arranjar uns comprimidos de ibuprofeno? – perguntou Mike.

– De quanto?

– Um milhão de miligramas.

Shep apoiou a mão nas costas dele e os dois se dirigiram ao elevador.

– Você está de carro? – indagou Mike.

Shep tirou as chaves do bolso.

– Não é um Ford Pinto – disse ele, colocando o chaveiro na mão de Mike. – Com seu histórico como motorista, só estou avisando.

Shep se inclinou no balcão das enfermeiras e surrupiou um vidro de ibuprofeno da prateleira do fundo. Mike engoliu seis comprimidos a seco e Shep enfiou o frasco na calça dele, junto com alguma outra coisa. Quando viu o braço branco de pelúcia saindo de seu bolso, Mike sorriu.

Dentro do elevador, Shep apontou com a cabeça para as cicatrizes no tronco de Mike.

– O que você fez pela sua família... – falou, balançando a cabeça com admiração.

– Seu ridículo – respondeu Mike. – Aprendi isso com você.

As portas se abriram e eles passaram pela recepção em direção à saída. Quando chegaram lá fora, a brisa lembrou a Mike que ele estava sem camisa.

O Shelby Mustang 67 de Shep aguardava do outro lado do estacionamento. Tinha sido polido e a grade da frente estava tinindo.

– De tanque cheio e pronto para pegar a estrada – disse Shep.

De repente um carro elegante fez a curva e um senhor de cabelo branco com um terno de linho cinza saltou rapidamente, acenando para Mike e apertando o passo para alcançá-los.

– Sr. Wingate? – chamou ele. – Vim o mais rápido que pude para oferecer nosso extremo pesar em relação a essa terrível situação.

– E o senhor é...? – perguntou Mike.

– Agora que Brian McAvoy foi detido por seus terríveis crimes, tornei-me o principal administrador do fundo da Deer Creek Tribal Enterprises. Estou aqui em nome do conselho para lhe garantir que não sabíamos de nenhuma das falcatruas do Sr. McAvoy. E que cuidamos de sua bisavó até o fim da vida dela. De fato, cheguei a conhecê-la pessoalmente. Se houver alguma coisa em que possamos ajudá-lo nessa transição...

– Há, sim – disse Mike. – Preciso de uma camisa.

O homem entreabriu a boca, com as pontas de seu bigode branco penduradas sobre seu lábio superior.

– Me dê sua camisa – falou Mike.

O homem deu um sorriso forçado enquanto Shep o ajudava a tirar o paletó. Depois ele afrouxou a gravata, desabotoou a camisa e a entregou a Mike, que a vestiu com uma careta de dor e começou a abotoá-la.

– Obrigado. Vocês estão todos demitidos.

Ele e Shep continuaram o caminho em direção ao carro.

– O senhor precisa de nós – afirmou o homem às suas costas. – Quem vai dirigir o cassino?

– O senhor vai ter que falar com meu chefe de operações – respondeu Mike por cima do ombro.

O velho, agora vestido apenas com o paletó, voltou para o carro elegante e foi embora.

Quando os dois alcançaram o Mustang, Mike passou um dedo pelas faixas brancas do veículo.

– Chefe de operações? – perguntou Shep.

Mike fez um gesto com a cabeça na direção dele.

– Sério? – perguntou Shep. – Quanto?

– Quanto você quer?

– Ainda posso fazer uns servicinhos de vez em quando?

– Não.

– Vou pensar no seu caso.

Mike abriu a porta e o amigo o ajudou a se sentar no banco do motorista. Depois Shep jogou dentro do carro um punhado de dinheiro e seu celular — o único batfone sobrevivente. Mike arrumou tudo ao lado do freio de mão e bateu a porta. Antes que desse a partida, Shep bateu na janela.

– Sempre dizem que a vingança não resolve nada – disse ele quando Mike abaixou o vidro. – Mas quando você matou aqueles dois, a sensação foi boa?

– Ótima – respondeu ele, e saiu.

59

NAS POUCAS VEZES QUE parou para abastecer, comer ou tomar café, ele atraiu olhares estranhos. Era compreensível. Vestido com uma camisa social, uma calça hospitalar e com os pés descalços, Mike parecia um fugitivo do hospício. Tinha tomado remédios para conter a dor, mas era a adrenalina que o fazia seguir em frente. Tinha uma longa viagem pela frente e começou a pensar na vida.

Quer conseguisse ou não a imunidade, ele levaria Kat e Annabel de volta para casa. Graças ao cassino, elas teriam dinheiro suficiente para viver bem pelo resto de seus dias.

Quanto a ele, poderia pagar suas inúmeras dívidas de gratidão – à família de Hank, a Jocelyn Wilder e a Jimmy. Poderia até trocar todos os canos de PVC do Vale Verde por uma tubulação adequada ou devolver os subsídios que recebera indevidamente. Cuidar desse assunto seria a primeira coisa que faria com o dinheiro, uma penitência pública pela mentira que tinha gerado tudo aquilo.

Faria também um enterro discreto para seus pais, fosse como um homem livre ou depois que saísse da prisão. John e Danielle Trainor. Colocaria os dois em caixões decentes e jogaria a primeira pá de terra sobre eles, para que pudessem, enfim, descansar em paz.

Uma hora depois, em uma parada na estrada, sentado no carro bebendo um refrigerante e comendo uma barra de chocolate, deu uma espiada em si mesmo no espelho retrovisor. Havia vestígios de sangue seco no lóbulo de sua orelha e a pessoa que o barbeara tinha deixado um tufo de pelos por raspar no canto de seu maxilar. Ele lambeu o dedo para tentar limpar o sangue e foi só quando viu como sua mão tremia que notou seu grau de nervosismo.

Mike desceu do carro e foi ao banheiro para lavar o rosto. Fez o máximo que pôde para parecer um ser humano de novo. Ainda assim, ao entrar no Mustang e voltar à estrada, a dor que sentia foi substituída pelo pânico.

Entrou em Parker, no Arizona, e passou pelo cinema onde tinha levado Kat, pela loja de roupas infantis, pela lanchonete onde tinham feito a última refeição juntos. A náusea voltou com toda a força e, confuso, ele acabou se perdendo no caminho. Ficou andando em círculos, passando pelas mesmas ruas residenciais, e a frustração crescente o deixou à beira das lágrimas.

O batfone tocou. Rezando com todas as forças por ajuda, ele atendeu.

– Parece que Graham levou um tiro em uma invasão de domicílio aleatória, seguida de roubo.

Mike levou alguns segundos para reconhecer a voz. Bill Garner.

– Você gostaria de contradizer esse relato? – continuou ele.

Mike pensou em quão longe no passado a história com Graham fora. Seu pai, "só John", lutando para sobreviver. O sobrenome que tinha sido atribuído a Mike por um espertalhão qualquer do Serviço Social quando ele tinha apenas 4 anos. E pensou no modo como o círculo se fechava agora. O registro de ocorrência mostraria que Graham tinha sido assassinado por um suspeito não identificado – um John Doe.

– Não – respondeu Mike.

– Tive que mover céus e terras para incluir Shepherd White na negociação de imunidade – continuou Garner. – Foi por muito pouco, nem queira saber. Só vou lhe dizer uma coisa, Mike: você tem perseverança.

– E lealdade – completou ele.

Mike reparou em uma rua específica que havia após uma curva. Ele já tinha passado por ela duas vezes, sem notar.

– ... a promotoria pode mandar os documentos para...

Ele virou na rua e, ao seguir em frente, viu a casa caindo aos pedaços, com o pátio cheio de brinquedos e meninas correndo.

– Tenho que desligar.

– Estamos falando de sua imunidade – replicou Garner. – Você tem algum assunto mais importante do que esse para tratar agora?

– Com certeza – afirmou Mike.

Ele encostou no mesmo meio-fio em que já tinha estacionado antes.

Você vai voltar para me buscar.

Eu vou voltar para buscá-la.

Antes que pudesse se recuperar da emoção, ele a viu na varanda da frente, molhando uma samambaia murcha com um regador de plástico. Ela usava o vestido amarelo que ele lhe comprara, apesar de a manga estar rasgada e a bainha, descosturada.

Mike desceu do Mustang e mal conseguiu se manter de pé. Quando bateu a porta do carro, ela foi atraída pelo barulho e olhou direto em sua direção. Havia uma mancha de sujeira em sua bochecha.

Então ela se virou e entrou na casa.

Uma brisa bateu em seu rosto e, por um instante, ele pensou que fosse desmoronar. Ficou lá parado, tremendo, fazendo o máximo para se recompor antes de conseguir ir atrás dela.

Uma menina mais velha abriu a porta.

– Você é...?

– Sou – disse ele.

Um marido. Um pai.

A menina deu um passo para o lado, abrindo caminho para ele.

Jocelyn Wilder, sentada no sofá, acenou para a horda de crianças presentes na sala assim que percebeu a presença dele, reunindo-as magicamente em torno de si, todas com os olhos atentos.

– Ela foi para o pátio lateral – informou ela.

Mike abriu a boca duas vezes antes de conseguir falar:

– Obrigado.

Kat estava sentada no asfalto rachado depois do balanço, brincando com uma boneca. Uma Barbie de uma perna só. Ela falava sozinha, mexendo os braços para lá e para cá. Seu cabelo estava despenteado e suas unhas, sujas.

Mike foi até a filha. Ela não olhou para cima. Devido aos pontos e às suturas, ele demorou um pouco para conseguir se abaixar no chão em frente a ela. Ficou observando-a brincar, com a cabeça ainda baixa.

Enfiou a mão no bolso da calça cirúrgica, tirou Bola de Neve II lá de dentro e o colocou no chão entre eles. Em um ataque de raiva, Kat pegou o ursinho de pelúcia e o jogou nas plantas na base da cerca.

– Certo – disse Mike.

Os pontos repuxavam sua pele, mas ele não se moveu. Olhou para as mãos dela, para a casca de machucado em seu joelho, para o alto de sua cabeça. Estava ansioso para abraçá-la, mas conseguiu se conter e lhe dar um tempo para enfrentar a situação. Kat inclinou a cabeça para o lado e ele viu sua bochecha de relance – estava trêmula. A menina bateu a Barbie com força no chão.

– Como ela se sente por ter uma perna só? – perguntou Mike.

– Com raiva – disse Kat.

– Imagino.

Ele queria tanto esticar a mão e tocar em seu braço, acariciar seu cabelo, segurar sua mão... Acima deles, um pica-pau bicava o poste do telefone.

– Está tudo bem agora – falou Mike.

Kat bateu com a boneca no asfalto mais algumas vezes, depois parou. Aos poucos, ainda olhando para o chão, ela foi se aproximando dele até se sentar em seu colo. Enroscou-se no peito de Mike e ele sentiu uma dor lancinante, mas não deu a mínima. Tudo o que importava naquele momento era a cabeça dela encaixada embaixo de seu queixo.

– Olhe para mim – pediu ele com delicadeza.

Ela não se moveu.

– Querida, olhe para mim.

Devagar, ela atendeu ao pedido.

– Está tudo bem agora – garantiu ele.

Então ela começou a soluçar e a gritar, agarrando a camisa dele e batendo com os punhos no colarinho. Mike a abraçou, esforçando-se para não berrar de dor, e colou a testa à dela, acalentando-a. O chão estava imundo, mas ainda assim ele se sentou com as pernas abertas e ficou abraçando-a enquanto ela se acalmava, abraçando-a até que seu único movimento fosse o de sua respiração, abraçando-a, abraçando-a, abraçando-a.

Agradecimentos

DIVERSOS PROFISSIONAIS ME AJUDARAM com sua valiosa orientação sobre questões médicas, logísticas, editoriais e táticas. Agradeço à Dra. Kristin Baird, a John Cayanne, a Philip Eisner, a Tyler Felt, a Marjorie Hurwitz, à Dra. Missy Hurwitz, a Don McKim, a James Murphy, ao Dr. Bret Nelson, a Andrew Plotkin, a Emily Prior e a Maureen Sugden. Quaisquer erros que possam existir no livro não se devem a eles, mas à minha inerente obstinação.

Agradeço a meus fiéis e incansáveis representantes: os advogados Marc H. Glick e Stephen F. Breimer, os agentes Rich Green, Aaron Priest e a irreprimível Lisa Erbach Vance. A meu incisivo (e paciente) editor Keith Kahla e à minha equipe na St. Martin's, incluindo a editora Sally Richardson, Matthew Baldacci, Jeff Capshew, Tara Cibelli, Kathleen Conn, Ann Day, Brian Heller, Ken Holland, Loren Jaggers, Sarah Madden, John Murphy, Matthew Shear, Tom Siino, Martin Quinn e George Witte, além de muitas outras pessoas.

Também gostaria de agradecer a David Shelley, Daniel Mallory e ao resto do pessoal da Sphere no Reino Unido, assim como a meus editores parceiros no mundo todo.

Agradeço ainda ao meu labrador rodesiano, Simba, presente na maior parte do tempo que passei batucando no teclado.

E a Delinah, que está sempre a meu lado com um sorriso que, mesmo dez anos depois, ainda me comove.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DO AUTOR



Você está sendo vigiado

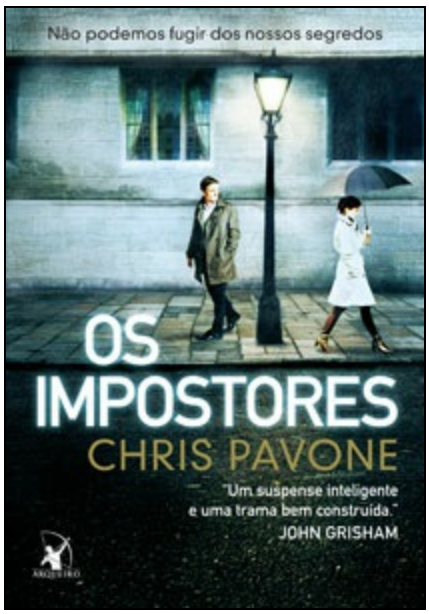
Patrick Davis tinha um sonho: ver seu nome nos créditos de um filme. Mas não imaginava o preço que teria de pagar por isso. Logo depois de vender seu primeiro roteiro a um estúdio, sua vida entra em colapso. Ele não consegue se firmar como roteirista de Hollywood e, para piorar, seu casamento mergulha numa crise.

Misteriosamente, Patrick passa a receber DVDs com gravações dele e da esposa dentro de casa. Após descobrir câmeras escondidas, o casal procura a polícia. Dias depois começam as ligações e os e-mails anônimos propondo um acordo para que tudo volte ao normal. Desesperado, ele não hesita em aceitar a oferta.

Mas sua decisão se revela um erro. Logo ele se vê envolvido numa rede de intrigas que pode custar sua vida e a das pessoas que ama. Cada vez mais acuado, Patrick percebe que só há uma saída: superar seus inimigos ocultos no próprio jogo deles.

Eletrizante da primeira à última página, *Você está sendo vigiado* foi um enorme sucesso de crítica nos Estados Unidos, fazendo com que Gregg Hurwitz fosse apontado como uma das revelações do suspense, comparado a grandes mestres do gênero, como Harlan Coben.

CONHEÇA MAIS TÍTULOS DA
EDITORA ARQUEIRO



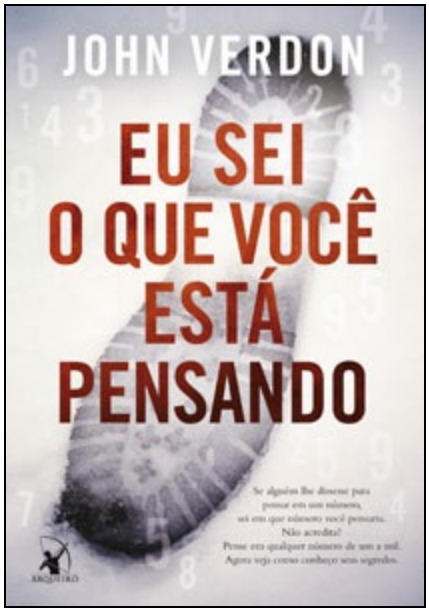
Os impostores
Chris Pavone

Kate Moore é uma mãe que trabalha fora e luta para equilibrar as despesas e o orçamento, criar os filhos, manter viva a chama do casamento... e guardar um segredo cada vez mais difícil de suportar. Por isso, quando seu marido, Dexter, recebe uma proposta de emprego em Luxemburgo, ela agarra a chance de deixar para trás sua vida dupla e recomeçar do zero longe de Washington.

Em outro país, Kate se reinventa, enquanto Dexter trabalha sem parar num emprego que ela nunca entendeu, para um cliente que ela não pode saber quem é. Em pouco tempo, a confortável vida europeia com que sonhava se revela uma rotina cansativa em que o marido vai ficando cada vez mais distante e evasivo e ela, solitária e entediada.

Chega então outro casal americano, que faz amizade com Dexter e Kate. Mas ela logo desconfia que os novos amigos não sejam exatamente quem dizem ser – e fica apavorada diante da possibilidade de estar sendo perseguida por fantasmas do passado.

Assim, Kate começa a investigá-los e acaba descobrindo camadas e mais camadas de mentiras que a cercam e, por trás disso tudo, um golpe extremamente bem elaborado que ameaça sua família, seu casamento e até sua vida.



Eu sei o que você está pensando
John Verdon

Eu sei o que você está pensando propõe um enigma que parece insolúvel. Um homem recebe pelo correio uma carta provocadora que termina da seguinte forma: “Se alguém lhe dissesse para pensar em um número, sei em que número você pensaria. Não acredita? Vou provar. Pense em qualquer número de um a mil. Agora veja como conheço seus segredos.”

O destinatário, Mark Mellery, pensa no número 658 e, ao abrir um envelope que acompanha a mensagem, descobre que o autor da carta previu corretamente o número que ele acabara de escolher de modo aleatório. Como isso seria possível?

Desesperado com os bilhetes ameaçadores que se seguem à carta, Mark, um guru da autoajuda, procura um velho colega de faculdade, o brilhante detetive David Gurney, recentemente aposentado do Departamento de Polícia de Nova York.

Aos 47 anos, 25 deles dedicados a desvendar terríveis casos de homicídio, David acaba de se mudar com a esposa, Madeleine, para uma fazenda no interior do estado e tenta se adaptar a um novo estilo de vida. Mas sua mente, extremamente lógica, é fisgada pelo quebra-cabeça apresentado por Mark.

O “superdetetive”, apelido que ganhou da imprensa no auge da carreira, percebe que encontrou um vilão à sua altura quando as estranhas ameaças terminam em morte. Tudo leva a crer que o assassino, além de ser clarividente, cometeu um crime impossível, deixando pistas sem sentido e desaparecendo no meio do nada.

Consumido pelo desafio de encontrar uma resposta lógica para o caso, David aceita trabalhar como consultor na investigação, colocando em risco seu já debilitado casamento e até mesmo sua vida.

Considerado uma revelação, John Verdon criou em seu livro de estreia um personagem denso,

cerebral, capaz de resolver crimes dignos de Hercule Poirot e Sherlock Holmes. Aclamado pelo público e pela crítica, *Eu sei o que você está pensando* foi vendido para 24 países.



Feche bem os olhos
John Verdon

David Gurney sempre foi viciado em resolver enigmas. Mesmo dois anos depois de ter trocado a carreira policial pela pacata vida no campo, sua mente investigativa não consegue resistir a uma boa charada. Foi assim com o caso do Assassino dos Números, um ano antes. Agora, a história se repete quando ele é convidado para trabalhar como consultor e ajudar a polícia a desvendar um instigante homicídio.

Jillian Perry, uma jovem de 19 anos, foi morta de maneira brutal no dia do próprio casamento. Todas as pistas apontam para um misterioso jardineiro, só que nada mais na história se encaixa: o motivo, o lugar onde a arma do crime foi deixada e, principalmente, o modus operandi.

A princípio, David reluta em aceitar o convite, preocupado em preservar seu casamento, já que sua esposa, Madeleine, é totalmente avessa ao seu envolvimento em qualquer assunto policial. Porém, recusar-se a participar da investigação seria ir contra sua essência e David acaba se convencendo de que não conseguirá dormir em paz enquanto o criminoso estiver à solta.

Quando começa a entrevistar parentes e conhecidos de Jillian e a avançar no caso, fica claro que o assassino é não só mais inteligente e implacável do que ele esperava, como também destemido o suficiente para atacar seu ponto fraco. David terá que pensar além das evidências para desvendar o quebra-cabeça mais sinistro com que já se deparou.

Com uma voz narrativa arrebatadora e personagens irresistíveis, John Verdon constrói um suspense vertiginoso, que reserva uma surpresa a cada página.



O caso Rembrandt
Daniel Silva

Em Glastonbury, na Inglaterra, um restaurador de arte é assassinado e a obra em que trabalhava – um quadro de Rembrandt nunca exposto – é misteriosamente roubada. O renomado negociante de arte Julian Isherwood sabe que só existe uma pessoa capaz de encontrar o quadro e levar os criminosos à justiça: o espião israelense e restaurador de arte Gabriel Allon.

Após sofrer um atentado, tudo o que Gabriel quer é cortar de uma vez por todas os laços com o serviço de inteligência internacional de seu país, também conhecido como “Escritório”.

Mas parece que o mundo das operações secretas ainda não está pronto para deixá-lo em paz. Apesar de sua relutância, ele acaba sendo persuadido a assumir o caso.

Ao seguir meticulosamente as pistas que o levam a Amsterdã, a Buenos Aires e, por fim, a uma mansão às margens do lago Genebra, Gabriel descobre segredos perturbadores relacionados ao roubo. Neste intricado quebra-cabeça, a pintura de Rembrandt é a peça-chave que o ajudará a desmascarar uma conspiração capaz de pôr em risco a paz mundial.



Retrato de uma espiã
Daniel Silva

Aposentado do serviço secreto israelense, o restaurador de arte Gabriel Allon decide passar um fim de semana em Londres com sua esposa, Chiara. Mas seus sentidos estão sempre em alerta, sobretudo depois dos recentes atentados suicidas em Paris e Copenhague.

Em meio à multidão, Gabriel detecta um suspeito. Um homem-bomba. Quando está prestes a atirar para matar, ele é detido pela polícia britânica e acaba presenciando um terrível massacre.

Já de volta à sua casa na Cornualha e ainda assombrado por não ter sido capaz de impedir o ataque, o agente é convocado a comandar um esquema global contra a guerra santa muçulmana. Uma nova rede terrorista se espalha pela Europa e só há uma solução para derrotá-la: infiltrar um agente duplo.

A espiã ideal é uma bilionária saudita que vive de dissimulações, transitando entre os mundos islâmico e ocidental. Treinada por Allon, ela deve evitar que o terror se dissemine.

Numa trama que espelha as tensões e conflitos da atualidade, Gabriel precisa identificar o inimigo para, enfim, chegar a seu covil: o plácido porém implacável deserto da Arábia Saudita.



Fique comigo
Harlan Coben

A vida de Megan Pierce nem sempre foi um mar de rosas. Houve uma época em que ela nunca sabia como seria o dia seguinte. Mas hoje é mãe de dois filhos, tem um marido perfeito e uma casa de sonhos de qualquer mulher – e, apesar disso, se sente cada vez mais insatisfeita.

Ray Levine já foi um fotógrafo respeitado, mas agora, aos 40 anos, tem um emprego em que finge ser paparazzo para massagear o ego de jovens endinheirados obcecados em se tornar celebridades.

Broome é um detetive incapaz de esquecer um caso que nunca conseguiu resolver: há 17 anos, um pai de família desapareceu sem deixar rastro. Todos os anos ele visita a casa em que a mulher e os filhos do homem esperam seu retorno.

Essas pessoas levam vidas que nunca desejaram. Agora, um misterioso acontecimento fará com que seus caminhos se cruzem, obrigando-as a lidar com as terríveis consequências de fatos que pareciam enterrados havia muito tempo.

E, à medida que se deparam com a faceta sombria do sonho americano – o tédio dos subúrbios, a angústia da tentação, o desespero e os anseios que podem se esconder nas mais belas fachadas –, elas chegarão à chocante conclusão de que talvez não queiram deixar o passado para trás.



Desaparecido para sempre
Harlan Coben

Will Klein levava uma vida tranquila num subúrbio rico de Nova Jersey até que seu irmão mais velho, Ken, some ao ser acusado de estuprar e assassinar sua vizinha Julie Miller. Para a polícia, Ken torna-se um foragido internacional. Mas sua família, que nunca mais teve notícias dele, prefere acreditar que ele morreu a aceitar que seja um criminoso.

Pelo menos era o que Will pensava até que, 11 anos depois, no leito de morte, a mãe lhe revela que seu irmão estaria vivo. Quando resolve investigar melhor o caso, Will sofre outro grande choque: sua namorada, Sheila – que sempre manteve seu passado em segredo –, desaparece e as impressões digitais dela são encontradas na cena de um crime no Novo México.

Será que essas tragédias poderiam ter algo em comum? Por seu envolvimento com os principais suspeitos dos dois casos de assassinato, Will se vê às voltas com o obstinado diretor-assistente Joseph Pistillo, um dos agentes mais poderosos do FBI.

Para tornar tudo ainda mais estranho e perturbador, ele passa também a ser perseguido por um psicopata implacável que ressurge enigmaticamente do seu passado.

Enquanto procura compreender esses acontecimentos com a ajuda de seu amigo Squares, um iogue ex-partidário do nazismo, e de Katy, a irmã mais nova de Julie, Will descobre que a verdade nem sempre é o que parece ser – e raramente é o que gostaríamos.

Denso, avassalador e surpreendente, esse thriller traz revelações e descobertas que se sucedem num turbilhão de emoções e não cessam até a última página.



O preço da vitória
Harlan Coben
(série Myron Bolitar)

Myron Bolitar não é fã de golfe, mas, ao ser convidado por seu amigo Win para assistir ao Aberto dos Estados Unidos, aproveita a oportunidade para tentar conquistar novos clientes.

E é o que acontece quando ele é procurado pelo pai de Linda Coldren, a golfista número 1 do ranking. Antes que perceba, Myron está novamente atuando como detetive, em busca de Chad, o filho de Linda que sumiu há dois dias.

O desaparecimento do garoto é mais um peso sobre os ombros do pai dele, o também golfista Jack Coldren, que lidera o torneio e luta para não repetir seu inexplicável fracasso de anos atrás.

Win se recusa a ajudar no caso ao ser informado de que foi sua mãe, com quem não fala há anos, que recomendou Myron à família Coldren. Mesmo sabendo que ela está à beira da morte, prefere manter distância.

Nessa trama repleta de suspense e reviravoltas, Harlan Coben nos leva a mansões monumentais e motéis de quinta categoria junto com Myron Bolitar, um herói complexo, de cabeça quente e coração de ouro, mais fascinante e imprevisível a cada página.



É melhor não saber
Chevy Stevens

Sara Gallagher nunca sentiu que pertencesse de verdade à sua família de criação. Embora sua mãe seja amorosa e gentil e ela se dê bem com sua irmã Lauren, a relação com o pai e a irmã caçula, Melanie, sempre foi complicada.

Às vésperas de se casar, Sara decide que está pronta para investigar o passado e descobrir suas origens. Mas a verdade é muito mais aterrorizante do que ela poderia imaginar. Sara é fruto de um estupro, filha do Assassino do Acampamento, um famoso serial killer.

Toda a sua paz acaba quando essa história é divulgada na internet e o pai que ela anteriormente queria conhecer resolve entrar em sua vida de forma avassaladora. Eufórico com a descoberta de que tem uma filha, John vê nela sua única chance de redenção. E, para criar um vínculo com Sara, ele está disposto a tudo, até a voltar a matar.

Ao mesmo tempo, a polícia acredita que essa é sua única chance de prender o assassino e resolve usá-la como isca. Então Sara se vê numa caçada alucinante, lutando para preservar sua vida e a de sua filha.

É melhor não saber é um complexo retrato de uma mulher tentando entender suas origens. Uma história cheia de reviravoltas, na qual ninguém é completamente bom ou mau.



Poder absoluto
David Baldacci

Luther Whitney está prestes a cometer o último roubo de sua vida. Ele pretende passar a aposentadoria em alguma praia distante. Mas seus planos vão por água abaixo quando a dona da casa invadida por ele aparece de repente, acompanhada do amante – o presidente dos Estados Unidos.

Escondido, Luther vê o romance entre Christy Sullivan e Alan Richmond esquentar muito, a ponto de virar uma briga séria. Quando ela ameaça matar o amante com um abridor de cartas, os agentes da guarda presidencial imediatamente entram em ação.

De repente Luther passa de ladrão a única testemunha de um crime, diante de uma mulher morta e de uma verdade devastadora, em que ninguém jamais vai acreditar: o presidente é um assassino.

Quando as investigações começam – com o misterioso interesse e apoio do Serviço Secreto –, as suspeitas logo recaem sobre Luther. Mas ele também tem um aliado: Jack Graham, um amigo de longa data, ex-namorado de sua filha, que se arrepende amargamente de ter trocado a defensoria pública pela roda endinheirada do direito corporativo.

Um ladrão escrupuloso, um advogado obstinado, um detetive que não aceita nenhum caso sem solução e um grupo de pessoas dispostas a qualquer coisa pelo poder. Tudo isso faz de *Poder absoluto* um livro alucinante, que tornou David Baldacci um dos maiores autores de suspense do mundo.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA
EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, e *Fique comigo*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, A vingança e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital,* de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio,* de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os doze,* de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br


www.editoraarqueiro.com.br


facebook.com/editora.arqueiro


twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br